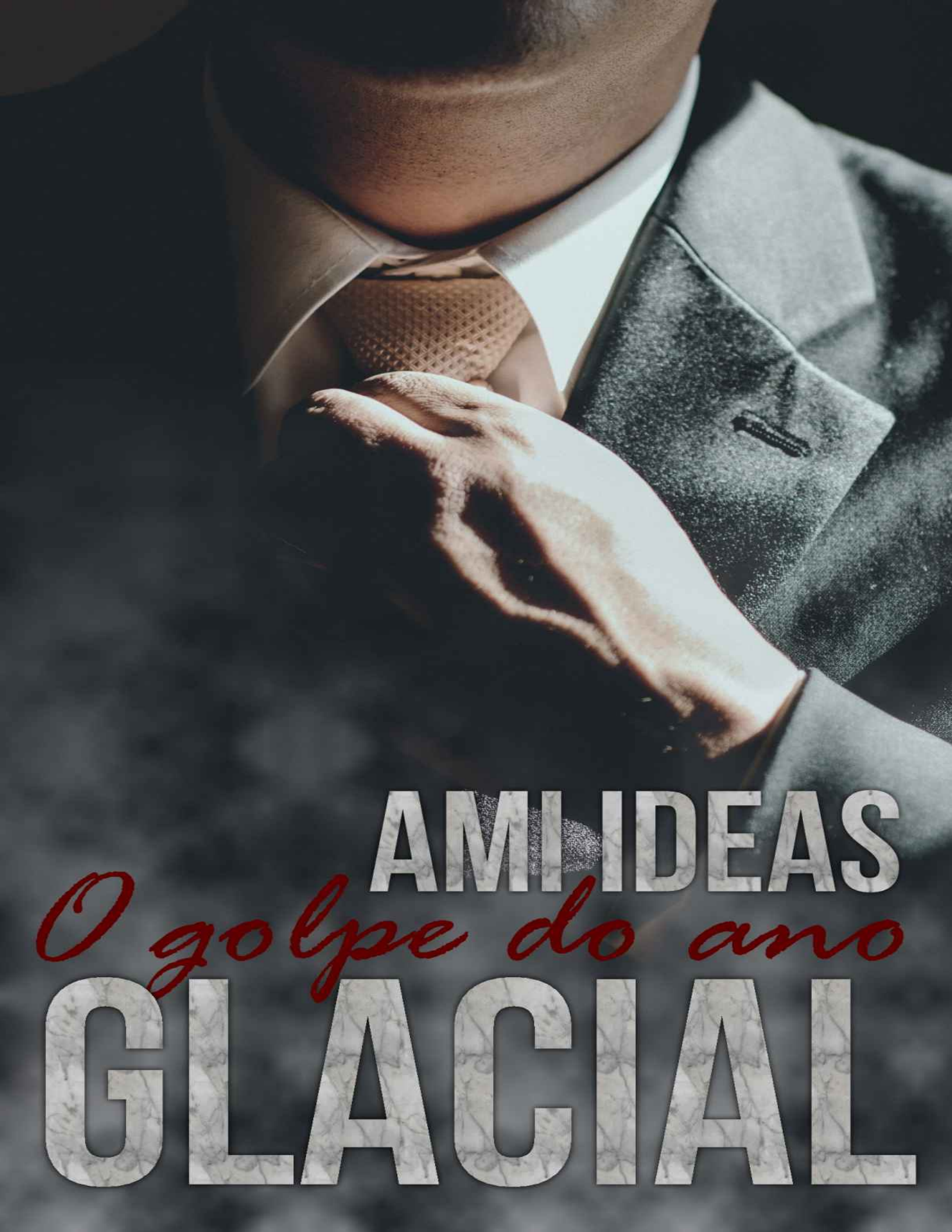

AMI IDEAS
O golpe do ano
GLACIAL

O Golpe do Ano

“Para todos aqueles que estiveram aqui.”

Antes de julgar, leia,

Antes de tirar conclusões precipitadas continue lendo.

Esse é um livro que você pode odiar até a metade e adorar depois.

Ou simplesmente odiar amar.

Porque nem tudo o que parece é...

PRÓLOGO

— Deixem-na entrar! — Ele bradou com um modo discreto, sem deixar ver o que morava em sua consciência. Estava sentado na sua mesa de trabalho cheia de papéis e planilhas por analisar, assim como uma xícara de café estava fria quase perto do teclado do seu computador.

— Tem certeza? — Holanda ficou incomodada com aquela situação. Dentro do seu vestido justo, era a chefe de logística da boate *Las Cruces*. Era negra com a pele escura, gorda e baixinha. Usava um vestido que destacava suas formas e tinha o cabelo em cachos como uma coroa ao redor de sua cabeça. Era muito profissional e se equilibrava nos saltos de maneira poderosa. — Eu não acho uma boa ideia, Camilo. Deveria deixar os seus advogados tratarem disso, não gosto daquela mulher porque não me passa boa impressão.

— Eu disse para deixá-la entrar, Holanda. — Retumbou com certeza. — Acredita mesmo que tenho medo dela?

— Claro que não, mas sabemos o que ela quer. Ela está te expondo na mídia, nos jornais e se fazendo de uma vítima. Não devia recebê-la com tamanha animosidade.

— Ela tem algo que é meu, Holanda. Não está querendo negociar, entende? Se ela aplicou um golpe, é porque de alguma forma colaborei. Então, se é comigo que quer falar, assim seja. — Retrucou com um sorriso cansado no rosto. — Já chega de tentar contornar o que não tem contorno.

Holanda não gostava daquilo, mas ao tentar procurar alguma coisa no olhar dele, não achou nada. Era estranho porque não espelhavam nada mais do que o reflexo a sua frente. Tão sem vida, sem emoção.

— Tudo bem. — Respirou fundo e começou a recolher alguns papéis em cima da mesa. — Vou avisar para o Nadir deixar entrar. Qualquer coisa grita que venho correndo e atiro o meu sapato nela.

Camilo esboçou outro sorriso nos lábios finos que quase se perdiam para a barba que era um pouco volumosa, mas tão bem aparada sem ser rala, de um jeito que parecia ter sido feita apenas para aquele rosto de traços marcantes.

Viu a sua colaboradora sair e vasculhou a xícara vazia, a tamborilar com o dedo nas letras *I am Your Father*, um presente da sua irmã mais nova que sabia o quanto ele era fã de *Star Wars*. Não estava inquieto ou tampouco indignado, parecia que finalmente tinha aceitado lidar com tudo aquilo mesmo que sua família fosse contra.

Podia se lembrar exactamente da noite que conhecera a mulher mais bonita da boate, principalmente com aqueles olhos verdes que pareciam tão felinos. Estava com suas duas irmãs, tão diferentes uma das outras, mas igualmente unidas. Valquíria o prendeu com seu olhar doce, mas foi doce demais e acabou em um erro maior do que esperava.

— Posso entrar? — Nadir perguntou depois de abrir a porta e mostrar sua cara oval. Tinha a pele bronzeada demais e uns cabelos lisos bem penteados. Os olhos eram castanhos e a boca grande.

— Não sei por que vai receber essa mulher aqui, Camilo. Não faz sentido.

— Eu realmente não estou com cabeça para discutir isso. — Respondeu e girou o pescoço para o estalar. Era um gesto muito habitual e que incomodava aos demais pelos estampidos altos que se ouviam.

— Tudo bem, você é quem sabe. — Nadir pareceu zangado e meneou a cabeça antes de voltar a fechar a porta. Sabia que os mais próximos não gostavam daquela história e o achavam muito complacente.

Não, Camilo não sabia como colocar um ponto final no absurdo que aquela detestável mulher estava fazendo. Não tinha aceitado nenhum dinheiro, nem propostas para bens materiais e sequer chegava a um acordo com os advogados. Nada parecia surtir efeito naquela mulher que a chamasse à razão, pois continuava a difama-lo em tudo quanto era lugar e afirmava que era um mau carácter e a tinha enganado.

A porta se abriu novamente, mas desta vez o cheiro doce do perfume de Valquíria entrou diretamente nas suas narinas e lhe recordou mais uma vez aquela noite. Tinha bebido um pouco a mais, mas não podia negar que se tinha rendido nos braços daquela mulher tão bonita de cabelo armado e pele escura.

— Bom dia. — O sorriso era inocente, mas o olhar astuto já não. Ela usava uma saia acima dos joelhos e uma camisa quase transparente. O batom escuro parecia casar com seus lábios e era da mesma cor dos sapatos altos. Por mais que Nadir continuasse a girar os olhos, não podia negar que ela tinha muito bom gosto.

— Sente-se, quer beber alguma coisa? — Camilo estava a tentar ser cordial antes de pensar em dizer algumas palavras desagradáveis.

— Não, obrigada. — Valquíria andou até perto da mesa, observou tudo com atenção e depois se sentou a cruzar a perna com delicadeza. Tudo nela era bem planeado, desde o momento que colocou os olhos no dono da *Las Cruces*.

— Nos deixe sozinhos, Nadir. — Pediu com o mesmo olhar *Glacial* que tanto a intrigava. Queria poder mergulhar neles, mas não para sentir frio.

Ficaram em silêncio onde se ouvia o som do computador que estava ligado. Ele voltou a passar o dedo nas letras da xícara, só porque precisava se acalmar de todo. Não podia olhá-la, não ainda porque a iria derreter com sua raiva.

— Não vamos inventar floreios, o que você quer, Valquíria? Como sabe eu já ofereci tudo o que achava correcto. Conversei com minha família, concordei em registar essa criança, em lhe dar uma casa e uma pensão muito alta. — Ele tinha uma voz que se tivesse forma seria pura seda que acaricia sua pele e dá um requinte. Falava baixo e com uma suavidade impactante. — Então me diga, o que quer?

— Como ousa? — Valquíria se mostrou ofendida. — Por acaso acha que sou sua barriga de aluguer e que me comprar resolve tudo? Nunca pensei em ter filhos agora. — Fez uma pausa e tentou reprimir um sorriso quando se lembrou do dia em que o contou que estava grávida. — Acredita mesmo que pode solucionar esta grande questão ao enviar seus advogados e me tratar como uma qualquer? Perdão se me julga por ter dormido na sua cama na noite que nos conhecemos.

— Não a julgo. — Tratou de deixar claro. Teria inclusive saído com ela mais algumas vezes e quem sabe conhecê-la melhor, não fosse ela ter mostrado para o que viera na verdade. — Apenas não sei o que realmente quer.

— Eu tenho uma família que precisa ser honrada e respeitada. Não quero ser aquela que deu o golpe num homem rico e se deu bem por isso, mas que não foi ao altar.

— O quê? — Camilo levantou os olhos e a encarou com toda frieza do mundo.

— Isso mesmo que escutou. Guarde seu dinheiro, eu quero que se case comigo e que o nosso filho nasça pela honra de um matrimónio. Que tenha os pais sob o mesmo tecto e…

— Pare. — A impediu um quanto escandalizado. — Não me venha com essa conversa, eu sei muito bem o que está querendo fazer. Quer entrar na minha vida, na minha família, ter meu nome e ganhar muito mais do que eu poderia lhe dar em qualquer acordo.

Valquíria se levantou no mesmo instante, um pouco ofendida ou assim tentava parecer. Cerrou os olhos e engoliu em seco antes de falar.

— Eu não preciso de nada disso. Posso muito bem desaparecer pelo mundo e tenho certeza que não vai se importar se tiver um filho por aí que nunca viu. — Ameaçou com firmeza. Era muito esperta para saber que Vaughan não ia querer aquilo por nada naquele mundo, só o facto de tentar negociar várias vezes por causa daquela criança, já mostrava seu interesse. — Eu não quero seu dinheiro, Camilo. Só quero uma família normal.

— Acha que alguma vez seríamos normais depois de tudo o que já fez? Você desceu baixo e quer piorar toda situação. Eu tenho direitos como pai e ninguém me pode impedir. Já devia parar com esse teatro todo e concordar comigo de uma vez por todas.

— *Teatro*? Teatro, você diz? — Valquíria se impacientou. — Tenho que zelar por aquilo que acredito, mas não o vou obrigar a nada, apenas não diga que não avisei. A minha condição é o casamento e nada mais. Pode mandar fazer contractos para salvaguardar sua fortuna, não me importa.

— Está pensando que casamento é uma brincadeira? Que as pessoas só têm a vontade e está tudo bem? Já pensou que posso gostar de outra pessoa e que conveniência é coisa de séculos passados?

— Você é que sabe. — Ela se mostrou irredutível. — Quero uma família unida para o meu filho e não apenas dinheiro.

— E amor? Não quer conhecer outra pessoa que possa amá-la? Eu não quero um casamento sem amor. Compreende?

— Teremos amor pelo bebé, apesar da forma como foi gerado. Não pretendo ser uma mãe solteira, vai me desculpar.

— O que quer que eu diga? Que desculpo?

— Tenho duas irmãs, a Monalisa e a Eliete. Preciso dar o exemplo a elas, o meu pai é antiquado e a minha família pode não ser rica como a sua, mas é muito tradicional. Não posso causar tanta vergonha assim. — Havia um suplício na voz dela, mas Camilo já tinha visto aquele espetáculo antes.

— E precisava me chamar nomes diante da imprensa? Ofender minha família e nos pintar como pessoas frívolas? Você contou mentiras sobre tudo, sobre como foi a noite em que engravidou. Disse coisas piores possíveis e causou muita revolta entre os meus. — Camilo passou a mão na barba impecável que lhe figurava um charme devastador. — Mas se é casamento que você quer, então terá.

— *Como*? — Valquíria foi apanhada de surpresa, não pensou que Vaughan fosse ceder tão fácil assim. Tentou ver algum traço do rosto dele para encontrar algum sinal de brincadeira, mas não encontrou.

— Eu me casarei com você, se é isso que quer. Meus advogados entrarão em contacto. Marque a data.

— Mas… Tem que ser com festa e convidados. E vamos viver sob o mesmo tecto e…

— Como você quiser. — Camilo continuava ilegível e sério. Aquilo a intrigou, podia imaginar que se estava a aceitar sem tentar guerrear era porque alguma coisa não estava certa. — Vou informar a minha família. Mais alguma coisa?

Valquíria parecia ter levado um tiro no meio da testa de tão atónita que estava, porém tentou disfarçar e recuperou a sua confiança que pareceu desaparecer por alguns instantes. Ela até podia desconfiar daquela atitude de Camilo, mas sabia que estava no caminho certo para o que pretendia fazer.

Era o Golpe do Ano.

Sabor a Chocolate

Aquela época depois do verão era péssima para os negócios, o frio e a chuva começavam a dominar a cidade, os céus perdiam o brilho do sol na maioria dos dias e se iniciava um inverno rigoroso. Camilo tinha sentimentos conflitantes, pois detestava o calor, corpos transpirados e o ar abafado que dominava tudo. Em contrapartida era de longe a altura que o Las Cruces mais facturava, ficava abarrotado de gente e os estrangeiros vinham de todos os lados para aproveitar a melhor noite de festa que o país tinha para oferecer.

Por sua vez, adorava o frio. Como sua pele parecia se adaptar com facilidade, seus ternos não o sufocavam e podia fazer várias coisas sem um sol exagerado a queimar sua cabeça. Os jantares em família se tornavam mais aconchegantes, as idas ao cinema eram mais íntimas, e dormir a escutar o som da chuva fina e a sentir o cheiro de terra molhada. Entretanto as pessoas saíam menos de noite, havia uma queda na facturação da boate e precisavam inventar mil formas de atrair centenas de clientes numa noite só.

Era nisso que tentava pensar enquanto da janela do seu quarto via o céu cinzento com nuvens que pareciam estremecer a todo minuto. Naquela noite iam receber os *Taurino Brothers*, um grupo de três irmãos que ficaram mundialmente conhecidos após a música que o vocalista principal tinha feito para uma simples mulher que conhecera em King Island, esta que teria sido devastada por um Tsunami que destruiu tudo o que havia no local. *Chocolate Taste* queria dizer “Sabor a Chocolate”e por coincidência tinha sido a mesma música que escutara na vez que passou a noite com Valquíria.

Soltou um suspiro exasperado, porque tinha um problema maior por lidar, a começar pela família reunida na sala e que esperavam o que ele tinha para contar. Não era um homem de rodeios, mas decepcioná-los não estava na lista de seus interesses pessoais. Sabia o que causaria neles, mas não recuaria porque tinha tomado a sua decisão. Podiam crucificá-lo agora, com toda razão, porém um dia quem sabe compreendessem sua atitude.

Fechou as cortinas azuis e se afastou pelo assoalho de madeira brilhante do seu quarto. Seus passos eram pesados, costumavam reclamar que se escutavam lá de baixo. O quarto era amplo e moderno, com variados electrónicos a maioria embutidos na parede pintada de azul-escuro e branco. Uma parede de vidro mostrava a parte do box com chuveiro, Camilo já tinha perdido as contas de quantas vezes tinha visto suas companhias se deliciarem com um banho enquanto ele ficava deitado na cama a assistir. Também tinha prateleiras com seus livros favoritos, podiam-se ler nomes como *Gaiman*, *Tolkien*, *George Martin*, *Edgar Allan Poe*, *Ed Gain*, *Stephen King* e uma colecção especial de artefactos de *Star Wars*. Tinham também *HQs* lacradas e nunca antes tocadas.

As luzes se apagaram assim que abandonou o recinto e passou pelo corredor até alcançar as escadas de vidro. Seus pais viviam a discutir sobre colocar barreiras de protecção entre os degraus por causa da irmã mais nova, mas Cecile tinha crescido enquanto não chegavam a um acordo. Não hesitou antes de passar pelo último degrau, curvou e sorriu para a empregada que passava com uma pilha de toalhas na mão. Aurora trabalhava ali há anos e já tinha conhecimento quando parecia existir

alguma tensão familiar, porém não conseguia ler o que os olhos frios diziam. Camilo sempre tinha sido um bom rapaz, tinha dado menos problemas que os outros dois, mas sabia que havia algo de errado que ele nunca contava.

— Estão todos na sala. — Aurora disse se afastando para que passasse. Era baixinha, ainda mais ao lado de um homem tão corpulento e de postura severa.

— Obrigado, Aurora. — Agradeceu. O tom de voz estava grave, mas a expressão do rosto inalterada. Se o pudesse descrever era como uma estátua imponente feita de um gelo cortante.

Camilo passou por uma sala de estar grande que era onde costumavam receber visitas na maioria das vezes, havia vasos por todos lados e cheios de flores sem contar com cada detalhe espalhado por todos cantos. Curvou por outro corredor e andou até ao fundo por onde entrou numa sala de tamanho médio onde se encontrava sua família.

Seus pais estavam sentados no longo sofá branco de seis lugares. A irmã tinha se acomodado num dos braços fofos e aveludados da mobília cara e o irmão mais velho estava parado por trás. Pareciam esperar por uma fotografia que viraria moldura certa para pendurar no saguão de entrada.

— Obrigado por terem vindo. — Camilo parou na frente deles, pretendia ser breve e não iria enrolar, até que era por essa falta de tempo para se prolongar em conversações que se tinha afastado dos negócios da família na área dos Seguros.

— Não precisa agradecer, sabe muito bem que estamos sempre aptos para o que quer que seja. — Viviane era uma mulher muito bonita mesmo com os seus sessenta anos, sequer escondia seus cabelos brancos que começavam a ocupar a maior parte dos fios pretos. Tinha olhos castanhos e um rosto redondo, um corpo cheio e trabalhava em eventos de caridade com a sua melhor amiga Cinthia Gold.

Cecile estoirou o balão da sua pastilha elástica. Era magra demais e muito comprida para a idade. Tinha os braços cruzados e um chapéu virado ao contrário a esconder os fios castanhos e ondulados nas pontas. Os olhos eram castanhos muito claros e provocadores e a pele branca como leite. Usava uma camisa Pólo, calções na altura dos joelhos e ténis de marca.

— Espero que tenha uma boa notícia para dar. — Ela advertiu a balançar o pé sem parar e estoirou outra bola grande de pastilha. O pai a censurou com um olhar, era um homem cuja estatura lembrava muito o próprio Camilo, corpulento e de ombros largos, os cabelos em sua cabeça eram claros e escassos e os olhos eram azuis calorosos. Usava um terno e estava sentado com a perna cruzada num quatro.

— Estamos aqui para ouvi-lo. — Anthony Vaughan tinha uma voz muito carismática, não fosse ter enriquecido com seu próprio suor. Quando jovem começara a vender Seguros de porta em porta, nas ruas e nos transportes públicos. Depois conseguiu fazer negócios com uma empresa, depois outra e foi cultivando um leque de clientes fortes, assim como investiu primeiro numa correctora e só depois numa grande Seguradora.

Leandro era filho de outro pai, mas fora criado como um verdadeiro Vaughan. Tanto que era ele quem comandava a AGE Insurance sem deixar espaço para que duvidassem do quanto era bom naquilo. Era alto, não tanto como Camilo, e um pouco mais magro com o corpo definido. Tinha um rosto angular e sério, o cabelo era escuro demais e os olhos castanhos esverdeados. A pele branca era mais bronzeada, o vinco na testa parecia ter sido colado lá e o rosto estava com a barba por

fazer. Ele olhou para o relógio prateado em seu pulso, a demonstrar que não tinha toda paciência do mundo para estar ali, mas permaneceu calado e de rosto fechado.

— Eu vou me casar com Valquíria Hayes. — Foi directo ao assunto e olhou para cada um deles que tiveram quase a mesma reacção de choque instantâneo. Se entreolharam e depois voltaram a encará-lo.

Cecile foi a primeira a quebrar o clima pesado e desatou a rir em toda sua forma desajeitada. Só parou quando percebeu que estavam todos sérios e completamente escandalizados.

— Ele está brincando. — Ela tentou explicar, mas ao analisar o irmão e a forma que se encontrava firme, percebeu que não era nenhuma piada. — Não…

— Não pode fazer isso! — Leandro tinha a expressão do rosto contorcida.

— Infelizmente não vim em busca de opiniões. Apenas quero que saibam o que pretendo fazer e que me apoiem. — Camilo enfrentou o olhar do seu irmão mais velho sem pestanejar.

Leandro gargalhou com ironia presente e notável.

— Aquela Valquíria é uma vaca! — Cecile nem se segurou em soltar um palavrão feio na frente dos adultos e sentiu o beliscão forte que a mãe lhe deu com a unha. — O que é? Nem estou mentindo. Vamos ter que colocar ela lá com os cavalos porque aqui em casa não vai ficar.

Anthony arranjou a gravata que pareceu lhe apertar mais do que devia. Tinha o cenho unido e os lábios secos. Estava completamente desconfortável com aquela hipótese que de momento lhe era muito absurda.

— Ela ofendeu e caluniou toda nossa família. — O pai disse com um tom em descrença. — Falou horrores sobre mim e do seu irmão. Troçou de sua mãe e de você, Camilo. Como pode dizer que vai se casar com uma mulher que ainda por cima lhe aplicou um golpe feio?

— Valquíria não quer negociar nada e só aceita que me aproxime da criança se nos casarmos e convivermos sobre o mesmo tecto. Eu já concordei, não há nada que vocês possam fazer. — Camilo continuou indescritível.

— Por que está fazendo isso? — Viviane começou a chorar e ficou com o rosto vermelho. — Pense direito, existem muitas formas de termos essa criança se for realmente sua.

— Ela é. — Camilo afirmou.

— Como pode ter certeza? — Leandro tinha suas dúvidas, mas quando o irmão virou o rosto, percebeu que não iria responder. — Só podes estar a ficar louco!

O senhor Vaughan acabou por se levantar e se aproximou do filho. Olhou dentro dos olhos dele e o sacudiu um pouco para chamá-lo a razão.

— Temos muito dinheiro e bons advogados, não há nenhum lugar para onde essa mulher possa fugir com um neto meu que eu não a encontre. Não precisa ter medo de nada, apenas confie em mim e até podemos tomar a guarda total para nós só pelo comportamento que demonstrou. — Afirmou com pujança a tentar lhe passar toda certeza possível.

— Não. — Camilo tinha aquele olhar vazio que os incomodava desde sempre. — Ela quer casamento e é o que terá.

— Ele está aprontando alguma. — Cecile estranhou aquela aceitação de ânimo fácil. Começou a mascar com rapidez enquanto tentava processar o que seu irmão podia estar preparando.

— Não faça isso. Irá me matar de desgosto. — Viviane ainda não era capaz de aceitar e limpou o rosto magoado pela informação recebida. Não conseguia colocar aquilo em sua cabeça. Era demais para aceitar.

— Vocês podem escolher respeitar a minha decisão, não é o mesmo que aceitar. Esperar que me acompanhem é pedir demais, mas eu gostaria que estivessem ao meu lado. — Camilo olhou para a mãe que estava desolada. — Não é minha intenção fazê-la sofrer.

— E qual é? — Leandro ironizou. — Nos fazer felizes é que não parece.

— Acredite que não estou feliz. — Articulou de um modo tão sombrio que causou impressão nos demais.

— E vai vender a sua felicidade assim? — Viviane estava inconformada.

— Vou. — A resposta que o filho deu foi inteiramente *Glacial*.

•••

Valquíria vomitou contra a pia do banheiro e sentiu o ardor na garganta e o desconforto no estômago. As duas mãos tremiam sem parar e todo almoço saiu com força a deixando vazia.

— Val, está tudo bem? — A voz de Monalisa ressoou por trás da porta, cheia de preocupação. Era a irmã do meio e a mais baixa também, só pelo som que ecoava quando andava pela casa dava para perceber que estava sempre de saltos altos.

— Já vou. — Respondeu um pouco irritada por aquela sensação de desconforto, mas se recompôs, lavou o rosto e a boca e finalmente abriu a porta. A irmã tinha um tom de pele mais claro e os cabelos igualmente repletos de cachos e que naquela manhã estavam presos por um simples elástico. Era só um ano mais velha que Valquíria e possuía uns doces olhos castanhos e lábios cheios. — Indisposição.

— Eu compreendo. — Tinha um ar preocupado como sempre, não conseguia sossegar enquanto não tivesse ajudado todo mundo. Desde gatos de rua a mendigos com fome. — Precisa que eu faça alguma coisa?

— Não. — Negou prontamente e deixou o banheiro de azulejos brancos. Parou ao ver o olhar apreensivo que lhe era dirigido. — Qual é o problema?

— Nossos pais já estão reunindo a família por conta do seu casamento. — Monalisa não queria falar, mas foi mais forte que ela.

— E não é o certo a se fazer? — Valquíria perguntou e respirou fundo. Aquele assunto lhe deixava ainda mais nervosa.

— É isso que quer para você? Obrigar um homem a se casar por causa de um filho? — Questionou aquilo que poucos dentro daquela casa tinham tido o atrevimento.

A mais nova respirou fundo e estreitou os olhos verdes ameaçadores. Inventou um sorriso prático.

— Não se preocupe. Eu sei o que faço, sim? — Tentou acalmá-la, mas foi em vão porque Monalisa continuou com o mesmo ar preocupado.

Foram interrompidas com um grito alto que veio da sala. Eliete veio quase a voar, de olhos abertos e as interceptou no corredor estreito que não tinha janelas. Ela era a mais alta das três com quase um metro e oitenta, rosto oval e cabelos repletos de ondas bonitas. Sua pele negra não tinha um tom escuro, seu sorriso era contagiante e uma marca especial em seu rosto. Os olhos rasgados muito lembrava aos de Valquíria, mas eram escuros e brilhantes.

— O que aconteceu? — Monalisa perguntou inquieta. Apesar de viverem num bom bairro da cidade, ainda temia a onda de assaltos que tinha começado. Um grupo perigoso começara a causar terror nos últimos dias.

— Ele está aí! Ele está aí! — Exclamou a segurar a sua tigela de cereais numa mão. Era estranho ver como adorava comer, mas o corpo parecia queimar as gorduras automaticamente.

— Ele *quem?* — Valquíria começou a andar e ainda foi a tempo de ouvir o som da campainha tocar alto. Passou entre os móveis apertados, porque a mãe delas tinha uma obsessão forte por coleccionar coisas aos montes.

Abriu a porta e sua boca se abriu.

— Camilo Vaughan! — A irmã ainda respondeu, mas já não era de todo preciso.

Valquíria engoliu em seco ao se deparar com os olhos gélidos como um mar congelado na Antárctida. Ainda assim, quando o olhava sempre se lembrava daquela música que tocou naquela noite.

[...] Você é linda sim, seu sorriso é um contraste.

Quero me perder em seus lábios doces,

Eles têm Sabor a Chocolate.

Coração Ácido

As três irmãs estavam num silêncio desconfortável.

Camilo estava sentado numa poltrona onde normalmente o pai delas costumava sentar. Era toda castanha e forrada de um veludo suave com um brilho discreto a combinar com o tapete felpudo que ficava por baixo da mesa de madeira cheia de revistas, livros e várias peças de estátuas pequenas que Monalisa teve que afastar para o lado, um pouco envergonhada, para poder servir café para o visitante com a sua mão um pouco trémula e os olhos quase baixos em seu belo rosto redondo.

— Obrigado. — Aquela voz de tom baixo e muito sensual podia dizer muito ou nada. Dependia de como o receptor a quisesse catalogar e havia uma comum concordância sobre como chegava a ser muito impactante.

As três irmãs estavam espremidas num sofá de dois lugares, de frente para ele que trajava um terno preto, camisa azul por dentro com os dois botões de cima abertos. O cheiro do perfume dele sobrevoava toda sala como um pássaro pelos céus, mas eram aqueles olhos aterradores e Ácidos que encaravam apenas Valquíria e ninguém mais.

— O que quer aqui? — Ela perguntou sem hesitar, sentiu a cotovelada que ambas irmãs lhe deram, mas não se importou com nada daquilo, apenas tentava se manter de queixo levantado e olhos ameaçadores.

Camilo dobrou a perna esquerda sobre a direita e estendeu os braços numa posição confortável do sofá. Deixou o olhar sair lentamente do rosto de Val e seguiu pelo restante da sala de uma maneira bem analítica e não tratou de esconder isso. Na verdade aquele gesto lento e perscrutador era tão irritante como escutar Eliete devorando o que restava de seus cereais num movimento repleto de ansiedade.

— Monalisa e Eliete, certo? — Ele perguntou quando terminou de avaliar a sala cheia de coisas desnecessárias. Era grande – não tanto como as da sua casa, e bonita com móveis de requinte, mas parecia existir ali alguma compulsão por objectos indevidos.

— Certíssimo. — A mais velha até engoliu rápido o que estava na boca para poder responder. Se tinha comida, então estava tudo bem. — Nunca tive a oportunidade para agradecer as garrafas de champanhe naquela noite no *Las Cruces* e…

— Ainda não disse a que veio, Camilo. — Desta vez foi Val que deu uma cotovelada a irmã. Podia sentir como Mona estava rígida e preocupada, diferente de Eli que não parecia temer nada.

— Vim conhecer vocês. — Respondeu quase sem pestanejar. — Afinal vou me casar com a vossa irmã. Não é justo? Preciso saber quem são, o que fazem e onde vivem.

— Sem hipocrisia por favor. — Valquíria revirou os olhos e voltou a prender a mesma sensação de enjoo, não desviou quando os olhos gélidos a encararam. Era um homem bonito e bom demais para não se revoltar com aquela situação. Havia algo de errado e era isso que queria saber.

— Eu não sei você, Valquíria, mas a partir do momento que será mãe do meu filho e consequentemente a minha futura mulher, vamos precisar nos conhecer o pouco que seja. Foi você que exigiu um casamento com todas as pompas, então preciso saber quem realmente está a entrar na minha vida e das pessoas que mais prezo. — Não havia nada naquelas palavras, nem emoção ou desprezo, sequer raiva. *Nada.* A voz reverberava de forma prática, precisa e os olhos continuavam estáticos no lugar.

Monalisa olhou para a irmã de esguelha, mas o que viu foi Eliete a abanar a cabeça positivamente como se concordasse com as palavras do futuro cunhado. Largou a tigela vazia em cima da mesa.

— Desculpe… Nós estamos a par da situação e sabemos que não deveria estar aqui de ânimo leve. Isso me deixa um pouco…

— Eu sou a mais velha. — Eli cortou Mona com sucesso. — A Val é nossa caçula, sempre foi a mais arrisca. Nem acredito que cursou pedagogia, deve matar os alunos. Então a Monalisa é bibliotecária e eu tenho uma agência de viagens.

— E você acha que ele não nos investigou? — Valquíria voltou a revirar os olhos. Sempre tinha sido a mais sisuda e menos descontraída, diferente das irmãs e dos pais que sabiam ser bastante desprendidos.

— Ouvir da minha boca é melhor. — Eliete afirmou sem ter receio algum. Tinha interesse em dissertar, até porque lidava com um infinito de clientes todo santo dia. Sua empresa era recente no mercado do turismo, mas com algum contacto que o pai tinha feito, conseguira um avanço significativo. — A Val sempre foi a que deu mais problemas. Respondona, obstinada e desde criança não tinha medo de nada. Ela ria das histórias de fantasmas.

Camilo teria rido porque parecia estar a ouvir um relato sobre Cecile, sua irmã mais nova. Continuou a olhá-la porque apesar da aparente calmaria, precisava de uma pequena compreensão que não achava e sabia que aquela jovem mulher também não iria dizer nada.

— Eliete! — Mona exclamou, era tímida com estranhos, mas muito próxima e caridosa com os que conhecia.

— Então… Eu vim convidar a vocês e seus pais para um almoço no sábado. Acho razoável que haja uma introdução formal entre as famílias antes do casamento. — Camilo finalmente disse ao que viera, ainda sentado em toda sua estatura parecia um deus poderoso capaz de dizimar a terra num único olhar que faria chover Ácido.

— Por que não ligou? — Valquíria perguntou de sobrancelhas levantadas, queria provocá-lo, ver ali alguma reação que explodisse porque aquela calmaria toda chegava a ser irritante. Ela era uma completa explosão, não podia ter que lidar com toda aquela frialdade. Iria quebrá-lo em pedaços de gelo até que derretesse.

— Eu podia não ser tão amistoso ao telefone como estou sendo agora, Valquíria. — A resposta dele as pegou de surpresa pelo tom discreto. — Não que mereça isso de minha parte, mas como disse, estou sendo razoável.

— Tudo bem, me deixe ser cordial de igual forma para a sua tolerância. — Se levantou prontamente e virou o pescoço para as irmãs ainda sentadas de olhos muito abertos. — Não deveriam

ir trabalhar?

— Não… — Eliete negou prontamente, mas sentiu Monalisa lhe beliscar com força. — Ah! Vou dar uma carona para a Frodo aqui até a Biblioteca. Foi um prazer senhor Vaughan, volte mais vezes.

— Frodo é a sua avó. — Mona respondeu e estendeu a mão para apertar o grande homem que se tinha levantado e que lhe pareceu alto demais. Nem os saltos ajudavam. — Até breve.

Camilo acenou com a cabeça e cruzou os braços ao vê-las carregar suas bolsas num dos cabideiros antigos que estavam perto da porta, assim como casacos para aquele dia frio.

— E eu que pensava que tínhamos a mesma avó. — Eliete ainda respondeu a irmã que era no mínimo mais baixa uns vinte centímetros. Fecharam a porta numa falsa conversa empolgada e deixaram o ambiente tenso que se avizinhou na sala assim que aqueles dois ficaram a sós.

— Agora sem merdas, me diga logo qual é o seu jogo? — Valquíria perguntou e os olhos verdes brilharam. Estava com o dedo apontado para o rosto coberto pela barba maravilhosa, mas em nenhum momento vacilou.

— Eu realmente não sei o que está esperando encontrar, Valquíria. — Camilo disse sem piscar. Encarava-a de cimo e não deixava transparecer se a queria esganar ou beijar. Ou os dois. — Se pensa que vai ter guerra, brigas e ameaças da minha parte, não terá. Estou jogando o seu jogo.

— Vai pousar de menino certinho, agora? — Ironizou só para o espicaçar e faria aquilo quantas vezes fosse possível. Ia chegar o dia em que o iria ver perder a compostura.

— Ou ensinar você a ser. — Redarguiu de cenho quase unido e o mesmo ar sério que muito bem casava com a sua pose quase aristocrática. Não se abalou quando ouviu o riso dela, até porque se lembrava muito bem de vê-la rir e o seduzir naquela noite. Era verdade que tinha caído com facilidade. — Passe bem, Valquíria.

— Ora, já vai? — Se fez de ofendida. — Agora que iria tentar ser elevada e lhe apresentar a nossa casa. Claro que não deve se comparar à sua mansão, mas pode ser igualmente encantadora, salve algumas tralhas espalhadas. Estamos lutando contra um problema pessoal.

— Sua mãe é acumuladora. — Camilo disse com toda leveza.

— Fez o trabalho de casa? — Val voltou a provocar.

— Fiz. — Respondeu sem pressa. — E se fosse você também faria.

Ela levantou as sobrancelhas mais uma vez e começou a segui-lo em direcção a porta. Vaughan não tinha intenção alguma de ficar mais tempo sozinho com ela.

— Fugindo? — Ela perguntou quando pararam na porta e se encararam com toda atenção. Se conheciam mais do que deveriam, ainda podiam se lembrar dos corpos suados, dos beijos dados e das conversas trocadas.

Camilo parou e os olhos se moveram, olhando-a de baixo para cima de um jeito que a incomodou mesmo sem saber explicar a razão.

— Não tenha a certeza de não ser você a fugir. — Destacou e esticou a mão para a maçaneta, mas Val chegou primeiro. As duas mãos ainda se encostaram, mas ele retirou a sua rapidamente e deixou que a mãe do seu filho abrisse a porta.

— Eu não tenho medo. — Frisou de queixo levantado e afastou os caracóis que insistiam em cobrir sua testa.

— Se você pensa que vai me conquistar mais uma vez, está enganada. Naquela noite apenas me encantei com a sua beleza e seu corpo nu, mas quando despiu sua alma, perdi qualquer interesse que talvez pudesse ter. — Ele apenas a encarou pela centésima vez naquele dia e passou pela porta sem olhar para trás, andando em seu passo marcante, mexendo os ombros e a cintura numa sincronia máscula e perfeita. Podia se recordar de como ele tinha se mexido em cima do seu corpo, de maneira voraz e insaciável, lhe ensinando a arte do prazer.

Valquíria não poderia dizer, mas era uma pena que as coisas tivessem que ser diferentes.

Engoliu em seco.

•••

— *Hum*! *Hum*!

Monalisa estava pendurada por cima de um banco de madeira enquanto organizava a prateleira de livros. Costumava ouvir dos familiares que não fazia nada naquele trabalho senão sentar e ler livros, o que era completamente errado, uma vez que pessoas da sua profissão, especialmente ela, tinham muita coisa por fazer dentro de uma Biblioteca.

— Sim? — Virou a cabeça para baixo, a fim de ver um homem carrancudo e com a barba por fazer. Usava um casaco de couro por cima da roupa social e não parecia nada feliz. Um cliente perdido? Talvez. Era normal as exigências que ocorriam ali diariamente. — Precisa de ajuda?

— Eu sei o que você e sua família estão fazendo. Querem o nosso dinheiro já não basta terem sujado o nosso nome. Só queria avisar que isso não vai ficar assim! — Levantou o dedo na direcção dela.

— Quem é você? — Mona desceu do pequeno banco, ainda confusa, piscou algumas vezes e o enfrentou de frente mesmo que o coração batesse descompassado.

— Não sabe? Aquela puta mentirosa da sua irmã aplicou um golpe no meu irmão e… — Leandro sentiu o impacto da bofetada que levou no meio do rosto e ficou surpreso pela reação da jovem Hayes.

— Não se atreva a vir aqui no meu trabalho para insultar minha família, ouviu bem? — Ela sentia a palma da mão arder, assim como os nervos que coreografavam lambada em seu estômago. Estava envergonhada, mas não conseguiu se segurar. — Eu… Eu não queria, mas podia ao menos ser educado como seu irmão.

Leandro riu de irritação.

— Nem imaginam no que estão se metendo. — Gracejou num murmúrio. — Talvez seja o melhor. Camilo tem um Coração Ácido que corrói tudo o que está lá dentro.

— Como… Como assim? — Monalisa se inquietou. Ela na verdade tinha visto a forma precisa e gélida como aquele homem olhava para a sua irmã mais nova. Só não queria acreditar porque era boa demais para pensar uma maldade.

— Esperem para ver. — Leandro estava ainda mais frustrado quando se afastou para longe em

passos apressados. Não dava para acreditar que a tinha procurado apenas para ameaçar, mas depois do que Valquíria tinha feito, podia esperar qualquer coisa.

— Não conhece a Val. — Falou alto para que ouvisse, coisa que nunca faria naquele lugar. — Nada a assusta.

Leandro não olhou, mas escutou.

“ [...] Porque vou amar seu corpo,

De um jeito gostoso, um pouco torto

E no final me sentir totalmente arruinado,

Por causa desse seu maldito Coração Ácido.”

Ilusão Perfeita

Aurora bateu na porta do quarto de Camilo e aguardou do lado de fora. Aqueles dias tinham sido corridos para os Vaughan, não se lembrava de os ver em tamanho estresse desde que o Leandro deixara de dar tantos problemas. Tudo tinha se transformado quase numa paz total, uma família cheia de uma harmonia contagiante, nem com o nascimento de Cecile que sempre estava metida em alguma malandrice, conseguiam sair dos eixos como daquela vez. E com o filho que menos esperavam.

A governanta se lembrava do dia que o menino nasceu, tão bonito e angelical. Tinha aprendido tudo direito, nada era preciso que lhe ensinassem duas vezes, era obediente e carinhoso com todos a sua volta. Fazia o que os pais queriam cegamente, sem refutar e tinha um talento nato para agradar os demais, ser gentil e muito elegante. Um verdadeiro príncipe, até aquela estranha noite que mudou por dentro. Viviane Vaughan dizia que era dos dezoito anos, pois os rapazes mudavam e começavam uma nova forma de encarar a vida. Tinha demorado a perceber uma ausência de brilho nos olhos do filho, mas Leandro dava tantos problemas que sempre preferiu acreditar que o problema de Camilo iria passar.

Aurora podia jurar de pés juntos que era a primeira vez que ele dava uma dificuldade aos pais ao se casar com a moça mal falada pela casa – Golpista era como a chamavam pelos cantos. Todos sabiam o quanto Viviane adorava cozinhar, mas nunca a tinham visto tão infeliz a comandar a cozinha e as refeições que seriam servidas no almoço.

— Entre.

Girou a maçaneta com vagar e empurrou a porta de lado. Camilo terminava de organizar seus cabelos e a sua barba maravilhosamente volumosa e muito bem cuidada. Gastava rios de dinheiro para mantê-la limpa, cheirosa e elaborada.

— Os convidados já estão a chegar. — Aurora queria poder dizer muito mais. Quem sabe ampará-lo? Já não tinha passado muito tempo desde que o beijara num de seus joelhos ralados? É que tinha sido um rapaz tão especial que sabia se virar sozinho, que todos o haviam tomado como capaz.

— Já desço. — Respondeu e abriu os dois primeiros botões da camisa branca. Sem casaco seu torso se evidenciava ainda mais. Tinha ombros largos como as costas, braços grandes e definidos mostravam uma tatuagem.

— Está tudo bem? — Ela teve coragem de perguntar, mas não podia se demorar ali por ter de regressar à correr aos seus afazeres. Aurora não conseguia parar quieta ainda que Viviane tivesse lhe dito há anos que estava ali só para dar ordens. A questão é que sentia que tudo ficava melhor quando colocava as próprias mãos.

— Está. — Respondeu sem dar muita ênfase e era aquilo que incomodava. Ela sabia que quando descesse para o jardim, Camilo iria se transformar num belo anfitrião. Falaria com aptidão, dançaria com excelência e roubaria a cena por inteiro.

— Até já. — Escutou o suspiro que a mulher pequena deixou escapar dos lábios antes de fechar a porta devagar e deixá-lo sozinho para que terminasse de se arrumar. Não que costumasse levar tanto tempo, a verdade é que se demorava quase de propósito como um ritual interno para poder colocar a cabeça no lugar.

Não iria deixar que Valquíria Hayes o desestabilizasse.

— […] *Ainda estou na linha!* — Holanda reclamou e com razão, era preciso despertar o chefe antes que a deixasse em viva-voz pendurada e se fosse embora.

— Eu sei. — Ele andou até a mesa onde estava o telefone. — É uma pena que não venha.

— *Nem eu ou Nadir. Não vamos compactuar com isso, seja lá qual for o seu plano Camilo Vaughan, não conte connosco.* — Ela fez uma pausa impaciente. — *Estou devastada com essa situação.*

— Eu preciso ir. — Foi tudo o que disse, sem se estender em muitos detalhes. — Até mais tarde no trabalho.

— *Adeus senhor Vaughan!* — Sabia quando ela ficava zangada só pela forma como inflacionava a voz.

Terminou a chamada em seguida, saiu do quarto nos seus passos concisos e dali de cima conseguia ouvir algumas vozes que se foram tornando ainda mais audíveis a medida que descia as escadas de vidro. Alcançou a sala e curvou para o lado oposto onde costumavam fazer reuniões de família, passou pelo corredor que tinha uma comprida lareira de vidro e pequenas caixas de som acústicas penduradas em cantos estratégicos a tocarem uma música ambiente.

Alcançou a sala de visitas que possuía paredes frontais de vidro que se abriam de uma ponta à outra, criando um espaço aberto entre o lugar bem decorado de branco e bege e o jardim com uma piscina azulada e infinita. Havia duas longas mesas de vidro e cadeiras brancas muito bem decoradas com uma simplicidade que dava um requinte completo. Duas crianças corriam com balões prateados e deixavam as risadas pueris enaltecerem o vento que ainda se encontrava ameno, embora exigisse uma roupa que cobrisse o corpo.

Os Hayes se destacavam no meio dos poucos convidados. Valquíria tinha trazido dois sobrinhos que estavam apertados junto de si. Deveriam ter oito anos no máximo e um deles usava o cabelo entrançado e o outro, um afro para o alto.

— O Nil e o Neil. — Ela apresentava com uma amabilidade que podia convencer a qualquer um. E estava muito bonita com um vestido vermelho nada discreto que se agarrava em seu corpo como um último sopro de vida. Tinha um decote tentador e ficava acima dos joelhos.

Camilo se aproximou no seu jeito taciturno, viu como a mãe se agarrava ao pai como se as pernas pudessem falhar a qualquer momento. Cecile estava na frente deles e olhava directamente para Valquíria com um sorriso tão falso quanto o dela, sem contar que não tinha usado o vestido que Viviane comprara, e sim um macacão jeans de calças com uma blusa às ricas por dentro e da mesma cor das *All Stars* sujas azuis e brancas.

— Lhe trouxe um presente, senhora Vaughan. — Palmira Hayes lhe entregou um pequeno embrulho. Era uma senhora baixinha quase do tamanho da filha do meio, tinha os cabelos crespos e a pele escura. Usava um vestido de tecido africano bastante colorido e um turbante na cabeça. —

Espero que goste.

— Obrigada. — Viviane foi educada e tentava a todo custo tirar aquela expressão de quem comeu e não gostou. Aquelas pessoas não eram de todo culpadas por seu infortúnio.

— É um colar de miçangas. — Abasi, o pai, disse com um sorriso largo nos seus lábios carnudos. Usava um terno branco e um chapéu a contrastar com sua pele muito escura. Também revelou uma garrafa de vinho na mão para oferecer a Anthony.

— Boa tarde. — Camilo se fez ante a visão da família de sua futura mulher. Cumprimentou a todos com apertos de mão educados, mas não se demorou ao encostar na de Val. — Sejam todos bem-vindos.

— Obrigada. — Eliete tinha a mesma altura do pai. O vestido era adequado para uma tarde familiar e não parava de girar o pescoço para os serventes que circulavam com travessas nas mãos.

— Por favor, venham. — Viviane foi educada o suficiente para os conduzir até aonde estavam alguns dos seus familiares. A bem ou a mal teriam de introduzir a família da mulher com quem Camilo tinha decidido se casar.

— É aquele… — Monalisa apontou com o queixo para Leandro que se encontrava do outro lado perto da piscina a fumar um cigarro. Era um homem bonito, embora com o sobrolho sempre franzido, a roupa social sempre se encaixava com perfeição.

— Eu sei quem ele é. Me dê um momento, leve os meninos. — Valquíria pediu com um sorriso discreto em seus lábios pintados de vermelho e seus cabelos cheios de cachos tinham um volume encantador, mas quando se afastou da irmã baixinha como a mãe, logo amarrou o semblante e caminhou em passos apressados até onde estava o irmão mais velho de Camilo. — Boa tarde.

Leandro olhou para o céu e teve que estreitar os olhos por causa da luz, depois baixou novamente para analisar Val sem nenhuma discrição. Sacudiu a cabeça em negativo.

— Como se sente numa festa ridícula? Pensei que as pessoas precisavam de amor verdadeiro para viver.

— A sério? Sempre pensei que precisassem de oxigénio.

Ele riu baixo, ainda a tragar o cigarro com intensidade e voltou a olhá-la com certa provocação no olhar.

— Vai ao cabaré?

— Só se for na sua festa de despedida para o Deus dará. Não se atreva a ir atrás das minhas irmãs para falar o que seja. Entendeu? — Ficava ainda mais bonita quando estava nervosa, principalmente com os olhos verdes brilhantes.

— Há algum problema? — A voz de Camilo foi ouvida por trás e ela fechou os olhos de forma impaciente, antes de se voltar para o pai do seu filho com uma expressão normal.

— O seu irmão foi atrás da Monalisa para me insultar e dizer coisas descabidas. Eu não admito. — Apertou a bolsa pequena que segurava em sua mão, mas quando olhou directo nos olhos glaciais, sentiu como se uma barra invisível a impedisse de ir adentro.

Camilo olhou para o irmão.

— O que é? Essa vigarista não foi atrás de paparazzis para falar mal de nós? — Leandro se defendeu e jogou a beata num cinzeiro estrategicamente colocado no jardim. Era de ferro e estava enterrado no chão como se fosse um vaso comprido.

— Isso é coisa do passado, Leandro. Eu e o Camilo decidimos virar a página e olhar para o nosso futuro, então se meta na sua própria vida. — Val se aproximou para apoiar uma mão no braço forte do seu futuro marido.

Leandro riu, indignado.

— O que eu tinha para dizer já foi dito! — Declarou antes de se afastar dos dois e entrar para dentro da mansão, os deixando sozinhos.

— Ele não tinha nada que ter ido me chamar nomes a minha irmã e…

— Valquíria… — Camilo a chamou de maneira calma e retirou a mão dela de seu braço sem usar de nenhuma força brusca. — Vamos fazer esta tarde passar depressa e sem atritos. Falarei com meu irmão, mas agora não é o momento propício. Os convidados esperam.

Ela sentiu um banho invisível e gelado ser despejado em seu corpo, mas tratou de sorrir com elegância. Estava com aquele Leandro engasgado na garganta desde que tinha ido provocar a irmã, sabia que tinha feito de propósito por causa de expô-lo nas notícias, mas estava preparada para bater de volta.

— Nossa! Você é uma mulher muito bonita, Val. Posso te chamar de Val? — Cecile lhe deu um abraço apertado quando os dois chegaram ao pequeno grupo de confraternização que tentavam de alguma forma se entrosar.

— Claro minha querida Cecile. — Valquíria sorriu para os Vaughan e passou a mão na cabeça dela com carinho. — Me chame como quiser.

— Mas que encantadora! Parece que o Camilo deu sorte. — Andrew Vaughan era irmão de Anthony, casado com uma jovem modelo que tinha trinta anos, a metade da idade dele. Trabalhava na AGE Insurance como director financeiro e estava muito à vontade, parecia se divertir a conversar com Abasi Hayes sem demonstrar nenhum mau estar.

Sua mulher era muito bonita com um corpo que não era magro e que possuía umas curvas de arrepiar. Tinha os cabelos longos partidos em dois e a caírem abaixo das costas. Usava um vestido delicado, mas que ressaltava seus atributos e tinha um ar de quem não via a hora de ir embora. Os dois filhos brincavam com os sobrinhos gémeos de Val, mas quem parecia controlar era o segurança negro e altivo que estava parado atrás dela. Tinha um rosto quadrado coberto por uma barba curta e bem aparada, óculos escuros e uns músculos bastante notáveis.

— Seus filhos? — Eliete tentou meter conversa enquanto devorava um prato com rolinhos de carne, uma vez que Monalisa estava sentada num canto a olhar o telefone a deixar claro que não queria participar do que achava errado. — Prazer, Eli Hayes.

— Lavínia. — Revirou os olhos quando respondeu, mas não podia mostrar seu desgosto. — Sim, a June e o MaY.

— Aqueles são meus sobrinhos, filhos do nosso irmão mais velho por parte de pai. O Kenan. — Explicou e aceitou um copo com um suco colorido com sabor a frutas de época que mal soube

identificar. Se deliciou.

— Vem cá… Como é que fazem para lavar esses cabelos? Parece um ninho de pássaros. — Lavínia fingiu curiosidade, no entanto seu tom era de provocação.

Eli até parou de comer, algo que era raro e levantou os olhos escuros para encarar a jovem a sua frente. Pousou o prato e o copo em cima de uma mesa e apertou os lábios.

— Imagina esses pássaros saindo do ninho, se transformarem em minha mão e aterrissarem em seu rosto? — Indagou de cenho unido, só não perdeu a postura porque respeitava a irmã.

— Relaxa. Era só uma brincadeira. — Lavínia fez uma cara de ofendida e se afastou de imediato como se soubesse que podia ser acusada de alguma coisa.

Eli bufou.

— Não se aborreça. — O segurança disse com uma voz grave, antes de se afastar com um ar bastante sério e seguir aquela mulher irritante.

Viviane chamou todos para almoçar naquele instante, deixando claro onde e como cada um deveria sentar. Os homens de frente para as mulheres.

— Quero sentar com você, Val. Posso? — Cecile voltou a se enroscar nela com todo um afecto falso.

— Você é muito boa a actuar, Cecile, continue. — Valquíria sussurrou quando percebeu que ninguém estava a olhar. — Mas com isso não quer dizer que vá deixar que tente aprontar alguma. Não pense que sou distraída.

— Está declarando guerra? — A irmã mais nova fechou o semblante. Afinal estava a lidar com uma adversária tão terrível quanto ela mesma.

— Não acha que deve comer muito arroz com feijão? — Retorquiu e prendeu um grito quando sentiu a sola dura pisar por cima da sua sandália com força. Respirou fundo e viu quando a menina saiu a correr com um sorriso malvado no rosto.

— Está tudo bem, Val? — Monalisa perguntou apreensiva. Estava atenta em tudo e em todos, não era por isso que era tão desconfiada e conhecida pela sua famosa hesitação.

— Claro. — Respondeu com ternura, mas os olhos esverdeados ameaçaram a jovem Vaughan com os olhos. — Vamos sentar.

O almoço foi logo servido e Camilo conduzia a conversa com uma forma quase hipnótica pela forma como falava, fazia com que todos se concentrassem nele. Soltava algumas piadas para aligeirar o ambiente tenso, arrancando gargalhadas verdadeiras, mas seus lábios mal formavam uma curva singela. Eram rápidos a se esticar e voltar sem que ninguém notasse, mas Valquíria sabia que estava diante de uma Ilusão Perfeita.

— Duas semanas são muito pouco tempo para organizar um casamento. Pobre Viviane deve estar de cabelos em pé. — Lavínia decidiu comentar na hora da sobremesa. A mesa estava repleta de doçarias de variados estilos, só Eliete já tinha provado umas três diferentes enquanto perguntava para a dona da casa a receita.

— Na verdade já tratamos de uma parte. — Palmira tratou de intervir em seu jeito apressado de

falar a mexer as mãos, mas não era aquilo que incomodava a dona da casa, e sim ouvir o que a mãe da noiva tinha projectado com sua família sobre o casamento. Uma festa de três dias com centenas de convidados, música e gastronomia africana. Cantores nigerianos e danças apropriadas em família. Viviane nem podia acreditar que Camilo ouvia tudo aquilo sem reclamar, tanto que pediu para a governanta lhe trazer uma aspirina para a dor de cabeça.

— E depois que esse bebé nascer, continuarão casados? — Leandro foi deselegante como sempre. Comia um pedaço de pudim de leite, mas volta e meia olhava para Monalisa com um olhar de rivalidade como se ela fosse culpada de alguma coisa. Principalmente por o ignorar com sucesso.

A mesa ficou em silêncio, mas Cecile fingiu tentar segurar um riso preso que insistia em sair, apenas para provocar. As crianças a olhavam com atenção e aos poucos se contagiavam com pequenas gargalhadas, deixando os adultos ainda mais constrangidos.

— Já que está assim tão interessado pelo bebé, também deseja saber como ele foi gerado? — Valquíria não aceitava levar nenhum desaforo para casa.

— Eu me lembro daquela noite no *Las Cruces* e… — Eliete foi cortada pelo olhar das duas irmãs. — O que foi? Por que nunca me deixam contar nada?

— Com licença. — Camilo deixou o guardanapo branco de linho e se levantou em toda sua estatura magnífica. Todos ficaram apreensivos a julgar que se ia embora, mas ele retirou do bolso das calças, uma pequena caixa. — O anel do noivado.

Não era nenhuma novidade para os que estavam ali, o verdadeiro teor daquele casamento. Até os sobrinhos de Valquíria tinham escutado seus pais dizerem que a tia estava a dar O Golpe do Ano, por isso não foram poucas as bocas abertas ao ver aquele gesto no mínimo sinistro.

Todos sabiam o que acontecia ali: Estavam a ser enganados veemente.

“ [...] Devo traduzir em gestos o autêntico amor,

Mas fui alvo ciente de uma mórbida dor

Hoje perambulo a mercê da tentação,

Por causa da vaidade de uma Perfeita Ilusão.”

Magníficos Olhos Verdes

Holanda ficava um pouco tímida quando Leandro estava no mesmo compartimento que ela, embora ele não a olhasse duas vezes sequer. A solução quase sempre era tentar disfarçar, fingir uma coragem nas suas falas e não olhar em demasia para aquele rosto bonito. Também passou a detestar aquele vestido azul que mostrava seu corpo cheio, marcava sua barriga e seus braços gordos. Pelo menos os sapatos lhe deixavam mais alta.

— Não posso acreditar que você realmente vai casar. — Ela disse sentada num banco redondo de veludo. Cruzou uma perna e arranjou o lenço que estava em seu pescoço.

Camilo estava em pé em frente do espelho. Usava um terno preto e camisa branca por dentro, assim como uma gravata. O pai fizera questão que usasse os mesmos punhos dourados que havia colocado no casamento com a mãe deles, coisa que Leandro não parecia concordar de ânimo fácil.

— Estão tocando tambores lá em baixo! — O irmão mais velho exclamou. O que o diferenciava nas vestes é que vestia uma camisa azul escura. — *Tambores!* Não posso acreditar.

— Não vai durar para sempre. — O noivo respondeu a mostrar que não se importava com os ritmos que soavam lá de baixo. Na verdade até os achava muito encantadores, mas não se deu ao trabalho de explicar.

— Ainda não posso compreender. — Leandro tinha feito a barba, seu cabelo escuro estava bem penteado e os olhos castanhos esverdeados mostravam uma certa incredulidade. — Essa mulher deve ter dormido com meio mundo antes de acertar um idiota como você e se deixar engravidar.

Holanda se irritou.

— "Se deixar engravidar?" — Não resistiu a perguntar e fez o sinal de aspas com os dedos dobrados. — Eu não morro de amores por essa Valquíria, mas se ela dormiu com meio mundo não é da nossa conta.

— Não falei com você. — Leandro foi rude e sequer virou a cabeça para trás para olhá-la. Na verdade não compreendia como o irmão mais novo se misturava com tantas pessoas que não pertenciam ao círculo social a que estavam inseridos.

— Não vamos mais conversar sobre isso. E por favor, não fale assim com a Holanda. — Camilo era um poço de serenidade, um lago cristalino e isolado numa noite brilhante e silenciosa. Distante de tudo e de todos.

— Ainda vai a tempo de desistir. — O mais velho parecia não ouvir nada do que lhe era dito. Contornava o irmão com precisão, apenas para tentar olhá-lo directamente, mas Camilo se esquivava com facilidade. Se movia para dar os últimos retoques na sua arrumação. — Nem sequer confirmou se o filho é seu!

— É. Eu já disse que é. — Respondeu a pentear seus cabelos e a passar a loção para a barba.

Depois passou o perfume caro que cheirava muito bem.

Holanda continuou sentada, não podia compreender como Leandro podia ser tão chato e o seu chefe ainda assim o aturava com paciência. A verdade é que ele parecia ter um escudo protector que fazia todos à sua volta serem tolerantes, inclusive ela que mal conseguia falar quando estava por perto.

— Como pode saber? Ela pode ter dormido com outro na mesma altura ou um dia antes, e então?

— A Valquíria era virgem. — A voz baixa e suave apanhou a todos de surpresa. Ainda assim, manteve o mesmo semblante, terminou de colocar o relógio no pulso e ignorou a cara de indignado do irmão. — Podemos ir agora?

Tinha escolhido os dois como seus padrinhos, e Viviane e Palmira tinham entrado em acordo quanto ao casamento. Ia ser de um dia apenas, mas iriam manter algumas das tradições nigerianas.

Deixaram Holanda sair na frente para fora do quarto e desceram em conjunto até ao jardim que estava repleto de mesas brancas com vasos de cristal compridos cheios de flores, cadeiras da mesma cor e muito bem decoradas. A dona da casa tinha cuidado de tudo ao máximo detalhe e com certo requinte, até uma banda conhecida tinha sido convidada para cantar ao vivo. Milhares de tulipas ornamentavam o lugar em arcos pendurados ou unidas em cantos estratégicos e também a formar o caminho para o grande altar todo branco com um cortinado acetinado. O bufê que estava numa mesa longa de vidro servia apenas entradas de todos os tipos e gostos, pois o famoso *Chef* de cozinha, Vicenzo Valverdi, iria confeccionar pratos para servir quando a festa começasse.

Ainda assim, o que mais se destacava eram os convidados da família da noiva. A maioria usava trajes muito coloridos, turbantes e acessórios de origem africana. Era engraçado que o número de crianças era maior na família do noivo, a maioria com trajes de gala e toda uma polidez exagerada. O pai da noiva tinha feito questão de pagar uma parte da festa mesmo que os Vaughan se recusassem, mas ele batia no pé que era seu dever e obrigação, tanto que não tinha poupado no valor do vestido da filha. Garantiu que ela escolhesse o melhor e mais caro.

Por trás da mesa do bolo de cinco andares ladeado por dois castiçais de prata, tinha um painel magnífico de flores em papel e fios perolados. Cecile tinha entrado num vestido à força naquele dia e estava furiosa quando viu o irmão se aproximar.

— O conservador já chegou. — Viviane deu um beijo no rosto do filho e sentiu a barba lhe fazer cócegas. Ela usava um vestido *Christian Dior* bege e discreto. — Vou avisar a noiva.

— Tudo bem. Vou andando para o altar. — Camilo a confortou com um sorriso rápido, afagou a cabeça de Cecile que já tinha desfeito o penteado elaborado que fizera obrigatoriamente no cabeleireiro, e se afastou cumprimentando alguns pelo caminho. Seu pai estava perdido no meio da família de Valquíria, parecia disposto a fazer as honras. Leandro o seguiu com as mãos nos bolsos, o cenho sempre franzido e de vez em quando meneava a cabeça ao de longe, principalmente quando passou pelo homem que tocava seu batuque e entoava cânticos em língua iorubá.

Holanda se aproximou de seu colega Nadir que não parecia se encaixar em nenhum lugar daquela festa. Estava sentado perto de Lavínia que bebia uma taça de champanhe e parecia indisposta com o segurança parado a sua trás sem necessidade alguma senão por capricho dela, enquanto o marido estava ao longe com os filhos e conversava com outros membros da família.

— Está tudo bem? — Perguntou e retocou o batom. Precisava beber algo rápido para relaxar antes de ir até ao altar onde seria testemunha daquele enlace. Nadir acenou com a cabeça, sentia os olhares vindo de todos os lados por ser o único indiano ali. — Lavínia, eu pensei que fosse ver June e May como os pequenos damos de honra.

— Imagina se eu ia deixar meus filhos fazerem cortejos àquela Valquíria. — Murmurou mais para si do que outra coisa e bufou abespinhada. O vestido dela era muito chamativo de costas todas fora e até alguma transparência na barriga lisa.

— São apenas crianças. — Nadir se espantou ao escutar aquilo.

— E são suas? — Lavínia indagou com frieza. — Por favor, não pedi opinião. E nem estou aqui para confraternizar por isso me dêem espaço.

— Se quer espaço então vire uma astronauta. — Holanda chiou e se afastou em seus passos curtos e cheios de estilo. Ela adorava se maquilhar, vestir bem e estar cheirosa demais, só não estava confortável com o seu corpo em relação estético porque era bastante saudável mesmo com a gordura.

— Veja só tudo isto… — Leandro falava e não olhou duas vezes para a mulher que parou ao lado deles. — Será que uma virgindade vale o que estamos passando?

— Se vai continuar reclamando troque de lugar com o nosso pai. — Camilo disse sem se exaltar e acenou para sua colaboradora que estava mais nervosa que ele.

•••

Valquíria estava muito bonita. O vestido era branco com as costas rendadas e uma longa cauda. Sua maquilhagem estava perfeita e seu cabelo preso por uma tiara. Usava um colar de pérolas tradicional e como não tinha comido nada sentia o enjoo que a incomodava com toda força.

Monalisa e Eliete tinham vestidos iguais, de cor azul e muito bonitos, sem mangas e compridos. A primeira se encontrava sentada ao lado da noiva e a segunda toda vez espreitava pela porta a fim de ver alguma coisa.

— Imagina se ele diz um não bem redondo em frente das pessoas? — Mona perguntou, aflita. Só não roía as unhas porque estavam bem-feitas por gel.

— Pare de temer! Vai correr tudo bem. — Val respondeu com certeza. A confiança nela era extrema.

— Estão vindo! — Eliete voltou até estar perto das irmãs e aguardou que o pai entrasse acompanhado da senhora Vaughan que tentou sorrir, mas não conseguiu. Por mais que tivesse organizado tudo em pormenores, ainda sentia a angústia de ver seu filho do meio se casar por alguma obrigação.

— Está tudo a postos. Vou pedir que os convidados se sentem para assistir a cerimónia e para iniciar a marcha nupcial. — Disse em toda sua educação. — Você está linda, Valquíria.

— Obrigada, Viviane. — Agradeceu já a largar as formalidades. Assistiu ela se retirar e aceitou a ajuda do pai e das irmãs para caminhar para fora do quarto. Um dos fotógrafos os seguiu enquanto fazia o seu trabalho e quando ouviram o som de entrada, saíram para fora da casa. Os sobrinhos Neil e Nil iam na frente com cestos de palha e a atirar pétalas de rosas pelo chão.

Camilo estava parado a vê-la entrar. O filho mais velho de Abasi Hayes e a mulher eram os padrinhos por parte da noiva, não tinham trocado muitas palavras senão trivialidades, mas agora estavam todos focados na belíssima mulher de vestido branco que sorria e estava segura de si como jamais poderiam imaginar.

Os olhos glaciais se focaram em Valquíria de braço dado com o pai, as irmãs que seguravam sua longa cauda, e em nenhum momento pestanejou ao se fixar no olhar esverdeado. Podia se lembrar da noite que a viu, parecia uma primeira vez, mas nada lhe tirava da cabeça que já se tinham cruzado muito antes, só não se lembrava nem como ou onde.

2 Meses Antes

Las Cruces era a melhor boate de todos os tempos, não havia dúvidas que o investimento o tinha tornado milionário mesmo tirando todo o dinheiro de sua família. Camilo sabia que para um negócio daquele porte dar certo, precisava de estar lá a tempo inteiro e não demorou para se habituar a perder noites.

Durante a noite os funcionários eram outros, na maioria jovens e rapazes que circulavam de um lado para o outro para que tudo funcionasse direito. A boate possuía várias pistas de dança que tocavam músicas distintas, os DJ's eram sempre famosos e os espetáculos mensais. Podia-se ver muita bebida e os bares que volta e meia se incendiavam com estilo, a fumaça que de vez em quando se espalhava servia apenas para criar ambiente e não fazia mal, até porque era proibido fumar ali dentro e tinham salas especiais para fumadores ou o lado de fora onde uma piscina vazia também servia de pista.

— Oferta para o senhor. — Um dos serventes que usava uma camiseta preta com as siglas da boate lhe trouxe uma bebida escura que tinha fogo por cima. — Ela lhe desejou um feliz aniversário. Não sabíamos que estava fazendo anos hoje, senhor Vaughan.

Camilo se admirou. Estava no alto de uma balaustrada, que era um lugar VIP, a ver o movimento insano que ocorria lá em baixo. Levantou o sobrolho, ninguém sabia que era seu aniversário, nem sua mãe tinha lembrado porque Cecile tinha caído na escola e quebrado o braço.

— Ela? — Perguntou e seguiu o olhar de seu trabalhador para baixo, onde três mulheres estavam sentadas em frente ao bar e encontrou os Magníficos Olhos Verdes que o encaravam com atenção.

Não sabia quem era aquela jovem mulher ou como sabia que era o seu aniversário. Elevou o pequeno copo num gesto de agradecimento e ingeriu a bebida toda de uma só vez após soprar o lume.

Ficou alguns segundos parado, admirado, mas como era um bom anfitrião saiu dali e desceu as escadas em forma de espiral até a parte de baixo. Se embrenhou entre as pessoas que não paravam quietas e se aproximou dela.

— Boa noite. Vim agradecer pela bebida. — Disse e a analisou melhor. Era muito bonita, mas

dava aquela sensação familiar.

— Foi merecida. — Ela disse e esticou a mão. — Prazer. Valquíria Hayes.

— Camilo. — Respondeu por cortesia, pois estava claro que ela sabia. Apertou a mão feminina e sentiu um calor estranho o percorrer. Era verdade que naquele ambiente conhecia muitas mulheres com facilidade, ainda mais sendo quem era, mas soube logo que sentiu algo de diferente. — Desculpe… Nós já nos conhecemos?

Ela esboçou outro sorriso e negou com um gesto da cabeça, no entanto não largou sua mão, entrelaçando os dedos de um jeito que podia parecer até vulgar, mas se transformou em algo inocente.

— Como sabia do meu aniversário? — Perguntou.

— Vi no Google.

Camilo riu baixo.

— Quer se juntar a nós? Sempre podemos comemorar. — Valquíria o puxou para mais perto sem lhe dar hipótese alguma para recusar.

E sem dúvidas foi uma noite Magnífica.

— […] Eu aceito. — Ouviu a voz de Valquíria dizer e despertou de seus pensamentos, se apercebendo que estava muito distante e que não tinha escutado todo o início da sua cerimónia de casamento.

— Senhor Camilo Anthony Vaughan, é de sua livre e espontânea vontade se unir em matrimónio com Valquíria Hayes? — O conservador perguntou.

Voltou o rosto coberto pela barba harmoniosa e fitou o dela com atenção. Não pestanejou, mas não disse nada se remetendo num silêncio arrastado que causou um certo burburinho o que o levou a olhar para as pessoas sentadas nas cadeiras brancas e enfileiradas no belo jardim.

Valquíria sorriu sem graça e engoliu em seco, mas não se atreveu a encarar ninguém, senão o homem a sua frente. Por um momento sentiu um frio lhe cobrir a espinha dorsal.

— Senhor Camilo Anthony Vaughan? — O homem que presidia a cerimónia o chamou e repetiu a questão.

Mas ele se demorou a responder, antes cruzou os olhos azuis sem vida com os Magníficos Olhos Verdes que eram cheios de vivacidade, e muito diferiam dos seus. Soltou um suspiro pesado e finalmente abriu a boca para responder.

“Quando eu te olhei me vi em ti

A questão é por que me sinto tão perdido?

Se em teus magníficos olhos me rendi

Qual é a razão do meu coração se sentir oprimido?”

Meu Problema

— […] Eu aceito. — A voz baixa reverberou com exactidão, porém sem emoção. Apenas se dignou a esperar os votos e aguardar a troca de alianças, enquanto fixava o olhar azul esmorecido dentro dos esverdeados impactantes.

Valquíria era um problema sim, mas tinha luz na moradia de sua alma que rivalizava com a escuridão total de Camilo. Ela segurou na mão dele com todo carinho quando colocou o maravilhoso anel de ouro branco no dedo.

— Eu, Valquíria Hayes, prometo te amar na saúde e na doença, na alegria e na tristeza até ao fim dos seus dias. — Disse e engoliu em seco quando Camilo retirou a mão com rapidez, e quase não a tocou direito quando foi a sua vez de colocar a aliança. Sem contar que manteve os lábios pressionados sem pronunciar uma única palavra que todos tanto esperavam.

Houve um burburinho constrangedor, mas o Conservador soube dar a volta a situação e prosseguiu com os seus conselhos matrimoniais e palavras de sabedoria até os declarar marido e mulher.

— […] Pode beijar a noiva. — Concluiu por fim, mas o clima já estava rodeado de um constrangimento que era palpável pelos demais. Holanda tossicou baixo e Leandro a encarou com cara feia.

Valquíria deu um passo em frente e não esperou que o mais novo marido fizesse algo, sabia que ele não faria, apenas segurou o rosto dele com as duas mãos e levantou o queixo para frente a fim de o beijar. Camilo não recuou de imediato e também não abriu muito os lábios, mas deixou que a boca carnuda que o tinha enfeitiçado naquela noite, se juntasse aos seus de um jeito intenso e provocador.

Aplausos soaram, mas o recente casal se afastou com a mesma rapidez que se tinha juntado. Foi Val que se pendurou no braço forte dele e começou a acenar em todo seu sorriso para as pessoas que os assistiam. Palmira chorava de emoção por ver sua menina mais nova casar, comentava com as mulheres de sua família e não podia esconder o orgulho.

Rapidamente todos foram se sentar e a festa começou em toda sua pompa. Camilo comeu e conversou com todo mundo sem nem pestanejar, conseguia roubar a atenção de um jeito curioso e participou dos rituais africanos com a família dela sem se importar, diferente de Valquíria que estava perdida do lado dos Vaughan. Ambos receberam presentes e se sentaram em poltronas com os pais de cada um, assistiram a dança ritmada e as cerimónias tradicionais totalmente coloridas e com canções maravilhosas em iorubá. Viviane tentava dançar junto das mulheres da família de sua nora que lhe tinham enrolado tecidos africanos e lhe ensinavam como reproduzir os passos com toda paciência, mesmo ela não conseguindo acompanhar.

O corte de bolo também foi rápido demais e depois se seguiu a dança dos recém casados. Val se agarrava no corpo alto e forte, mas não demorou até o marido se afastar para a troca entre os familiares que deveriam entrar na pista para se lhes ajuntar. Foi Monalisa quem ficou par do seu

cunhado, era baixa demais e nem os saltos a ajudaram a chegar sequer ao ombro dele.

— Sabe, a Val é nossa pequena. Sempre foi muito rebelde, fala e faz o que quer. Eu sei que a forma como tudo aconteceu foi errada, mas ela tem um bom coração. — Disse em toda sua preocupação, era claro que era a mais amorosa e recatada entre as irmãs.

Camilo dançava muito bem, conseguia conduzi-la de um jeito único, mas quando queria deixava de ser o falador excepcional e se fechava dentro da escuridão da sua concha rija e cheia de problemas.

— Não nos conhecemos direito, mas lhe peço que dê uma oportunidade. Que tente aprender a amá-la. — Pediu com os olhos cheios de lágrimas, não sabia dizer a razão, mas mais facilmente temia Camilo do que Leandro. — Não lhe fará nenhum mal?

Ele travou a mandíbula de imediato e esquivo como sempre se afastou e fez uma vénia educada.

— Foi um prazer dançar com você. — Disse e se esgueirou para longe da pista onde seu pai dançava com a noiva, sua mãe com o pai delas, Eliete estava a retrucar alguma coisa com Leandro e seu tio se divertia com Palmira.

Mona ficou ainda mais preocupada, mas acabou por ir se juntar a Nadir e Holanda que bebiam e conversavam qualquer coisa, diferente da irmã mais velha que não era tão atrevida como Valquíria, mas tinha os pés bem assentes no chão embora naquele exacto momento tivesse pisado Leandro de propósito.

— Eu já vi qual é a sua, está tentando irritar todos para chamar atenção. Na sua idade deveria ter vergonha. — Cuspiu um quanto irritada pela forma como ele se esforçava para seguir com a dança. — Começo a acreditar que o que a Val disse é verdade.

— Ela disse que eu era um bastardo sem rumo na vida, que o meu pai era inconsequente para nossa família e minha mãe uma mulher submissa alheia a tudo. — Leandro tratou de frisar com atenção. — Esqueceu de falar que vocês eram um bando de sanguessugas aproveitadores e só não a processamos porque o parvo do meu irmão quis preservar essa gravidez indesejada.

— Onde há fogo há fumaça e não há duas sem três. — Eli afirmou com toda certeza do mundo. Sabia que nenhuma família era perfeita, mas não era difícil perceber que os Vaughan tinham um buraco no meio daquela história toda. — Agora, a única sanguessuga aqui é você e lhe garanto que se tentar algo contra minha irmã, vai sair bastante arrependido!

Bufou quando se soltou dele a mostrar que as Hayes eram muito unidas mesmo em todas suas diferenças e que não deixariam nada facilitado contra quem criasse algum problema. Tinha sido sempre assim, desde a infância, sempre melhores amigas e umas pelas outras. Monalisa era a mais sonhadora, contudo não menos astuta.

Quando a festa ganhou vida, a maioria dos convidados do noivo começaram a partir, ainda assim a pista de dança se acendeu e muitos dos presentes continuaram a dançar, beber e comer com alegria. A música ganhou tons mais animados e Viviane insistiu que os noivos deveriam sair antes de terminar a festa.

Valquíria estava radiante quando entrou na limusina de luxo com seu marido. Estava cansada mesmo que não estivesse a beber por causa da gravidez, mas tinha sido um dia quase perfeito, não

fosse o homem de olhos apagados sentado num canto distante.

— Gostou da festa? — Perguntou com seu sorriso brilhante, mas ele apenas a olhou de esguelha e voltou novamente o rosto para a janela a apreciar o movimento que corria do lado de fora. Era uma noite escura, um pouco fria, mas muito agitada.

Val não se deu por vencida.

— Foi muito bonita a fusão entre a minha cultura e a vossa. Simplesmente amei! E quantos presentes recebemos? Estou louca por abrir e…

— Fique calada, Valquíria. — O pior de tudo é que não foi rude, chegou até a soar como um pedido bastante estranho. As mãos dele coçaram as têmporas.

— Se você não quer falar não pode me impedir! — Exclamou.

Camilo desta vez virou o rosto em toda sua intensidade. Sua barba espessa lhe dava um ar ainda mais perfeito.

— Tudo bem. — Assentiu e colocou a mão no queixo enquanto se voltava novamente. — Fale.

— Quando dancei com seu pai, ele disse que eu era bem-vinda na família e que tudo o que tinha acontecido era passado. Me senti bem recebida de verdade, acho que podemos esquecer o episódio fatídico de quando começamos e quem sabe descobrir o que poderia sair desse nosso casamento? — Tentou sem nem titubear. Ela tinha aquela coragem maior que tinha feito moradia em sua personalidade, porém foi ignorada de forma desconcertante, tal como um aviso que lhe dizia que poderia falar, mas ele não era obrigado a escutar.

Aquilo lhe doeu, mas como não era de dar o braço a torcer continuou a falar até chegarem no hotel de luxo sete estrelas, foram encaminhados para a suíte nupcial com piscina privada e um quarto com cama coberta de pétalas de rosas, velas e champanhe. As malas deles já estavam lá.

Camilo não demonstrou nenhuma irritação ao ouvir a mulher que continuava a falar, coisa que chamou atenção de Val, pois queria vê-lo reagir, gritar, fazer qualquer coisa que não se manter indiferente.

Ele foi o primeiro a entrar no banheiro se fechando lá dentro, deixando Valquíria sozinha a se desfazer do vestido com dificuldade, mas ficou apenas de uma *lingerie* vermelha, soltou os cabelos e tirou o kit desmaquilhante se sentando em frente a um belíssimo toucador e começou a limpar o rosto. Deixou um sorriso discreto quando o viu regressar minutos depois apenas envolto numa toalha, não podia negar que estava ansiosa por repetir aquela noite que lhe tinha feito se sentir a mulher mais especial do mundo.

Não escondeu a sua nudez quando se desfez da toalha, pelo contrário, exibiu o corpo viril que parecia ter sido talhado pelo melhor escultor do mundo. Tinha proporções perfeitas para uma estatura enorme, sem contar com as belíssimas tatuagens que delineavam suas costas e seus braços. Era perfeito.

Valquíria imaginou que o marido fosse entrar na cama e tentar ignorá-la, mas já tinha o plano perfeito para o seduzir, contudo, foi apanhada de surpresa quando Camilo começou a vestir com toda sua elegância, colocando um terno azul-escuro que muito bem lhe assentava.

— Onde você vai? — Perguntou se levantando e andou até se prostrar diante dele. Era uma

mulher alta, não tanto como a irmã mais velha, mas ainda assim se sentiu pequena diante daquele homem.

— Trabalhar.

Ela riu e balançou os cabelos.

— *Trabalhar*? — Repetiu sem acreditar. — Nosso casamento acaba de acontecer. Como assim vai trabalhar?

Camilo respirou fundo e terminou de ajustar o casaco. Segurou no queixo dela, por uns momentos pareceu que a fosse beijar, mas isso nunca chegou de acontecer.

— Escute bem porque não vou repetir, Valquíria. — Começou por dizer. — Você queria um matrimónio para que eu pudesse conviver com meu filho, certo? Eu dei o casamento como queria. Não lhe devo nenhuma outra obrigação a não ser um mísero respeito. Agora quero que saiba que não teremos alguma ligação, não serei seu amigo, amante ou qualquer coisa que esperar.

— Se não pretende ter sentimentos, não me impeça de expressar os meus.

— Pois guarde os seus sentimentos ou lágrimas para as crianças órfãs que não tem o que comer e nem onde dormir. Guarde-as para as calamidades naturais, as guerras e desgraças que ocorrem pelo mundo. Pessoas que realmente sofrem e que têm por que chorar. Não aprecio seus teatros.

— Sendo que você é um belo actor.

— E você será a última pessoa no mundo a quem pretendo fingir compaixão.

Aquilo atingiu Valquíria amargamente, tanto que engoliu em seco e pestanejou. Ali estava o verdadeiro homem Glacial que pouco se mostrava, não só nas palavras, mas pela forma como os olhos brilhavam quando proferia tais palavras.

— Tenha uma boa noite. Qualquer coisa que precisar, peça na recepção. — Camilo se afastou para longe dela, calçou os sapatos italianos e em seguida abandonou o quarto sem se dignar a olhá-la duas vezes.

•••

Las Cruces estava com um ambiente perfeito demais para aquela noite de início de inverno. As pistas de dança estavam a abarrotar, as luzes fluorescentes passeavam pelos corpos agitados e a música *pop* tocava em alto e bom som. Os trabalhadores não paravam quietos sempre com coisas para fazer, e Camilo observava tudo do alto da sala VIP. Era gratificante ver como um negócio que todos tinham sido reticentes no início, havia dado tão certo. Era um lugar de renome, bem frequentado e diversificado. Uma banda nacional tinha tocado há poucos minutos sendo bastante aplaudida, tanto que o resto da noite parecia estar longe de terminar.

Ele estava cansado, não podia mentir que o estresse do casamento o tinha atingido há uns dias, mas ao mesmo tempo em que pensava na bela mulher que tinha deixado no hotel, também preferia acreditar que usava a aliança no dedo por causa do seu filho. Era um homem que honrava com suas palavras e aceitava todas as consequências, não era um casamento que iria deixá-lo sentir mal.

— Você também está aqui? — Leandro o apanhou de surpresa. Estava bêbado e trocava as palavras. Sempre tinha sido problemático e fora da caixa, não era novidade para ninguém.

— Como assim? — Camilo levantou o sobrolho e lhe tirou o copo com uísque da mão. Já o tinha visto encher a cara durante a festa e nem sabia como ainda estava em pé. Seu irmão nunca sabia a hora de parar.

— Que maneira estranha de comemorar um casamento! — Leandro tartamudeou e se apoiou no mural de metal a sentir o chão parecer lhe fugir dos pés.

— Vou chamar alguém para lhe levar para casa. — Tratou de dizer já pronto para se afastar. Não queria mais nenhum dos problemas que o irmão sempre trazia para deixar os pais preocupados.

— Nem consegue controlar sua mulher e é a mim que quer tentar? — Riu na cara dele e meneou a cabeça.

— O que você está falando? — Se impacientou.

— A Valquíria. — Soltou um soluço. — Vi ela lá em baixo dançando para um monte de homens.

— Isso é impossível! — Camilo exclamou, mas pela risada que Leandro deu, tratou de se afastar cheio de pressa e desceu os degraus em todo seu charme. Percebeu pela cara dos empregados que realmente algo se passava só pela forma como baixavam os olhos numa tentativa falha de esconder algo.

Quando se aproximou de uma multidão que urrava e assobiava entre aplausos, foi fácil reconhecer Valquíria em cima de uma mesa. Usava um vestido preto de cetim que parecia uma segunda pele, de alças finas e muito curto. Ela dançava e rebolava ao som da música, a mexer os cabelos de uma maneira provocadora e voluptuosa, sem contar com o sorriso que deixava para todos e para ninguém, completamente a exalar sensualidade exagerada.

Os olhos azuis frios se estreitaram a ver o cenário a sua frente e nem quando Val encontrou-o no meio daquela multidão, se dignou a parar de dançar. Sua mulher estava a ser idolatrada e talvez motivo de muito desejo naquele momento, causando um certo incómodo nele.

“ [...] Como deverei encarar essa inquietante situação

Quando claramente estou naufragando num dilema

Não adianta tentar descobrir o X da equação

Sendo que você é certamente o meu maior problema.”

Aquela Dança

Não era a primeira vez que a via dançar. Era uma boa dançarina e isso de alguma forma o tinha encantado na noite que esteve com ela. Não era surpresa nenhuma que se mexia para provocar, mostrando o quanto era dona de si e do seu próprio querer, tanto que os homens babavam e mesmo assim não se atreviam a aproximar. Era ela que se aproximava de quem queria, Camilo sabia disso como ninguém.

Sabia que aquele espectáculo perigoso era para ele, não só pelos olhos radiosos que riam da cara dele, em completo desafio e a lhe dizer mil e uma coisas, como por ter a certeza que aquela mulher faria de tudo para o contrariar. Até a última gota que pudesse transbordar.

Então estalou o pescoço que teria deixado um som alto, mas foi abafado pela música gritante, cruzou os braços e se aproximou da roda propositadamente afastando uma ou duas pessoas no processo. Valquíria não parou de abanar o quadril e exibir suas pernas maravilhosas enquanto o cabelo balançava a medida que rodopiava, esperando que Camilo tivesse alguma reacção.

Ele apenas ficou parado como todos os outros, a viu dançar e não sorriu ou deixou que o semblante mostrasse uma expressão aborrecida. Apenas continuou com tamanha neutralidade e de olhos postos nela. Ouvia os gritos de apreciação, as palavras nada razoáveis para um marido ouvir e os aplausos que inundaram quando a melodia provocante terminou, dando lugar a outra mais calma.

Valquíria fez uma vénia irónica a agradecer e desceu devagar da mesa até tocar os pés no chão enquanto a roda se dispersava até ficar apenas Camilo ainda parado. Se aproximou dele em toda sua confiança, sem baixar a cabeça.

— Acabou o seu espectáculo? — A voz baixa e calma lhe perguntou.

— Gostou?

Vaughan permaneceu sério, apenas se preparou para virar quando sentiu a mão dela pousar em seu ombro. Ele passou a mão pela barba e sua expressão desta vez não foi das melhores.

— Só para lembrar que se não tem nenhuma obrigação comigo, eu também não tenho nenhuma com você. Aquele discurso de meia tigela que me deu lá no quarto do hotel é válido para os dois. — Garantiu em toda sua astúcia, não tinha engolido aquilo direito, não que imaginasse que aquele homem fosse cair em seus braços de ânimo fácil, mas esperou que no mínimo fosse um pouco menos amargo.

Val sempre tinha sido uma mulher que sabia o que queria, Camilo podia se lembrar com bastante clareza na noite em que acabou em seus braços.

2 Meses Antes

— Quer dançar? — Perguntou prontamente quando se encontraram sozinhos. Eliete tinha puxado Monalisa para um grupo de seus colegas dos tempos da faculdade de turismo, deixando-os numa conversa entranhada como se não houvesse espaço para ninguém. — Eu amo essa música!

Sabor a Chocolate dos Taurino Brothers começou a tocar, ele não disse, mas era a sua preferida.

— Duvido que consiga me acompanhar. — Camilo respondeu e virou o copo de bebida com certa elegância. Havia serenidade em todos seus actos, incluindo no sorriso discreto e contornado pela barba que tentava emergir em seu rosto.

Valquíria o tinha monopolizado naquela noite como raramente acontecia. Como dono da boate nunca se demorava numa mesa de cliente, mas era estranho como aquela jovem parecia ter uma fórmula mágica que adivinhava tudo o que ele mais gostava. Tinham lido os mesmos livros, dissertaram sobre filmes únicos, apoiavam o mesmo clube de futebol e apreciavam o mesmo tipo de gastronomia. A tinha achado simplesmente fascinante.

Ela foi a primeira a descer do banco alto que ficava em frente ao bar. Sem retirar os olhos dos dele foi recuando sensualmente até a pista, movida por uma música da actualidade que era misturada pelas habilidades dos Dj's. Camilo não se fez de rogado até porque tinha um leque de talentos invejáveis, tanto que a seguiu até ao meio da pista e se aproximou se mexendo devagar e com muito charme. Havia uma perfeição na forma como balançava os ombros sem precisar se espalhar. Tudo nele era harmonioso de um jeito que chamava atenção.

— Viu só? — Valquíria se aproximou do corpo grande, mostrando que o saberia acompanhar em qualquer momento. Parecia ter treinado a vida toda só para aquilo, por isso não hesitou em puxar os braços dele para repousarem em sua cintura, deixando os dois mais próximos ainda enquanto dançavam sem desgrudar os olhares.

— Não é como se pudesse ver mais alguma coisa. — Garantiu a sentir-se hipnotizado, algo extremamente raro de acontecer. Não se lembrava da última vez que uma mulher o tinha fascinado tanto.

Foi ela quem se esticou para beijar seus lábios. Não havia timidez naquele acto, apenas certeza do que queria fazer, colando a boca carnuda junto aos lábios estreitos com certo vagar, antes de fechar os olhos e aprofundar num beijo que foi rápido o suficiente para o desconcertar.

— Valquíria… — Camilo se afastou com gentileza. Estava a perpetrar caminhos sinuosos e temia de algum jeito se estender naquilo, afinal o que teria para oferecê-la? Todos seus casos não duravam mais de uma noite. Era uma noite com todas desde que terminara o longo namoro com Felícia, não havia excepção. — Lamento, mas preciso ir.

— Tudo bem. — Ela concordou com aquele sorriso assente e no mesmo instante se afastou. Desvendou todas feições dele que estavam realmente tensas e percebeu que o tinha desestabilizado.

Vaughan se despediu em toda sua educação e se afastou da multidão em passadas agitadas. Seu corpo reclamou, assim como sua masculinidade que exigia mais contacto. Passou pelas portas do Stuff e entrou pelo corredor que o levava aos escritórios e subiu as escadas até ao seu gabinete.

Serviu um pouco de uísque e bebeu enquanto andava de um lado para o outro. Se sentia incomodado de um jeito que não saberia descrever, pois experimentava uma pequena chama crescente dentro do peito, o que sequer considerava possível. Porém, antes que pudesse continuar o seu fio de pensamento a porta se abriu e os olhos azuis gélidos encontraram Valquíria que tinha a respiração acelerada.

— Estou a fugir dos seus seguranças. — Contou a deixar uma gargalha e fechou a porta atrás de si. Engoliu em seco. — Não podia deixá-lo partir.

Camilo teve um sorriso ainda mais autêntico mesmo que não tivesse sido tão largo. Uma singela curva dos lábios.

— Senhor Vaughan! — Bateram na porta.

— Está tudo bem. — Camilo pousou o copo. Ninguém poderia dizer que não tinha tentado evitar, mas também não era nenhum santo e muito menos feito de ferro. — Podem ir! — Pela primeira vez levantou a voz para que os seguranças o pudessem escutar e retirou o casaco devagar, jogando-o em qualquer canto de um sofá.

Valquíria ficou parada no mesmo lugar, o vestido azul era colado até acima dos joelhos, mas tinhas as costas abertas. Foi ali que a mão dele pousou quando se aproximou e a puxou para mais perto do seu peito largo. Camilo a beijou desta vez cheio de ímpeto, apertando-a para que pudesse sentir sua erecção que começava a ganhar vida no meio de suas calças.

Ela sentiu a barba roçar seu rosto e a arrepiar por inteiro, mas prendeu a respiração quando percebeu que ele deslizava as mãos por seu corpo e se agachou lentamente até estar na altura de sua barriga, levantando o vestido sem receio nenhum. Era um homem que sabia o que queria, mostrando ainda o quanto eram iguais. Val afastou ligeiramente as pernas e fechou os olhos ao sentir as mãos grandes que acariciaram suas coxas antes de puxarem o tecido de sua calcinha para baixo.

O coração dela palpitou com força, no entanto nada foi igual quando sentiu os beijos que foram depositados em suas pernas lentamente, deixando a sensação dos lábios sensuais que se espalharam por suas coxas até se aproximarem de sua virilha. Val se contorceu e apertou as mãos nos ombros dele e aceitou sem medo nenhum quando Camilo sustentou uma de suas pernas para facilitar a proximidade da boca no meio de sua intimidade.

Ele percebeu o espanto dela pela forma como o corpo estremeceu. Os lábios encontraram seu centro e a barba acariciou suas laterais internas. Saboreá-la foi divino, era molhada e quente, com um sabor jamais experimentado. Camilo a chupou com brandura de quem degusta o melhor dos néctares, aprofundou a língua dentro dela e não reclamou quando a sentiu puxar seus cabelos com força enquanto gemia. Valquíria não sabia descrever a sensação da mistura entre a boca que fazia maravilhas no seu interior junto do ligeiro picar incrível que a barba a proporcionava, uma mistura que a desconcertou por inteiro e não demorou a arrancar um orgasmo poderoso.

Os olhos azuis ficaram claros, surpreso pela forma como a jovem arfava em completo desalinho. Se levantou e a carregou com facilidade até ao sofá e a deixou repousar enquanto a despia entre beijos no pescoço e a tocar toda extensão da pele escura. Ela tinha um corpo bonito, sem ser muito magra ou ter contornos avantajados.

— Espere. — Val pediu quando o viu colocar as mãos no primeiro botão da camisa, queria ter

o prazer de o ajudar naquilo, então se recompôs da fragilidade que a tinha abalizado e ficou de joelhos no sofá se inclinando para frente e começou a despi-lo sem tirar os olhos dos dele. Apreciou também a pele pálida e passeou os dedos pelas tatuagens bonitas, procurando algum significado nelas. Também arregalou os olhos verdes pela nudez dele, o membro fazia jus ao seu tamanho se mostrando tão desinibido e imponente como seu dono. A glande brilhava quando Val o tocou, sentiu cada textura da extensão grande e as veias que pulsavam em sua mão.

Camilo a beijou novamente, voltando a tocar o corpo com mestria e o sobrolho franziu quando introduziu o dedo dentro dela, percebendo o quanto era apertado mesmo estando molhada. Contudo, ao ouvi-la gemer com seus toques compassados, foi abduzido para um novo nível de excitação crescente e então se afastou para procurar um preservativo na sua carteira que estava no bolso de suas calças e a abriu, fazendo-a deslizar em seguida pelo membro.

Ligou o seu reprodutor de som, deixando a mesma música que tinham dançado há poucos minutos, entoar na voz melodiosa e contagiante.

— Está tudo bem? — Perguntou em seu tom que em toda sua frieza se transfigurava para ardente, pois tinha percebido reticências naquele rosto bonito.

Val não respondeu, apenas se recostou no sofá e abriu ligeiramente as pernas, convidando-o como tinha feito na primeira dança e mostrando que sempre só fazia o que queria. E era aquilo que o arrebatava.

Camilo subiu por cima dela, colocando as pernas ao redor de sua cintura e se posicionou na entrada calorosa. A beijou novamente com todo um ardor e acariciou seus seios enquanto tentava se introduzir. Seu membro lutava para entrar dentro dela, parecia que não iria caber, então ele forçou com gentileza e sentiu como aos poucos foi se abrindo e o apertando de um jeito que o fez gemer a meio do beijo.

Estava duro e o coração batia com força pelo desejo, mas quando tentou investir, percebeu que Valquíria apertou os olhos e não conseguiu reprimir um lamento de dor. Os olhos azuis se mostraram confusos ao descobrir a barreira que o impedia de continuar e tentou recuar, mas as pernas femininas se fecharam em torno de sua cintura.

— Eu aguento.

— Valquíria…

— Vamos. Não tiramos as roupas para nada.

Ele parou. Seu cabelo estava molhado pela transpiração, o rosto ruborizado e a respiração descompassada.

— Você não entende. — Tratou de dizer. — Não deve se entregar para um caso de uma noite apenas. Eu não tenho mais nada para a oferecer e não quero que…

Valquíria o beijou, daquela vez com uma paixão que lhe disse tantas coisas e o desconcertou. Balançou o quadril a procura de mais contacto e as chamas o dominaram por inteiro, fazendo com que deslizasse para frente e perfurasse o que o impedia de continuar. Ela mordeu seus lábios para não gritar ao sentir o membro que finalmente entrou por inteiro, mas suportou porque de certeza não queria estar em outro lugar.

“ [...] Você é linda sim, seu sorriso é um contraste.

Quero me perder em seus lábios doces,

Eles têm Sabor a Chocolate.”

Camilo retirou até metade e voltou a penetrar, absorto no prazer intenso que era estar dentro dela. Podia se sentir tão vivo e absorto num nível difícil de explicar, então voltou a investir em sua excitação abrasadora, desbravando todo o interior apertado. Beijou-a com deleite e voltou a passear as mãos pelo corpo quente, apenas para que ela relaxasse. Ele gemeu alto e deixou escapar um sorriso ao sentir as mordidas que Val lhe dava. Estavam completos naquela dança sensual, principalmente quando a sentiu relaxar e ficar ainda mais molhada, soltando suspiros prazenteiros.

Havia mais do que apenas sexo naquela sinuosa coreografia, pois estava claro que combinavam em tudo. Camilo entrava e saía com intensidade, parecia tentar sugar a alma dela que abrilhantava seu corpo. Também sabia que numa primeira vez seria difícil que ela atingisse um orgasmo, mas esperou e lhe deu o máximo de prazer até sentir que o seu estava no limite. Valquíria rebolava por baixo e a fricção era tão intensa que o fez gemer e sentir o próprio corpo entrar numa ebulição avassaladora. Ele transpirava quando atingiu o orgasmo e o peito subia e descia descontrolado.

Quando se retirou com cuidado, percebeu que a mulher se contorceu novamente por conta do desconforto natural, viu sangue que o manchava, mas não foi isso que o preocupou, e sim o preservativo que tinha estoirado. Camilo fechou os olhos devagar e a sentiu se encolher.

— Se acalme. Vamos conversar sobre isso. — Ele manteve um certo controle, mostrando que tinha plena ciência do que tinha acontecido. Travou o maxilar e passou a mão pela barba perfeita. Não a olhou duas vezes. — Vou ao banheiro.

Valquíria concordou com a cabeça e Camilo se levantou, andando nu em toda sua magnitude e entrou na porta em frente. Retirou a camisinha estoirada e a deitou fora, se encarou no espelho por alguns segundos e respirou fundo. Precisava conversar com ela, não se conheciam de todo, e ele não era um homem de compromissos. Desde o pior dia de sua vida nunca mais tinha criado vínculos sentimentais.

Abriu o chuveiro e entrou para se lavar com rapidez. Deu-se conta do quanto seu coração batia com força em seu peito e percebeu que não podia resumir aquilo por um caso de uma noite. Havia vida em Valquíria. Não podia negar que tinha interesse em conhecê-la mais um pouco, quem sabe levá-la para sair umas vezes?

Quando saiu do banheiro estava limpo e seco, mas ao entrar no seu gabinete percebeu que não estava mais ninguém lá.

— Você pode fazer o que quiser da sua vida, não me importo. — Camilo despertou de suas lembranças e seus olhos enregelaram. — Mas lembre-se que tem um filho meu que cresce dentro de

você. É com ele que me preocupo.

— Ora, gravidez não é doença! — Val exclamou e levantou a sobrancelha. — Foi você que me deixou na nossa noite de lua-de-mel.

— Não a quero dançando aqui na minha boate. Vou impedir que entre novamente. — Advertiu seriamente. — Se quiser se esbaldar, o faça longe das minhas vistas.

— O que os olhos vêem, o coração sente, pois não?

— *Não*. — Até foi sereno em sua resposta. — É só porque você e coração na mesma frase não combinam.

— Vai chegar o dia, Camilo, que você terá que engolir suas palavras. — Ela até desembrulhou um sorriso. — Mas enquanto isso, vou aproveitar que ainda posso dançar por aqui. Tire os seus olhos de mim e tudo ficará bem.

Valquíria levantou os braços e saiu de volta para a pista ao som de outra melodia bastante agitada. Era só aquilo que os diferenciava, a capacidade dela de ser alegre sozinha mesmo quando tudo se voltava contra ela, não desistia nunca e não se fechava.

Camilo a observou mais uma vez e estreitou os olhos frios. Seria sempre assim, imprevisível demais. Então apenas a encarou por breves segundos enquanto curtia na pista no meio da multidão, e deu meia volta no mesmo momento que a música que os dois tinham dançado pela primeira vez, começava a tocar.

" […] *Eu me encontro totalmente na perdição do seu embalo*

Só por isso, para me esconder por trás das máscaras eu me calo

E me resguardo para não revelar tamanha dor

Então renego Aquela Dança que me trouxe tanto amor.

Pesadelo

Leandro abriu um olho.

Não sabia onde estava e a luz do dia o feriu obrigando-o a voltar a apertar os orbes e se virar com uma dor de cabeça imensurável e os músculos tensos. Passou a mão pelos cabelos e piscou várias vezes.

— Como se sente? — A voz familiar perguntou e o fez virar a cabeça para ver Holanda parada diante dele. Sempre bem vestida, seu cheiro era maravilhoso assim como seu rosto muito bem maquilhado. — Encontrei-o deitado ao lado do seu carro, tentei falar com o Camilo, mas já não estava aqui, então pedi que os seguranças te trouxessem para o meu gabinete.

— Mas que porra! — Leandro bufou e tentou levantar, cambaleando no processo. Sentiu as mãos dela que o seguraram, mas ficou irritado e levantou os braços para que se soltasse. — Por que não ordenou que me levassem para casa?

— Você não estava em condições. — Holanda se afastou devagar. Sempre no seu salto alto e suas roupas que marcavam seu corpo cheio. — Quer um café?

Ele arqueou as sobrancelhas e deixou um riso escárnio inundar seus lábios. Olhou-a como sempre de cima abaixo e meneou a cabeça lentamente.

— Chame o motorista da família. — Ordenou e se sentou no sofá, ainda a sentir a cabeça latejar. Parecia se esforçar para respirar o mesmo ar que ela.

— Não sou sua empregada. Peça por favor.

— Mas é empregada do meu irmão.

Holanda quis se arrepender de o ter ajudado. Era uma mulher forte e muito decidida, mas como todos tinha seu ponto fraco. Tentou manter uma certa calma.

— Deveria parar de beber. Não é a primeira vez que passa dos limites. — Sugeriu com certa paciência. Jurava que se preocupava com aquele homem porque era irmão mais velho do seu chefe e melhor amigo.

— Quem você pensa que é para falar assim? — Levantou a voz. — Uma gorda, negra e que não sabe o seu lugar!

— Se está a tentar me ofender é mesmo em vão. Sou gorda e negra, e isso não me deixa chateada, porque ao contrário de você, eu tenho os pés assentes no chão. Não tento sempre chamar a atenção como um adolescente. — Respondeu de forma incisiva, ainda assim não deixou de sentir pela conotação negativa que Leandro tinha usado as palavras. — Agora saia daqui.

— É com muito gosto. — Ele afirmou e mesmo com dificuldade se levantou em toda sua masculinidade. Era um homem muito bonito, capaz de arrancar suspiros das variadas mulheres, mas por dentro não valia nada.

Holanda estava gelada quando Leandro saiu e deixou a porta aberta sem se importar. Se sentia tola por lá no fundo acreditar na possível mudança daquele homem, pois já o conhecia há anos e quanto mais o tempo passava apenas via sua deterioração. Nadir entrou logo a seguir, os dois trabalhavam aos finais de semana que era a altura que tudo funcionava ainda mais e tinham decidido obrigar Camilo a passar o domingo com a família.

— Não sei como você suporta esse idiota. — Ele reclamou parado na porta. Seu tom de pele era como canela, mas seu cabelo era liso e bastante escuro.

— Ele é irmão do Camilo. — Holanda se voltou para a sua mesa e fingiu procurar alguma coisa, embora soubesse que o colega não a deixaria em paz.

— Um Pesadelo para a própria família. Você é uma mulher bonita, inteligente e bem sucedida. Quantos homens caem aos seus pés? — Tratou de se posicionar.

— Se essa fórmula funcionasse desse jeito, acredite, não estaria sozinha até hoje. Homens para umas noites é o que não faltam, e eu sei que não preciso de ninguém para ser feliz. — Soltou um suspiro. — Mas quando você é a única que está sem um relacionamento sério e é sempre deixada de lado ou a última a chamar atenção, pode afectar por mais forte que você seja.

— Eu entendo o que é ser minoria. — Nadir frisou com certeza. — Mas não pode criticar o Camilo com a Valquíria, quando está há tempos reprimindo um sentimento por esse grosso.

— Pelo menos o Camilo olha para a Valquíria, não é? — Holanda se voltou para Nadir que a encarava com atenção. — Bem, vamos trabalhar rápido. Hoje pago o almoço!

— Isso! — Ele sorriu de verdade.

•••

Os Vaughan não tinham concordado com a festa de três dias, mas na casa da família Hayes já pela manhã estavam a montar mesas no jardim e as músicas tradicionais tocavam alto. Havia alegria e risadas por toda casa, as tias dançavam para homenagear e agradecer aos deuses africanos e as avós preparavam os búzios para prever o futuro da neta recém casada.

Eliete entrou no quarto da irmã sem bater, segurava um pedaço de bolo caseiro na mão e seu rosto bonito estava radiante. Seus cabelos estavam ondulados e vestia um macacão longo vermelho que marcava seu corpo alto e bonito. Encontrou Monalisa sentada na sua cama de tamanho médio com um jornal completamente aberto.

— As tias estão lá em baixo querendo saber qual de nós vai casar em seguida. — Sentou na cama e mordeu um pedaço do seu bolo. — O que foi?

— A Val. — Mona virou o jornal onde ela estava na primeira página numa fotografia bastante sensual em cima de uma mesa do *Las Cruces*. — Nem tem vinte e quatro horas de casamento.

UMA LUA-DE-MEL POR CIMA DA MESA.

— Essa Keating não perde uma. — Eli tratou de tirar o jornal das mãos da irmã do meio e negou com a cabeça. — Algo deve ter acontecido.

— É claro. O Camilo não estava de todo feliz e a Val não vai sossegar enquanto não for buscar o que quer.

— Você sabe, não é?

— Não! Juro que não sei. Nós três nunca tivemos segredos antes. — Monalisa se sentiu impaciente e procurou o celular em cima da cabeceira que estava ao lado da sua cama. — Vamos telefonar para ela de uma vez e saber o que aconteceu. Sei que não iria dançar assim se não tivesse um motivo.

— Não. — Eliete puxou o celular. — Não é certo ligar para noivos logo cedo. Se bem que são uns noivos nada convencionais.

Mona levantou da cama. Ainda estava apenas de toalha e começou a andar de um lado para o outro no chão alcatifado. Mordeu o canto do lábio e não escondeu a preocupação.

— Ela nunca nos levou ao hospital com ela, Eli. Tem algo errado nessa história. — Acabou por compartilhar o que a afligia. — Nos esconde algo.

— Eu vou descobrir sim? — Eliete se levantou e terminou o seu bolo. — Agora veste e vamos dançar um pouco já que a nossa irmã mais nova foi se divertir e nem nos chamou.

Monalisa riu alegre e viu a mais velha sair em todo seu estilo. Mesmo de sandálias rasas ainda conseguia ser bem alta. Logo que a outra fechou a porta deixando-a sozinha, ela saltou para a cama e levou o celular. Não ia aguentar quieta a saber que Val podia estar a viver algum Pesadelo.

Colocou para chamar e dobrou os dedinhos dos pés, impaciente. Deitou na cama e encarou o tecto pintado de um rosa claro.

— Alô? Val? — Sentiu a preocupação lhe encher o peito.

— *Alô?*

Mona quase saltou no lugar ao ouvir uma voz masculina e intensa responder do outro lado. Pensou várias coisas e arregalou os olhos.

— Desculpe. Posso falar com a Valquíria?

— *Quem? Acho que se enganou, não conheço nenhuma Valquíria.*

— Ahhh… — Ela ficou sem saber o que dizer, principalmente pela forma como o outro falava de um jeito tão rouco talvez por ainda ser cedo de domingo. — Desculpa. Linhas cruzadas.

— *Tudo bem.*

Monalisa ficou mais uma vez sem saber o que dizer e apenas escutou o som animado que vinha lá de baixo, assim como a respiração do homem do outro lado da linha. Sentiu suas bochechas arderem e então desligou a chamada com toda sua vergonha.

•••

Valquíria chegou ao quarto de hotel primeiro que o marido, mas não escondeu admiração quando o viu chegar uns minutos depois, tomar um banho demorado e se deitar ao seu lado na cama. Esperava que Camilo usasse a velha deixa de dormir no sofá, mas como sempre era imprevisível demais.

Podia sentir o corpo grande que dormia sereno do seu lado, apenas de cueca preta e peito descoberto, não parecia ter aqueles olhos tão vazios. O cabelo meio bagunçado e a barba que

emoldurava seu rosto, fazia com que Valquíria apenas olhasse para ele durante a madrugada restante até o dia começar a surgir.

Camilo se remexeu um pouco incomodado. Virou a cabeça para o lado e depois murmurou alguma coisa imperceptível. Dormiu mais uns minutos e voltou a ficar agitado, de rosto ruborizado e amarrou o sobrolho.

— Ei! — Val o tocou no rosto. Percebeu que o marido estava a ter um pesadelo, pois o rosto ficou torcido e perdeu toda quietude habitual, abanava a cabeça e murmurava palavras e frases que ela não conseguia identificar. — Camilo.

Valquíria tentou segurar os braços dele e depois voltou a subir para o rosto, mas sentiu a mão forte dele a impedir num gesto rápido e frio, e em seguida os olhos azuis se abriram e a fixaram atentamente. Camilo tinha pequenas gotas de suor na testa e a respiração acelerada enquanto segurava ainda o braço dela.

Se demorou a analisar aqueles magníficos olhos verdes.

— Você estava a ter um pesadelo. — Justificou e soltou o braço, mas sem deixar o contacto visual se quebrar. Os olhos fogosos tentaram ver por trás dos olhos de gelo, mas tudo o que encontrou foi uma vaga inquietação.

Camilo a soltou e afastou-a de perto de si, tirou o cobertor de cima do seu corpo e se sentou na borda da cama a estalar o pescoço. Não tocava naquele assunto há muito tempo e não seria com ela.

— Arrume suas coisas, vamos para casa. — Disse e se levantou ainda a sentir o coração que batia em seu peito. — Bom dia. — Também era educado.

— Bom dia. — Valquíria abriu a boca, mas já ele seguia em direcção ao banheiro. O quis seguir de propósito, mas ouviu seu celular tocar e o procurou dentro da sua bolsa que estava num pequeno banco ao lado. — Alô?

— *Val*. — Monalisa respirou fundo. — *Seu nome está no jornal*.

— Está tudo bem. — Não quis entrar em detalhes.

— *Por que não nos chamou? Somos suas irmãs.*

— Ah, Mona. Certas coisas preciso de fazer sozinha. — Respondeu e ouviu o barulho do chuveiro novamente. E era de todo verdade, aquela tinha sido sua escolha pessoal. — Preciso ir.

— *Val, amanhã eu posso ir mais tarde a biblioteca para poder ir ao hospital com você? Eu e a Eli queríamos...*

— Não precisa. — Negou mais uma vez e se apressou a desligar. — Até logo.

Voltou a guardar o celular, saiu da cama e despiu o vestido de dormir. Entrou no banheiro de luxo coberto de mármore e cheio de espelhos. Camilo estava na box de costas com a água quente a molhar seu corpo e as duas mãos apoiadas nos azulejos. Val prendeu a respiração e entrou sem pensar duas vezes, agarrando-o por trás, de surpresa. Sentiu os músculos dele ficarem tensos e apoiou sua cabeça nas costas largas. A água do chuveiro molhou seu corpo escuro e nu.

— Você poderia ser meu maior sonho… Mas se transformou no meu maior pesadelo. Até quando vai insistir?

— Quando o fogo te consumir.

Camilo se virou e se afastou do corpo dela, mantendo os olhos azuis firmes. Val além de teimosa parecia que tinha o único objectivo de o ver perder a cabeça sem nunca desistir. Talvez fosse isso que o intrigasse, o facto de realmente ser um alvo dela.

— Termine seu banho. Precisamos conversar. — Declarou com a voz meio baixa e saiu dali sem fazer nenhum esforço. Parecia controlado demais para perder a cabeça facilmente e por isso a deixou sem pensar duas vezes.

Val terminou de tomar seu banho e voltou ao quarto para colocar uma roupa. Viu o marido sentado na varanda na mesa do café da manhã, de óculos escuros, em frente a piscina. Não pensava que seria uma estadia tão curta no hotel, mas não se atreveu a contestar. Depois que terminou de se esmerar deixando o rosto muito mais expressivo e mostrando seu gosto no bem vestir, andou até se sentar diante dele e só então percebeu o quanto estava esfomeada. Tinha comido pouco no casamento e ainda saiu para dançar.

— Uma noite divertida, não? Melhor lua-de-mel de sempre. — Val fez piada e começou a servir um leite quente no seu copo. Precisava se alimentar direito.

— Não temos idade para brincar de gato e rato, Valquíria. — Camilo apoiou as mãos no queixo e os cotovelos em cima da mesa. — Estou habituado a ter paz e nada irá me desestabilizar. O casamento já aconteceu, então não necessita de mais nenhum espectáculo. É livre de fazer o que quiser, só não quero ser atormentado de todo. Entendeu?

— É cada um no seu espaço o que você quer?

— Olhe, eu já não me importo com a sua chantagem para casar ou o que falou da minha família. Isso é tudo passado, incluindo a sua performance passada na boate. Vamos esquecer. — Camilo disse de maneira indiferente. — Vamos apenas nos focar nessa criança enquanto cada um vive a sua vida em paz.

Valquíria largou o pedaço de bolacha com geleia e deixou uma risada.

— Sabe por que nunca ninguém presta devida atenção? Porque você não reage, é sempre essa bola de neve parada no mesmo lugar incapaz de causar uma avalanche. Mas eu sei o que acontece quando você realmente desperta, Camilo. Quando larga essas águas brandas e vira um oceano bravio.

— Está ficando maluca?

— Eu insultei sua família e você não reagiu. Eu fiquei grávida, exigi um casamento e você simplesmente concordou. Eu sim poderia ter sido seu maior sonho, mas escolhi ser seu pesadelo. Não era com o Camilo disfarçado que eu queria estar, porque se você tem medo da sua verdadeira essência, eu não tenho. — O desafiou prontamente. — Vamos, se enerve, exploda! Mostre o que tanto esconde.

— É impossível conversar com você, Valquíria. — Camilo se levantou em toda sua elegância. — Com licença.

[...] Nos teus braços balancei

Ao teu lado senti paz

Só para ti me entreguei

E não me entrego a ninguém mais.

Lembranças

18 Anos Antes

Camilo estava radiante porque finalmente era o último dia de aulas. O motorista estacionou o carro em frente a mansão da sua casa e ele saltou em toda sua estatura para fora da limusina que tanto detestava. Uma parte de si queria ser livre como o irmão mais velho que pegava ônibus e fumava marijuana na areia da praia onde dormia com os amigos e só voltava para casa três dias depois, mas a outra parte não queria magoar sua mãe, Viviane já tinha muitos problemas com Leandro, e ele não queria ser mais um.

Então fazia de tudo para não deixá-la ainda mais nervosa, entrava e saía às horas e sempre acompanhado pelo motorista. Ia a trabalhos em grupo, estudava na biblioteca particular e evitava beber demais quando ousava sair para se divertir com os poucos amigos que tinha. Era o mais novo e o mais responsável como diria Anthony, seu pai.

Passou pelo jardim com a mochila no ombro e empurrou a porta principal. Estava ansioso por atirar os livros para qualquer canto e finalmente poder desfrutar da viagem de família que fariam juntos para Paris.

— Menino Camilo? — Aurora ainda era uma vigorosa mulher, sempre atarefada de um lado para o outro, no entanto pareceu surpresa por vê-lo ali.

— Como está? — Ele lhe deu um beijo no rosto que ainda tinha uma barba rala e deixou um sorriso que tocou nos olhos azuis brilhantes.

— O... O que está fazendo aqui? — Aurora perguntou de olhos muito abertos, sem conseguir esconder a expressão curiosa em seu rosto.

— Como assim? Eu vivo aqui. — Ele brincou em resposta e lamentou que a empregada estivesse ficando velha.

— É que... Os senhores Vaughan e o menino Leandro, foram ao aeroporto faz umas horas... Pensei que fosse com eles. — Ela não podia esconder o espanto, principalmente quando viu o sorriso no rosto do jovem à sua frente, morrer com toda facilidade.

— Não pode ser. — Negou e procurou seu celular dentro da mochila preta com estampa branca de Star Wars. Olhou para o visor e não encontrou nenhuma mensagem ou chamada perdida. — Minha mãe deixou algum recado?

— Não...

Camilo se afastou de cenho franzido e subiu os degraus de vidro dois a dois até entrar no seu quarto a procura de algum bilhete que pudessem ter deixado, sem sucesso. Sorriu por breves segundos ao pensar que era véspera de seu aniversário de dezoito anos, era certo que estavam a

preparar alguma surpresa e que o queriam deixar agoniado. Era impossível que tivessem viajado e o deixado para trás, então tudo o que fez foi aguardar.

No dia do seu aniversário, tinham passado quatro dias desde que os pais tinham saído sem deixar notícias. Camilo se arrumou e ficou impaciente a cada minuto, circulando pela mansão em busca de algum sinal, mas quase todos os empregados tinham saído de férias. Estava sozinho só a ouvir Aurora que nunca parava de trabalhar.

Voltou para o quarto no mesmo instante que o seu celular vibrou. Um sorriso escapou de seus lábios ao ver o nome de Viviane na tela.

— Mãe?

— Camilo meu filho. Desculpe termos saído assim, tivemos que viajar as pressas. Estamos internando seu irmão numa clínica de reabilitação. Leandro como sempre está… — Viviane carpiu do outro lado da linha. Estava desolada. — Não sei o que fazer para o colocar na linha. Seria bem mais fácil se fosse como você.

— Eu entendo. Não se preocupe, mãe. — Respondeu e não sentiu quando apertou o celular entre seus dedos longos. — Eu fico bem.

— Eu sei, meu filho. Voltaremos em breve. — Ela fungou. — Tenho a cabeça prestes a explodir e seu pai… Tem sido um bom homem.

— Sim. Melhoras para o Leandro.

— Eu vou mandar meu amor. Em breve estaremos em casa.

Quando a chamada concluiu, Camilo ficou alguns segundos em silêncio sem conseguir enquadrar aquela notícia e engoliu em seco enquanto encarava seu próprio reflexo no espelho. Decidiu que iria festejar sozinho e ainda a tentar conter os nervos dentro de si, saiu em passos rápidos para fora do quarto e desceu as escadas com certa rapidez, mas se desequilibrou e caiu quase nos últimos degraus.

Aurora veio a correr e levantou as mãos para o alto em aflição. Detestava aquelas escadarias de vidro, ainda mais quando o viu se levantar com um grande corte na bochecha.

— Meu Deus. — Se aproximou em total descrença. — Está tudo bem?

— Sim. Foi só um corte. — Camilo passou a mão e viu o filete de sangue.

— Vai ficar uma Cicatriz. Precisa levar pontos. — Aurora entrou em desespero.

— Nada que uma barba não esconda. — Tentou fazer graça para disfarçar o mau estar que sentia por ter caído de cara. Voltou a caminhar em direcção à porta.

— Aonde você vai, menino Camilo? Precisa ir a um hospital. — Ela tentou perseguir, mas já não tinha tanta agilidade como os jovens.

Apenas lamentou de vê-lo desaparecer porta a fora. Ainda mais porque depois que o viu voltar, ele nunca mais teve o brilho nos olhos.

•••

Camilo coçou ligeiramente a barba no lugar onde sabia se esconder alguma marca antiga, mas

continuou sentado no sofá e cruzou uma perna em toda sua elegância natural. Tinha crescido duas vezes mais do que quando tinha dezoito anos, mas ver Leandro que dormia de pernas esticadas num divã perto da janela da sala lhe lembrava que havia coisas que não mudavam.

— UMA LUA-DE-MEL POR CIMA DA MESA. — Cecile leu o jornal em voz alta só para provocar e baixou um pouco até os olhos ficarem visíveis apenas para olhar para Valquíria que estava sentada a sua frente.

— Por baixo da mesa é que não pode nunca. — A mulher do irmão respondeu em todo seu descaso e bebeu o suco que tinha sido servido na sala de chá onde a sogra fazia questão que todos se reunissem quase sempre.

Anthony riu alto e retirou o jornal das mãos da filha mais nova, mas Viviane deixou um sorriso envergonhado e pousou as mãos no colo, retirando-as em seguida sem saber o que falar.

— Eu sei que vimos tudo o que o médico tinha sobre o bebé antes… — A sogra começou por dizer e se mostrou desconfortável. — Mas gostaríamos de estar mais próximos na sua gestação. Acompanhar tudo.

— É claro. Eu trago todos os relatórios médicos. — Val respondeu em todo descaso e voltou a olhar para o marido que se encontrava com os olhos num pensamento distante.

— Quem sabe podíamos ir ao hospital juntas e depois sairmos para comprar o enxoval? — Viviane se esforçava para não demonstrar algum desgosto que tinha ficado lá dentro enterrado. Queria poder acreditar que o seu neto traria a felicidade necessária.

— Eu trabalho. — A nora cortou com um sorriso singelo. — Preciso leccionar os meus alunos.

— E eles também lêem jornal? — Cecile não deixou de atirar aquela pergunta cheia de uma ironia nada disfarçada, depois voltou a puxar o jornal do pai para mostrar a imagem da cunhada em tamanho grande a dançar em cima da mesa.

— Se não soubessem ler não seriam meus alunos. — Havia uma forma distinta de Valquíria provocar de um jeito que deixava espaço para dúvidas se falava sem malícia ou não.

Viviane balançou a cabeça e serviu café para o marido, tentou puxar outra conversa qualquer, mas percebeu como Val parecia desconfortável com algum enjoo pela careta que fazia.

— Com licença. — Pediu e saiu da sala em passos apressados a sentir um frio em seu corpo quando a indisposição a atingiu com força. Correu para o primeiro banheiro que encontrou e deixou todo o café da manhã sair.

Seu estômago estava embrulhado, principalmente naquelas primeiras horas do dia. Levantou, lavou a boca e o rosto, mas uma mão lhe estendeu uma toalha branca e foi surpreendida ao ver Camilo ali parado com o mesmo ar soturno.

— Vou com você ao hospital amanhã. — Advertiu no seu tom de voz monocórdico, mas cheio de uma sensualidade arrebatadora.

— Não precisa. — Negou a limpar-se e tentou passar por ele, mas foi em vão. Era grande e com um corpo forte que tão bem conhecia.

— Não lhe fiz nenhuma pergunta. — Afirmou baixo.

Valquíria prendeu o lábio inferior entre os dentes e se voltou para o encarar com atenção, fazendo Camilo girar a cabeça para o lado e estalar o pescoço no movimento usual.

— Do que adianta ir comigo se na verdade só estará lá fisicamente?

— Não poderia estar lá de outra forma que não essa. — Ele soube ironizar. Era bonita a forma como mexia os lábios e a voz poderosa que surgia.

— Em modo automático? — Val revirou os olhos propositadamente. — Não quero um robô ao meu lado.

Camilo estreitou os olhos devagar.

— A sua família te negligencia de uma forma que se você estivesse pegando fogo, mas qualquer um de seus irmãos ralasse os joelhos, você acabaria em cinzas. — Ela aumentou com toda certeza do mundo. — Quando quiser ir comigo para o hospital quero que seja com muito desejo e não porque a ética manda.

— Okay, Valquíria. Como quiser. — Redarguiu de forma frívola e se preparou para sair dali, mas ouviu quando a sua recente mulher levantou a voz.

— CHEGA! — Gritou. — Chega de concordar com tudo! Chega, Camilo! Qualquer dia vão deixar merda em sua cabeça e você só…

Ela não viu a rapidez que a mão dele segurou seu braço, mas sentiu a força do aperto ao qual foi acometida. Ergueu os olhos verdes em surpresa e encontrou um segundo de fúria nos olhos Glaciais. Camilo tinha apertado os lábios e uma veia surgiu em sua testa enquanto o punho se acercava do pequeno braço de pele escura.

— O. Que. Você. Quer. Valquíria? — Rosnou entre dentes fechando os dedos cada vez mais, falava entre pausas demoradas.

— Aí está você… — Os olhos verdes brilharam com intensidade.

Camilo a soltou no mesmo segundo, respirava fundo e levantou as duas mãos na altura do seu peito. Meneou a cabeça.

— Eu… Eu não queria machucar você… Me desculpe. — Pediu e deu dois passos para trás. — Só quero que tenhamos uma convivência no limite do saudável. Por que fica me provocando?

Valquíria passou a mão onde o braço tinha sido apertado e afagou ao de leve. Apertou os dentes e tentou manter a postura firme de sempre.

— Me deixe passar. — Ordenou quando tentou sair dali, mas o corpo grande a impedia. — Eu disse para me deixar passar.

— Valquíria…

Ela se esbarrou contra o ombro dele, não que tivesse a força necessária, mas Camilo se afastou de livre e espontânea vontade deixando-a seguir, no entanto Val parou na porta de costas.

— Vou bagunçar seu mundo. — Advertiu num tom provocador.

— Faça o que quiser.

Ouviu a risadinha que ela deu e saiu em seguida do banheiro a tempo de vê-la subir às escadas

cheia de pressa. Não tinha intenção de a seguir, mas foi surpreendido por um estrondo vindo lá de cima de seu quarto e então foi atrás.

Quando chegou no primeiro andar, rumou para onde dormia e encontrou a porta aberta que lhe deu uma visão plena de Val a destruir sua colecção de livros, artefactos e *HQs*. Atirava tudo ao chão sem piscar uma vez.

— O que está fazendo? — Perguntou parado na porta de cenho franzido e um quanto escandalizado. — Está se comportando como uma criança!

— Coisa que você nunca foi capaz de fazer. Está vendo, Camilo? É bom jogar coisas no chão, fazer pirraça e gritar em plenos pulmões. — Respondeu cheia de uma graça e olhos vibrantes que não só lhe deixavam mais perigosa como bonita.

Quando terminou ficou parada a ofegar e fixou nele a espera de ver alguma reacção.

— Valquíria, você não vai me enlouquecer. *Não vai*. — Camilo falou com a voz serena, após ver todo seu quarto de pernas para o ar.

30 Anos Atrás

Camilo tinha seis anos e seus cabelos estavam bem arrumados. Sorria com os dentes grandes ainda em formação e terminou de pintar na sua folha de papel. Leandro por sua vez saltava por cima dos sofás novos que a mãe tinha comprado e atirava todas as almofadas para o chão, abrindo-as e a espalhar o algodão por todos os lados.

— Terminou o seu trabalho de casa? — Viviane apareceu por trás. Era uma mulher muito bonita e sempre bem vestida. Tinha estado a preparar o jantar e voltou para a sala de estar um pouco apressada.

— Sim mamãe, eu até fiz um desenho para vo…

— Leandro pelo amor de Deus, desça já daí! — Ela abriu a boca e ficou furiosa quando viu o filho mais velho parar para pegar um vaso e o atirou ao chão.

— Olha, mamãe… — Camilo levantou o desenho em suas mãos pequenas e pálidas.

— Camilo, meu amor, vá guardar seu material, sim? Já, já servimos o jantar. — Viviane o cortou e apertou os punhos quando viu Leandro subir novamente para cima dos sofás. — LEANDRO, DESÇA JÁ DAÍ!

Gritou a caminhar na direcção dele com fúria, mas levou a mão ao peito quando o viu se desequilibrar e cair, mordendo o lábio na queda que começou a sangrar enquanto chorava.

— Oh, meu Deus. — Viviane se agachou para segurá-lo em seu colo e abraça-lo num conforto.

“ […] *E de todas as Lembranças de dor*

É a tua que mais me intriga

Como conspirar contra o amor

Se te odiar é uma completa mentira?”

Solidão

Eliete desligou a chamada e se recostou na cadeira do seu escritório. Fazia um mês que sua irmã mais nova mal dava notícias ou se deixava enrolar numa conversa duradoura. Era estranho não saber o que estava a acontecer na vida dela desde que se tinha casado. Tinha prometido a Mona que cuidaria daquele assunto e tudo o que sabia até agora era que Val continuava a ir dar aulas todos os dias e afirmava estar tudo bem. Nada mais.

Passou a mão pelos cabelos ondulados e olhou para o relógio na parede que indicava que tinha chegado ao final do expediente. Seus trabalhadores já se tinham vindo despedir, tinha sido um dia de muito trabalho e estava louca para chegar em casa tomar um banho e fazer uma maratona de suas séries favoritas, o problema estava nas coisas que a mãe continuava a acumular por todos os lados e que a cada dia lhes conferia menos espaço. Eli já tinha pensado em sair de casa, dar entrada num apartamento. Inclusive seu próprio pai estava disposto a ajudar no que fosse, mas quando Monalisa começava a dramatizar que não queria ficar sozinha, pior agora sem a Valquíria, então acabava por ceder.

Desligou seu computador e o ar condicionado, arrumou suas coisas e apagou a luz da sua sala bem decorada em tons vibrantes e com uma parede cheia de bandeiras de vários países do mundo. Saiu em direcção a recepção e trancou algumas portas antes de se dirigir a saída, mas quando abriu a porta de vidro deu de cara com um homem que acabava de chegar.

— Estamos fechados! — Ela deixou o sorriso esplêndido que afinavam ainda mais os seus olhos, escapar.

— Não acredito. — Era um homem alto e magro com um corpo trabalhado sem cair no exagero. Tinha a pele num tom dourado, cabelos castanhos-escuros e a barba no rosto era curta e bonita que lhe cobria o maxilar de um jeito provocante. — Nem posso acreditar que não cheguei a tempo.

— Sinto muito, mas está tudo desligado. — Eli pediu quase sem graça, olhando para trás a pensar se deveria voltar apenas para atendê-lo.

— Nem pense nisso. — O homem tratou de retrucar com certa elegância. Usava roupas bonitas, nada formais. Uma blusa branca que se esticava no seu peitoral largo, de mangas curtas a mostrar os braços fortes e umas calças jeans. — Prazer, Sanjit.

— Eliete. — Respondeu e esticou a mão para apertar. — Tem a certeza que não é importante?

— Eu volto amanhã. Estarão abertos, não? — Indagou com os olhos castanhos certeiros. — Eu também trabalho e detesto que clientes cheguem quando estou de saída.

Hayes sorriu e acabou por apagar a última luz e fechar a porta trancando no processo.

— Sim. Logo às sete da manhã.

— Ótimo. Só preciso viajar daqui a três dias, mesmo que isso signifique jantar sozinho por

mais um tempo. ─ Acabou por comentar e depois passou a mão pela cabeça. ─ Que indiscrição a minha, deve estar cheia de pressa.

─ Eu compreendo, se bem que para mim comer é imprescindível mesmo que não tenha companhia. ─ Afirmou colocando as chaves dentro da bolsa.

Sanjit sorriu com veracidade ao escutar as palavras dela.

─ Aceitaria me acompanhar então?

Eliete piscou.

─ Desculpa a minha ousadia, mas é a primeira pessoa com quem troco mais de três palavras sem que sejam meus trabalhadores. A solidão desgraça os miolos. ─ Tratou de se justificar, e tinha uma voz plena.

─ Não sei se é uma boa ideia…

─ Olhe. Eu vi um restaurante no final da rua, podemos ir caminhando e não precisa se preocupar com nada. Assim me fala um pouco mais sobre os itinerários da viagem que farei. ─ Insistiu. ─ Mas se não se sentir confortável eu compreendo. Acredite que também não sei de onde vem a coragem para lhe fazer esse convite.

Eli ponderou e olhou para o relógio de pulso. Que opções tinha naquela noite? Mona saía tarde da biblioteca e provavelmente seus pais estariam no modo aborrecido de sempre.

─ Tudo bem. ─ Concordou quando seu estômago roncou alto. Disfarçou a vergonha. ─ Eu disse que adoro comer.

─ Sempre temos algo em comum. ─ Sanjit garantiu e começou a caminhar ao lado dela pelo passeio movimentado apinhado de pessoas e lojas com vitrinas cheias de luzes.

─ Então… De onde você é mesmo?

─ Da Índia.

─ Interessante...

•••

Camilo estava com um frio espalhado pelo corpo, mas se mantinha firme e sentado na cadeira de seu escritório. Muito tinha evitado Valquíria no último mês, sempre optava por sair cedo e voltar tarde apenas para dormir sem ter que se preocupar com as reacções exageradas da parte dela. Para o seu espanto total, ela fazia o mesmo, dormia ao seu lado e não o incomodava muito. Na verdade a tinha achado muito cansada e acreditou ser da gravidez que já tinha dado sinais de crescimento.

A parte boa é que Leandro estivera mais na linha, cuidava da empresa com afinco e bebia menos, o que deixava seus pais mais relaxados. Embora todos soubessem dos picos de humor que alternavam e que aquela fase de bonança certamente se seguiria por outra de tempestade. A única coisa com a qual tinham de lidar era com Cecile que tinha jurado fazer da vida da cunhada um inferno e sempre aprontava alguma boa para alavancar os ânimos na casa.

Nadir bateu na porta com o seu jeito fechado de ser, era um rapaz de poucas palavras quando queria e isso só parecia ter piorado desde o casamento. Entrou em seguida e parou na frente dele.

— Está se sentindo bem? — Perguntou, desconfiado.

— Um pouco de dor de cabeça. — Camilo tossicou.

— É melhor ir para casa.

— Alguma novidade? — Questionou a levantar os olhos frios e pousou os braços emoldurados em cima da mesa.

— Eu não me sinto bem fazendo isso. — Nadir parecia em conflito. — Mas acredito que seja por um bem maior.

— Apenas preciso saber com o que estou a lidar. Valquíria é um poço de águas vivas que não se tem a dimensão de sua profundidade. Percebi que ela tem um propósito maior do que eu imaginava. — Fez uma pausa para coçar as têmporas e respirou fundo. — Está claro que não quer dinheiro ou a boa vida que temos. Sequer trocou o sobrenome pelo meu, não usa nossos carros ou aparece mais na mídia. Começo a ter algum receio.

— De tê-la julgado mal?

— Por que quereria se casar comigo então? Apenas para me irritar? Nem isso está fazendo mais. — Bufou e um tremor cobriu seu corpo másculo. Se recompôs. — Ela me conhece muito bem e eu não sei nada dela.

— Já tentou se aproximar? — Nadir perguntou e em seguida balançou a cabeça. — Nem acredito que disse isso.

Camilo deixou aquele sorriso curto e rápido morrer tão facilmente como nasceu em seu rosto ruborizado. Folgou a gravata que parecia querer sufocá-lo.

— E o seu primo? — Questionou com a voz sempre contida.

— Ele se aproximou da irmã dela. — Nadir voltou a se sentir péssimo. — Sanjit é muito bom a tirar informações, sempre ganhou com isso. Nunca apoiei no que faz, mas me garantiu que será tudo estritamente profissional.

— Ótimo. — Camilo não deixou transparecer nenhuma culpa. — Tudo o que puder saber sobre Valquíria será de meu maior interesse. Ele que pesquise tudo, desde quando ela perdeu o primeiro dente até o dia que apareceu na minha boate.

— Está certo. — Afirmou. — Mas acho que deveria ir para casa. Não está passando nada bem.

Vaughan queria discordar, no entanto concordou com Nadir e apenas se levantou sentindo uma tontura estranha. Tinha apanhado chuva naquela manhã quando saiu de madrugada para correr, mas não acreditava ter sido o suficiente para deixá-lo assim.

— Até amanhã. — Despediu depois de fechar seus documentos e colocar seus pertences no bolso. Deu uma palmada no ombro do colaborador e saiu a marchar para fora dali, passando pelos corredores agitados pelos trabalhadores até chegar ao estacionamento privativo onde estava sua moto.

Não acreditou que fosse ter o equilíbrio necessário para andar nela, então procurou as chaves do carro que sempre ficava ali e tratou de dirigir devagar até em casa. Sentia as mãos suadas e o trânsito distante, mas por sorte tinha feito o percurso sem nenhum percalço e quando chegou

encontrou todos na mesa de jantar, incluindo Valquíria que o olhou atentamente com os belíssimos olhos verdes que sempre lhe causavam a sensação de conhecimento.

— Boa noite. — Largou o molho de chaves em cima de uma consola. Beijou a mãe no rosto, afagou os cabelos da irmã e apertou a mão do pai.

— Está tudo bem? — Viviane estranhou.

— Um pouco de dor de cabeça. Vou tomar um remédio e dormir. — Disse sem deixar transparecer nada mais.

— Tem trabalhado muito. É melhor descansar. — Anthony bebia sua taça de vinho e tinha o prato quase vazio.

— Isso meu filho. Se precisar qualquer coisa é só falar. — A mãe murmurou com todo um carinho.

— Ela é que está deixando o Cami doente. — Cecile não perdeu uma e apontou com o garfo para a cunhada. Viviane baixou a mão dela e a repreendeu.

— Pelo menos causo alguma emoção nele… Não poderia dizer o mesmo de…

— Vou para o quarto! — Camilo a cortou facilmente e então se afastou para longe da mesa de jantar, subindo os degraus e desaparecendo lá em cima.

— Não acham que deveríamos obrigá-lo a ir ao hospital? — Valquíria estava com o sobrolho unido. Lembrava que Palmira, sua mãe, podia ter todos os problemas da acumulação, mas não sossegava enquanto uma delas estivesse se sentindo mal.

— O Camilo? — Viviane chegou a rir. — O meu filho é uma bênção de Deus, sempre foi autónomo e sempre soube se cuidar. Acredite que não poderia ter mais orgulho, é um homem feito e nunca deu trabalho nenhum.

— Não é coisa que possa dizer dos outros dois. — A nora nem pensou duas vezes antes de falar e sentiu o silêncio que se instalou na mesa, mas Anthony riu.

— Devo concordar. — O senhor disse divertido. — Acredite que se precisar ir ao hospital não irá incomodar ninguém por isso. Já o Leandro…

— Mas vocês não se incomodam? — Indagou e viu Aurora que entrou para recolher os pratos. — Sei que já é um adulto, mas filhos são filhos.

— Ele nunca nos deu motivos para preocupação, Valquíria. É um homem maravilhoso e meu coração está sempre em paz. — Viviane não parecia em nenhum momento aturdida, na verdade havia brilho em seus olhos e mel em suas palavras ao falar do filho do meio.

— Foi uma pena ter se casado com você. — Cecile detonou mais uma vez.

— Talvez se não tivesse uma irmã tão mimada, isso nem fosse necessário. — Valquíria limpou a boca e dobrou o guardanapo, ignorando os olhares escandalizados. Levantou-se. — Com licença.

Saiu dali de cenho franzido e a andar menos rápido do que pretendia. Estava cada vez mais cansada e a barriga só agora tinha começado a dar sinais de querer florir. Perseguiu Aurora até a cozinha e a chamou.

— Sim? Em que lhe posso ajudar? — A governanta perguntou em toda sua amabilidade possível.

— Não me parece que o Camilo esteja muito bem. — Observou.

— Ele foi descansar.

Val se impacientou.

— Você também? Não pode ser! — Exclamou. — Eu entendo que ele seja um adulto agora, mas a senhora esteve aqui desde sempre. Devia ser como uma segunda mãe para ele.

— Não me julgue. O menino Camilo sempre foi fechado e nunca deu espaço para que pudesse entrar. Sou apenas uma empregada aqui.

— Mas deve ter visto muita coisa. Nunca lhe ocorreu falar com os pais dele?

Aurora soltou um suspiro.

— Não os critique. Nunca foi algo opcional da parte dos senhores Vaughan, eles amam o filho e na maioria das vezes erram de forma inconsciente, apenas por acreditar que os outros necessitam de mais atenção porque dão mais trabalho. Muitos pais não sabem como chegar aos filhos, é mais comum do que parece, e a senhora Viviane acredita que o menino Camilo é muito responsável para conseguir lidar com tudo.

— Eu sou professora e sei muito bem disso, mas algo se passou e ninguém percebeu!

Aurora arregalou os olhos.

— Então sabe o que foi? Sempre quis saber e nunca… Por favor me diga!

Valquíria deu meia volta e se distanciou em seus passos cansados, subindo as escadas devagar até ao quarto que estava gelado. Camilo estava deitado sem tirar a roupa e seu corpo ocupava a maior parte da cama. Quando o tocou, percebeu que ardia em febre.

— Precisa tirar essa roupa. — Disse ao perceber como estava molhada. — Deixa eu te ajudar.

— Saia de perto! — Teve forças para refutar e afastou os braços dela para longe.

— Não vou sair! — Se negou e levantou em busca do comando para aumentar a temperatura do ar condicionado para uma mais amena. Acendeu a luz do quarto e o obrigou a se voltar de barriga para cima, começando a desabotoar a camisa dele sem pressa.

Camilo abriu um pouco os olhos azuis e viu como ela estava decidida só pela forma como lhe retirou a camisa mesmo a meio da dificuldade. Então sentiu suas calças serem puxadas e acabou por cooperar. Valquíria se afastou e saiu do quarto por alguns minutos, regressando com um termómetro que usou para medir a temperatura corporal.

— Está muito alta. Devemos ir ao hospital. — Disse e acariciou os cabelos escuros com uma ternura única que certamente o desconcertou. Quantas foram as vezes tinha ficado doente e sozinho?

— Não preciso.

— Estou habituada a lidar com crianças birrentas. — Revirou os olhos e foi até ao banheiro do quarto buscar toalhas que molhou em água fria. Voltou para o enrolar nelas e passou as pequenas no rosto, pescoço e axilas.

Camilo se deixou ficar quieto e apenas se retesou quando percebeu que a mão dela descia para sua virilha. Engoliu em seco e fechou os olhos quando ela passou a toalha fresca por ali.

— Eu devia dar um banho em você. — Ela murmurou de olhos brilhantes a apreciar cada detalhe do corpo nu. Beirava a uma perfeição única e estava muito quente.

— Por que está cuidando de mim? — A voz dele reverberou com alguma dificuldade e tossicou.

— E por que não faria? — Retorquiu e se levantou para trocar as toalhas, o cobrindo mais uma vez nelas. — Vou buscar um remédio. Quer comer alguma coisa?

Camilo negou com a cabeça e ela apenas concordou. Saiu mais uma vez do quarto, apagando as luzes e foi até a cozinha preparar um chá. Aurora lhe ajudou a encontrar um chá de salgueiro-branco no meio de dezenas de variedades e também lhe entregou o remédio. Não voltou a questionar nada, mas o olhar da governanta era aterrador.

Valquíria entrou no quarto novamente, lhe deu o comprimido e depois alguns goles da bebida quente, devagar. Sempre ciente dos olhos azuis que vez ou outra se abriam para a encarar com toda atenção.

— Descanse. Vou ficar aqui. — Acariciou os cabelos dele e voltou a se focar nas toalhas frescas. — Se não melhorar até amanhã eu faço um escândalo daqueles que está acostumado, Camilo, mas você vai ao hospital.

Ele fechou os olhos lentamente, mas seu rosto deixou o vislumbre do que seria um sorriso real sem ser ensaiado como todos outros. Adormeceu em seguida, mas podia sentir o pequeno corpo feminino ao seu lado. Percebendo então que pela primeira vez não estava só.

Não soube em que altura teve os mesmos pesadelos de sempre, mas quando despertou já era dia. O quarto estava arejado e seu corpo não estava mais quente. Se levantou ainda a sentir como se um trem o tivesse atropelado e estalou o pescoço.

Uma pequena mesa de rodas estava em frente da cama, com chá, suco de laranja e uma recomendação para que tomasse três vezes no dia, junto da assinatura desenhada de Valquíria. Camilo procurou pelo relógio e percebeu que já passavam das dez da manhã, saiu da cama e foi tomar um banho morno a sentir sua garganta arranhada.

Depois que vestiu, bebeu o que lhe tinha sido deixado e saiu do quarto todo aprumado, descendo até ao térreo. Só Viviane estava em casa e lhe sorriu ao ver como parecia com melhor aspecto.

— Bom dia meu amor. Como você está? — Ela perguntou deixando as revistas de moda de lado e se levantou para o abraçar. — Me parece melhor.

— Bom dia. — Lá estava o sorriso disfarçado quando a beijou na testa. — E a Val?

Viviane até sorriu ao ouvir aquela pergunta que nunca antes tinha sido feita.

— Foi trabalhar. Coitada, parece tão cansada. A gravidez de Cecile me deixava assim. — Comentou. — Quer comer algo?

— Não… — Ele andou até a consola para apanhar seus pertences. — Preciso sair.

— Camilo? — Viviane passou a mão pelos cabelos. — Você sabe que se precisar de qualquer

coisa, estou aqui, não sabe?

— Eu… Eu sei. — Respondeu e se despediu, saindo de casa até ao carro.

Dirigiu ainda a sentir o corpo fraco, mas nada se comparava a noite anterior. Não demorou a chegar na escola onde sua mulher leccionava e perguntou por informações na secretaria. Depois passou pelos corredores cheios de crianças que corriam de um lado para o outro, procurou pela sala indicada e espreitou pelas janelas abertas.

— […] Você vai nos deixar sozinhos, tia Valquíria? — Uma menina que deveria ter pelo menos oito anos se aproximou dela para a abraçar num conforto. Os restantes da turma de quase trinta alunos, estavam em silêncio completo e pareciam desolados.

— O que foi que eu vos ensinei, Jude? — Ela questionou. Estava bonita dentro da bata branca e acariciou os cabelos crespos da sua aluna. — Não estarão sozinhos enquanto se puderem lembrar. E eu só preciso repousar por pouco tempo.

— Promete que virá mostrar seu bebé para nós?

— Claro. Em breve estarei aqui. Até lá vão se comportar direito com a nova professora, sim?

Os alunos concordaram num coro prolongado.

— Agora vamos voltar ao trabalho. — Val limpou uma lágrima rápida e deixou uma risada escapar. Se aproximou do quadro e começou a escrever enquanto ditava em voz alta. A mão escura tremia devagar.

Camilo ficou um pouco confuso. Não conhecia sua própria mulher.

“ […] *Para reviver*

Mergulhei na solidão

E mesmo sem te perceber

Te outorguei meu coração.

Loucura

Camilo sentou num banco de pedra em frente as salas de aulas e tirou o celular para mandar um aviso para Holanda. Depois se deixou aguardar enquanto pensava em tudo o que a sua vida comportava naquele exacto momento. Se a mulher lhe tirava do sério? Com toda certeza, mas aquele jeito único de lhe cobrar atenção fazia com que parecesse que era importante e não tão dispensável como julgava ser.

O mais engraçado de tudo era que Val tinha começado exactamente de onde ele sempre quebrava com as mulheres com quem já se tinha envolvido. Tinha tido só uma namorada ao longo dos anos, poucos casos demorados e muitos esporádicos, mas sempre tinha terminado quando elas começavam a querer invadir seu peito e exigir mais dele. Lembrava que a última tivera o apoio de sua mãe e uma tentativa falhada de elevar o relacionamento para algo mais sério. Viviane queria muito Felícia como nora de um jeito tão profundo que quando Camilo se negou redondamente, foi estranho que não tivesse tido um surto como seria de se esperar. O que foi bem diferente quando Leandro rompeu com a ex mulher.

O sino da escola tocou alto e estridente, mas o barulho dos gritos alegres das crianças foi ainda maior. As corridas pelos corredores brotaram com facilidade e várias vozes encheram o lugar que ganhou vida por causa do recreio. Valquíria piscou algumas vezes ao reconhecer a figura corpulenta que se levantou e cruzou os olhos junto aos seus.

— Camilo… — Disse sem esconder a admiração. — Você está bem? O que faz aqui?

— Estou sim. Eu… Queria agradecer. — Foi directo ao assunto ainda parado um pouco afastado do corpo magro e bonito. Era uma mulher alta e com contornos delicados, sem contar com o rosto de tanta precisão que chegava a ser intimidante. — Não precisava se preocupar comigo.

— Não é questão de precisar ou não. É o certo. — Val se aproximou ainda mais dele. Adorava o cheiro do perfume e da loção que emanava daquele homem. Engoliu em seco quando percebeu que ele não se afastou como sempre.

— Eu ouvi você se despedindo dos seus alunos. — Não queria tocar naquele assunto, mas não conseguiu evitar. — Precisa repousar?

— É… A médica aconselhou. — Colocou as mãos na barriga pequena. Procurou algum traço no rosto dele que indicasse algo, mas apenas os olhos azuis escureceram mergulhando na costumeira opacidade. Val soube que ele estava se preparando para camuflar suas emoções.

— Algum problema? — A voz soou um tom mais grave.

— Já estou a tratar disso. Não é? — Ela em momento algum se esquivou, mas o viu passar a mão pela barba num gesto impaciente.

— Você sabe Valquíria que eu nunca tinha pensado em ter filhos, mas como aconteceu, eu aceitei porque era o correcto. — Fingia calma na sua forma eloquente de se expressar. Se fosse um

político venceria qualquer eleição. ─ Acho que tenho o direito de saber essas coisas.

─ Aceitou porque era correcto.

─ Que tipo de homem seria se não o fizesse? Na verdade você fugiu naquela noite sem me deixar dizer isso.

─ E o casamento também aceitou porque era correcto? ─ Ela retorquiu.

─ Ou porque também me chantageou?

─ Não foi pela chantagem, nós dois sabemos isso. ─ Valquíria afirmou. ─ Foi porque não se deixaria abalar por mim e porque pensou que iria abalar outras pessoas.

─ Outra vez essa conversa. ─ Se fechou ainda mais, recuando dois passos.

─ Camilo? ─ Ela tocou os braços fortes. ─ E se por um segundo se deixar mergulhar em minha loucura?

─ Há na loucura um prazer que só os loucos conhecem.

Val riu a mostrar os dentes brancos e meneou a cabeça ao de leve a balançar seus cachos. O coração dela batia com força dentro do peito só de o ter ali por perto.

─ Você já veio até aqui. Eu sei que tem muitos motivos para ter certa raiva de mim, mas e se pusesse isso de lado por uma única vez? ─ Valquíria sugeriu. ─ Podíamos ir a esse desfile da SINCLAIR pelas joias ELLA, quem sabe depois jantar e falarmos sobre o nosso filho?

Camilo semicerrou os olhos lentamente, um pouco desconfiado daquela abertura que ela sempre insistia em colocar entre os dois. Talvez Nadir tivesse alguma razão ao dizer que deveria conhecer pessoalmente quem dormia em sua cama.

─ Precisa repousar. ─ Ele a fez recordar.

─ Descansarei: Antes e depois. ─ Lhe deu a solução com brevidade e puxou uma mão dele para perto da própria barriga para que sentisse pela primeira vez. Val percebeu como Camilo pareceu relutante, mas fechou os olhos ao sentir a ponta dos dedos quentes que a tocaram ao de leve.

Uma explosão de sentimentos o invadiu de um jeito tão estranho. Parecia complexo ter a verdadeira noção de que havia vida ali que crescia e tinha sido gerada por ele também. Engoliu em seco.

─ Preciso ir. Até logo. ─ Ele se afastou repentinamente e pareceu ter perdido um pouco daquele semblante inalcançável. Não conseguiu olhá-la direito como se temesse mostrar algo em si que não queria. ─ Adeus.

As crianças correram na sua direcção quando o viram se afastar, mas passaram com toda rapidez para se enroscar na professora querida. Camilo andava devagar e podia ouvir as enxurradas de perguntas que eram feitas.

─ […] É o seu marido tia Valquíria? ─ Uma menina perguntou e outras deram risadas tímidas e curiosas.

─ É o amor dela. ─ Outra disse com precisão. ─ Não é?

─ É. ─ Val confirmou e Camilo se estacou por uns segundos quando ouviu aquela resposta, mas

seguiu em frente logo depois, a saber que qualquer que fosse o plano daquela mulher, definitivamente ela tinha os meios para chegar lá.

•••

Holanda terminou a chamada com um sabor agridoce e se levantou da cadeira até a janela do gabinete onde podia ver seu reflexo. Era uma mulher formada, com qualificações admiráveis e bastante independente, sem contar que o salário era muito bom e tinha casa própria, carro e carimbos de viagens em seu passaporte. Também se considerava divertida, inteligente e aberta o suficiente. Era claro que tinha as suas manias, afinal não era perfeita, mas quem não as tinha?

Não que quisesse se transformar em alguma invejosa, mas não podia deixar de sentir um vazio lá no peito quando a sua amiga iria se casar pela terceira vez enquanto ela continuava sem ninguém. Estava cansada que os homens a medissem pelo corpo, até porque seu peso era algo com o qual se tinha resolvido muito bem, sem contar que era bastante saudável. Podia afirmar que era uma solteira feliz sim, mas de vez em quando no seu quarto luxuoso queria ter alguém que lhe aquecesse os pés e não a visse apenas como uma mulher sexual, e sim como amiga e companheira.

Felícia era alta, magra e a primeira que os homens viam quando saíam para dançar. Logo depois de terminar o namoro com Camilo, casou duas vezes, saindo de um casamento para outro com a maior facilidade. Holanda era sempre a amiga que segurava vela ou que recebia pedidos para agilizar os encontros, a gordinha alegre que era "muito bonita de rosto".

Aquela estranha sensação sempre se apossava de si quando precisava avisar aos homens que era gorda e negra, até porque não se importava com isso, mas podia ver como eles raramente estavam dispostos a assumir uma relação. Era frustrante!

— O meu irmão? — Leandro como sempre entrou sem bater e em toda sua irritação habitual, entretanto pelo menos naquela manhã usava um terno escuro que lhe assentava perfeitamente e seu rosto bastante bonito estava de barba feita. — Temos uma reunião.

— Bom dia, a sua reunião é comigo. Camilo mandou avisar que iria se atrasar, mas lhe garanto que só vamos começar quando for educado. — Holanda se virou de cenho unido e caminhou no seu salto e vestido que exibia o corpo cheio de curvas redondas.

— Está brincando! — Ele bufou e olhou para o relógio caríssimo que trazia no pulso.

— Me teste. — Ela se sentou e cruzou a perna com certo vagar. — Estamos para falar de negócios hoje e se não me tratar com a mesma educação vou pedir que se retire. De momento sou tão executiva quanto o senhor.

Leandro levantou a sobrancelha lentamente, podia deixar para falar com o irmão depois, mas no que dizia a negócios era uma fera. Levantou o queixo e se aproximou da mesa comprida.

— Bom dia, cara doutora Holanda. Espero que esteja a ter um dia maravilhoso. — Havia ironia na voz sensual.

— É claro. Sente-se. — Respondeu e pelo interfone pediu Nadir que mandasse servir cafés. Começou a abrir as pastas de arquivos. — Estamos contratando dezenas de trabalhadores novos e vamos precisar dos mais variados seguros. Não pretendo celebrar as novas apólices com o mesmo valor que as outras, é necessário que baixe a importância pelo número de funcionários que estamos

oferecendo. É um pagamento milionário.

Leandro não segurou uma risada e cruzou a perna em quatro, rodopiando a cadeira giratória devagar.

— *Baixar*? O Camilo não iria concordar com isso, a AGE Insurance já é da casa há anos. — O vinco na testa estava sempre marcado. — Sem hipótese.

— Então não me resta opção se não procurar por outras companhias. Exactamente por serem da casa há anos é que deveriam pautar por mais regalias. Principalmente nos prémios. Não posso admitir que sejamos praticamente extorquidos quando tantas outras seguradoras oferecem melhores negociações.

— Tudo bem. — Leandro se mostrou impaciente. Não queria estar ali a discutir aquilo com ela, até porque ali era o negócio do irmão.

— Digo *todos*, os novos e os contractos antigos. Quero reajustes na oferta.

— Isso é uma loucura!

Holanda abriu o computador e começou a digitar com pressa. Iria mostrar os cálculos que tinha feito, mas quando voltou a tela, viu a cara de descrédito que aquele homem fez.

— Ainda assim saem a lucrar bastante. — Ela decidiu falar. — Gostava de ver uma simulação.

— Meu assessor irá enviar para você. — Leandro parecia um pouco surpreso. — Só podia ser inteligente mesmo…

— O que quer dizer com isso? — A voz dela se alterou com rapidez, no entanto, a porta se abriu e Camilo surgiu a segurar duas xícaras de café com a maior das casualidades.

— Bom dia. Cafés? — Tinha encontrado a servente no corredor e decidiu que traria sozinho. Deu um beijo na testa da colaboradora e apertou a mão do irmão. Havia toda uma simplicidade marcante em seu jeito de ser.

— Ainda bem que chegou! — O irmão mais velho bufou.

— Pois é. — Holanda não deixou barato. Podia se sentir desconcertada quando estava perto de Leandro, o suficiente para sentir o coração descompassar, mas no seu território de negócios ninguém a intimidava.

O celular de Camilo tocou e ele levantou um dedo a pedir por um minuto. Se demorou a olhar para a tela e não demonstrou nada no olhar quando se voltou para os dois ali sentados.

— Continuem. Já me junto a vocês. — Disse e saiu dali, passando por Nadir e se fechou numa sala ao lado. — Alô?

— *Como está senhor Vaughan? Aqui é o Sanjit.*

— Bem e você? — Fez uma pausa. — Descobriu alguma coisa?

— *Bem obrigado. Um pouco de ontem para hoje, não sei se é relevante, mas a sua esposa sofreu um acidente grave quando tinha dez anos de idade.*

— Um acidente? — Pela primeira vez não se importou por ouvir "sua esposa" sem precisar transparecer que não se incomodava.

— *Ainda não sei os detalhes porque precisava ir com calma e a irmã dela não deu muitos pormenores sobre isso. Apenas que foi um evento marcante na família. O deixarei actualizado sempre que souber mais informações.*

— Tudo bem. Obrigado. — Agradeceu. — E Sanjit?

— *Sim?*

— É apenas para recolher informações.

— *Sou profissional. Em alguns dias saberemos o suficiente.*

— Ótimo. — Camilo concluiu a ligação e ficou alguns segundos ainda a processar. Sabia que não era certo colocar um detective particular para descobrir sobre ela, mas tinha a certeza absoluta que havia coisas que Valquíria não pretendia revelar. Tal como o relógio de uma bomba.

Saiu da sala e deu de cara com Nadir.

— Pode me fazer um favor?

— Claro.

— Ligue para a SINCLAIR e diga que Camilo Vaughan deseja dois convites para o desfile.

Nadir levantou as duas sobrancelhas.

— Negócios? — Questionou com zombaria e seguiu o chefe pelo corredor.

— Vou levar a minha mulher a sair.

— *Sua mulher?*

— E não é o que Valquíria é? — Lá estava aquele Camilo que sabia ser prático sem se mostrar o suficiente.

— Uma mulher louca, convenhamos!

Vaughan apenas deu duas palmadas no ombro do indiano e entrou na sala onde Holanda e Leandro ainda discutiam, deixando um Nadir completamente surpreendido por jurar ter visto um pequeno raio de luz a meio de tanto gelo. Talvez Valquíria não fosse tão ruim como pensava, e sim a única que sabia exactamente como quebrar a alma GLACIAL.

18 Anos atrás

— *É só mais um ponto e... pronto.* — *A enfermeira terminou de suturar o ferimento que ele tinha no rosto.*

O ambiente era muito limpo, cheio de camas pequenas com lençóis verdes. Havia máquinas e o chão era de azulejo branco. Estavam escondidos por trás de cortinados. Havia muito movimento no hospital, vozes e agitações que várias vezes o desconcertavam.

Camilo não gostava de ir lá sozinho, mas não gostou da ideia de chamar um de seus amigos

da escola. Já não bastava estar sem ninguém naquela mansão, o que não seria má ideia para dar uma festa de arromba alusiva ao seu aniversário. Coisa que Leandro facilmente faria e não se preocuparia em afrontar os pais e a vizinhança.

— Vou lhe prescrever algo para…

— ACIDENTE NA N1. CORPOS ESTÃO CHEGANDO! — A enfermeira deu um salto no lugar e deslizou as cortinas para ver a agitação dos médicos e alunos residentes. — SAIAM DA FRENTE!

Macas começaram a deslizar e corpos ensanguentados se tornaram visíveis. Os olhos azuis tremelicaram ao testemunhar aquela situação horrível e não os fechou nem uma vez. O que seria um arranhão no rosto se tinham pessoas com os órgãos completamente de fora? Talvez seus pais tivessem razão, foi o que pensou, realmente Leandro estava numa situação pior.

— HÁ UMA CRIANÇA AQUI! É MUITA GENTE, VAMOS PRECISAR DE SANGUE.

— TEMOS QUE CONTROLAR AS HEMORRAGIAS PRIMEIRO. É UM BANHO DE SANGUE!

Camilo se levantou e prendeu a respiração por alguns segundos. Não sabia se vomitava ou se saía dali a correr. Só precisava fazer algo.

— [...] No banco de sangue não há muitos O negativo. Precisamos de suplentes! Encontraram os familiares dessa criança? Não há tempo a perder. — Um dos médicos falava apressado com a colega, enquanto analisava o corpo pequeno ainda na entrada.

— Para o bloco! AGORA! — A médica deu as ordens e parecia atormentada com tudo aquilo a medida que mais corpos chegavam e eram recebidos pelas equipes.

— Eu sou O negativo! — Camilo não soube de onde veio a coragem e procurou seu cartão de saúde descritivo dentro da carteira. — Posso ajudar. Eu quero.

Conflitos

— […] E a senhora é? — A directora do instituto Smithians para meninas, acompanhava a jovem grávida que tinha ido visitar o lugar. Era uma senhora alta e negra, com um aspecto rígido só pelo olhar e que contradizia com a voz suave de quem tem muita paciência.

— Valquíria Hayes. A mulher do irmão de Cecile Vaughan. — Respondeu em sua desenvoltura normal. Tinha saído do trabalho directamente para ali, uma vez que a pequena cunhada estudava em tempo integral.

— Oh, sim. Eu vi falar sobre a senhora no jornal. — A mulher tentou não ressoar nenhuma crítica, até porque sabia que quem estava de fora era o primeiro a julgar sem conhecer a verdade por trás dos factos. — É a…

— Golpista. — Val completou já a ouvir o toque de saída e olhou para o relógio. Tinha informado a sogra que iria buscar Cecile pessoalmente na escola. — E pedagoga também. Tenho me preocupado com o comportamento da menina Vaughan.

A directora pigarreou e disfarçou uma risada que ficou entalada em sua garganta. A encaminhou pelo corredor que direccionava ao pátio, onde todas as estudantes formavam filas correctas e silenciosas.

— Cecile é uma boa menina, mas acredito que a fase inicial da adolescência seja um dos factores de tanta rebeldia. É a única que sempre questiona tudo, trepa as árvores e prefere jogar bola sozinha do que dançar balé. — Afirmou. — Não tem sido fácil para as professoras e auxiliares.

— Já pensou que é porque estão tentando formatar todas as alunas a serem iguais? — Questionou e enfrentou o olhar de advertência. — Sim. Mesmo se tratando de crianças podemos ajustar suas preferências ao modo de ensino para facilitar. Quem sabe um equilíbrio entre o que ela gosta e não gosta, resolvesse o problema?

— Desculpe, mas o Instituto Smithians é muito conservador. As nossas directrizes são claras. Transformar tudo o que pautamos em prole de uma única estudante, seria um quanto inapropriado. Temos nossas normas devidamente estabelecidas e devem ser seguidas. — Fez uma pausa na grande porta do edifício de pedra. — A menina Vaughan está sendo acompanhada de perto por especialistas.

— Quando podia estar claramente se adaptando a suas habilidades específicas. Ao invés de transformá-la numa bailarina de sucesso, antes forme uma equipe de futebol na escola. Acredito que terá menos problemas. — Val observou a confusão que se formava no pátio onde todas as meninas estavam alinhadas, menos uma que parecia xingar meio mundo com a camisa fora da saia e o cabelo castanho tão rebelde quanto a dona. — Foi um prazer.

A directora apenas acenou e ficou parada de braços cruzados a observar a jovem que se afastava sem pressa, assim como as estudantes que uma por uma saíam pelos portões logo que um responsável chegasse.

— […] *Blood Mary!* — Uma outra menina provocava enquanto disfarçava estar adequada na fila indiana. As outras riram quando Cecile mostrou o dedo do meio e a auxiliar chamou sua atenção.

— Vim buscar você, vamos. — Valquíria foi prática quando a puxou devagar pelo braço, mesmo sabendo que ela iria se mostrar relutante.

— O que faz aqui?

— Acho que ouviu perfeitamente.

— Eu não quero ir com você! Os meus pais onde estão? E o Camilo? — Questionou se afastando o suficiente com as mãos atrás como se escondesse alguma coisa. Havia gotas de lágrimas nos cantos dos olhos castanhos.

— Que bom que eles não vieram para ver sua situação nesse momento, afinal sempre pensei que fosse uma menina afrontosa. — Valquíria disse e suspirou quando a viu parar e se sentar num dos bancos que estavam no pátio. — Vai deixar elas te provocarem de "Maria Sangrenta"? Ou só sabe destilar seu veneno quando é comigo?

— Não quero falar com você! — Cecile vociferou e odiou que naquela Instituição não pudesse levar nenhum objecto electrónico consigo. Era estritamente proibido. — Vai embora!

Val suspirou mais uma vez e recuou até se sentar ao lado dela. As colegas mesmo ao longe ainda apontavam e riam histericamente.

— Por que meus pais não estão aqui? — Cecile choramingou e ficou com as bochechas encarnadas.

— Eu vinha conversar com a sua directora e disse que poderia levar você.

— Eles não podiam ter me deixado aqui!

— Sabe, eu conheço uma pessoa que se sentiu e sente até hoje desse mesmo jeito abandonado.

Cecile bravateou.

— Não quero ouvir suas histórias. Quero ir para casa!

— Então vamos que o táxi está esperando.

A jovem Vaughan levantou as sobrancelhas.

— *Táxi*? Por que não usa os carros de casa?

— Porque não são meus.

— Mas você mesmo que a força, é mulher do meu irmão.

— É… Bom… Vamos? — Valquíria se levantou.

— Não posso sair assim, Val. Sabe por que me chamaram de *Blood Mary*? É que… — Ficou envergonhada. — Sabe aquelas coisas que acontecem com as mulheres?

— Acontecem tantas coisas…

Cecile engoliu em seco.

— Não vou falar. Até porque nem gosto de você!

— Eu sei. Desde que deixou aquela linda aranha na minha cama. — Retorquiu. — E saiba que não faço questão que goste de mim ou não. Apenas se levante daí e vamos embora. Tenho que ir ao hospital e não posso me atrasar.

— E eu vou com você?

— Não! Você vai ficar no carro e me espera enquanto eu vou levantar uns exames em poucos minutos. — Valquíria perdeu o semblante indiferente que tinha usado até então. Seus cabelos balançavam com o vento e seus olhos estavam semicerrados. Lhe chamou com a mão para que se levantasse.

— Ei, Val. É que eu estou menstruada.

— Me conte uma novidade. — Ironizou em resposta e retirou o casaco que usava. — Vamos, use para se cobrir e ande logo! Vou ensinar você a comprar absorventes e controlar seus dias.

— Controlar meus dias? — Questionou, carregou a mochila e começou a andar com pressa para a alcançar. — Ei me espere! Para uma grávida você caminha rápido demais.

— Anda logo, Cecile. — Rezingou e sentiu o ar frio que bateu em seu corpo.

— Tchau, *Blood Mary!* — A menina da fila gritou alto e riu, fazendo Valquíria se estacar no caminho e a cunhada quase se esbarrar contra ela. Então mordeu o lábio inferior, afastou Cecile e seguiu até as meninas que aguardavam quem as viesse buscar.

— Sabe o que aconteceu com uma minha colega que me chamava assim? — Sussurrou e fez um carinho nos cabelos loiros da menina.

— E eu com isso tia? — A provocadora apertou os lábios.

— Eu aprontei uma tão grande que ela passou o resto da adolescência num reformatório. Nunca mais foi a mesma quando saiu de lá. — Murmurou com um sorriso dissimulado para as auxiliares que estavam mais para frente.

— E daí? — A loira desafiou.

— Posso ensinar o mesmo para Cecile e garanto que não vai querer pagar para ver. Por isso morda sua língua se não quiser passar da sua vida de sonho para uma de pesadelo. — Advertiu e se afastou novamente com os olhos verdes bem ameaçadores como só ela poderia fazer.

•••

Lavínia detestava aquelas obrigações familiares que seu marido, Andrew, sempre fazia questão. Tinha que levar as crianças para visitarem Viviane e sorrir mesmo sem querer. Anthony e Leandro estavam na empresa a trabalhar até tarde como de costume fazendo com que ela ficasse estacada a olhar para o esposo e a cunhada conversarem sobre trivialidades.

Seu celular tocou e Lavínia deu um sinal rápido ao segurança para que observasse as crianças que prontamente desarrumavam uma estante por trás do grande sofá branco. Levantou-se em toda sua formosura e andou até ficar do outro lado de fora.

— Por que está me ligando a essa hora? — Questionou a olhar para os lados com o fim de certificar que nenhum dos empregados estava por perto.

— *Só para saber se está tudo indo certo?*

— Claro que está. Eu disse que o nojento do Andrew é um idiota. Não suporto mais essa situação de ter que aturá-lo e a essa família chata!

— *É tudo uma questão de tempo. Já aguentou bastante e não finja que não adora as regalias todas que o velho lhe dá.* — O sarcasmo imperou na voz. — *Leandro está saindo fora dos eixos e seu marido é um distraído que nem vai ver o que estamos fazendo. Em breve teremos tudo resolvido.*

— Espero. Até porque não é você que dorme com ele. — Lavínia reclamou e uma risada se ouviu do outro lado da linha, irritando-a. — Agora preciso desligar.

— *Vá pela maré da sorte.*

Quando Lavínia desligou com rapidez, logo em seguida sentiu alguém se aproximar e escondeu o celular por trás, vendo seu marido espreitar e levantar a sobrancelha.

— O que está fazendo? — Andrew pareceu furioso e puxou o braço dela. — Com quem estava falando?

— Me solte! Qual é o seu problema?

— Está me traindo com outro, não é? — Ele a sacudiu com força e a mulher soltou um esgar dolorido tentando se soltar das mãos fortes.

— Largue-me! Está doido? Andrew! — Lavínia exclamou, indignada.

Camilo apareceu naquele instante e se aproximou de cenho unido.

— O que está acontecendo aqui? — Perguntou na sua voz baixa e sua estatura muito intimidante junto dos olhos gelados.

— Nada! — O casal respondeu ao mesmo tempo e se afastaram de imediato, sem deixar de trocar olhares enraivecidos.

— Tem certeza? — Camilo deitou um olhar lento ao tio e só depois olhou para ela que se afastou dali chamando pelo segurança e pelas crianças, zangada.

— Me desculpe. Pequenos Conflitos. — Andrew pareceu cabisbaixo e também saiu para despedir Viviane e depois seguir sua mulher e seus filhos que correram pelos corredores, passando para abraçar Camilo e seguindo em frente.

Quando se foram, ele entrou na sala onde estava sua mãe.

— Está tudo bem? Chegou um pouco cedo. — Observou olhando para o belíssimo relógio fino em seu pulso e que era mais caro que metade da mobília daquela sala. — Aconteceu alguma coisa? Seu tio saiu apressado.

— Está tudo bem. — Ele respondeu e lhe deu um beijo na testa como fazia com as pessoas que mais gostava. — Vou levar a Valquíria a sair.

Viviane pestanejou e deixou um sorriso em seu rosto não tão jovem, mas ainda muito bonito.

— Estão se entendendo? — Apoiou a cabeça com uma mão. — Ela pode ser um pouco esquentada, mas parece que gosta de verdade de você.

Camilo não disse nada.

— E você gosta dela? — A mãe insistiu na conversa.

— É a mãe do meu filho.

— Não foi isso que perguntei. — Frisou. — Se gostar dela que mal há? Quem sabe possam se entender?

— Não foi a senhora que disse que iria morrer de desgosto com esse casamento? Pelos vistos isso não aconteceu. Parece que recebeu bem todo esse acontecimento inédito. — Questionou de modo sério.

— Porque você tinha decidido e sempre acaba fazendo o certo. Não é mesmo? — Viviane se levantou e foi sentar ao lado dele. — O que te impede?

— Eu não tenho capacidade para amar a Valquíria.

— Não diga isso!

Naquele instante Cecile irrompeu acelerada para o meio da sala. Tinha uma calça nova e uma sacola de compras. Mascava alto quando se atirou ainda de sapatos para o meio do sofá.

— Que roupa é essa? — Viviane desviou a atenção.

— Tive um problema feminino na escola. A Val me ajudou. Já sei até ver o meu ciclo! — Contou a mostrar todo um alívio. — Sem contar que colocou a menina chata que me importunava no devido lugar. Deveriam ter visto.

— Isso é ótimo! — A mãe ficou feliz. — Precisamos agradecê-la.

Só naquele momento é que Camilo levantou os olhos para a mulher parada na porta que estava de olhos molhados a afirmar que tinha escutado sua última sentença. Os olhos verdes exalavam um fogaréu intenso, mas pela primeira vez não disse nada e apenas deu meia volta e saiu dali.

Viviane não se apercebeu, pois agora conversava com Cecile sobre o que tinha acontecido. No entanto, ele sentiu uma racha quebrar seu coração de gelo o deixando em Conflito. Decidiu se levantar e foi atrás de sua mulher.

•••

Monalisa se sentia cada vez mais só. Detestava a sensação de sentir que não conseguia falar com a irmã mais nova, tinha certeza que esta se esquivava de sua proximidade, coisa que nunca tinha acontecido antes. Eram As Três Mosqueteiras como o pai costumava falar, uma por todas e todas por uma, então qual era a razão do abandono repentino?

Sem contar que agora Eliete tinha encontrado outro divertimento além da comida. Sanjit era o nome que escutou por uma noite inteira, sobre o quanto era bonito, charmoso e inteligente. Como os dois gostavam de viagens, leitura e comidas, é claro. Um príncipe perfeito demais para deixar Mona em alerta, só para acrescentar mais uma preocupação na sua lista.

Afastou o banco de plástico para o lado e subiu com o Tablet na mão para conferir as listas que tinha feito em seu mapa e suas respectivas localizações. O trabalho ali era mais duro do que muitos podiam alguma vez cogitar, afinal tratava de tudo o que estava relacionado na gestão da Biblioteca.

— Boa tarde. — Uma voz soou vinda da recepção.

— Boa tarde. — O colega que trabalhava com Mona, respondeu. — Em que lhe posso ser útil?

— Eu procuro por algum manuscrito que contenha informações sobre o Imperador africano, Mansa Musa. — A voz daquele homem era incrivelmente intensa e de uma rouquidão como se fosse um cantor de uma banda de rock. O que fez Mona dar um salto para fora do banco e quase se desequilibrar quando pisou o chão. Levou a mão ao coração. — Já reuni algumas Bibliografias, mas tenho essa lista das que me faltam.

— Muito bem. Vou verificar em nossos acervos. Pode aguardar uns segundos? — O colega respondeu com eficiência já a digitar com força no computador de mesa.

— Claro. Obrigado. — O homem respondeu, e por muito estranho que fosse, ela tinha a certeza de ser o dono da voz com quem cruzara a ligação telefónica por engano. Era simplesmente inesquecível.

Monalisa espreitou entre as frestas das estantes e conseguiu visualizar a figura de um homem com um corpo alto de ombros largos que muito bem lhe assentavam no terno. Não conseguiu ver o rosto e muito menos se atreveu em sair dali como se seus pés estivessem colados ao chão.

Sentia o coração bater na sua boca em todo seu conflito íntimo.

Qual era a probabilidade daquilo ser uma mera coincidência?

Surpreendente

— Val? — Camilo empurrou a porta do quarto devagar e entrou com todo cuidado. A encontrou enrolada numa toalha e só então se deu conta do quanto ela estava magra. Não que alguma vez tivesse tido um corpo avantajado, mas havia uma diferença naquele rosto esbelto, a qual não soube identificar.

— Sim? — Ela segurava um bonito vestido em suas mãos e o estendeu por cima da cama com delicadeza. — Estou me arrumando para ir ao desfile.

— Está tudo bem? — Perguntou e percebeu que existia uma preocupação diferente em sua própria voz.

— Claro. Por que não estaria? — Valquíria andou em direcção ao banheiro, mas foi interceptada pelo marido que era enorme e a cobria por inteiro. Piscou sem entender.

— Você ouviu o que eu disse lá em baixo. — Sentenciou.

— Não é nada do que já não tivesse me dito antes. — Respondeu e lhe deu leves palmadas nos ombros. — Eu não estou aqui para obrigar você a me amar.

— Eu sei, mas… — Ficou sem fala por alguns segundos. — Começo a perceber coisas que antes não via. Mesmo sabendo que você começou agindo de um jeito ridículo e que talvez eu tenha reagido igualmente, não é de todo uma minha vontade neste momento que sofra mais com minhas palavras.

— Não se preocupe. Sei bem ser chata quando quero e sei também ser razoável. De você o que mais quero é sua verdade, seja ela qual for. — Levou a mão escura para acariciar o rosto dele, podia sentir a barba áspera e como adorava aquele contraste. — Vamos aproveitar a noite?

Camilo não disse nada, apenas se afastou para que ela passasse e ficou sozinho a digerir as palavras que tinha escutado. Era contraditório como cada dia era mais surpreendido, pois esperava encontrá-la raivosa e a virar o quarto do avesso. E não em completa sensatez. Olhou para a aliança no próprio dedo, se perguntando o verdadeiro significado daquilo. Podia não dizer em voz alta, mas sabia que por muito bondoso que costumasse ser, ainda tinha suas próprias falhas. Começava pelo facto de ter permitido se casar com uma mulher que tinha falado mal da sua família em todos canais televisivos. A verdade é que por dentro talvez concordasse com o que foi dito, mas em nenhum momento seus familiares se preocuparam com o teor das palavras ditas, e sim com o bom sobrenome que pretendiam preservar.

Ele não era nenhum santo, muito menos tinha o direito de apontar Valquíria. Não se casara por causa do bebé apenas, queria sim muito ver a reacção de seus pais. Mas nunca encontrou nada mais do que profunda aceitação.

Andou de um lado para o outro e parou em frente da estante onde tinha o que sobreviveu da sua amada coleção. De repente tudo aquilo soou mesquinho demais e cogitou a possibilidade de ter os olhos abertos só para ver e não para enxergar além de tudo.

— Pensando na vida, senhor Vaughan? — A voz dela quase o fez saltar no lugar não fosse ele ser um homem tão comedido. Voltou o pescoço lentamente, percebendo que a meio de seus pensamentos não tinha dado conta do tempo passar.

— Às vezes faço isso. — Murmurou com um certo humor que arrancou gargalhadas sinceras vinda dela. E ficava tão bonita quando ria. — Vou me arrumar.

•••

Sentados na primeira fila, Valquíria estava maravilhosa com seu cabelo apanhado e um vestido de veludo carmim que lhe assentava perfeitamente. Os olhos verdes brilharam desde o princípio ao final do desfile. Sempre tinha sido uma aspirante à modelo, chegara inclusive a participar de algumas campanhas, mas optara por seguir a pedagogia que era seu amor maior. Ensinar fazia parte de sua alma.

Naquele palco montado no meio da rua e em frente a SINCLAIR, ela tinha visto toda uma história de amor ser contada por trajes divinais. As luzes coloridas giravam por todos os lados e os efeitos em algumas roupas deixavam tudo deslumbrante. Nas grandes telas que tinham sido dispostas, a imagem da jovem de nome Jasmine Hall eram mostradas em câmara lenta. O que chamava mais atenção, era a cicatriz que tinha por baixo do queixo no pescoço, quebrando todo um padrão de beleza habitual, e Valquíria simplesmente achou muito incrível. Aplaudiu bastante quando a viu entrar em cena, sem se dar conta que Camilo a espiava pelo canto do olho observando cada reacção que expressava.

Os jornalistas e canais mediáticos estavam muito atentos em tudo e a comoção geral se intensificou quando a maravilhosa Ella Grym entrou com vestido feito de folhas de revistas que continham o seu famoso artigo contra os irmãos Sinclair.

— Eu deveria ter me casado com um vestido igual. — Val fez piada e se surpreendeu quando escutou o marido rir baixo meneando a cabeça.

— Com tudo o que andou por aí a dizer da minha família. Quem sabe assim eles finalmente entendessem? — Respondeu de um jeito descontraído demais em seu terno impecável. Sua estatura se evidenciava dos demais.

— Quem sabe se você falar como se sente, eles entendam? — Tentou e percebeu a expressão séria que Camilo adquiriu. Os olhos arrefeceram plenamente.

— Eu estou bem. — Garantiu e se focou em Ella que deu um discurso forte e confiante, que arrancou risadas e aplausos contagiantes. As palavras da famosa Cruela chegaram aos dois como recados importantes, sobre a vida e relacionamentos.

Todos se levantaram para contemplar as modelos e bater palmas para a organização do evento. Valquíria seguiu na frente para a recepção e leilão que se seguiria, mas foi interceptada por Janine Keating com suas unhas longas pintadas de vermelho berrante e os óculos verdes e redondos no rosto.

— Senhora Hayes… Ou seria Vaughan? — Perguntou já a arrancar um gravador de dentro do bolso de suas calças de cintura alta que lhe conferiam um estilo perfeito.

— Saiba, querida, que sei ser tão insuportável ou até pior que você. — Val lhe distribuiu um

sorriso bastante cínico.

— Quando me procurou há uns meses, não havia tamanha falta de animosidade. — Keating ironizou e inventou um ar ressentido. — Só quero saber como se adequa numa família tão horrível como nos fez parecer?

Val trincou os dentes e sentiu a presença intensa e fria de Camilo atrás de si, mas não se fez de rogada e até pousou para a fotografia que lhes foi tirada.

— Eu me casei apenas com o Camilo, não sei se está lembrada.

Keating deixou uma de suas risadinhas famosas.

— Um belo Golpe, não?

— Perfeito. Agora se me dá licença, tenha uma boa noite. — A despachou com elegância e começou a caminhar, mas parou ao perceber que o marido não a seguia. Pelo contrário, tinha ficado parado a conversar com Janine. Ergueu as sobrancelhas, mas antes que pudesse se aproximar novamente, já ele veio na sua direcção. — O que estava falando?

— Também costumo ter alguns minutos de fama. — Evasivo como um só, ajeitou o casaco e entrou na recepção incrível, cheia de bebidas para os convidados, catálogos com joias e uma área de tapete vermelho onde pousaram para a revista ELLA, antes de irem se misturar com a multidão. Havia muitos rostos conhecidos e outros nem tanto, mas Camilo cumprimentou a maior parte, conversou como só ele sabia, roubando atenção e sempre com o sorriso mascarado.

— […] Quer um conselho? — Franz Sinclair conseguia ser ainda maior que Vaughan. Tinha a estatura de um pequeno gigante, mas o rosto de menino era lindo. — Dê umas palmadas na bunda dela.

— Meu Deus, meu irmão não tem limites. — Álcis por sua vez tinha toda pinta de galã da novela das oito. Cabelos muito bem arranjados e um terno azul-escuro bem aprumado.

Os três homens conversavam distraidamente e com uma facilidade de quem já tinha frequentado o mesmo espaço antes. Valquíria bebeu um suco de frutas silvestres, rodopiou pelo lugar e tentou comer alguma coisa que era servido, mas nada lhe agradava de todo. Tinha a boca amarga.

— Moça, você é linda! — A menina que tinha iniciado o desfile a interrompeu. Não era alta, tinha uma cara redonda e uns dentes separados engraçados. — Eu sou a Andrómeda. Os meus pais são responsáveis por tudo isso e…

— Quieta, criança. — Ella Grym era uma mulher que roubava atenção onde passava. Só pela altivez e elegância desmedida, tinha aquele olhar felino que intimidava. — Valquíria Hayes.

— Senhorita Grym. — Os olhos dela estavam arregalados. Sua família era bem posicionada, mas nunca tinha tido a oportunidade de conviver com celebridades daquele jeito.

— Eu não tenho a certeza se gosto de você. — Directa como sempre, Ella apoiou a mão no queixo.

— Pode ser porque eu seja parecida com você?

— Talvez, Talvez… — Balbuciou e lhe apontou uma unha afiada. — Devo admirar a sua astúcia. Tenho interesse em pessoas determinadas, seja para que lado possam pender.

— Eu também. — Olhou para Andrómeda. — Tenho uma cunhada que tem quase a mesma idade. Aposto que iam adorar se conhecer.

— É só me chamar! — A menina pulou, mas parou na hora ao sentir os olhos ameaçadores da sua nova mãe. — Er… Se os meus pais permitirem.

— É claro. — Val concordou e podia jurar ter visto um sorriso preso no rosto de Cruela.

— Entraremos em contacto. Apenas uma coisa… Todos os dias pode ter uma pequena conquista e no final de tudo uma vitória na batalha. Não vá com muita sede ao pote. — Advertiu e se afastou levando Andrómeda atrás.

Camilo a encontrou quando o leilão começou, mas percebeu que Valquíria estava com o pensamento distante. Se permitiu ficar em silêncio daquela vez, apenas assistiu todas as compras avultadas que foram feitas para as joias ELLA e soube que o nome da SINCLAIR estava mais uma vez de volta na ribalta.

Quando iam embora, Val primeiro foi ao banheiro. Estava com o estômago embrulhado e tirou todo suco que tinha ingerido. O sabor em sua boca era amargo e a lavou com água prontamente e aproveitou para soltar o cabelo. A má disposição tinha voltado, mas ergueu a cabeça quando saiu até a porta onde Camilo a esperava.

Entraram no carro na mesma quietude gritante.

— Preciso comer algo antes de ir para casa.

— Está se sentindo bem?

— Sim. — Também sabia mentir tanto quanto ele.

— Que restaurante quer ir?

Val soltou um suspiro e colocou a cabeça no encosto do carro. Quando queria, Vaughan sabia ser tão previsível demais.

— Vá até a praia.

— Praia? — Se espantou. — Por que iríamos lá a essa hora?

— Estou com desejo de comer cachorro-quente, aqueles da rua mesmo. Nada de feitos por restaurantes de luxo. — Reclamou e cruzou os braços em pura teimosia.

Como sempre, Camilo não refutou, apenas se dispôs a dirigir sem pressa e ligou a rádio, só não esperava que fosse tocar exactamente aquela música que a bem ou a mal, se tinha transformado no tema deles. Sabor a Chocolate discorria em trechos que pareciam ter sido feitos exclusivamente para os dois, gerando um clima estranho.

Parou o carro na berma do passeio onde tinham muitos quiosques e sua expressão não dava a entender se estava satisfeito ou não, ainda assim saiu do carro e a acompanhou até onde havia algum movimento de pessoas que se deliciavam com a *Fast Food.* Fez pedido para dois.

— Vai comer também? — Ela perguntou e se arrependeu de não ter trazido um casaco. Esfregou os braços.

— Vou. — Foi tudo o que disse, pagou e levou duas garrafas de água pequenas. Trincou os

dentes quando a viu tirar os sapatos e caminhar em direcção a areia. Como sempre a seguiu no seu modo automático.

Os dois se sentam a beira-mar e Valquíria recebeu seu cachorro-quente num obrigado quase mudo. Viu Camilo se desfazer do casaco e cobri-la sempre com seu jeito cortês. Começaram a comer em silêncio, estava tão bom que os dois até trocaram olhares de cumplicidade.

— Eu antes não queria, mas agora gostava de entender você. É sempre de oito a oitenta, nunca tem meio-termo. — A voz gélida decidiu quebrar o momento onde só escutavam o som das águas que reflectiam a gigante lua.

— Talvez porque eu não sigo fórmulas. Posso ser uma tempestade e uma calmaria, não me mantenho no mesmo formato. É bom surpreender. — Respondeu e sentiu um leve tremor na barriga só de ver como ele se preocupou em abrir a garrafa de água para lhe entregar. Havia toda uma magia nos pequenos detalhes.

— Inconstância.

— A vida é uma inconstante. — Bebeu alguns goles. — E se eu quiser agora me despir e entrar na água?

— Provavelmente pegaria uma gripe.

Valquíria riu.

— Quando as coisas estão para acontecer, simplesmente acontecem. Você pode estar em sua casa e pegar algo pior que uma gripe. — Ela se levantou de repente e os olhos azuis a seguiram.

— Valquíria…

— A vida só se vive uma vez. — Se desfez do casaco e depois do vestido, sem nenhum pudor. — Nunca sabemos o dia do amanhã. Só quero me arrepender do que não fiz.

— Você é louca! — Exclamou e se levantou também.

— E surpreendente. — Ela correu apenas de roupa interior e entrou na água, dando um grito alto no processo.

— Irresponsável, eu diria. — Camilo se aproximou de cenho franzido. Mas havia nela todo um ser que ele nunca se tinha permitido. E era isso que os diferenciava. — Saia daí.

— Vem me buscar! — Val juntou as mãos em forma de concha e jogou bem na cara dele, o molhando. Respirava fundo e engoliu em seco quando o viu se afastar, deixando-a um pouco sem graça. Se perguntava se nunca o iria desbloquear, porém foi surpreendida quando Camilo começou a retirar a roupa.

Os olhos verdes se abriram junto da boca carnuda e desistiu de entender se o corpo tremia por causa do frio ou pelo homem que finalmente adentrou nas águas da praia apenas de cuecas, mostrando seu corpo bem trabalhado e suas tatuagens perfeitas.

— Se prepare para a guerra. — Vaughan advertiu e logo uma enxurrada de água voou na sua direcção. Ela gargalhou enquanto tentava revidar e se agarrou em seus braços numa tentativa falha de o impedir de continuar, pois estava perdendo a batalha.

— Você venceu! — Exclamou e se pendurou no corpo forte, sentindo a textura da pele quente

contra a água fria.

— Não, Val. — Camilo a segurou em seu corpo e olhou dentro dos olhos dela. — É você que venceu.

Os olhos verdes brilharam naquele escuro, sem saber o que aquelas palavras realmente queriam dizer, mas os braços que a rodearam disseram tudo aquilo que não sabia. Sentiu muito medo quando apoiou a cabeça na curva do pescoço e então lágrimas escorreram tão quentes que o fizeram se retesar.

— Se está chorando por causa do que eu disse mais cedo, saiba que a minha incapacidade de amar não é por você. Só não sei como posso fazer. — Estava a ser sincero, principalmente por saber como os hormônios de uma mulher grávida se alteravam a todo instante. Precisava pisar com cuidado cada degrau.

— Promete que vai amar nosso filho acima de qualquer coisa?

— Por que me faz essa pergunta?

— Para que você possa reaprender a ter a capacidade de amar.

Camilo prendeu o maxilar quando sentiu ela se afastar com cuidado e sair das águas frias. Como sempre tinha mudado de um estado de total alegria para um melancólico, coisa que o intrigava bastante.

A seguiu para fora da água e se vestiu de imediato, ajudando-a a cobrir-se com o casaco. Levaram o lixo para um balde de ferro que ficava no passeio e logo entraram no carro. Estava a ser uma noite muito tensa e sempre com oscilações. Ele ligou o aquecedor, mas não dirigiu de imediato.

— Está me escondendo alguma coisa que eu precise saber, Valquíria? — Perguntou porque não era nenhum idiota e cada vez que juntava tudo o que tinha acontecido até ali, começava a ter a máxima certeza que tinha algo de muito errado.

— Estou cansada. — Respondeu e fechou os olhos a indicar que não falaria mais nada.

Ele apenas concordou com a cabeça, mas afirmou por dentro que não iria esperar o sol surgir para ir atrás da verdade.

Conexão

Os lábios de Monalisa secaram instintivamente junto da garganta que optou por fantasiar estar em completo Deserto do Saara. Mas o mais curioso era o corpo de metro e meio que se espremia contra as prateleiras desejando atravessá-las ou se materializar em algum objecto indiferente a olho humano. Especialmente àqueles daquele homem que nunca tinha visto e mesmo assim temia ser vista como se pudesse descobrir sua voz só de verificar seu rosto bonito.

— Por favor, siga-me. — O colega foi educado ao afastar a cadeira e estender a mão que indicava o caminho entre as dezenas das prateleiras das bibliotecas que os levariam até ao local exacto onde se encontravam as obras requisitadas.

— Obrigado. — O desconhecido sabia ser ainda mais galanteador só pela eficácia magnética em ser um bom receptor. Ou pelo menos era isso que Mona pensava enquanto tentava mover seus pés desobedientes do lugar. Puxou o banco para o lado e coçou a testa quando percebeu que iriam passar pelo corredor ao lado, então disfarçou prontamente averiguar qualquer dos livros que encontrou a sua frente, dando exactamente de cara com um manuscrito antigo do *Kamasutra* que tinha sido recuperado na totalidade para habitar aquela biblioteca.

Os castanhos olhos doces giraram para o canto sem necessariamente movimentar a cabeça, mas foi o suficiente para encontrar um par de olhos pretos inquisidores que a encaravam com atenção. Era um homem alto de cabelos escuros bem penteados para trás quase a roçar a gola da camisa branca, tinha lábios estreitos e um sobrolho acentuado no rosto pálido.

Monalisa se assustou e deixou o livro ir ao chão. As bochechas arderam ao perceber os olhos escuros penetrantes discorrerem para o título em evidência da capa virada para cima do livro no chão e em seguida o estranho virou o rosto e seguiu o funcionário que o conduzia um pouco mais a frente. O coração dela era um campo de experimentos de bombas atómicas, suas mãos estavam trémulas quando se agachou para apanhar o livro sem poder deixar de se sentir uma louca por reagir assim por causa de uma voz.

Não é apenas uma voz. Pensou consigo mesma a guardar o livro, e tinha razão. Era um rosto agora, bonito e totalmente diferente do que já tinha visto. Parecia uma escultura ambulante cheia de uma beleza fidalga.

— Ben? Ben! — Sussurrou para o colaborador que regressava em seus passos silenciosos de carácter obrigatório ali dentro, mas como este não escutou, então o seguiu até ao balcão de atendimento.

— Hayes. — Levantou os olhos admirados porque raramente a via parar de trabalhar nem por um segundo quando eram dias atarefados como aquele. — Algum problema?

— Aquele homem que entrou, quem era? — Perguntou se inclinando e os cabelos balançaram para frente.

— Er… — Ben pareceu ficar sem fala quando abriu a boca que escondia o aparelho dentário, mas logo voltou a fechar quase sem graça e olhando por cima do ombro da sua colega.

— Arthur Kingsley.

Monalisa ficou estática e todo seu corpo a traiu ao imitar um mar congelado pelo inverno mais rigoroso, logo após ouvir a voz rouca responder por si mesmo cheio de uma confiança desconcertante. Virou-se devagar a rodopiar os calcanhares e inseriu um sorriso no rosto.

— Monalisa Hayes. — Disfarçou um sossego que nem existia e se irritou com o sorrisinho lateral que subiu no rosto dele. Era debochado. — Sou a gerente da biblioteca.

— Certo. — A voz sensual se arrastou pelo lugar, mas tratou de desviar os olhos escuros para Ben. — Ainda vou precisar de sua ajuda.

— Claro. — O jovem voltou a levantar e olhou para Mona. — Pode cuidar do balcão para mim?

Concordou e os viu sair mais uma vez, mas desta vez logo que o colega voltou, Monalisa teve que se embrenhar nos seus afazeres para não atrasar na sua meta estipulada para a finalização de cada um. Não gostava de coisas mal feitas e mesmo espreitando de vez em quando, só conseguiu ver o dito Arthur sair apressado e ir embora com alguns volumes na mão.

Quando finalmente chegou em casa no final do expediente que se estendia um pouco pela noite, ainda escutou o pai que tentava convencer a mãe a diminuir algumas coisas que estavam na sala e outros cómodos do andar térreo. Palmira murmurava que era tudo importante como sempre ou que poderia ser usado no futuro, e Abasi simplesmente se calava.

— Boa noite. — Cumprimentou os pais com beijos, mas não disfarçou o desconforto que era chegar em casa e nem ter espaço a cada dia que passava. Inclusive a mesa de jantar estava lotada de caixas, tanto que passaram a refeição na cozinha.

— Eu tenho falado com a Valquíria sempre que dá. — A mãe confessou e o seu semblante forçado causou intriga nos demais. — Queria ir visitá-la, mas o casamento é tão recente.

— Eu também. — O pai parecia mais de fora de alguma coisa, diferente da mulher que pareceu perder o apetite de imediato. — Mas é muito rápido. Sinto saudades da maluca da casa.

— E a Eli? — Mona perguntou baixo e uma ideia rápida lhe ocorreu na cabeça.

— Ela foi sair com o tal rapaz indiano que parece actor de cinema. — Palmira se divertiu. — Parece que é assim, quando uma se casa, todas vão a seguir.

— Não pense ainda em casamento! — Abasi agora descascava frutas para a sobremesa. — Mal se conheceram. Já nos basta a Valquíria.

Monalisa apenas suspirou e repensou nas palavras da mãe, afinal sua mente projectou de imediato a imagem daquele homem de olhos objectivos. Tinha a certeza que era a voz dele que tinha cruzado sua linha telefónica, só não sabia ainda se tudo não passava de um acaso.

•••

— A *Val*? — Holanda não disfarçou a surpresa ao escutar como o amigo se referiu a mulher que até há pouco tempo parecia não suportar. — Agora é Val?

— Ela me fez rir. — Contou a segurar a sua xícara favorita de *Star Wars* e que estava cheia de café. — Ajudou a Cecile. Conseguiu que eu entrasse na praia só para brincar.

— Ela entrou aqui, dizendo que estava grávida de um filho seu e depois saiu pronta para difamar todos Vaughan na maior cara de pau! Sofre de amnésia? — Estava muito bonita como sempre. Usava um vestido acima dos joelhos e uma sandália alta vermelha cheia de tiras que se fechava no tornozelo. O seu bom gosto estava em evidência como sempre.

— E mentiu?

— O que quer dizer com isso? — Foi surpreendida com aquela questão. — O que sei é que te expôs! Oh, meu Deus, Camilo… Está apaixonado?

Ele quis negar com a cabeça, mas esta não se moveu um milímetro, o contrariando com veemência. Respirou fundo e bebeu um gole.

— Há algo em Valquíria.

— Esperteza? Primeiro te provocou e agora ficou calma. Me desculpe, mas fico muito preocupada. — Holanda começou a andar de um lado para o outro. — Mas também não costumo ser injusta e a verdade é que não a conheço direito, sequer convivo com ela. Afinal todo ser humano costuma ter seus prós e contras, não é mesmo?

Naquele momento bateram na porta e Nadir entrou como sempre no seu jeito calmo, trocando aqueles olhares misteriosos com o chefe que Holanda não conseguia desmistificar. Trazia três envelopes na mão.

— Felícia mandou convites do casamento. Incluindo para "Vaughan e Esposa". — Afirmou a colocar em cima da mesa dele que arqueou o sobrolho a procura de sinais da típica ex namorada que quer mostrar que deu a volta por cima.

— Não vou. — Tratou logo de dizer no seu tom indecifrável.

— Por que não? Já não gosta de Felícia e sempre pode levar a sua "esposa" — Holanda fez aspas com os dedos — para podermos ficar a conhecê-la melhor.

— Bebeu logo cedo? — Nadir estranhou ao escutar a sugestão dada pela amiga e piscou várias vezes como se tal acto o pudesse fazer compreender melhor.

— Pergunte para ele. Está bêbado pela *Val*. A *Val*. — Ela provocou em risadas contagiantes e puxou o indiano para fora do gabinete do chefe, deixando-o sozinho em seus próprios pensamentos e o dia que aquela mulher de olhos esmeralda irrompeu seu escritório pela primeira vez desde que tinha fugido sem dar notícias, regressou com força até seus pensamentos.

3 Meses Atrás

— Ei! Quem deixou você entrar? Quem pensa que é? — Nadir estava aturdido quando a porta do gabinete do seu chefe foi aberta pela intrusa.

— Valquíria Hayes. — Respondeu em toda sua confiança e seu queixo estava erguido quando parou de frente para Camilo que deu sinal para o outro sair. Era a segunda vez que a via e mesmo assim sentiu algo dentro de seu peito se desestabilizar, mas seus olhos frios nunca demonstraram isso. Mesmo quando passou um mês inteiro a fingir que tudo aquilo não tinha passado apenas de uma noite.

Agora ela estava ali. A mulher que sabia conversar e o entreter como ninguém, porque normalmente era ele quem fazia isso com as outras pessoas. Sem contar que vestia um longo vestido com estampas florais e alças que se prendiam em seu pescoço, o qual a assentava perfeitamente no corpo magro e alto.

— Sente-se por favor. — Como sempre era educado. — Quer beber alguma coisa?

Parecia um robô com uma gravação repetida e cronometrada. Val riu quando se sentou e abriu a bolsa a procura de um envelope que pousou por cima da mesa.

— Sentiu saudades minhas? — Perguntou e empurrou o rectângulo de papel pardo para perto dele. — Leia.

— Não preciso. — Camilo se ajeitou na grande cadeira que fazia jus ao seu tamanho. Coçou a barba. — Posso prever o que me traz, senão não teria vindo até aqui.

— Não me importo de fazer um teste de…

— Apenas diga o que quer? — A cortou e percebeu que se sentia um pouco decepcionado, mas não mostrou. Ainda por cima com os magníficos olhos verdes que o perscrutavam. — Eu assumo toda e qualquer responsabilidade.

— Mas quer…? Ter um filho comigo? — Ela piscou e aquela atitude o fez mover o sobrolho ao alto. Cruzou os braços.

— E o que isso importa agora? — Retorquiu sem estender muito seus pensamentos. Seu conflito pela ideia de ser pai, seu receio em falhar para uma criança que não tinha culpa de nada.

Val arregalou os olhos num espanto nada discreto.

— Não vai se enervar ao menos? — Ela tentou e tudo o que encontrou foi aquele mar Glacial daqueles olhos. — E sua família?

— Eles irão compreender. Não sou nenhuma criança. — Até a paciência em responder era teatral. Sempre pautando pela frivolidade.

— E se não compreenderem? Não quero que o meu filho sofra nenhuma retaliação.

Camilo apoiou os braços em cima da mesa e continuou com a aparência fria, de quem não se abalava e sabia lidar com todas as questões e adversidades. Suas duas constelações de gelo reflectiam o embrulho vazio.

— Eles sempre concordam com todas as minhas decisões. — Garantiu e não se ateve ao brilho dos olhos esverdeados depois de escutar aquela frase. — E se você não tivesse fugido naquela noite, teria poupado a imagem de um golpe da barriga que tem agora.

— Eu não me importo com isso. — Valquíria era mesmo despretensiosa.

— Meus advogados vão entrar em contacto. Lhe darei todo o sustento possível. Pode

escolher a casa que quiser, carro e estipular uma quantia mensal.

— Camilo! — Ela estalou os dedos no rosto dele. — Está se referindo a mim, mas e a criança?

Ele não respondeu e não compreendeu quando a viu se levantar com todo cuidado. O fixou um olhar estreito antes de sair da sala em seus passos leves que pareciam deslizar pelo chão.

Camilo girou o pescoço e o estalou. Precisava se concentrar no final de semana que sempre era agitado no *Las Cruces* e tratar de todos papéis que tinha que assinar e projectos por aprovar. Seu departamento de Marketing estava bastante empenhado e por isso tentou se concentrar para a reunião que se seguia, mas seus pensamentos estavam distantes dali. Fechou os olhos por alguns segundos e se forçou a trabalhar, até porque ele e Valquíria tinham estado menos inimigos naqueles dias. Conversavam antes de dormir e juntos tomavam o pequeno-almoço com certa proximidade. Ela só saía de casa para o hospital ou para acompanhar Cecile aos treinos de futebol que tinha convencido Viviane a inscrevê-la.

Ao final do dia seu celular tocou e o nome de Sanjit surgiu na tela no exacto momento que entrava no carro para ir para casa trocar de roupa e voltar para a *Las Cruces* e monitorar a noite.

— Alguma novidade? — Perguntou após cumprimentar.

— *Eu tive que seguir o planeado e me ausentei poucos dias a fingir que fui de viagem. A Eli* — Camilo ficou alerta ao ouvir o nome carinhoso pela qual o detective chamava sua cunhada. — *Não se discorre muito. Sei que a mãe delas teve um problema repentino de acumulação não faz muito tempo e ninguém está sabendo lidar com isso.*

— E sobre o hospital? — Entrou no carro e ligou o modo de mãos livres. Lá fora o céu estava alaranjado com mistura de vermelho e lilás. — Eu preciso que se foque nisso, não precisa mais tentar tirar informação da Eliete. Elas são muito unidas, não irá se abrir muito em relação a irmã. — Era isso e o facto de se sentir cada vez pior por ter colocado Sanjit atrás dela. Podia não reflectir nas feições faciais, mas o incomodava em consciência.

— *Os meus contactos estão apelando ao sigilo ético e profissional, mas sei que sempre terá um disposto a dar tudo de bandeja. A médica responsável pela sua esposa é altamente conhecida por conduzir uma gravidez de risco com sucesso.*

— Gravidez de risco? — Olhou para o retrovisor enquanto dirigia e apertou o volante com força. — Me passe o nome dela.

Sanjit passou o nome e teve a chamada concluída em seguida. Vaughan tentou não pensar coisas preocupantes, até porque o facto de trabalhar em especial com aquela obstetra podia ser só porque tinha uma fama boa e nada mais. Parou o carro em frente a mansão e entrou em casa. Só encontrou Viviane que bebia um de seus chás e se iluminou quando viu o filho.

Os dois se cumprimentaram com os beijos habituais e abraços.

— E a Val?

A mãe dele engoliu em seco.

— Ela passou todo dia no quarto. Não comeu nada e vomitou bastante. — Parecia preocupada de verdade. — A gravidez do Leandro também era assim, mas não sei…

— E por que não me disseram nada? — Camilo exibiu uma preocupação genuína, sem se entregar a falsa calmaria usual. Podia se ver inclusive a tez empalidecer e os olhos se apagarem.

— Ela implorou. Nem a família quis chamar, disse que só precisava descansar. — Viviane o seguiu até as escadas, mas não subiu com o filho. — Eu chamei o médico de família, mas sua mulher é difícil quando entende.

— Eu sei. — Ele murmurou na sua voz suavemente impactante e subiu os degraus dois a dois, até chegar ao cimo e adentrar no seu quarto. Estava com as cortinas fechadas e todo escuro. Um carrinho de rodas ainda coberto estava perto da cama a indicar que a comida ainda não tinha sido tocada.

Camilo se sentou ao lado dela e a cama cedeu com seu peso. Tocou o rosto dela, estava frio, e meneou a cabeça quando os dois olhos verdes se iluminaram na escuridão. Então esticou a mão para acender a luz do abajur.

— O que você tem? — Perguntou e passou os dedos pelos cabelos. — Fale comigo.

— Estou tomando alguns remédios. Eles dão cabo de mim. — Respondeu e apertou os lábios numa linha fina.

— Que remédios?

— Necessários para a gestação. Eles me enjoam, Camilo. — Respondeu e viu os olhos que a acusaram.

— Está mentindo. — Arguiu. — Tal como quando saiu da minha sala depois de me contar que estava grávida e inventou sobre a noite que ficou grávida, me chamou de nomes e…

— Eu disse que não era a primeira vez que nos encontrávamos e não que tínhamos dormido juntos outras vezes. Disse que você era um idiota que pensava que o dinheiro era a solução dos problemas. E quanto a sua família até acho que deveria ter dito um pouco mais.

— Deixe estar. — Disse quando conseguiu dominar novamente o furor que ousava sair de dentro de si. — Não deveria ter tocado nesse assunto quando lhe disse que tudo passou.

— Não engula o que lhe incomoda.

— Sua gravidez é de risco? — Rebateu. Pois era isso que o angustiava naquele momento e viu como Val o enfrentou com atenção. Era forte demais mesmo quando parecia frágil.

— Não necessariamente. — Balbuciou. — Quando pequena eu sofri um acidente e não poderei levar uma gravidez activa como a maioria das mulheres. Apenas isso.

Camilo se agachou para retirar os sapatos e depois subiu para cama até estar ao lado dela. Demorou algum tempo antes de se encostar nela e a envolver em seu abraço.

— O que está fazendo? Não vai trabalhar? — Valquíria perguntou, até um pouco surpresa pelo gesto repentino.

— Não. Não hoje.

Erro

Holanda não podia estar mais nervosa do que já estava. Para começar, Camilo tinha avisado que não iria trabalhar naquela noite, e ela não podia ficar na boate porque a sua melhor amiga tinha decidido improvisar uma despedida de solteiro de última hora, cabendo a Nadir ficar responsável por acompanhar a noite agitada do *Las Cruces*. Contudo, tinha cedido sua casa para Felícia e organizou uma recepção com comidas e bebidas, acreditando que seria algo simples e entre mulheres.

Enganara-se redondamente.

Sua sala parecia ter sido invadida por uma trupe de estudantes universitários com fogo juvenil, coisa que mal se lembrava de como costumava ser. A noiva tinha convidado homens e mulheres para sua casa, um DJ que balançava por cima do balcão de mármore da sua cozinha americana e tocava uma música tão alta que era capaz de explodir seus tímpanos.

Havia muito álcool, cigarros e desconfiava até de algumas drogas que muitos tomavam e se uniam na pista para gritar e balançar os corpos de maneira incansável. A decoração cheia de balões rosa e branco tinha ido para o espaço tal como a normal despedida de solteiro com jogos femininos. Aquilo tinha se tornado numa festa nada saudável e que se aproximava de alguma orgia, pois mãos a passarem em corpos era o que não faltava.

— Relaxe, Holanda. — Felícia era alta e magra, com perfil de modelo em seus traços angulares de lábios finos e olhos amendoados. Os cabelos antes escuros, tinham sido tingidos de um loiro platinado e usava um vestido quase tão transparente a revelar a *lingerie* por dentro e um véu na cabeça. — Beba!

Ela recebeu o copo de tequila e girou na boca, fazendo cara feia no processo. A maioria das mulheres naquela sala seguia o mesmo padrão, todas magras e espevitadas demais. Bebiam como se fosse a última vez e sempre a encaravam com aquele olhar de misericórdia por ser a única que não se atrevera a colocar uma roupa mais ousada por causa do corpo.

— Não devia beber assim, amanhã é seu casamento. — Observou um pouco preocupada. Detestava coisas feitas em cima da hora. — Poderíamos ter programado com mais tempo.

— Por uma vez em muito tempo… Divirta-se! — Ela exclamou e levantou a mão para o alto para que trouxessem mais bebida. Brindou com a amiga e depois dois homens dançarinos profissionais a vieram carregar para o meio da sala a meio dos urros dos demais.

Pelo canto do olho, Holanda podia ver Leandro no mesmo canto desde que chegara na festa. Bebia um copo atrás do outro e continuava sempre de cara amarrada. Todos sabiam da paixão que tivera pela noiva anos atrás e que ele só se casara com uma outra qualquer quando Felícia se declarou para Camilo na festa de formatura. O curioso era que quando o namoro dos dois terminou, logo depois Leandro se separou da ex mulher com quem nunca tivera filhos. O que deixava a dúvida se ainda nutriria sentimentos por Felícia, mas se esse fosse o caso, seria masoquista o suficiente para

ir assistir a mais uma das suas despedidas de solteiro?

Não era segredo que seria o segundo casamento dela, muito menos que Leandro sempre estava disposto a ser o melhor amigo com quem Felícia podia contar quando quisesse. A qualquer momento que precisava, ele estava lá, desde o início e nem com o passar dos anos tinha mudado.

— Parece que mais uma vez vamos ser padrinhos do mesmo casamento. — A voz de Leandro apanhou Holanda desprevenida. Estava parado ao seu lado com o décimo copo de uísque na mão. Bonito como era, arrancava sorrisos nada discretos da maioria das mulheres que estavam ali. Sem contar com aquele perfume intenso que era capaz de fazer o cupido atirar suas flechas para todos os lados.

— Infelizmente. — Respondeu sem o olhar direito, mas seu coração começou a bater em desespero. Não se lembrava de quando tinha começado a nutrir sentimentos por um homem daqueles, porém tentava se manter sempre firme para não cair em tentação. Buscou outros relacionamentos, embora pouco satisfatórios, inclusive tinha até caído na ideia de procurar um relacionamento afrocentrado – entre negros, acreditando que seria mais valorizada, mas acabou por descobrir que os homens podiam ser muito escrotos independente de sua raça.

Leandro riu cheio de um sarcasmo e bebeu mais um gole.

— Eu sei muito bem o que você quer, Holanda. De onde vem toda essa sua ferocidade em relação a minha pessoa. Pensa que não vejo como olha para mim? — Questionou e as palavras se enrolavam em sua boca. Estava bêbado o suficiente.

— Ah, seu verme. Me deixe em paz! — Ela brigou, só não soube se era pelas verdades que ouvia ou se era consigo mesma. Se afastou em seus saltos elegantes e o vestido que apertava seus contornos volumosos. Passou pelo aglomerado de pessoas, tirou algumas fotografias com a amiga, bebeu mais um pouco e tentou se distrair. Não fossem seus olhos que volta e meia procuravam pelo irmão do seu melhor amigo.

Depois foi para a cozinha ajudar a adiantar algumas coisas porque a bagunça era muita e não gostava de ver as coisas daquele jeito. Um grupo fumava ali enquanto conversavam sem a olhar duas vezes mesmo estando em sua própria casa, então saiu para a varanda apanhar um pouco de ar. Pelo menos ali não estava ninguém por causa do frio. Apoiou os braços no parapeito e ficou a observar a cidade cheia de luzes, aproveitando para sentir vento que batia em seu rosto e parecia suavizar a quantidade de álcool ingerido. Ouviu o barulho das portas francesas a serem arrastadas e viu a figura que surgiu de olhos semicerrados.

— Está me perseguindo? — Estranhou quando Leandro fechou as portas atrás de si e deu dois passos dúbios na sua direcção. Não lhe disse nada, apenas segurou-a e a prensou contra a parede fria da varanda que ficava um pouco afastada da porta.

— Até parece que não quer…

— Me solta, seu… — O insulto não chegou, pois quando a boca dele se uniu à sua, ela perdeu toda razão possível. Todo seu cérebro se empastou e um frio lhe correu a espinha ao sentir os lábios quentes e a língua atrevida que se enroscou na sua. Não quis soltar aquele gemido que escapou de sua boca, mas foi mais forte que toda sua sanidade. Apenas se deixou levar pelo beijo desconcertante com sabor a uísque e as mãos que varreram todo seu corpo.

Leandro apertou seus seios grandes por cima do tecido e depois baixou as mãos até a bainha do seu vestido. O puxou para cima.

— O que está fazendo? — Holanda ofegou, mas apertou os dentes no lábio inferior quando sentiu dois dedos escorregarem para dentro da sua calcinha. Ficou furiosa por se descobrir tão molhada só com um beijo e só piorou quando os sentiu deslizar para dentro de si.

— Não pensei que me quisesse tanto assim… — Ele murmurou a retirar sua mão e abriu a fivela do seu cinto. Ela arregalou os olhos.

— Não. — Se desesperou. — Aqui não! E se alguém…

Leandro voltou a beijá-la para a silenciar e sem pensar duas vezes libertou o seu membro para fora, tirou um preservativo do bolso e o colocou com agilidade de quem estava habituado a fazer coisas inusitadas. Ela queria fugir dali, mostrar a coragem que sempre tinha demonstrado, mas não se mexeu porque naquele momento o orgulho tinha evaporado para bem longe. Apenas cedeu quando ele afastou suas pernas para o lado, depois a sua calcinha, e dobrou ligeiramente os joelhos para a penetrar.

Holanda não podia acreditar que aquilo estava a acontecer. Não na sua casa, muito menos na varanda, e ainda com um homem que muito pouco lhe falava direito. Gemeu com remorsos ao senti-lo bem duro dentro de si e se agarrou no pescoço dele a sentir as investidas rápidas. Ele se mexia com força, metia tudo sem nenhum pudor, e ela sentia muito, tanto que esqueceu onde estavam e se permitiu gemer a vontade.

Não era daquele jeito que se tinha imaginado nos braços dele, mas estava ser muito prazeroso na mesma, então se permitiu gozar no membro grosso só para ficar envergonhada depois. No entanto, Leandro parecia muito longe de terminar e continuou as investidas profundas por algum tempo antes de parar e se contorcer para se libertar. Só então se retirou de dentro dela, tirou a camisinha e a jogou num balde de lixo que estava ali. Ajustou as calças, acendeu um cigarro e se afastou sem dizer uma única palavra voltando para a festa.

Holanda ficou parada por alguns segundos, e mesmo com a sensação de alívio que seu corpo emanava, ela se sentiu mal por dentro. Muito mal.

•••

Camilo recebeu o telefonema de Eliete logo de manhã quando acabava de se preparar para ir ao *Las Cruces*. Tinha ido correr logo cedo como habitual, e ainda chegara a tempo de tomar o café da manhã na cama com Valquíria que tinha acordado cheia de apetite. Era aos fins-de-semana que tinha mais trabalho e por isso tomou seu banho primeiro e agora podia ouvir o som do chuveiro dali do quarto.

— Alô Eliete como vai? — Atendeu com sua calma e andou até a janela onde gostava de ver a paisagem.

— *Oi, Camilo. Bem obrigada e você*? — Ela perguntou e prosseguiu depois de ouvir a resposta positiva. — *Estou ligando porque preciso de sua ajuda. Eu não sei como andam as coisas entre você e minha irmã, mas gostava que nesse momento pusesse um pouco de lado.*

— Nós… Está tudo bem. — Não deu detalhes quando voltou o pescoço em direcção ao banheiro

onde se ouvia a voz de Val que cantarolava alguma coisa um pouco desafinada.

— *Olhe, nós quase não temos tido muito contacto e não queremos ser tão intrometidas a aparecer assim. Então, apesar de parecer tão antiético, nós temos a noção do seu bom senso.*

Camilo estalou o pescoço a escutar aquilo e se lembrou logo de Sanjit. Por sorte já o tinha mandado se afastar da irmã mais velha de sua mulher.

— Prossiga.

— *A Monalisa teve uma ideia conversando com nossos pais, e queríamos saber se você podia convidar a nossa família para almoçar na sua casa amanhã? Não leve a mal, só estamos preocupados.* — Explicou dando a entender que a irmã do meio tinha tido vergonha de telefonar a pedir.

— Claro. — Concordou e ouviu gritos histéricos do outro lado da linha a indicar que a chamada estava em viva voz. — Vou avisar a minha mãe.

— *Muito obrigada. Nem sei como agradecer.*

— Não tem de quê. Até amanhã então.

Desligou depois que Eliete se despediu e se afastou da janela ao mesmo tempo que Valquíria saía enrolada numa toalha e sorriu quando o viu.

— Com quem estava falando? — Perguntou naturalmente e se desfez da toalha que foi ao chão a revelar o corpo bonito. Mesmo magro ainda sabia ser sensual de um jeito que o fez levantar as sobrancelhas como se a visse pela primeira vez.

— Suas irmãs. Eu convidei sua família para almoçar amanhã connosco. — Disse ainda parado como se os pés tivessem sido colados no chão.

— Sem me consultar? — Valquíria se voltou para ele enquanto colocava a roupa íntima. Uma calcinha simples de algodão e um pouco grande, talvez por causa da barriga que se via ainda mais quando estava nua.

— Algum problema?

— Nem por isso. — Ela se voltou para buscar o sutiã na gaveta do seu armário e não percebeu quando foi que Vaughan se aproximou.

— Deixe que eu a ajudo. — Disse e as mãos grandes se prontificaram a unir o fecho da peça branca. — É que faz algum tempo que não convivemos com eles. De alguma forma somos uma família, não? E a minha mãe gosta de receber pessoas só para fazer papel de anfitriã.

Val concordou com a cabeça ao de leve e não se voltou para o olhar como se quisesse esconder o receio de estar junto a sua família. Era certo que Camilo iria avaliá-la diante deles, afinal era mais esperto do que parecia.

— Sabe o que vou fazer hoje? — Ela procurou um vestido jeans. — Levar a Cecile e a Andrómeda ao cinema esta tarde.

— E depois? — Ele olhou para o relógio de pulso. — Eu preciso trabalhar todo dia, e não poderei ir a igreja para um casamento que fui convidado. Mas a festa é no início da noite, quer ir comigo?

Desta vez Val se virou um pouco surpresa. A ida ao desfile tinha sido sugestão sua e por isso aquele convite era diferente. O olhou atentamente e pestanejou.

— É claro.

— E se sente melhor?

— E maravilhosa.

Camilo esboçou um sorriso simples, mas verdadeiro.

— Eu não perguntei antes porque vi que precisava descansar, mas você disse que já tínhamos nos encontrado antes. Posso saber onde?

Val deu de ombros.

— Em cafés, bares e lugares comuns. Você é que nunca me viu. — Afirmou e deu de ombros tentando passar por ele, mas sentiu a mão que a segurou com delicadeza.

Os olhos azuis gélidos a encararam procurando dentro dos olhos de fogo a razão de os achar tão familiares.

— Talvez seja a hora de ver agora. — Concluiu e se aproximou para lhe dar um beijo na testa, roçando sua barba na pele escura que se arrepiou. Então Camilo afagou os cabelos dela e se distanciou a caminhar para a porta. Não disse que ainda tinha coisas que não compreendia tal como a questão dela parecer saber mais coisas sobre si do que alguma vez tinha mostrado. Mas ele não corria mais que as pernas, em algum momento iria arrancar aquilo dela.

— Val? — A chamou quando abriu a porta. — Quando é sua próxima consulta?

— Na segunda-feira. — Respondeu a sentar na cama para calçar as sandálias rasas. Camilo viu quando as mãos dela falharam levemente.

— Gostava de ir com você, se importa?

Ela levantou a cabeça.

— E se eu me importar, o que vai fazer? — O desafiou e estreitou os olhos felinos.

— Irei na mesma. — Respondeu com firmeza. — Quero conhecer meu filho.

Os lábios dela se curvaram para cima e voltou a baixar a cabeça para fechar a sandália.

— Segunda-feira, às oito horas. — Respondeu e mais uma vez foi surpreendida quando o viu recuar até se aproximar da cama, onde se agachou diante dela e segurou no seu pé para fechar suas sandálias. — Obrigada.

— Até logo. — Vaughan se levantou e desta vez saiu do quarto deixando-a sozinha. Ela terminou de se arrumar enquanto pensava como algumas coisas pareciam ter mudado, os dois finalmente tinham chegado a um equilíbrio razoável, mas também não podia afrouxar com o marido, afinal por trás daquela calmaria toda existia um homem muito astuto e que iria estudá-la por inteiro.

Desceu as escadas alguns minutos depois, cumprimentou Cecile e Anthony que estavam na sala num momento pai e filha com jornais e revistas, e seguiu para cozinha onde Viviane estava atarantada a dar ordens a Aurora por causa do almoço no dia seguinte como se fosse receber o presidente da república.

— Bom dia. Querida me diga o que seus pais gostam de comer? Algum prato favorito? — Perguntava já a escrever num bloco a ementa que faria e as empregadas já se preparavam para uma tarde de muito trabalho.

— Qualquer coisa. Somos pessoas simples. — Valquíria se sentou num dos balcões e tirou uma maçã do grande cesto cheio de frutas de variados tipos. Chegavam até a parecer enfeites de tão brilhantes e perfeitas que eram.

Cecile entrou alguns minutos depois, descalça e com o cabelo despenteado. Segurava a revista Magazine na mão e a jogou por cima da mesa.

— […] "Eu e Valquíria Hayes podemos ter começado pelo pé esquerdo, mas temos agora como um único objectivo o de nos concentrar para formar uma família. *Uma verdadeira família*." — A Vaughan mais nova leu e enfatizou a última frase com os olhos coléricos e os voltou para a mãe.

— O que ele quis dizer com isso? — Viviane parou o que fazia e ficou pálida.

— Talvez devesse perguntar para ele. — Valquíria tinha sentido um frio no estômago ao ouvir aquilo e não disfarçou.

— Nós somos uma verdadeira família! — Cecile anuiu e parecia de alguma forma ultrajada. — Por que o Camilo diria isso? Deve ser coisa daquela jornalista tendenciosa, não é mãe?

Aurora tossicou e se apressou em sair dali levando as outras empregadas junto.

— Uma família não é só aquela que convive diariamente, Cecile. Exige muito mais carinho, afecto e presença nos momentos importantes de nossas vidas. — Ela falava a olhar directamente para a sogra. — Pode ser difícil, mas uma mãe deve pautar por distribuir amor pelos filhos de forma quase igual. Veja, eu tenho três irmãs e nunca sentimos que uma fosse favorita em relação a outra.

— Eu não tenho filhos favoritos! — Viviane exclamou. — E se fosse para ter com certeza o menos problemático estaria no topo dessa lista.

— Olhe, eu não quero me meter em problemas de família. Isso é algo que deve conversar com seu filho. — Valquíria mordeu a maçã. — Mas prestar mais atenção em um só porque o outro não dá problemas, chega a ser desleal. Acredito que não faça por mal, mas me diga, quando foi a última vez que olhou para o Camilo e cogitou que talvez ele estava a sofrer? Será que acredita piamente que um ser humano passa anos e anos sem nenhum problema?

— É claro que ele tem problemas. A única diferença é que…

— Ele sabe resolver sozinho. — A nora completou. — Saber resolver sozinho é uma coisa. Não ter apoio é outra.

Cecile não compreendia direito a profundidade daquela conversa.

— Foi por isso que me disse que se eu não fosse tão mimada talvez ele não tivesse que se casar com você? — Ela perguntou a buscar apoio da mãe através do olhar. — Estão convertendo toda atenção em mim e o deixaram de lado?

— Você não tem culpa de nada. — Valquíria até se sentiu um pouco incomodada. Cecile era uma menina que muito ou pouco sabia ainda analisar as coisas.

— O Camilo já é um adulto!

— E o Leandro também.

Veracidade

Eliete caminhava radiante ao lado de Sanjit. Tinham ido ao cinema e depois jantar num rodízio, agora caminhavam lado a lado por uma rua turística cheia de artistas que mostravam variados estilos de talentos. Era toda luminosa, com muitas pessoas que aproveitavam um bom momento de lazer.

— Fiquei feliz quando recebi seu convite. — Ela disse com o seu lindo sorriso que se destacava no rosto oval. Naquela noite estava com o cabelo ondulado preso num rabo-de-cavalo, usava calças e um casaco quente. — Não pensei que fosse voltar tão já.

— Foi rápido. — Sanjit não queria mentir, na verdade nem deveria estar ali, mas o pouco que tinha convivido com ela tinha sido o suficiente para não tirá-la de seus pensamentos. Tinha jurado que aquele seria um encontro onde iria se despedir com alguma desculpa fajuta, mas agora que passeava ao seu lado não parecia algo que lhe apetecesse fazer.

Pararam para comprar dois sorvetes e depois se sentaram num banco perto de uma praça. Dali se escutava o violino de um jovem que tocava e ganhava moedas, assim como se ouviam vozes e risos divertidos dos transeuntes.

— Eu estive pensando… — Ele vestia uma blusa de mangas compridas que demarcava todo corpo com músculos de fazer perder a respiração. O rosto com a barba curta lhe deixava ainda mais bonito e os olhos expressivos pareciam esconder tanta coisa. — Você acredita que tudo na vida tem um propósito? Digo, de acabarmos por conhecer pessoas só por um motivo.

— Plenamente. Tudo se trata de uma aquisição de conhecimentos ou experiências. Nada pode ser em vão. — Garantiu a lamber o sorvete e se deliciou com o sabor doce em sua boca. Mesmo com o frio que fazia, não podia ser mais espectacular. — Por que me pergunta isso?

— O pouco tempo que passei com você foi muito genuíno. É raro ver uma mulher que é ela mesma sem se importar com o que os outros vão pensar. O mundo está cheio de futilidades e depois existe você.

Eli pestanejou ao ouvir aquilo, era bom demais porque de alguma forma sentia o mesmo. Tinha tido uma conexão desde o primeiro minuto que se falaram.

— Ainda prezo por pequenos encontros, conhecer a pessoa e ir criando algo. Hoje em dia tudo acontece muito depressa. Não que seja da minha conta, mas é bom ter esse entendimento antes. — Sanjit continuou a falar e olhava para todos os lados menos para os olhos rasgados que sabia que o fixavam.

— E então?

— Então que você nem sentiu minha falta e ainda disse que voltei tão já. — Brincou com um riso, e se virou apenas para levar com o sorvete que gelou seu nariz de propósito. Os dois riram em sintonia.

— Tenho trinta e dois anos, não posso parecer aquelas meninas desesperadas. — Gracejou e levou o dedo polegar para limpar o pequeno ponto branco que enfeitava o nariz dele.

— Solteirona. — Sanjit provocou e sentiu a cotovelada que ela lhe deu.

— Os sentimentos hoje em dias são efémeros, as pessoas traem, mentem e querem sempre digladiar dentro de uma relação. Prefiro estar ciente de onde eu piso antes de entregar meu coração para amar alguém que não é de inteira confiança. Eu tenho como um princípio a Veracidade.

Sanjit ficou pálido por uns segundos e tossicou para clarear a garganta. Contar a verdade estava fora de questão, não só pelo sigilo profissional, mas também por uma pequena covardia e receio de ver a decepção que poderia causar nela.

— Acho que deveríamos parar de nos encontrar. — Soltou aquilo como uma bola de fogo que se alavancou directo para o rosto dela que chamuscou.

Eli abriu a boca.

— Por quê? — Perguntou sem esconder o desapontamento. — Já sei. É por causa das nossas culturas serem diferentes, não é? A gente pode namorar por um tempo, mas depois vai ter que voltar para a índia e se casar com uma indiana que segue os costumes de sua família. E você não quer me enganar.

Sanjit não tinha pensado naquilo até aquele momento, pois tudo o que lhe passava antes era a questão de ter sido contratado para a investigar.

— Isso também é uma observação pertinente.

— E o que mais?

— Seus pais… — Aproveitou para perguntar porque descobriu que tinha o maior interesse em saber. — O que diriam sobre mim?

— Meus pais são maravilhosos, só nos querem ver felizes. — Afirmou e mordeu a bolacha do sorvete. — Amanhã tem um almoço em casa da minha irmã mais nova, se quiser vir como um amigo, se sinta convidado. Veria que todos são boas pessoas.

— Não. — Sanjit saltou do banco num acto tão repentino que deixou o seu sorvete ir ao chão. Percebeu como ela o encarou um quanto atónita.

— Foi só um convite. — Levantou as sobrancelhas.

— Eu sei, não tem nada a ver com isso. — Se enrolou. Até porque tinha muita vontade de ir, mas cruzar com Vaughan não estava na sua lista de prioridades. Não quando lhe tinha dito para se afastar.

— Tudo bem. — Eliete tentou disfarçar e se levantou. Não queria que pensasse que o estava a forçar a alguma coisa. — Vamos?

Sanjit concordou com a cabeça e os dois fizeram o caminho de regresso pela rua dos artistas até chegarem ao carro que tinha ficado estacionado em frente do restaurante. Entraram e se acomodaram a agradecer pelo calor interior.

— Na Índia nós somos muito calorosos, convivemos todos entre famílias e juntos uns dos outros. Apesar disso, eu sou muito independente e pretendo me casar com a mulher que escolher mesmo que isso implique muitas outras coisas. — Disse e passou uma mão por trás do seu encosto

quando se inclinou para estar próximo dela. — Se quiser me convidar para sua casa, numa outra circunstância que não essa, eu faria muito gosto, até porque sinto falta de estar assim tão rodeado.

— Você não tem família cá? — Eli sentiu as mãos soarem ao vê-lo tão próximo, mas em nenhum momento baixou os olhos.

— Um primo. — Respondeu sem mencionar o nome de Nadir.

— Então considere o convite feito. — Os olhos pestanejaram quando ele se aproximou ainda mais até quase encostar os lábios. O coração dela se espremeu contra o peito e os olhos faiscaram ao ver o sorriso no rosto dele. — O que é?

— Estou esperando você me empurrar.

Eliete deveria ter feito isso naquele mesmo instante, mas tudo o que conseguiu foi juntar os lábios aos dele com impetuosidade, sem se preocupar com o dia de amanhã. Sanjit não se segurou e aprofundou o beijo com carinho, tinha esperado demais por aquele momento.

Agora era só aguardar as consequências.

•••

Camilo detestava atrasos.

Mas o dia não parecia conspirar a seu favor. O trabalho demorara mais do que o previsto e quando deixou a *Las Cruces* ainda tinha um sítio por onde passar antes de ir buscar a sua mulher para a bendita festa de casamento.

Quando desceu do carro para entrar na maior clínica privada do país, sentiu alguns pingos frios tocarem seu rosto. Passou pelas grandes portas de vidro e seguiu até ao elevador para subir até ao piso onde tinha marcado a reunião.

— Senhor Vaughan? — Uma enfermeira o recebeu assim que chegou. Era jovem e com um sorriso simpático no rosto. — Por aqui. A doutora Hazumi espera pelo senhor.

Entrou na sala climatizada onde uma mulher asiática estava sentada numa mesa organizada com a agenda aberta e alguns objectos profissionais por cima.

— Boa noite, doutora Hazumi. Obrigada por me receber. — Apertou a mão dela que se tinha levantado e os dois sentaram quase ao mesmo tempo. Dava para perceber que era um gabinete pessoal pelo número de livros nas estantes e algumas fotografias penduradas na parede.

— É sempre um prazer, senhor Vaughan. Temo apenas não poder disponibilizar muito tempo, mas estou ao seu dispor. — Falava de forma correcta e mesmo sentada dava para perceber que não era muito alta.

— Como lhe expliquei ao telefone, eu vim aqui por causa da minha mulher. Valquíria Hayes, pois soube que é sua paciente. — Ele foi directo ao assunto em toda sua forma calma e natural.

— Sim, eu sei. E como lhe expliquei não posso dar informações sobre os meus pacientes sem a autorização deles. Nem mesmo por uma gripe. Devemos manter o sigilo profissional em todos os casos. — Ela demonstrou certa paciência ao se explanar.

— Sim, nós temos uma consulta na segunda-feira. Só fico um pouco receoso por causa do seu

estado, sendo que não me conta muito. Só que precisa de muito repouso e fico sem saber até que ponto pode ir.

— A senhora Hayes por enquanto pode ter uma vida normal, sem se cansar muito ou ter irritações ou stress como por exemplo no trabalho. Também deve dormir mais que o normal a fim de evitar qualquer preocupação.

— Isso foi tudo o que ela me disse.

A doutora Hazumi não mudou a expressão em nenhum momento.

— É tudo o que lhe posso dizer.

— Ela anda frágil, doutora. Muitos vómitos e até algumas dificuldades em coisas pequenas. Devo me preocupar? — Era bom com as palavras, não fosse a médica saber lidar com aquelas questões.

— Os vómitos são recorrentes nesta fase da gestação. Algumas mulheres carregam o mau estar até ao final. Deve se ater na dieta que eu a receitei, pelo facto de retirar mais do que consome pode ser uma das causas.

— Dieta?

— Legumes, batidos, *smoothies*. Nada de carne vermelha, optar por alimentos cozidos ou fritos em muito pouco azeite. A senhora Hayes tem a lista, pode se assegurar de que a cumpre?

— O facto de ter sofrido um acidente pode afectar gravemente na gestação? Há riscos de perder o bebé?

— Sempre há riscos em todos os casos. — Esquiva como nunca, não disse nada mais do que pudesse acrescentar na dúvida que Camilo tinha.

— Muito obrigado pelo seu tempo, doutora. — Levantou-se em sua magnitude que parecia cobrir a luz do gabinete médico e apertou a mão de Lola mais uma vez.

— Sempre ao seu dispor. — Respondeu com profissionalismo, mas não estava preparada para o olhar gélido que lhe foi dirigido e que fez com que parecesse como se um cubo de gelo tivesse ido cair directamente no seu estômago.

Não havia mentiras nas palavras da médica, mas ele sentiu que eram meias verdades.

Quando voltou para o carro, viu as onze chamadas perdidas de sua mãe e uma de Valquíria. Por sorte tinha tomado banho e trocado de roupa na boate antes de ir para a mansão, onde não entrou e apenas aguardou do lado de fora. Sabia que a mulher deveria estar a soltar fumo pelas fendas por conta do atraso, mas se perdeu nos pensamentos quando a viu sair majestosa num vestido verde-claro que certamente casava com seus olhos. Era justo até as coxas e depois se abria na parte de baixo. Os cabelos estavam presos num penteado elaborado que deixava alguns cachos a penderem para o lado.

Camilo saiu do carro apenas para lhe abrir a porta, mas se deparou com uma Val bastante furiosa.

— Saiba que eu quase desisti de ir a essa festa por causa da sua demora. Não fosse ter me arrumado toda. — Reclamou e se sentou de rosto fechado e narinas dilatadas. Detestava ficar a espera.

— Tive um contratempo. — Respondeu, sem entrar em detalhes, depois que entrou no lugar do condutor e se afastou para ajudá-la a colocar o cinto do segurança. Ela sentiu toda raiva correr uma maratona para bem longe só por causa dos gestos subtis.

— E sua mãe está tentando falar com você desde sempre. — Abriu a pequena bolsa prateada da mesma cor que os sapatos e retirou o batom para retocar nos lábios bem desenhados.

— Eu depois falo com ela. — Quieto como sempre começou a dirigir. — Passou bem a tarde?

— Passei com as meninas. — Odiava aquela calmaria irritante que aquele homem insistia em transmitir. — Aproveitei para comprar um presente para mandar para a casa da noiva. Sua ex-namorada que faz questão da sua presença no casamento dela.

— Ela está se casando. — Declarou num tom óbvio e reconheceu o tom de implicância. Ainda assim não se descoseu no assunto. — E o que comprou?

— Um conjunto de taças de cristais. Dizem que dão sorte, e eu espero que o casamento dela seja duradouro desta vez.

Camilo deixou um riso curto.

— Andou conversando com a dona Viviane?

— Uma hora inteira sobre a nora perfeita.

A noite estava fria e alguns pingos batiam no vidro frontal do carro, mostrando que a temperatura não estava muito disposta a cooperar, ainda assim muitos carros circulavam na estrada e o movimento não mostrava nenhum sinal de pretender diminuir.

— Como não sei nada sobre você, talvez quisesse me contar um pouco sobre seus outros namorados.

— Nunca tive.

Ele levantou as sobrancelhas sem esconder o impacto daquela resposta. Quando a conheceu podia jurar que era uma jovem bem resolvida que deveria ter os homens que quisesse nas mãos.

— Por quê?

— Estava esperando.

Camilo entrou por uma rua sem saída e estreita, mas que estava cheia de flores a meio de fios de luzes brilhantes e que os conduziu até uma pequena fila de carros que entravam por um grande portão dourado.

— Devo deduzir que é uma psicopata que preparou por anos o momento certo para se aproximar de mim? — Inquiriu a estacionar o carro e viu homens bem trajados que vieram parar do lado de fora com guarda-chuvas.

— Isso. — Val respondeu com um sorriso curioso que o deixou intrigado, mas logo abriu a porta e saiu sendo protegida da chuva com elegância por um dos muitos homens que faziam o mesmo com os demais convidados. Vaughan veio ao seu lado a ouvir o barulho da festa que já havia começado há algum tempo.

Subiram os degraus para o salão com formato oval e várias portas abertas que mostravam a

belíssima decoração prateada e branca com pilares de luzes brilhantes no centro da sala. Havia uma mesa cheia de flores e todas as outras estavam ocupadas por pessoas bem vestidas.

Cumprimentaram os noivos, e Felícia estava muito bonita com um vestido branco com renda nos ombros e um véu comprido que se destacava no rosto bem maquilhado. O novo marido deveria rondar a casa dos quarenta anos e era muito bem-apessoado, trajava um terno preto e branco e as pequenas patas de galinha no canto dos olhos lhe conferiam um certo charme. Foram rápidos para dar espaço a mais pessoas que chegavam e logo se sentaram numa mesa com um casal de velhos e duas irmãs, os quais Camilo rapidamente passou a conversar. Valquíria bebeu um suco de frutas e comeu uma salada seguida de uma sobremesa, enquanto ele por sua vez saboreava um uísque, comia pratos requintados e era abordado vez ou outra por conhecidos.

Os padrinhos discursaram, alguns amigos também. Entre eles, Leandro, que tentava disfarçar uma felicidade que não lhe conferia. Depois cantores famosos subiram ao palco, assim como uma apresentação de balé clássico. Holanda tentava acompanhar a melhor amiga para todos os lados, mas acabou por desistir quando percebeu que Felícia nunca parava quieta e que era Leandro que parecia sua dama de honor. Sempre disposto a arranjar o vestido ou a segurar na mão dela para levá-la para algum lado, e em nenhum momento falou com Holanda directamente, tratava-a como uma estranha.

Os pais da noiva se aproximaram para conversar com Camilo com tanto carinho que se demoraram em elogios e lembranças passadas. Na verdade, não havia ninguém que não gostasse dele pela forma como era educado e prestativo, além de generoso desde os serventes até as crianças que Val pensou que já não deveriam estar ali àquela hora.

Lá fora chovia quando cortaram o bolo de cinco andares, e depois brincadeiras foram feitas e o buquê foi lançado para uma jovem que estava sentada na mesa de Nadir. Holanda tentava sorrir de todo, mas havia um semblante sério que não escapava no olhar firme. Estava muito bonita, mas os olhos a traíam quando não conseguia evitar olhar para Leandro que aproveitava a festa com toda pompa.

— Camilo! — Felícia veio até a mesa deles pela terceira vez naquela noite. Tinha se desfeito do véu e da parte de baixo do vestido, revelando umas pernas bonitas e um sapato fechado de tom perolado. — Espero que esteja se divertindo.

— Eu estou. — Respondeu mais uma vez e os olhos verdes acompanharam quando a noiva pousou as mãos no ombro dele.

— Que bom. Já que não me convidou ao seu casamento. — Ela fez um bico com os lábios e depois sorriu. — Sempre pensei que fossemos amigos.

— Foi entre família. — Valquíria tratou de responder e puxou devagar a mão pálida de cima do ombro dele. Felícia levantou a sobrancelha e forçou um sorriso. — A não ser que esteja se casando para mostrar ao meu marido.

— Valquíria. — Vaughan a censurou e os ocupantes da mesa se mostraram admirados.

— Com licença. — Hayes se levantou em todo seu charme e atravessou a pista sendo alvo de olhares e foi pelo corredor de luxo até ao banheiro cor de salmão com grandes espelhos. Arranjou o penteado e murmurou impropérios num tom baixo, pois estava claro que aquela noiva ainda tinha sentimentos pelo seu marido.

Holanda parou ao seu lado.

— Ah! É você. — Lavou as mãos e ajeitou o decote. Não disse nada, mas ainda não tinha compreendido por que a melhor amiga tinha colocado cada um num canto. Nadir parecia meio perdido numa mesa cheia de jovens emocionadas.

— Não me parece bem-disposta. — Val observou pelo canto do olho. Bem por dentro também estava irritada e até cansada.

— Não é como se me conhecesse direito. — Holanda não queria ser rude de todo, mas não podia fingir que ainda não engolia a mulher do seu melhor amigo.

— Apesar de não nos conhecermos e de toda sua antipatia por mim, gostava de lhe dizer algumas coisas que vi em pouco tempo. Se bem que acho que todo mundo viu. — Estreitou os olhos verdes.

— Sobre mim? E o que seria? — Colocou as mãos na cintura larga e bateu com o pequeno pé que tinha um poderoso sapato dourado com brilhantes.

— O Leandro. — Foi directa. — Não é de hoje que percebo.

— Eu? — Holanda riu. — Ficou louca?

— Não, mas você está. Não para de olhar para ele a festa toda e ele só te ignorou.

— Já experimentou cuidar da sua própria vida, Valquíria? Pelo que sei, as coisas não são assim tão simples com o Camilo.

— Bom. — Val a encarou. — Eu tenho um conselho a dar. Jogue o jogo dele.

— Não sabe sequer do que está falando! — Semicerrou os olhos ainda atordoada por saber a facilidade com a qual as pessoas a percebiam e por ser confrontada por tamanha Veracidade.

— Claro que sei. E paixão pode ser uma algo que nos deixa cegas, mas compreenda uma coisa, homens como o Leandro pensam que tem o rei na barriga. Fazem e desfazem, e todos continuam passando a mão e rastejando ao seu redor. — Fez uma pausa e deixou um sorriso de lado. — Ele tem o ego inflado, então tire a majestade dele. Eu não sei o que acontece ou se acontece entre vocês dois, mas não deixe que isso interfira em sua personalidade. Não se curve ou ele vai pisar sem dó ou piedade, e no final a magoada será você.

— Quem pensa que é para achar que tem o direito de opinar como se tivesse conhecimento da minha vida. Não somos amigas! — Não queria mostrar que aquelas palavras a afectaram e que era o que precisava ouvir sem nenhum filtro.

— Exactamente. Não sou sua amiga porque se fosse já teria lhe dado umas bofetadas para acordar. E saiba que nem a Felícia é.

— Como ousa?

Valquíria se afastou em direcção a porta.

— Pense no que falei… e tenha uma boa festa. — Andou de volta pelo corredor e podia sentir os passos apressados de Holanda atrás de si. Estava furiosa, mas só porque a verdade lhe tinha caído como uma luva.

Val se estacou quando adentrou o salão de festas onde uma melodia calma ecoava.

— Você deveria se preocupar com seu "marido" ao invés de supostamente se preocupar com a minha vida. — Holanda parou ao lado dela ainda a sentir seu ego ferido.

No meio da pista, Camilo e Felícia dançavam juntos e conversavam baixo entre risos e uma química estranha que fez o estômago de Valquíria embrulhar. Pareciam o verdadeiro casal da festa, e as pessoas assistiam embevecidas a medida que fotografias eram tiradas por profissionais midiáticos.

Fogo

Valquíria estufou o peito para frente e girou os olhos para Holanda a espera de ver alguma ironia estampada nela, mas não encontrou. Na verdade até pareceu um pouco incomodada pela situação mesmo que tentasse disfarçar.

Os olhos verdes procuraram pelo noivo, mas este estava distante junto a uma mesa com Leandro e os parentes mais velhos a tirar fotografias, completamente alheio ao acontecimento da noite.

— Ei, você! — Hayes chamou um jovem que estava a passar com um copo de vodka na mão. Era alto e bem-parecido, com traços que lembravam um pouco a própria Felícia. — Quer dançar?

— O que vai fazer? — Holanda perdeu até a antipatia naquele instante. Seu ego não era maior que algum problema que julgou advir daquilo tudo.

— Lembra do meu conselho? — Sussurrou em resposta ao ver o jovem pousar o copo numa mesa alta perto das dezenas de presentes. — Jogue o jogo dele.

O jovem lhe estendeu o braço com delicadeza, e Val piscou o olho para a melhor amiga do marido antes de o acompanhar até a pista de dança. Logo o brilho das câmaras aumentou, despertando a atenção de Camilo que logo se apercebeu da cena que se passava a alguns metros de distância. Sua mulher dançava com o primo de Felícia com toda uma leveza. As mãos dele pousavam nas costas esguias e os braços dela rodeavam seu pescoço.

Valquíria sorria e conversava com o jovem enquanto os corpos se embalavam ao som da melodia romântica. Parecia muito a vontade e balançava o quadril de um jeito que muito lhe incomodou. Soltou uma gargalhada para qualquer coisa que aquele homem disse e meneou a cabeça num gesto que mostrava certa timidez. Era óbvio que lhe tinha feito um elogio qualquer.

Holanda estava muito atenta para perceber quando é que os dois melhores amigos pararam de dançar no meio da pista, e só se concentrou nos olhos Glaciais que se focavam na bela Val que roubava toda atenção para si dentro do vestido perfeito e a espalhar uma sensualidade muito provocante.

— Algum problema? — Felícia se sentiu incomodada ao constatar que Camilo tinha ficado estático e logo a soltou de seus braços, saindo em seguida como um raio de gelo para fora do salão e quase se esbarrou contra um servente que circulava entre as mesas e teve que equilibrar as bandejas com bebidas.

Ele apenas parou na balaustrada que o separava da chuva que fazia do lado de fora. Não sabia dizer o que esmagava seu peito com tanta força, até porque tinha prometido não cair tão facilmente nos encantos daquela mulher, mas agora podia jurar que sentia como se seu estômago tivesse sido esmagado pelo martelo de *Thor*. E com muita força.

— Camilo? — A voz de Val o deveria ter irritado como nunca, no entanto só pareceu aliviar por

saber que estava ali. ─ Por que saiu daquele jeito? Quase derrubou o garçom.

Vaughan inspirou profundamente e travou o maxilar ao mesmo tempo que apertou a mão num punho involuntário. Se virou com seu disfarce sereno e a fitou com uma calmaria que não o competia.

─ Eu só vim apanhar um pouco de ar.

─ Oh… Pensei que estava com ciúmes. ─ Val prendeu um riso.

As sobrancelhas dele se arquearam e a barba escondia perfeitamente seu queixo retesado.

─ Quer dizer que fez aquilo de propósito? ─ A voz monocórdica a questionou.

─ Bom, sendo que você é meu marido e estava a dançar e conversar tão empolgado com a noiva, eu pensei que pudesse fazer o mesmo. ─ Respondeu com toda uma casualidade a vomitar sarcasmo.

─ Então ficou com ciúmes? ─ A expressão dele não revelou a verdadeira falta de compreensão. ─ A Felícia é minha amiga de anos e está dançando com a maioria dos convidados. Qual é o seu problema?

─ A noite toda passou e não me lembro de você me convidar uma única vez. Então aproveitei para dançar também e foi muito divertido. Que mal tem? ─ Fazia de propósito inflar a voz de um jeito irritante só para provocar uma esperada reacção.

─ Nenhum. ─ Vaughan garantiu e os olhos escureceram. ─ Estamos aqui para isso, não? Vamos nos divertir.

Valquíria não sabia dizer a razão de detestar Felícia com todos os nervos, mas se manteve firme quando o marido passou por ela e caminhou de volta para dentro do salão de festas. O seguiu e percebeu os olhares de algumas pessoas para as quais acenou de propósito como se fosse uma celebridade. Holanda falava com Nadir, mas suspirou quando os viu regressar.

Porém, Camilo não ficou na mesa e passou até ao palco onde agora o DJ tocava depois de todos cantores actuarem. Falou com ele alguma coisa no ouvido, e então a música parou. Segurou o microfone chamando a atenção de todos.

─ Boa noite, senhoras e senhores. ─ A voz dele soava incrível pelo microfone. Era suave e firme ao mesmo tempo. ─ Ao pedido da noiva, farei uma singela homenagem e vou interpretar uma canção.

Aplausos ecoaram por todos os lados, menos Val que cruzou os braços e pestanejou quando Felícia correu para frente, deixando o marido que veio logo atrás. Ali estava uma coisa que poucos sabiam, inclusive Val. Não se lembrava de o ver cantar.

Camilo segurou numa guitarra que estava junto a outros instrumentos do palco, puxou um banco e se sentou em toda sua estatura avassaladora que arrancava olhos brilhantes de muitas mulheres. Procurou afinar as cordas e arranjou o microfone na sua altura aguardando a melodia que começou a ressoar.

O coração de valquíria foi atacado por um bombardeamento da terceira guerra mundial, não só por perceber como o marido possuía uma voz maravilhosamente rouca quando cantava, mas por reconhecer a música. Sentiu todo corpo gelar e tudo o que pôde julgar antecipadamente era que os

olhos gélidos que a fitavam mostravam que fazia aquilo de propósito. *Como podia cantar exactamente aquela música para homenagear Felícia?*

" […] *Você é linda sim, seu sorriso é um contraste.*

Quero me perder em seus lábios doces,

Eles têm Sabor a Chocolate.

Agora me explica o que eu faço

Porque vou amar seu corpo,

De um jeito gostoso, um pouco torto

E no final me sentir totalmente arruinado,

Por causa desse seu maldito coração ácido."

Valquíria não contava ser a mulher mais amada do mundo, não depois de tudo o que tinha feito para que se casassem. Contudo, não podia esperar que o marido pudesse nutrir quaisquer sentimentos por Felícia e ainda ousar cantar aquela música com tantos significados directo no casamento dela e para ela. Camilo a fixava com atenção enquanto todos os espectadores assobiavam e se embeveciam do momento, a voz dele era potente e acariciava os corações mais rijos, sem contar a forma como segurava a guitarra como uma amante em suas mãos grandes e mexia os lábios de um jeito abrasador.

" [...] Eu preciso saber como lutar, pois

Devo traduzir em gestos o autêntico amor,

Mas fui alvo ciente de uma mórbida dor

Hoje perambulo a mercê da tentação,

Por causa da vaidade de uma Perfeita Ilusão

Quando eu te olhei me vi em ti

A questão é por que me sinto tão perdido?

Se em teus magníficos olhos me rendi

Qual é a razão do meu coração se sentir oprimido?"

Valquíria sabia ser forte, mas o embrulho que sentiu no estômago e que nada tinha a ver com os enjoos, lhe mostrou que não era de ferro. Pelo canto do olho percebeu Holanda que estava carregada de uma compaixão que ela não pretendia receber, e então tratou de dar meia volta e sair disparada pelo salão a fora.

Camilo parou de cantar no mesmo instante, mas as pessoas aplaudiram tanto que pouco se importavam que não tivesse ido até ao fim. Saiu do palco como um bloco de gelo, mas sentiu a mão

de Felícia que o segurou pelo braço.

— Isso foi maravilhoso, mas não foi a música que eu pedi. — A noiva parecia um pouco confusa. — Era aquela sobre as estações do ano, lembra? Que eu gosto muito.

— Eu não estava cantando para você. — Vaughan deixou as palavras escaparem com muita facilidade sem se importar em usar seu disfarce de menino bom. Não daquela vez, então se soltou e atravessou a multidão de pessoas que o tentavam cumprimentar, mas não parou em nenhum momento.

Saiu do salão de festas e não viu o sinal de sua mulher, então desceu as escadas a sentir a chuva fina e fria molhar sua roupa, e correu pelo parque até ver a silhueta dela que caminhava para fora dali em passos decididos. Sem dúvida era uma mulher determinada.

— Valquíria, espere! — Chamou ainda a correr para a alcançar. As poças de água saltavam a medida que seus sapatos se afundavam.

— O que é? — Ela estava muito furiosa quando virou o corpo para ficar de frente para ele. — Eu já compreendi, Camilo. Nunca vou conquistar você!

— Não pode andar assim pela chuva. — Havia uma verdadeira preocupação no rosto másculo que ficava ainda mais encantador com os cabelos molhados e revoltados. — E não deveria ter usado saltos altos, está grávida!

Val ficou ainda mais irritada com toda aquela conversa pacífica. Sua vontade era agarra-lo pelo colarinho e o esbofetear só para que sentisse toda dor que a corroía.

— Eu ando como quiser. Entendeu?

— Está agindo como uma criança.

Ela deixou um riso nervoso escapar.

— Me deixe em paz. Por favor. — Pediu a bater os dentes uns nos outros. O frio entrava pelos ossos.

— Vem, vamos para o carro. Você vai ficar doente. Eu vou ficar doente e eu mal me recuperei da última recaída. — Camilo observou.

— Oh… — A última frase chamou a atenção dela ao pensar naquela possibilidade e semicerrou os olhos verdes quando viu o sorriso simples que ele esboçou.

— Não sabe se preocupar com você nunca, não é? — Ele perguntou. — Vem comigo.

— Eu não vou. Pode ir se divertir que eu pego um táxi.

— Não me obrigue a ter que te carregar.

— Não se atreva! — Rosnou e se preparou para fugir. Tudo o que menos queria naquele momento era estar perto dele, e não se importava de parecer infantil se fosse o caso.

Vaughan deu apenas dois passos e com facilidade a tirou do chão colocando-a por cima do seu ombro como um saco de algodão. Sentiu as mãos dela que puxaram seu casaco quando tentou se debater.

— Me solta, Camilo! Me põe no chão, seu… seu… seu… — Queria ter muitos insultos para o ofender, mas nenhum foi bondoso o suficiente para se atrever a escapulir da boca dela. — Eu vou

entrar no carro. Me coloque no chão!

— Tudo bem, mas antes vamos ao salão buscar suas coisas e vamos embora os dois.

— Eu não vou voltar lá! — Gritou e não conseguiu esconder o dissabor que tinha vilipendiado seu peito. — Me coloca no chão, Camilo Vaughan!

— Está bem. — A deixou com todo cuidado e a viu ofegar com os olhos dilatados. Àquela altura já estavam muito molhados e cuspiam água. — Você não me parece bem. Temos que sair daqui ou vai congelar.

— Já teria congelado só de conviver com você. — Murmurou ainda afoita. — E como queria que eu estivesse? Me colocou de ponta cabeça.

— Eu não quero discutir com você.

— E com quem é que você alguma vez quer discutir? Pois volte lá e continue cantando para sua ex, a nora perfeita. Volta!

O sobrolho dele se levantou em surpresa. Sentiu o impacto das mãos femininas que o empurraram com força no peito, no entanto não se mexeu um milímetro.

— O quê?

— Você não deveria ter cantado justamente aquela música para aquela Felícia. — Desabafou de uma só vez o que lhe incomodava e não acreditou quando viu o sorriso que se alargou na face masculina.

— Eu estava cantando para você.

Dali se ouvia a música que tinha voltado a encher o salão, assim como o som da chuva que caía em toda sua natureza. Valquíria demorou a processar a informação e não conseguiu disfarçar a dúvida.

— Para *mim*? — Os ombros subiam e desciam a mostrar a respiração forçada, mas não teve tempo de processar direito, pois as mãos fortes a agarraram e a puxaram para perto do corpo robusto que se encontrava curiosamente quente.

Camilo a beijou.

Não era um beijo romântico como podia esperar daquele monte de calmaria, pelo contrário, era recheado de sofreguidão, bruto e faminto. Os lábios a consumiram com um incêndio que se escondia dentro dele, as mãos grandes a apertaram contra si, e a barba arranhava seu rosto de uma forma que só lhe causou arrepios. E não era da chuva fria, e sim da língua cálida, da boca molhada e atrevida que a sugava sem pudor algum.

Valquíria não era o fogo.

Camilo era. Um poço de chamas sem fim.

Ela gemeu ao sentir como era devorada, podia sentir os apertos que lhe diziam que se tinha segurado por muito tempo. As mãos grandes corriam seus braços, suas costas e foram morar em sua bunda apertando-a por baixo só para a puxar para mais perto de modo a que pudesse sentir a dureza que surgia por baixo das calças do terno. Vaughan ardia em completa combustão, e era Val a fonte de toda sua energia.

Demoraram a se soltar, e ele ainda a beijou em estalos curtos e espaçados. Os olhos azuis ferviam e o toque que desenhou o rosto da pele escura, queimava pela ponta dos dedos. Val pensou que nem fosse conseguir andar e não sabia mais se estava molhada pela chuva ou por outra razão, apenas sentia o coração rugir desenfreado e aceitou ser conduzida de volta até a balaustrada do salão de festas.

Camilo sequer podia tirar o casaco para a proteger do frio porque estava igualmente molhado, e percebeu que a esposa ainda não fazia questão de entrar lá dentro.

— Eu não demoro. Vou buscar sua bolsa e volto para irmos embora. — Murmurou com a voz ofegante e demorou a soltar os dedos finos, antes de se apressar todo molhado lá para dentro.

Valquíria tremia tanto de frio como de paixão. Tinha sido devorada em pouquíssimos minutos, e nem precisava que lhe dissesse mais nada. Pois não só sabia, como tinha sentido o clamor que emanava dele. Com o vestido molhado junto ao seu corpo, aguardava do lado de fora e tremia ligeiramente. Agora sabia que não tinha sido uma boa ideia se atirar no meio daquela chuva invernal. Mesmo assim, era possível ver um brilho diferente em seus olhos, tal como um sorriso deslumbrante que insistia em pairar no seu rosto.

Reconheceu o primo da noiva que saiu até ao lado de fora do salão, na longa balaustrada que era coberta para os proteger da chuva. Ele ia acender um cigarro quando a viu encolhida com o tecido do vestido colado ao corpo que tinha ficado transparente e marcava todas as partes do corpo feminino. Uma silhueta bastante invejável para uma mulher grávida.

— Que mulher maravilhosa. — Disse a se aproximar dela para ver de perto e ousou estender a mão com a intenção clara de a tocar, pois aquele vestido parecia uma segunda pele que se encaixava nela.

— Se afaste! — Val ordenou e recuou um passo atrás.

— Não está sentindo frio? Posso aquecer você. — Ele disse e o bafo a álcool mostrava que já tinha bebido demais. — Como quando dançamos, lembra?

O jovem deu um passo em frente pronto para a segurar sem se importar que não era bem-vindo, mas não foi a tempo, pois sentiu duas mãos grandes o segurarem pela gola com força.

— Não se atreva a tocar na minha mulher! — Camilo advertiu o carregando com uma facilidade atordoante e o virou de frente sem esperar pela resposta, acertando um punho bem fechado no meio da cara dele que o jogou contra o chão com brusquidão.

Valquíria se encolheu contra a parede ao ver aquela reacção inesperada, normalmente sabia que Vaughan sempre pautava pela diplomacia, procurando melhores formas de resolver as coisas sem se exaltar. Mas ali estava outra faceta que pouco era conhecida, a raiva estampada em seus orbes acesos e a mão cerrada com força que deixava os nós pálidos.

Os jornalistas que cobriam o casamento vieram a correr prontos para fotografar o primo da noiva que estava caído com o nariz a sangrar. A confusão chamou atenção de alguns que saíram para espreitar e logo formaram um burburinho.

— Aconteça o que acontecer, nunca desligue as câmaras. — Janine Keating tinha um sorriso bem satisfatório na cara. Era do tipo que parecia brotar do nada e sempre na hora errada para uns, mas certa para ela.

— Vamos embora. — Camilo puxou Valquíria para fora dali. Não a queria meter de novo por baixo da chuva, mas não tinha outra opção de momento. Andaram até ao carro e abriu a porta para que ela entrasse, só depois deu a volta e ligou o aquecedor.

— E de pensar que eu estava dançando com aquele…

— Não importa. — A cortou ainda com a voz um pouco mais grave que demonstrava sua tentativa de se acalmar. — Isso não lhe dava ao direito de tentar te tocar sem a sua permissão. *Nunca*.

Os olhos verdes brilharam ao sentir que lhe colocava o cinto, reclinava um pouco a sua cadeira e ajustava as saídas de ar quente na sua direcção. Em seguida ligou o carro, se acomodou direito e dirigiu para fora dali com o para-brisas a girar de um lado para o outro a fim de limpar a chuva que se acumulava no vidro da frente.

— Eu não sabia que você cantava… — Ela murmurou quando sentiu a mão dele se entrelaçar entre a sua.

— Há muitas coisas que não sabe sobre mim. — Camilo balbuciou e se aproveitou de um semáforo para lhe dar um beijo doce e quente. De um jeito que só ele poderia fazer. — Descanse. Eu te acordo quando chegarmos.

Valquíria concordou com a cabeça e os olhos cederam em automático, não sem antes pensar que aquela noite tinha sido uma das melhores dos últimos meses. Havia gelo no invólucro de Camilo, mas por dentro ele era fogo.

Puro fogo.

"*A médica entrou numa sala onde tinham algumas camas com pelo menos três pessoas que tinham se disponibilizado para doar sangue. Ao lado, na cabeceira de ferro tinha uma pequena caixa com leite, suco, bolachas e fruta que tinham sido entregues para cada um.*

Camilo estava sentado há umas horas, tinham dito que podia partir depois de trinta minutos, mas preferira continuar ali até ter notícias sobre as pessoas do acidente. Ou talvez tinha inventado aquela desculpa para não ir para casa ficar sozinho na mansão vazia.

Sua mãe tinha telefonado uma vez, mas estava magoado demais para atender e fingir que estava tudo bem. Então apenas se deixou ficar ali completamente absorto até ver a porta se abrir.

— Ainda aqui? — A doutora perguntou espantada. Só de olhar para ele podia ver que não era um sem abrigo. Tudo nele exalava dinheiro e bem-estar.

— Sim. — Se levantou da cama. — Como estão os pacientes?

A senhora sorriu um pouco emocionada com aquela atitude. Raras vezes tinha visto atitudes altruístas, principalmente naquele hospital onde filhos deixavam os pais morrerem sozinhos, mães não aceitavam doar um rim para os filhos e pessoas que se matavam deliberadamente todos os dias.

— Alguns ainda estão na sala de operação. Outros fora de perigo.

— E... a criança? — Perguntou a tentar arranjar os cabelos desarrumados e sentiu o ardor do ferimento suturado na sua bochecha.

— Ela está bem graças a você. Foi a primeira a ser salva e agora repousa. — Mesmo sabendo que não era da família, decidiu dar a informação só por causa do jeito dele. — Quer vê-la? Ainda não conseguimos localizar a família.

Camilo não sabia, mas apenas concordou com a cabeça e carregou a caixa com as frutas e bolachas. Pensou que podia dar para ela ou deixar para quando acordasse.

— Pode ser. — Respondeu.

— Ainda não é hora de visita, mas como a ala pós operatória está calma… — A médica ponderou e depois o chamou com a mão. Sabia que estava a infringir regras, mas não se importou porque dentro de si sentia que era o correcto. Aquele jovem bravio tinha se importado com outro ser humano mesmo sem conhecer.

Subiram os elevadores e passaram por alguns corredores vazios antes de chegar a uma porta que se abria de par-em-par. Ela apontou para um quarto ao fundo.

— Não faça barulho e seja rápido. Eu tenho que ir, pois tenho pacientes para ver. E lembre-se no caso de o encontrarem, não fui eu que te trouxe. Diga que se perdeu. — Piscou-lhe o olho e saiu dali nas suas vestes brancas.

Camilo atravessou as portas e não deixou de pensar que se talvez tivesse viajado para Paris com seus pais, não teria tido a oportunidade de salvar uma vida. Compreendeu que o destino fazia as suas artimanhas algumas vezes de maneira errada, mas sempre atingia seus objectivos.

Parou na porta e a empurrou devagar, mas travou ao escutar um choro aflito e muito sofrido. Espreitou com medo e pensou em voltar para chamar a médica, talvez a criança tivesse despertado com dores.

Em toda sua vida não cogitou ver a cena que se apresentou diante de seus olhos azuis. Um médico estava com as calças abaixadas e se masturbava com uma mão perto do rosto da menina a murmurar palavras de baixo escalão. A outra mão estava por baixo do lençol azul.

A caixa que Camilo trazia na mão foi ao chão.

Uma chama descontrolada se acendeu dentro de si.”

Vena Amoris

Monalisa não podia acreditar na sua própria falta de sorte. Parecia demais que numa noite daquelas não pudesse ter sequer uma companhia. Nem o seu colega Ben estivera disponível para a acompanhar, mas ficar em casa estava fora de questão para ela. Não só por ver como seu pai tentava lidar com sua mãe de todas as formas possíveis. Palmira parecia num estado de angústia profunda, o que só contribuía para o aumento de mais tralhas dentro de casa. Aquilo tinha começado há pouco tempo, um pouco antes de Valquíria decidir forçar o casamento com Camilo, então alguma coisa tinha acontecido para que a mãe encontrasse amparo em compras absurdas de forma a aplacar o que a incomodava.

Tinha investigado um pouco sobre a doença, uma vez que a mãe se recusava a consultar um profissional, afirmando que não era nada. O problema de todo não era o acúmulo dos objectos, mas a verdadeira dor escondida que Palmira procurava compensar juntando coisas para se sentir bem. Sabia que essa dor viria com força total quando o pai tomasse medidas drásticas para esvaziar a casa, e era isso que mais a preocupava.

Mona sacudiu a água do vestido quando entrou na galeria de arte depois de passar por uma severa segurança que revistava todo mundo e levaram vários minutos para averiguar tudo aos detalhes e de forma bem restrita. Tinha escolhido passar o resto de noite a fazer o que mais gostava, uma vez que Eliete estava ocupada com a dita nova paixão que muito a preocupava. Na verdade todos pareciam ter decidido lhe deixar com um peso em cima dos ombros que não conseguia se livrar.

Entrou no auditório onde iria ocorrer uma apresentação que Ben lhe tinha deixado um convite. Não tinha sido ao acaso que estava ali, e observou as pessoas sentadas em cadeiras confortáveis e escolheu um canto enquanto aceitava o champanhe que lhe tinha sido servido. A maioria vestia roupas formais e exalavam uma aura de riqueza, tanto que Mona entendeu a razão de ser um evento tão bem controlado ao público sendo de uma categoria tão alta. O lugar estava com luz ambiente, e logo Arthur Kingsley entrou em todo seu charme banhado pelo ar sério.

Vários seguranças estavam espalhados pelos cantos, o que criou um incómodo na jovem Hayes. Sem contar que percebeu que eram poucos negros ali presentes mesmo que o tema fosse sobre África.

— Boa noite. — A voz de sotaque altivo soou por toda sala causando um silêncio arrepiante. — Quero agradecer a vossa presença.

Nunca podia cogitar que aquele homem fosse um historiador renomado que levaria figuras ilustres a se deslocarem até ali só para o ouvirem falar. Sentiu um frio no estômago ao ver como Arthur se colocava em frente de todos na sua pose altiva, e por trás dele, imagens surgiram numa grande tela.

— Em tempos onde a verdadeira história sobre África tem sido cada vez mais de interesse

público, é meu prazer apresentar sobre uma figura ilustre pouco difundida, mas que teve um grau alto de importância na história do Mundo. Mansa I, comummente conhecido como Mansa Musa, foi o décimo Mansa que se traduz como "rei dos reis" ou "imperador", do Império do Mali. Ele foi reconhecido como o homem mais rico da história. ─ Arthur continuou o seu discurso a mostrar factos e imagens que corroboravam com suas falas extremamente didácticas e importantes. Na primeira fila estavam muitos professores importantes que tiravam notas.

Ela ficou fascinada ao escutar as informações sobre os títulos obtidos por aquela figura histórica, as dezenas de conquistas e a primeira navegação ao redor do mundo feita pelos africanos. Tudo o que a história não tinha contado, estava a ser descosido e com muita inteligência por aquele estranho da voz inesquecível. Estava tão absorta que nem se deu conta da palestra terminar, só despertou com os aplausos fortes e então pestanejou ao encontrar os olhos escuros postos em si com um sorriso curvado para o lado.

Monalisa se levantou no mesmo instante, por sorte mais pessoas faziam o mesmo e sua atitude não pareceu chamar atenção. Todos se dirigiam para uma pequena porta onde tinha um grande panfleto com o rosto de Kingsley e um livro que estava em pré venda. Ela se sentiu mal por sequer ter pesquisado antes de ter tido a ousadia de ir até ali, então saiu a caminhar pelo lado que viera, pronta para partir.

─ Espere!

Tinha julgado a irmã mais velha apressada por se deslumbrar por um homem que acabava de conhecer, mas ao menos Eliete tinha tido um encontro com o dito Sanjit, diferente dela que só cruzara com a voz dele numa linha perdida. Não havia razão para sentir aquele tremor todo ao ouvi-lo atrás de si.

Virou-se a lutar com as pernas que pareciam poder desabar a qualquer altura.

─ Er… Oi.

Arthur riu de um jeito que quase a irritou.

─ Fico feliz que tenha vindo. Na verdade deixei o convite com o seu colega na esperança que a entregasse. ─ Foi directo e se aproximou.

─ Foi uma palestra maravilhosa. Descobri coisas que nem sabia. ─ Tentou parecer confiante. ─ Parabéns.

─ Obrigado. ─ Era um homem provocante. ─ Não vai ficar para levar um livro meu?

Monalisa olhou para todos os lados.

─ Na verdade…

─ Eu não precisava das bibliografias de Mansa Musa. Tive acesso a isso muito antes ─ Foi directo como nunca. ─ Você me ligou por engano e tive que investigar seu número. Saber se tinha sido mesmo ao acaso.

─ O quê?

─ E pelo que constatei reconheceu a minha voz.

─ Me investigou? ─ Monalisa não podia acreditar.

— Desculpe. — Arthur tinha os olhos escuros bem intimidantes. — São normas.

— Que *normas*? — Não conseguia compreender nada do que lhe era dito. Quem era aquele homem?

— Eu só tenho mais um dia aqui antes de voltar para o meu país. Se quiser, pode esperar um pouco e depois podíamos conversar. É certo que tenho certas curiosidades. — Lhe estendeu a mão e então uma aliança dourada reluziu no seu dedo anelar.

Monalisa sentiu as bochechas queimarem.

— *Vena Amoris*. — Ela murmurou e lhe estendeu um olhar frívolo.

Kingsley era inteligente o suficiente para saber o que lhe era dito.

— Você não sabe que…

— *Vena Amoris*. — Ela repetiu. — Os romanos acreditavam que no quarto dedo da mão esquerda passava a *Vena Amoris,* uma veia que está ligada directamente ao coração. É por isso que as alianças de casamento são colocadas aí.

— E se antes aceitar o convite que lhe fiz para podermos conversar? — Arthur não parecia abalado com aquilo.

— Não. — Monalisa negou e se sentiu idiota. Se perguntou se estava tão carente que tinha corrido para ver um homem que mal conhecia.

— Sua Alteza. — Um grupo de homens entrou pelo corredor. Todos vestidos de preto e com armas no coldre. — Não pode estar aqui, é perigoso.

Ela levantou as sobrancelhas ao mesmo tempo que os olhos duplicaram de tamanho. A boca dela também se abriu.

— A senhorita precisa ir. — Outro homem parou na frente dela e lhe passou um dispositivo por todo corpo como se buscasse algo.

— Ela é minha convidada. — Arthur deixou aquilo claro.

— Não. Não sou, *Alteza*. — Monalisa negou prontamente. E saiu dali a correr cheia de pressa, jurando que a primeira coisa que faria seria colocar aquele nome no Google.

•••

Camilo mergulhou a esponja dentro da água quente e a passou pelas costas de Valquíria com suavidade. Ela estava sentada dentro da banheira e no meio de suas pernas. A luz permitia que visse com nitidez marcas de uma Cicatriz perto da cintura.

— Ainda está com frio? — Ele perguntou e continuou a molhar o corpo de pele escura que muito contrastava com a sua. A viu negar com a cabeça lentamente e fechar os olhos quando sentiu que as mãos grandes começavam a lavar seus cabelos. — Me conte sobre seu acidente.

— Noventa e sete dias no hospital. — Val respondeu. — Era meu último dia de aulas, Eliete ia me buscar na escola, mas eu queria ser tão independente que saí antes só para mostrar que sabia o caminho. Mas me perdi andando nas ruas quando um caminhão se esbarrou dentro da loja que eu olhava a vitrina. Um pedaço de vidro me atravessou a barriga.

— Sua família deve ter sofrido bastante. — Observou enquanto lavava os cachos que faziam espuma em sua mão. Havia toda uma delicadeza nos gestos de Camilo, só pela forma como passava água e a mantinha confortável.

— Estiveram sempre comigo. — Respondeu e percebeu que ele parou por uns segundos, mas obviamente terminou o que fazia sem mostrar que as palavras o afectaram.

— Além de suas irmãs, não tem amigas? — Havia um esforço verdadeiro da parte dele em conhecê-la melhor. Estava claro que a mulher sabia muito sobre ele, o que não acontecia ao contrário.

— E acha que mais alguém iria suportar ser minha amiga?

Camilo riu e balançou a cabeça. A diferença entre os dois era notável em variados aspectos, uma delas era que ele tinha amigos e sempre vivera em sociedade, apesar de se sentir só. Terminou de lavar o corpo dela, apreciando cada local com vagar e o coração não parava de bater de cada vez que tocava a barriga pouco saliente.

— E por que me escolheu naquela noite, Val?

— Porque gostei de você. — Aquela também era uma verdade.

— E devo supor que foi tudo uma coincidência? Sabia exactamente tudo o que eu gostava e que conversas distender comigo. Sabia do meu aniversário, e não me diga de novo que foi pelo Google.

Valquíria se afastou um pouco do corpo quente e se arranjou de forma a sentar de frente para o marido, observando os olhos azuis com toda uma atenção. Então sorriu.

— Eu tenho muitas coisas para contar a você. — Afirmou e apreciou a tatuagem no peito largo a qual tocou com carinho.

— Então me conte.

— Antes eu preciso que seja verdadeiro com você mesmo. Só então farei o mesmo.

Camilo se impacientou, mas não demonstrou. Não era a primeira vez que a ouvia dizer aquelas palavras.

— Precisa conversar com seus pais e seus irmãos. Contar o que te vai na alma. — Ela prosseguiu ao perceber que Vaughan não diria nada. — Depois quem sabe sair daqui? Você tem tanto dinheiro, pode ter sua própria casa e viver sua vida sem esperar que os outros o notem. Agora vai ter o nosso filho a quem amar e ser amado incondicionalmente.

— E onde você entra nessa equação?

— Eu sei que fiz coisas erradas e que talvez não vá a tempo de ser digna do seu verdadeiro amor. Mas…

— Eu preciso te contar uma coisa. — Camilo passou as mãos pelo cabelo molhado e os olhos se tornaram escurecidos quando a puxou pela cintura de modo a estar mais perto. As pernas dela pousaram de cada lado do seu corpo e os seios se espalmaram contra seu peito.

— É algo que vai me deixar aborrecida ou feliz?

Ele abriu a boca, mas hesitou pela primeira vez.

— Então deixe para depois. Estou muito feliz por ora e… — Antes que pudesse completar, sentiu a mão grande que envolveu sua nuca e a puxou para um beijo urgente que nublou por completo qualquer pensamento que ainda ousava existir. Deixando apenas o calor que nasceu em suas bocas se espalhar com pressa por todo o corpo.

A língua dele era ágil contra a sua, os lábios macios se uniam aos seus com perfeição e as mãos deslizaram para apertar seus seios com candura. A barba cumpria o dever de espicaçar seu rosto causando ainda mais arrepios incontroláveis, e a água pareceu três vezes mais quente pela excitação dos corpos. Havia toda uma urgência nas mãos que acariciavam suas pernas e na boca que desceu para os mamilos. Sentir a língua dele junto da barba que parecia arranhar sua pele, fez com que Valquíria enterrasse os dedos nos cabelos macios. Seu corpo tremia e ansiava por todo aquele contacto caloroso e ficou impaciente ao perceber como Camilo brincava com os dedos perto da sua intimidade sem realmente a tocar.

Voltou a beijá-la com todo o mesmo abrasamento, como se não tivessem feito nenhuma pausa desde que estiveram na chuva. Aquilo era a continuação do desejo possante que pairava sobre eles, fazendo com que os corações batessem com muita força dentro do peito. A beijou pelo pescoço e se demorou a sentir o cheiro dela com os olhos fechados.

— Como pode saber se é digna ou não do meu verdadeiro amor? — Lhe perguntou com os lábios perto do ouvido, e esperou o exacto momento em que Val abriu a boca para responder e introduziu um dedo dentro dela. Bem devagar e sentiu como estava apertada. Só tinha sido sua pela primeira e única vez.

Valquíria gemeu em resposta ao sentir o dedo que se movimentava dentro dela junto do polegar que circulava em seu clítoris. Virou o rosto e mordeu o lábio inferior de Camilo, antes de baixar as mãos para tocar no membro dele. Adorou o gemido que se escapou por entre os lábios e sentiu como cresceu ainda mais quando passou a masturba-lo. Várias vezes se perdia no ritmo, pois o dedo dentro dela fazia com que se consumisse num prazer intenso. Queria poder ter mais e nada parecia suficiente para aplacar o fervor em seu baixo-ventre, precisava de senti-lo dentro de si e por isso se arqueou de encontro ao membro rijo, num movimento agitado que fez a água transbordar para fora da banheira.

— Val… — Ele recuperou a respiração e se afastou para olhá-la de frente. — A primeira vez foi numa boate deitados num sofá.

— Não importa. — Tentou beijá-lo e se esfregou mais uma vez contra o membro grande e duro.

— Quero que seja diferente agora. — A segurou pela cintura e a ergueu ao mesmo tempo que se levantava da banheira. Valquíria se enrolou em torno dele como uma cobra, o enlaçando com mestria.

Se beijaram pelo caminho entre o banheiro e o quarto, deixando rastros de água para trás. Pousaram no chão antes de tudo, e Camilo foi buscar toalhas para a enxugar da cabeça aos pés com toda uma atenção lenta que fazia seus olhos a desvendarem de cima abaixo. Depois a conduziu até a beira da cama e a colocou de quatro com a bunda empinada para o alto.

Valquíria apertou os olhos só de sentir as duas mãos que a seguraram pela cintura e o rosto dele que se aproximou por trás. Os lábios tocaram no seu centro e ela logo se arqueou ao sentir a barba que roçava o interior de suas coxas. Uma mistura da boca que começou a chupar devagar junto da aspereza que se esfregava contra sua pele. Por um segundo quase o pediu para parar, não acreditava que pudesse aguentar tudo aquilo ainda mais quando a língua a invadiu passando de seu

clítoris para entrar dentro de si.

Ela gemeu alto demais para o silêncio que ocorria naquela casa. Mordeu o lábio inferior com tanta força e se curvou de modo a poder sentir mais ainda como era chupada com gosto e como seu interior se contorcia em fagulhas. Sentiu gotas de suor surgirem nas suas costas, e o frio que tinha sentido era uma ilusão distante. Havia uma mistura alucinante entre a aspereza dos fios do rosto dele e a boca macia que pareciam alternar perfeitamente, arrancando calafrios internos que não a permitiram se aguentar por muito mais tempo, e então gritou de novo quando todo o corpo se explodiu sem que pudesse resistir e quase caiu por cima da cama, não tivesse Vaughan a amparado com um braço por baixo e continuado a chupar e lamber até ao fim.

Os dois caíram na cama lado a lado, e Val arfava sem conseguir sentir as pernas direito. Tinha sido melhor do que esperava e podia ouvir o coração bater nos ouvidos. Se ela tinha a primeira vez como memória, agora tinha até perdido as palavras, apenas cedeu quando o sentiu vir por cima sem se deitar o suficiente por causa da barriga. Estava tão relaxada que o sentiu escorregar para dentro de si, mostrando em sua experiência que a tinha preparado direito para o receber por inteiro.

Os corpos se fundiram, e Camilo arfou. Havia uma clara diferença naquela noite que não disse em voz alta, não era apenas o calor do corpo, o canal molhado e quente e muito menos os olhos verdes que o incendiavam naquele escuro. Mais os ligava, podia não ter a certeza de o admitir, mas talvez fosse a famosa *Veia do Amor*. Ele a penetrou devagar como se pudesse sentir cada parte de sua textura interna, se retirou e voltou a entrar lentamente.

Os olhos dele estavam claros como nunca e fitavam os dela sem pestanejar. Podia ouvir os gemidos dela ecoarem dentro de sua alma, se intercalando com os seus, e como ficava ainda mais molhada a cada investida dada.

— Canta para mim… — Ela exigiu e enterrou as unhas nos braços fortes. — Canta para mim agora.

— Ah Val… — Vaughan murmurou em resposta, mas em nenhum momento parou de a penetrar num vai e vem sincronizado. Precisou se concentrar por um pouco, antes de dominar o ar que lhe fugia dos pulmões. — … *E de todas as Lembranças de dor,*

«É a tua que mais me intriga

Como conspirar contra o amor

Se te odiar é uma completa mentira?

Para reviver

Mergulhei na solidão

E mesmo sem te perceber

Te outorguei meu coração.»

Valquíria não conseguiu segurar e gozou pela segunda vez naquele exacto momento, se contorcendo por baixo dele e sem saber como dominar a sensação de choque que varria todo seu corpo. Camilo também não demorou muito mais e apertou as coxas dela ao atingir seu orgasmo que

pareceu agitar todas as células do seu corpo. Era como uma onda perigosa que passa por cima de tudo e não deixa nada, e aquela seria a melhor definição para comparar à sua mulher. Caiu para o lado dela e os pulmões pareciam reclamar a medida que tentava puxar o ar.

Não teve dúvida que não se cansaria de repetir aquilo quantas vezes quisesse, pois não haveria mais outra forma de atingir satisfação. Se voltou para se enrolar no corpo dela, pousando uma mão em sua barriga e os dois adormeceram logo em seguida.

— Camilo? — Ouviu uma voz de fundo. — Camilo.

Parecia que tinha dormido há uns segundos, mas despertou um pouco assustado e se acalmou quando encontrou o rosto de Val que tinha uma mão no seu ombro.

— Você teve um pesadelo. — Ela disse, o que o fez despertar e olhar para os lados. Tinha dormido tão profundamente que não pensou que fosse ser atormentado.

— Estou bem. — Lá estava a maldita resposta que a fez revirar os olhos e sair da cama. Tinham dormido demais naquele domingo.

— Vou tomar um banho. Pede para a Aurora trazer o meu desjejum? Preciso comer alguma coisa rápido antes de os enjoos me incomodarem. — Pediu já a caminhar para o banheiro.

— Claro. — Vaughan puxou o telefone em cima da mesa e discou para a cozinha falando directamente com a governanta. Depois deslizou para fora da cama e andou até a janela, abrindo as cortinas e apreciando a paisagem que tanto gostava. A relva ainda estava molhada por causa da chuva e o sol estava opaco, ainda assim tudo lhe parecia perfeito demais. Estalou o pescoço e espreguiçou os braços, antes de colocar uma música para tocar e receber a refeição que Aurora trouxe. A colocou perto da cama a ver o iogurte natural, frutas e batidos com cereais.

Camilo foi tomar um banho de chuveiro logo que Valquíria surgiu enrolada na toalha. Se demorou a sentir a água e depois a arranjar a barba e a passar as loções. Quando terminou, saiu devagar, mas se estacou ao ver sua mulher sentada na cama em frente ao carrinho de rodas, e que lutava com uma colher.

A mão tremia sem parar e estava estacada a meio do trajecto entre a boca e o pote. Ela fazia um certo esforço e até parecia um quanto surpreendida por aquilo estar a acontecer, tanto que se enervou e deixou a colher cair contra o tapete e empurrou o carrinho com o pé.

Vaughan ficou sombrio por alguns segundos antes de andar até ela e apanhar a colher que estava no chão e pousou em cima do carrinho. Depois procurou outra menor, carregou o pote e foi se sentar perto dela que tinha os olhos fechados.

— Val…

— Me deixe um pouco. — Pediu e a voz saiu embargada.

— Eu nunca fiz meus votos para você.

Os olhos verdes se abriram um pouco confusos e o fitaram repletos de tristeza.

— Não precisa…

— Eu quero fazer valer a aliança que carrego em meu dedo e que se liga ao meu coração. Quero te dar uma casa e uma família. Quero aturar suas loucuras e insensatez, estou disposto a ser feliz ao

seu lado, a conhecer você. E prometo te amar na saúde e na doença, na alegria e na tristeza até ao fim dos seus dias.

Valquíria se debulhou em lágrimas quentes e grossas meneando a cabeça num gesto negativo.

— Agora abra a boca. — Camilo lhe estendeu a colher. — Vamos Val.

Ficou relutante para entre abrir os lábios, mas acabou por aceitar e deixou que lhe desse a comida na boca, enquanto se olhavam em silêncio.

Pertença

Leandro despertou com aquela dor de cabeça costumeira que o devorava no alto do cano do nariz e se espalhava para o centro da testa. Custou a abrir os olhos e sentiu o sabor estranho que massacrava sua boca sem pudor. Revirou entre os lençóis ainda sem se lembrar de como havia chegado a casa, mas sabia que era o seu quarto só de reconhecer as paredes cinzentas do quarto sem detalhes. Só tinha a cama, dois sofás ao redor de uma mesinha e o armário que ia de uma ponta a outra. Sem quadros ou objectos de decoração. Diferente do irmão, Leandro não gostava de nada. Não tinha preferências musicais, nem apreciava filmes ou bandas desenhadas. Os livros que tinha lido foram de seu tempo de faculdade, agora lia revistas sobre economia e bolsas de valores, para além do jornal. Tinha uma vida cinzenta como a tinta daquelas divisórias que o cerceavam.

Se sentou na beira da cama e apoiou a cabeça nas mãos, temendo que ela caísse tamanho peso o conferia naquele momento. Tinha bebido mais do que a conta depois que fora obrigado a levar o primo de Felícia ao hospital por causa do que Camilo tinha feito. Tinha sido toda uma vida assim, o menino perfeito ao qual sempre era comparado.

Havia um sentimento de não pertença que o tinha acompanhado desde quando era uma simples criança e teve que responder a razão de ter um sobrenome diferente do irmão. Anthony o teria adoptado mais tarde e lhe dado seu nome, mas por mais que agora usasse Vaughan na sua assinatura, não tinha como deixar de sentir a sensação de um vazio constante.

Não pertencia a nenhum lugar de facto.

Tinha dois anos quando Camilo nasceu. Um bebé bonito e rechonchudo que logo foi a alegria da casa, porque diferente do que Leandro tinha sido – Como todos faziam questão de frisar, o mais novo integrante da família só chorava para dormir ou comer, porque de resto estava sempre alegre e sereno. Um anjo. E Leandro desde então percebeu que precisaria dividir a atenção de sua mãe, a única com quem encontrava uma ligação verdadeira.

Camilo também andou primeiro que Leandro. Teve os dentinhos mais cedo e até falou primeiro. Uma verdadeira bênção, e enquanto o mais velho não conseguia parar quieto no lugar e sempre caía ou partia alguma coisa, causando tamanho desconforto na mãe, o mais novo era dono de todos os elogios. Aqueles que também queria para si, mas que nunca eram notados quando fazia por merecer. Só era percebido pelos seus desastres.

Um sentimento de revolta crescente se instalou quando ainda não podia discernir as coisas. Quando se arrumava quieto e se comportava bem à mesa, mas ainda assim todos apenas reparavam em como o Camilo comia sem sujar, como pegava bem os talheres e era o queridinho das visitas. Já na escola o irmão era o mais popular, sempre rodeado de amigos e as meninas suspiravam e faziam rodas para ouvi-lo tocar sua guitarra enquanto cantava. Leandro era bom em contas, resolvia qualquer problema em pouco tempo e foi essa habilidade que lhe salvou de ser expulso várias vezes pelo comportamento mau que insistia em ter. Contudo, mesmo demonstrando toda habilidade para um futuro empresarial de sucesso, ainda tinha de escutar Anthony dizer: “É claro que você vai gerir as

empresas da família, Leandro. O Camilo é brilhante e não vai querer passar o tempo sentado atrás de papelada".

Não havia nada que não fosse ofuscado pelo perfeito Camilo, por muito que se esforçasse, então tratou de fazer jus a sua fama de menino problemático. Aquele que as tias tinham medo de chamar para as festinhas ou de deixar que convivesse com seus filhos. Afinal era um grosso e de má influência. E ele nunca tinha se importado, só até conhecer Felícia. Foi a primeira vez que sentiu uma ligação com uma mulher que não era sua mãe. Nunca fez a desconfortável pergunta sobre ele ser diferente do mais novo, apenas sorriu e o incluiu no grupo mesmo contra os olhares dos demais. Era uma jovem bonita e real, que não o criticava ou tentava dar conselhos sobre o certo e o errado. Ela apenas o aceitava do jeito que ele era, sem ressalvas e se ria quando ousava se mostrar rude.

Leandro se apaixonou com a mesma facilidade, mas então Felícia logo se aproximou de Holanda, depois de Nadir que ainda era um calouro na faculdade e tinha sido protegido pelo seu irmão, este que por sua vez era o alvo final daquela que tinha roubado seu coração. Camilo, o perfeito.

Foi um golpe duro e certeiro quando ela se declarou no meio de tanta gente. E o pior de tudo foi perceber que Camilo não nutria nenhum sentimento razoável por Felícia, mas apenas concordou como se fosse algo certo a fazer. Podia lembrar direito como tinha se sentido tão desesperado, tanto que pressionou a mãe para contar sobre seu verdadeiro pai, e foi atrás em busca de algum afecto. E não podia ter sido pior, o homem que o recebeu por três minutos lhe garantira que não queria ter nenhum contacto com ele.

Agora, se lembrando do casamento repentino que teve com Anya Popovna, uma tenista famosa e bonita, tudo o que queria era que Felícia sentisse ciúmes e também queria mostrar que tinha dado a volta por cima. Foi a cerimónia mais comentada do ano, Viviane organizou uma festa de luxos e exageros como muito gostava. Leandro sabia que tinha sido seu erro, pois além de ser infeliz tudo o que tinha dado a sua mulher era um leque de infelicidade. Ele não sabia ser diferente e já não ia a tempo de mudar agora aos trinta e oito anos, solteiro novamente e a ver aquela que seria o amor de sua vida casada mais uma vez.

Se levantou a afastar aqueles pensamentos e levou o celular para ver as horas. Já passava do meio-dia, e então procurou os cigarros que estavam no bolso das calças e foi até a janela para fumar. Tudo o que viu no jardim foi aquela alegria que nunca chegou a sentir. Franziu o cenho ao ver Valquíria sentada no colo de Camilo, não podia esperar por aquilo depois que a tinha visto sair furiosa do salão de festas, mas talvez agora explicasse por que o primo da noiva tinha quebrado o nariz. Seus pais conversavam com os pais da cunhada, as irmãs sorriam de emoção e eram entretidas por Andrew, seu tio. Lavínia estava mais próxima de Cecile, as duas viam alguma coisa no celular. E Holanda estava distante a conversar com o segurança que controlava May e June.

Leandro estranhou mais uma vez, nunca tinha percebido que os dois se conheciam antes, mas deu de ombros e terminou de fumar ainda com aquela sensação de incómodo crescente. Foi tomar um banho demorado com água fria, não quis pensar no dia que tinha transado com a melhor amiga do irmão na varanda. Tinha sido impensado, mais uma vez queria se vingar de Felícia ao ficar com uma amiga sua e não era a primeira vez que tinha feito aquilo. Naquele grupo já tinha dormido com todas, incluindo a própria Felícia.

Se olhou no espelho e encarou o reflexo de rosto angular e sério, o cabelo escuro demais e os

olhos castanhos esverdeados. A pele branca era como sempre mais bronzeada, o vinco na testa estava sempre presente e estava com a barba por fazer. Não se incomodou por isso, apenas se vestiu e deixou o quarto ainda indisposto. Desceu as escadas de vidro e logo se cruzou com Aurora que lhe trazia água fresca e uma aspirina numa bandeja. Já estava habituada com o excesso de consumo de bebida dele.

— Obrigado. — Agradeceu depois de tomar e seguiu para o jardim onde a família se reunia, mas travou nas grandes portas de vidro abertas e observou toda aquela felicidade.

Toda reservada apenas para Camilo.

— […] Nós vamos começar a procurar uma casa ainda esta semana. Quero que a Val tenha o seu espaço próprio onde tenha toda uma identidade sua. Sabe que eu adoro você, mãe. — Ouviu o irmão dizer. — Mas preciso construir minha própria família.

— Isso é maravilhoso. — Viviane olhou para o marido e a voz estava emocionada demais. — Nem acredito que estou ouvindo isso.

— Eu não sei… — Palmira discordou meio relutante e olhou para a filha mais nova. — Acho que o Camilo deveria ficar aqui.

— Mãe! — Valquíria reclamou e as duas se fitaram por algum tempo, coisa que não passou despercebida aos olhos glaciais.

— A Palmira está falando no singular. — Camilo observou e mais uma vez se sentiu preocupado. Ainda mais depois do que tinha acontecido naquela manhã. Havia algo de errado e já não tinha mais dúvidas. Estalou o pescoço e procurou por uma justificação que não encontrou, mas fingir que nada estava ocorrendo não estava mais nos seus planos. Como iria suportar mais um dia sem saber o que estava acontecendo com Valquíria?

— Eu? — A senhora Hayes deixou uma risadinha e bebeu um gole do vinho. — Estava dizendo isso porque sua mulher é péssima a cuidar de uma casa.

Abasi riu logo em seguida e concordou com a cabeça.

— E só sabe fritar ovo. — Acrescentou e todos riram. Menos Camilo, e Leandro foi capaz de perceber que algo estava errado ali. Era exactamente naqueles momentos que compreendia os laços que os uniam, raramente se desentendiam, mas não eram mais muito próximos. Em parte por culpa do mais velho que tinha se afastado aos poucos, mas quando o irmão sofria, Leandro via. Tal como tinha sido quando voltou da clínica anos atrás após o aniversário de dezoito anos de Camilo, ele vira como aquilo o afectou. A ausência da família. E várias vezes se perguntou se não tinha sido sua culpa para o mais novo se congelar daquele jeito.

— Bom dia. — Cumprimentou para quebrar o clima. Parou na mesa e sem se sentar, tirou um salgado de uma bandeja começando a comer para acalmar o estômago que reclamava. — Pensando em se mudar?

— Agora é que eu vou visitar você toda hora. — Eliete comentou a tentar sorrir, mas não estava satisfeita. Tinha tentado junto de Monalisa, cercar Val de todas as formas para procurar justificações para a razão de ter se afastado delas, mas sem sucesso. Parecia até que a mãe delas estava a encobrir algo.

— Ela começou a acumular na mesma época que a Val começou a insistir em levar a gente para a boate do Camilo, lembra? — Mona teria comentado há pouco tempo atrás.

— E você viu o orgulho que estava no dia do casamento da Val? Mesmo sabendo que o noivo não estava feliz e que a filha talvez não fosse ser amada? — Eliete também respondeu. — Aquilo era outra coisa, eu agora vejo. Nossa mãe se orgulhava da Val por alguma coisa que ela estaria fazendo.

As duas acenaram e logo depois tinham se sentado para almoçar. Não tocaram mais no assunto para não dar muito nas vistas, mas juraram apertar Palmira quando chegassem em casa. Por ora, tudo o que elas mais queriam era matar as saudades da irmã mais nova mesmo percebendo que não parecia estar muito bem. Pelo menos puderam presenciar com muito espanto, a felicidade do casal.

— Meu Deus, Camilo! — Cecile levantou a cabeça. — Estão falando aqui que você bateu em alguém.

Anthony e Viviane olharam para o filho de olhos e bocas abertas como se tivessem dito que este assassinou uma pessoa.

— Deve ser um equívoco. — A senhora Vaughan até riu. — Meu filho era incapaz de tocar numa formiga. Nunca foi agressivo e…

— Eu bati no primo da Felícia. — Respondeu e acariciou as costas de Valquíria que não segurou o riso que se alargou em seu rosto. Podia ver que Viviane tentava não se mostrar zangada pelo facto do filho não ter atendido suas chamadas depois do que ouvira da boca da sua nora, mas naquele momento não pareceu segurar mais.

— O que está acontecendo com você? — Ela perguntou e uniu o sobrolho. Ficou pálida. — Se fosse o Leandro…

— Eu só levei o idiota ao hospital. Fiz a parte boa, mãe. Pode acreditar. — O filho mais velho encheu o copo de vinho fresco. Já diziam os bons costumes que nada melhor que o causador para curar a ressaca.

— Se o Camilo fez isso deve ter um bom motivo. — Anthony acabou por constatar e esfregou a mão no ombro da mulher numa tentativa de a acalmar. Depois se virou para Abasi e os dois se embrenharam numa conversa qualquer sobre futebol.

Holanda se aproximou ainda a conversar com o segurança, os dois riam baixo e ela tinha um prato vazio na mão. Lavínia baixou os óculos escuros para a ponta do nariz.

— Não sabia que se conheciam. — Observou e deixou Cecile continuar a mexer no celular sozinha.

— E eu pensei que fosse um almoço com família. — Leandro finalmente se sentou e ignorou o olhar repreensivo da mãe, assim como nem olhou para a mulher com quem tinha feito sexo. Apenas se concentrou em comer e olhar as mensagens que tinha no telefone.

— Você está muito bonita, Holanda. — Valquíria lhe estendeu o olhar verde afiado. — Pelos vistos a preocupação de Nadir pelo seu sumiço ontem, te fez bem.

— Sumiço? — Holanda se mostrou envergonhada e deixou o prato em cima da mesa. — De que está falando?

— Não se finja de desentendida. — Camilo balançou a cabeça. — O Nadir me ligou preocupado a sua procura. Só não sabia que tinha sumido com alguém.

Leandro riu baixo.

— Acho que esse amor repentino mexeu com seus miolos, Camilo. — O irmão mais velho gracejou. — Acha que a Holanda vai sair com alguém?

A mesa ficou um silêncio total, onde apenas se ouviam os risos das crianças que brincavam de um lado para o outro. Lavínia sorriu.

— Sim, Camilo. Por acaso saí sim ontem e foi com o Cirilo. Acho que todos aqui sabem que é de confiança, então não precisam se preocupar. — Holanda tratou de responder com firmeza e ignorou o que o idiota do irmão do seu amigo disse.

— Desde que não se entrosem no meio do trabalho. — Lavínia tratou de frisar e revirou os olhos.

— Por que acha que a minha amiga não pode sair com alguém, Leandro? — Camilo pousou as duas mãos na cintura da mulher e virou os olhos estreitos para encarar o irmão. Não tinha gostado nada da conotação na frase dele. — Algum problema?

— Me poupe, Camilo. — Respondeu com um ar indignado e se levantou da mesa logo em seguida, mostrando que não estava disposto a continuar com aquela conversa. Olhou para o segurança que era negro e altivo, tinha um rosto quadrado coberto por uma barba curta e bem aparada, óculos escuros e uns músculos bastante notáveis por baixo do terno impecável. Leandro fez um ar de desprezo e justificou que ia fumar quando a mãe o criticou. Ele não pertencia àquele lugar e nem se esforçava para isso.

Holanda se sentou logo em seguida, puxando conversa com Monalisa. Depois de tudo o que tinha visto no casamento, acabou por compreender algumas coisas e a principal era não se doar por completo para quem não queria sequer um pedaço seu.

— E por falar em Nadir, eu e o Andrew encontramos ele quando passamos para comprar vinho. Não foi? — Lavínia continuou a falar.

— Sim. Estava com o primo dele… Como era mesmo o nome? — Andrew olhou para cima como se a resposta estivesse lá. — Só lembro do sobrenome da família, Khan.

— Sanjit! — Lavínia afirmou. — Mania desses indianozinhos de terem nomes estranhos.

Eliete até parou de comer e girou os olhos, primeiro para Monalisa que estava estática, e só depois correu até encontrar Camilo que a esperava com atenção. Os olhos azuis não diziam nada, mas sequer pestanejaram uma vez. Ela piscou.

— Ah, o Sanjit. — Holanda estava alheia ao que realmente acontecia. — Está destacado no departamento policial da cidade. Pelo que consta é um ótimo detective.

Eli sentiu o estômago embrulhar e se levantou da mesa num salto. Nem precisava muito para perceber, só não podia acreditar que tinha sido o marido da irmã a fazer aquilo. As mãos dela tremeram e tentou não demonstrar a raiva que a consumia, mas Valquíria foi rápida a compreender a forma como ela e o marido se fixavam.

— O que você fez? — Perguntou quando viu Eliete sair em disparada e Monalisa correr atrás. Então desceu do colo dele e buscou Holanda que também não parecia estar a par.

Camilo então engoliu em seco.

Não havia pior hora para aquilo acontecer.

Vida

Eliete tentou respirar, mas o pulmão reclamou. Parecia estar espremido contra seu peito e tentar sufocá-la quando procurava pelo ar.

Arquejou.

— Eli! Eli! — Monalisa corria nos seus saltos que em nada ajudavam sua altura. Tinha os lábios carnudos entre abertos e os olhos crispados de uma preocupação sincera. Tal como estar num navio que se afunda no meio do oceano, sem saber se aceita o destino cruel ou se luta numa esperança fajuta.

— Que idiota! — A mais velha lhe deu as costas enquanto se escondia na lateral da mansão. Suas mãos oscilavam sem parar, e havia um baile desarmónico que tocava em sua cabeça. — Que idiota!

— Não diga isso. — Mona se ressentiu. Sabia que seus instintos não estavam errados e a dor de não ter brigado mais com a irmã a assolou. — Eu deveria ter…

— Nada. — Eli a cortou sem saber se estava furiosa ou magoada. As duas coisas talvez. Tinha ficado sozinha muito tempo, pois seu detector de homem que não presta costumava estar muito bem activo, não podia acreditar como tinha caído tão facilmente na lábia de Sanjit. — A culpa foi unicamente minha.

Valquíria apareceu logo em seguida. De perto parecia ainda mais frágil como uma boneca de trapo, mas aqueles magníficos olhos verdes irradiavam um poder desigual. Ela primeiro abraçou a mais velha, depois Monalisa se lhes ajuntou e as três se apertaram num embalo.

— Não posso acreditar que o Camilo… — Eli sentiu a voz falhar. — Me mandou investigar.

— Sejamos razoáveis. — Mona interveio sempre com a sua sensatez. — O que aconteceu em relação a você e Sanjit foi uma consequência.

— Como você está? — Val não opinou e olhou de uma para outra. — Tem muita coisa acontecendo.

— Eu me envolvi com o embuste que seu marido mandou para me investigar. — Eliete passou a mão pelo rosto num gesto exasperado. Estava completamente afoita. — Que ódio que sinto.

— Nossa mãe me contou que estava saindo com alguém, só não sabia que tinha o dedo do Camilo nessa história. — A mais nova certamente era implacável em sua colocação, só deixava antever o que queria e nada mais.

— Se falasse connosco iria saber. — Mona acabou por acusar e o lábio inferior estremeceu. — Eu me sinto sozinha e tenho tanta coisa para lidar.

— Eu sinto muito… — Valquíria chegou a titubear. — Mas como foram os dias sem mim? Vejo

que sobreviveram.

— Sentimos muitas saudades. Sabe? Não tem ninguém para nos chatear em casa. — Eli sentia um misto de emoções e trocou um olhar com a mais baixinha entre elas. As duas se comunicavam sem expressar palavras.

— Estava querendo que a gente se habituasse a estar sem você, Val? — Monalisa perguntou de rompante, como se estivesse a ter um vislumbre qualquer em sua cabeça. Naquele momento tudo evaporou. Sanjit, Arthur e até a pouca zanga que sentia por Camilo.

Ficaram apenas as três.

— As pessoas vão estar errando o tempo todo. Vocês nunca vão encontrar alguém que não mente, o que importa é o quanto elas se esforçam para serem melhores depois. Eu não sou perfeita, aqui ninguém é. — Valquíria soltou um suspiro pesaroso. — Se permita sentir raiva, espernear e ficar zangada com esse Sanjit e o Camilo. Se sinta traída e enganada, mas antes de tudo escute.

Monalisa sentiu um incómodo gigante ao pensar nas palavras de Arthur. O tinha crucificado de primeira sem se dar ao quesito de ouvir o que teria para lhe dizer e baixou os olhos.

— Nada na vida fará vocês felizes até que escolham ser. Estamos sempre pré julgando a tudo e todos, acreditando que faríamos melhor. Só esquecemos que cada um tem a sua própria forma de viver. Nem todos são espertos como eu… — As duas riram, mas a cada palavra da mais nova, sentiam uma facada no peito. Cortava e sangrava. — O Camilo em condições normais nem estaria olhando na minha cara depois de ter aturado todas as minhas loucuras.

— É verdade. — Mona fungou e coçou os olhos. Se aproximou para tocar no rosto da irmã e depois na barriga dela. — Nós adoramos você. Não se afaste de nós.

— E estamos ao seu lado como você está do nosso. Vou ter suas palavras em conta, vou parar para pensar e escutar. Mas leve o nosso apelo também, pequena. — Eliete pediu e então conseguiu um sorriso.

Val enxugou uma lágrima no canto do olho com rapidez e se recompôs quando a figura do marido surgiu e as ofuscou em todo seu tamanho. Estava com as mãos dentro dos bolsos.

— Desculpe interromper. — A voz baixa e suave encantava com facilidade. — Não posso me esconder por trás dos meus erros, por isso quero pedir desculpa a vocês, em especial a Eliete.

— Se queria saber coisas sobre mim deveria ter mandado o detective atrás de mim e não de minha irmã. — Val revirou os olhos e não o encarou.

— Eu mal sabia quem vocês eram, sua história ou o que fosse. E era impossível conversar com você, Valquíria. Sem contar que você muito sabia de mim e isso estava me deixando paranóico. — Olhou para cada um dos rostos alternadamente. Os olhos eram bem similares. — Foi por pouco tempo. Eu o mandei se afastar logo depois, assim que nos aproximamos mais. Disse para não falar mais com a Eliete.

— Coisa que ele não cumpriu. — Monalisa constatou. — Então já não era mais investigação.

— Não de minha parte. Nunca mais lhe pedi informações ou ele me deu sobre Eliete.

— Mesmo assim. — Eli falou. — Vocês invadiram minha privacidade, quebraram minha

confiança, e isso não se repõe com palavras. O problema não é perdoar, é confiar de novo.

— Certo. Eu estou de acordo. — Camilo trincou os dentes, mas se voltou para olhar para sua mulher. — Há alguma coisa que posso fazer para me redimir?

— Pode começar por cuidar muito bem de nossa irmã. — Monalisa adiantou. Tinha visto que estavam juntos de verdade, mas não podia deixar de ressaltar.

— Nem precisa dizer. — Ele percebeu que tinha sentido receio de que Val estivesse com raiva. — Eu estou apaixonado por ela.

Eliete quase esqueceu que estava zangada com ele e Mona soltou um sonoro som emocionado de seus lábios. Adorava aqueles momentos especiais que poucos tinham a oportunidade de presenciar, mas não podia deixar de pensar como estava tudo tão errado naquela história, principalmente quando olhava para sua irmã mais nova.

Os quatro voltaram a mesa sendo alvo de olhares, se sentaram sem dizer muito e passaram o resto da tarde a ouvir as piadas de Andrew que deixava Lavínia extremamente aborrecida tanto que foram os primeiros a partir junto de seus filhos e o segurança. Abasi ainda rezou junto da mulher, obrigando Anthony e Viviane a fazerem o mesmo por respeito, depois também se foram acompanhados por suas filhas que nunca mais queriam ir. Holanda foi logo em seguida inventando alguma história estranha.

Valquíria se sentou num sofá de fora junto de Cecile e as duas se enrolaram num cobertor de sala, e ficaram a ver Camilo que acendia uma fogueira de jardim com uma taça de vinho na mão.

— Agora vão ter a vossa casa, o bebé e tudo. — A cunhada comentou de queixo erguido como se não se importasse. — Não vejo a hora da casa ficar vazia.

— Eu imagino. — Val riu. — E eu que estava contando que você ajudasse a tomar conta do bebé.

— Eu não gosto de bebés, Val. Eles babam, choram e gritam. Puxam cabelos! — Reclamou de bico feito.

— E eu que tinha pensado em te chamar para ser madrinha. — Murmurou a fingir um descaso e deu de ombros.

— *Madrinha*?

— É. Já imaginou ser chamada de tia, receber um sorriso quando chegar perto e uns olhos cheios de amor incondicional? Ter alguém dormindo serenamente em seu colo porque confia sua vida a você? — Os olhos encaravam Camilo que estava parado a balançar a taça gorda em sua mão.

— Seria… — Cecile estava com os olhos brilhantes. — Maravilhoso!

— Quer dizer que aceita?

— Já que você faz tanta questão. — A cunhada estava radiante quando lhe deu um beijo no rosto e saltou fora do sofá branco. — Vou contar para minha mãe!

Ela saiu a correr pelo relvado e trespassou as portas de vidro que agora estavam fechadas com as cortinas brancas corridas. Val curvou a cabeça para trás e observou o céu escuro, mas sentiu a presença máscula que se sentou do seu lado.

— Pensei que fosse ficar muito zangada comigo.

— Eu queria, mas não tenho tempo para isso. — Apertou os olhos lentamente e os longos cílios se exibiram. — Nunca fui a melhor das pessoas também.

— Eu nunca disse para o Sanjit se envolver com a Eliete. — Repetiu.

— Eu sei… — Val procurou a mão dele que estava livre e a apertou.

— Está cansada? Quer ir descansar? — Perguntou e deixou a taça no chão. Dobrou um joelho para cima do sofá e apoiou o cotovelo no encosto e a mão na cabeça, voltando o rosto para ela.

— Me deixe ficar mais um pouco. — Abriu os olhos. — Me deixe olhar o céu. Há tanta vida lá.

— Eu me segurei todo o dia, Val. Mas estou muito preocupado e não consigo deixar de pensar no que pode estar acontecendo com você. Vou exigir saber tudo da médica amanhã, saiba disso.

— Não precisa…

— Como não preciso? — O tom da voz se elevou como raras vezes acontecia.

Valquíria se inclinou para frente e o beijou. Podia sentir só pela conjugação dos lábios, todo o mundo que florescia em seu corpo. Existência dava fulgor a sua alma quando Camilo demonstrava todo o clamor em apenas um beijo. Molhado e apaixonado.

— Não se foge do destino, Camilo. — Murmurou. — Não se engana a morte por três vezes. E eu já escapei duas.

— O que está falando? — Os olhos se mostraram confusos.

— A vida dá, tira e devolve. Para eu viver, você me entregou sua vida. E eu estou te devolvendo. — Puxou a mão para a barriga dela.

— Ficou maluca, Valquíria? — Vaughan recuou, atordoado. Piscou várias vezes e perdeu o compasso da respiração.

— Primeiro eu vou definhar, depois meus órgãos vão começar a parar. Um por um, até não restar nada. — Os olhos dela estavam cheios de lágrimas. — Eu não vou poder amar você por mais tempo, nem segurar no nosso bebé e ver seu sorriso verdadeiro e amor incondicional.

Camilo primeiro riu de incredulidade, mas depois os lábios se cerraram numa linha única e o sobrolho se uniu criando um vinco que muito lembrou Leandro. Apoiou as duas pernas no chão e sem querer deixou a taça cair que se espalhou em vários cacos de vidro.

— Está brincando?

— Quero que me oiça com atenção.

— Quanto tempo?

— Camilo.

— Quanto tempo, Valquíria?

Ela se sentiu egoísta naquele momento e baixou os olhos. Podia ter visto seu corpo começar a falhar aos poucos, mas esperava que no dia que seu coração parasse de bater, não doesse tanto como naquele momento.

— Três ou quatro meses… Talvez cinco.

Camilo se levantou no mesmo momento, de olhos escuros e punhos cerrados. Não a olhou, pois não conseguia evitar de se sentir roubado. Engoliu em seco e um Glacial percorreu seu corpo. Ele conhecia aquela sensação.

O mesmo de um Glaciar a se quebrar.

Empurrou a porta num único estrondo. Sua mente se fragmentou em vários pedaços congelados e afiados. Os olhos escureceram e a raiva o consumiu quando andou até agarrar o médico que se assustou com a invasão repentina.

— Ei garoto, não é nada disso que… — Não foi a tempo de concluir, pois sentiu o murro que o acertou em cheio no meio do rosto. Um seguido do outro até ir ao chão com as calças ainda abertas.

Camilo saltou para cima dele sem hesitar. E bateu com os punhos fechados contra a cara do médico que mal teve tempo de raciocinar.

Sangue saltou para o alto, manchou o chão e suas roupas. Mas ele nunca parou de bater com toda sua força, não se importando com nada, nem com as consequências, apenas afundou os socos quebrando o nariz, o maxilar e tudo o que encontrou disponível para mergulhar todo o nojo e sentimento de horror que o preenchia.

Só parou quando percebeu que o homem em baixo de si tinha parado de se mexer. Todo pintado de carmim e estendido contra o chão. Camilo só então recuou, assustado, e sem conseguir respirar se dando conta do estrago que tinha feito. Foi tomado por um pânico imediato quando se ergueu com as pernas trémulas.

O que tinha feito?

— O que se passa aqui? — A voz da médica que o tinha acompanhado antes, ressoou por trás dele. — Meu Deus!

Ela estava aterrorizada quando observou a cena à sua frente. Viu o homem caído com o membro fora e olhou para a cama da menina que tinha o cobertor revirado e a roupa do hospital levantada na altura da cintura.

— Saia já daqui. — A mulher gritou a olhar directamente para Camilo que estava em choque. Os olhos azuis tinham perdido todo brilho enquanto encaravam as próprias mãos. — Isso nunca aconteceu. Vá embora agora, ouviu?

— Eu…

— Vá! — Ela clamou em desespero e correu para se agachar diante do corpo quieto. Não conseguia sequer puxar o ar. — Vá e não olhe para trás.

Camilo sentiu um enjoo forte e sua cabeça doeu com muita força. O medo o assolou e deu dois passos para trás, sem ainda conseguir acreditar no que tinha feito. O coração batia na boca quando tropeçou em direcção a porta, e uma agonia chorosa o invadiu.

Tinha tirado a vida de um homem ou a sua própria? Como viver depois daquilo?

— Ele está…?

— Quero que saia deste hospital, esqueça tudo o que fez. Você é muito jovem e esse... E salvou uma menina... — Ela não conseguia conjugar as palavras.

O jovem Vaughan pela primeira vez olhou para a cama desde então. Um pequeno olho verde o encarava enquanto o outro permanecia fechado. Mas ele não olhou duas vezes, apenas correu porta a fora e sem conseguir segurar suas pernas, tropeçou e caiu contra o chão liso e frio.

Não sabia de onde tinha vindo tanto fogo, tanta fúria e capacidade de cometer um crime daquele porte. Se sentiu frio e sujo por dentro, então se deixou ficar ali sem conseguir reter as lágrimas culposas por não ter tido nenhum controle de suas acções. E jurou que se conseguisse superar, jamais voltaria a ser tão impulsivo.

Chorou profundamente enquanto sentia sua alma se apagar.

Sobre o Amor

— Você tem noção do que está me dizendo, Valquíria? — Camilo parou sem conseguir olhar para ela. Sentiu algo que não tinha se permitido sentir por muito tempo, pois sempre se obrigara a ter controle de suas emoções. Era um homem Glacial em todas suas formas e não sabia como podia continuar depois do que ouvira.

Val continuou sentada e impávida, de lábios apertados e com o cobertor enrolado no corpo. Tinha escolhido adiar toda aquela conversa para depois, mas ao vê-lo daquele jeito, totalmente transtornado, achou digno contar a verdade.

— Eu sei o que você está pensando… que entrei na sua vida, te conquistei e agora trarei mais sofrimento. — Acabou por dizer e depois negou com a cabeça. — Você sabe, Camilo, que nós já nos encontramos antes? Mas antes que a gente fale sobre isso, quero observar outra coisa.

Ele soltou um suspiro exasperado e estalou o pescoço. Tudo o que queria ouvir era que ela estava mentindo, que não havia doença ou pouco tempo de vida. Que teriam muito tempo ainda para se conhecerem e viverem aquele sentimento que começava a aflorar.

— Você vai me deixar destroçado. — Vaughan murmurou e não podia evitar sentir um amargor chacinar seu peito. — Não devia ter feito isso.

— Camilo. — O chamou. — Você já amou alguém?

Ele estreitou os olhos azuis e só então se virou para a encarar. O frio fazia graça em sua pele, mas nada parecia tão gelado como o interior do inverno que chegava a galope.

— Digo… além de sua família. Uma mulher de verdade? — Ela perguntou mesmo já sabendo a resposta. — Existem pessoas que por mais que a gente queira, elas estão apenas de passagem em nossas vidas. Sei que a morte é algo terrível na maioria dos casos, mas a gente vive esperando por ela. Fosse eu estar doente ou não. Entenda, Camilo, sobre o amor o que vou lhe falar.

— Você me confunde, Val. Umas vezes tão menina e outra mulher.

— Quando te vi pela primeira vez, há dezoito anos atrás… Naquele hospital… — Disse e Camilo arregalou os olhos.

Os Magníficos Olhos Verdes.

— Eu disse para mim que ia te encontrar não importava onde ou como fosse. E por isso te procurei.

— Era você…

— Pode parecer estranho, mas algumas pessoas criam um vínculo único com alguém. Consegue acreditar que existe alguém predestinado? Em que você bate o olho e sabe que é essa pessoa com quem quer passar o resto de sua vida? — Perguntou, mas a expressão dele ainda estava confusa e a

assimilar tudo o que lhe era dito.

— Eu… Sou céptico quanto a isso. — Respondeu, mas se aproximou dela. Desta vez estava corroído por uma grande sensação de engano, apesar de toda familiaridade que sentiu quando a viu na sua boate pela primeira vez. — Mas eu gostei de você de imediato. Estava disposto a conhecê-la melhor.

— Uma pena… Eu não tinha mais tempo. — Girou os olhos para o alto. — Tudo o que eu queria, Camilo. Era poder ser sua, uma única vez antes de enfrentar o que se seguia. Por isso não me importei que fosse no gabinete e no sofá.

— Val…

— Camilo, eu preciso falar. — Interrompeu e as palavras saíram tremidas. — A primeira vez, pode ter sido uma coincidência, mas como não acreditar no Destino se por uma segunda vez nós nos encontramos? Eu não sabia nada de você até aquele dia que nos vimos novamente. Você nunca me reconheceu, mas eu…

Ele ficou ainda mais sem compreender.

— Como falar sobre o amor? A melhor definição que um dia minha mãe me deu, foi que o amor é como um agasalho numa noite fria. Ele nos conforta. Vejo muita gente distorcendo tudo isso com tanta precisão, sobre o que os outros deveriam ou não fazer, ou como podiam se comportar, quando na verdade não existem fórmulas. — Continuou a discorrer com os olhos cheios de lágrimas. — Eu não cheguei nesse estado sem procurar entendimento. Eu me conformei, e sei que não é fácil para os outros. Mas veja bem, não pode dar amor sem sentir. Você precisa de muito mais que eu ao seu lado para poder se dispor a amar alguém.

Camilo queria falar, mas se manteve quieto e sério.

— Lembra que eu te contei que já nos vimos outras vezes? Teve essa noite num bar que comecei uma briga feia. Um cara tirou uma canivete e me ameaçou prontamente… Sempre fui muito arisca. — Val até riu. — Ele ia atacar quando *você* me defendeu. Quantas oportunidades num milhão, isso podia acontecer?

— E tudo isso te deu o direito de entrar na minha vida a saber que não iria permanecer nela? Sobre o amor, Valquíria, ele acontece. E eu estava certamente confiante que seria com você. Me sinto traído. — Os olhos dele esmoreceram.

— Nada me deu esse direito, você pode se sentir magoado comigo por isso. Mas quero que saiba que estou de passagem para lhe mostrar o que significa amar, e isso não se aplica apenas a mim. Naquela noite na boate eu fugi, porque eu tive a única oportunidade de poder arrancar duas coisas de você.

— Que coisas?

— Sua fúria. É certo que devemos ser comedidos, mas precisa existir um meio-termo. Você tem a obrigação de sentir coisas más de vez em quando, como raiva, ódio ou até mesmo a loucura. Não deve procurar agradar todo mundo, até porque isso não pode ser algo constante. Somos seres humanos e sentimos porque podemos ser mutáveis. — Apoiou uma mão por cima da perna dele. — A outra é amor. Se eu pudesse ter um filho, eu podia deixar algo meu neste mundo. Podia deixar que o bebé te ensinasse tudo aquilo que se perdeu em seu gelo. Falando da noite do bar, você estava

bêbado e primeiro me deu um sermão, depois falou algumas coisas que me impactaram. Um pouco da sua vida, e eu não podia acreditar que o homem que eu desejava se tinha transformado numa pessoa tão vazia. Eu queria descobrir você e mergulhar na sua alma fria.

— E descobriu?

— Sim.

— E a que conclusão chegou.

— De que você precisa viver, Camilo. As feridas familiares realmente demoram a sarar, mas não importa mais o que seus pais fizeram, você é o único responsável por sua felicidade agora. Eu sei que algumas lembranças machucam profundamente, acredite. Eu nunca mais deixei que um homem chegasse perto de mim, que me tocasse, tendo você como o ideal e meu herói. Mas os rancores e os traumas não nos permitem viver, muito menos ficar esperando pedidos de desculpas quando na verdade o tempo está passando. — Fez uma pausa e suspirou. — Todo mundo te vê como um homem calmo, mas por dentro foste tomado por uma guerra constante. Os seus pais são humanos como qualquer um, eles cometem erros. O que adianta mais? Você pode aprender não só com seus erros como com o de seus pais. Sobre o amor, esse é o momento em que pode se livrar de todas essas amarras, ser dono da própria felicidade e se aceitar a meio de tudo o que aconteceu. Passou, está no passado. Não podemos viver em permanência com a desculpa de que tivemos uma infância complicada. O futuro corresponde ao nosso "eu" do momento.

Vaughan a olhou com uma admiração que não conseguiu esconder dentro dele. Ouvir a voz de alguém que provavelmente tinha os dias contados fazia todo o sentido para justificar tamanho entendimento sobre a vida. Valquíria tinha se permitido viver, mesmo errando e acertando em seguida, nunca se coibiu com medo do que os outros iriam pensar ou como a julgariam. Ela tinha feito o futuro que quis.

— Sabe o que fiz naquela noite no hospital? — Ele questionou.

— Eu sei.

— Fui um covarde. Era maior de idade, podia ter assumido.

Val procurou a mão dele e a apertou com a força que ainda lhe restava.

— Você é o meu herói. E eu amo você. — Ela respondeu e lhe mostrou os dois lados de uma mesma moeda.

— Por que não veio antes?

— Você teve outras histórias, outros relacionamentos. Eu estava crescendo e aprendendo sobre a vida. Pensei que fossemos ter muito tempo. Me enganei. — Uma lágrima escorregou de seus olhos. — Fui ao hospital pela primeira vez com minha mãe. Uma consulta de rotina e o médico nos chamou. Era um Linfoma Não-Hodgkin, agressivo e curiosamente assintomático. Foi por um acaso que descobrimos. Então eu pensei, não tenho mais o que esperar, é agora ou nunca. E fui atrás de você.

— Deixou de se preocupar com o tratamento?

— Eu ia me tratar, mas antes de passar por tudo aquilo, eu precisava estar feliz por um momento. Te abraçar e te beijar, finalmente fazer amor. Eu não queria pensar na razão, nos por quês. No facto de ser tão jovem e antes saudável. — Explicou. — Eu fui embora naquela noite na boate

porque não queria que você entrasse nisso tudo, então fui passar por variados exames até descobrir que estava grávida. Tinha vingado. E tudo o que me ocorria era com quem meu filho ia ficar, que tipo de pai ia ter e decidi usar o tempo que me restava para tentar remediar isso tudo.

— Por isso nunca me pediu amor… Só que cuidasse do nosso filho.

— Os médicos me aconselharam a não seguir com a gestação, mas também me tinham dito que os tratamentos no meu caso só iriam prolongar minha vida por um tempo porque começava a se espalhar. Eu decidi continuar e não fazer os tratamentos de quimioterapia para poder proteger o bebé.

— Não pode fazer isso.

— O meu estado é agressivo, Camilo. Pensa que não pesquisei? Os médicos me deram a opção de manter uma gravidez segura, mas os únicos tratamentos possíveis são incompatíveis. Existem variadas situações e estatísticas, mas o meu estágio é avançado demais. Se existirem milagres, pode até ser, mas não conte muito com isso. Quero que esteja preparado.

Camilo se impacientou mais uma vez, como ela podia lhe dar tanta informação ao mesmo tempo e de uma só vez, com toda aquela serenidade? Passou a mão pela barba, procurando seu estado calmo que sempre usava quando na verdade queria explodir. Se sentou ao lado dela, mas podia sentir o próprio corpo enregelado.

— As informações nunca são as mesmas, mas há algumas garantias de que durante a gravidez o Linfoma se acalme, mas assim que der o parto ele irá se agravar imediatamente. E provavelmente estou começando a sentir fadiga, perda de peso e algumas febres. — Engoliu em seco. — Vamos ter um filho prematuro.

— Mas pode fazer o tratamento logo que der o parto?

— Sim. Um tratamento igualmente agressivo, mas isso não garante que será eficaz. Possivelmente irá se espalhar por todo o meu corpo, Camilo.

— Mas é uma hipótese?

— Sempre há.

— Então é nela que vou acreditar. Porque você pode ser entendida em muitas coisas, mas eu não menti quando disse que estava apaixonado por você, e Sobre o Amor, Valquíria, existem coisas sobre mim que você não sabe. E uma delas é que eu nunca quis ficar com uma mulher como quero ficar com você. Se está se sacrificando para que eu possa saber o que é amar verdadeiramente, então vou fazer como das outras todas vezes e a salvarei de novo. Porque só assim saberei. — A voz baixa estava um pouco grave, mas o corpo se aqueceu quando Valquíria se aconchegou para junto dele e se aninhou em seu peito.

— Temos tanto por falar… — Ela balbuciou com o tom embargado.

— Você estava sozinha no hospital naquele dia. Por quê?

— A minha família ainda não sabia do ocorrido. Só quando foram contactados é que correram para lá, mas o estrago já tinha acontecido. Aquele médico… Seus olhos escurecendo.

— E nunca contou para ninguém?

— Para minha mãe e depois para a terapeuta. E você?

Camilo negou com a cabeça e sentiu uma culpa o preencher mais uma vez.

— Então está na hora de falar. — Val murmurou e ele consentiu.

Quando a levou para o quarto, ajudou-a a trocar de roupa e a se deitar na cama. Lhe pareceu ainda mais frágil agora que sabia o que ela tinha, e tudo não passou de um borrão tal como num pesadelo. Uma pena não poder acordar. Camilo a beijou como se fosse a primeira vez, apenas para se deliciar com os lábios apaixonados. Adorava sentir a textura carnuda e a língua molhada, adorava o cheiro que emanava da pele dela, da sensação macia que era abraçá-la.

Valquíria adormeceu em seus braços, cansada demais para ser sua naquela noite, mas ele não conseguiu pregar o olho. Sobressaltado com a ideia de vir a perdê-la, apenas viu o tempo passar enquanto vasculhava memórias que já não tinha mais. Tudo o que se lembrava era da menina assustada numa cama de hospital.

Levantou-se pela madrugada e rumou até seu guarda-roupa. Lá de dentro tirou algumas coisas até encontrar um pequeno cofre, onde abriu e puxou uns papéis até encontrar um amarelado pelo tempo. Camilo respirou fundo e saiu do quarto, descendo os degraus de vidro com cuidado e se sentou no bar da sala principal. Abriu uma garrafa e encheu um copo de vidro. Então bebeu e sentiu o ardor que escorreu pela garganta.

Estava subvertido. Pensava em tantas coisas que não viu quando Viviane se aproximou com todo cuidado.

— Você está bem, meu filho?

Ele a olhou por cima do ombro e balançou a cabeça. Apenas puxou outro copo e serviu para a mãe que bebeu ao seu lado. Em seguida lhe estendeu o papel que tinha consigo.

— O que é? — Ela perguntou e aproximou mais perto para conseguir enxergar as letras.

MÉDICA PRESA POR TENTATIVA DE ASSASSINATO. ESTADO DA VÍTIMA É GRAVE, EM COMA PROFUNDO, PODE NÃO SOBREVIVER.

Viviane ergueu os olhos para olhar seu filho amado.

— Eu matei esse homem.

O copo caiu da mão dela e se estilhaçou no chão. Tal como o coração dele.

•••

Eliete e Monalisa tinham dormido juntas naquela noite. Se preparavam para ir trabalhar, mas tinham combinado abordar a mãe naquela manhã. Não iriam permitir mais ficar às escuras sobre o que se passava com a irmã mais nova, e Eli tinha decidido fazer daquilo um propósito maior que suas dores.

— Como está se sentindo? — Mona perguntou a amarrar o cadarço de seus sapatos. Levantou-se e carregou sua bolsa enquanto saíam do quarto.

— O Sanjit me ligou umas vinte vezes. — Respondeu a guardar o celular dentro do bolso do seu

casaco. Não queria sequer olhar na cara dele.

As duas foram distraídas com o choro da mãe que se ouviu lá de baixo, desceram os degraus a correr e encontraram dois empregados que começavam a esvaziar a sala.

— Estou fazendo isso porque te amo, Palmira. — Abasi estava desesperado enquanto segurava a mulher que insistia em se debater em seus braços.

— Não. São as minhas coisas. — Chorava de uma dor tão profunda que as abalou por completo. As filhas se reuniram ao redor.

— Parem! — Eliete deu as ordens para os empregados saírem dali, enquanto Mona levava a mãe até a mesa do café da manhã. — Pai. Não podemos tirar as coisas assim, a mãe… Ela precisa de terapia.

— Eu sei. — Abasi soltou um suspiro. — Desculpa. Eram só algumas coisas.

— Tudo bem, já passou. — Mona tentou apaziguar, mas sentia a dor de sua mãe em toda a profundidade. Palmira estava sofrendo em silêncio.

Os quatro tentaram se acalmar, enquanto empurravam a comida que não descia. As irmãs ficaram trocando olhares a pensar se seria oportuno introduzir a conversa que tinham arquitectado, mas o pai que lia um jornal tratou de tentar quebrar o gelo que se tinha formado na sala.

— Esses ricos já não sabem o que fazer, é incrível. Estão sempre trocando de ideias. — Ele disse. — "Arthur Kingsley, Duque de Hampton, quebrou o acordo feito pela família real ao terminar o noivado de anos com Kiera Wildes."

Monalisa entornou o copo de chá por cima da mesa espalhando o líquido pelo pano de mesa. Os lábios secaram. Eliete estranhou ao perceber o espanto de sua irmã, mas foi distraída pelo celular que vibrou.

— É a Val, ela disse que vem conversar connosco. — Um lampejo de alegria surgiu na sua face no mesmo momento que a campainha soou.

— Será que é ela? Já chegou? — Monalisa correu para fora da mesa apenas para disfarçar e saiu até a porta com as mãos trémulas, mas quando a abriu, ficou estática como o gelo.

Dois homens entraram na frente sem pedir e avaliaram a sala, enquanto Abasi se levantava.

— Sua Alteza. — Um deles anunciou, e Arthur entrou.

Monalisa ficou seca como uma estátua e seu coração dançou as baladas do amor.

Julgamentos

Viviane naquela noite chorou como uma criança que não se lembrava de ter sido. Abraçada ao seu filho do meio, ela orou baixo em suas crenças, se julgou e se condenou com a mesma rapidez que a maioria dos humanos tinha de o fazer. Quando seu marido Anthony e seu filho Leandro se juntaram a eles, de início não percebiam nada do que podia estar a acontecer, não até ao momento em que Camilo se dignou pela primeira vez em muito tempo em lhes contar toda a verdade.

— […] Quando completei dezoito anos, eu matei um homem que abusava de uma criança indefesa. — Explicou com a voz carregada de uma culpa indescritível. Os olhos estavam raiados de vermelho, mas não pareciam enxergar ponto algum. Levemente perdido nas lembranças odiosas que passou a narrar.

Leandro perdeu forças nos joelhos, vestido apenas com calções de dormir de tecido fino, se apoiou no balcão do bar e ficou a olhar para a bebida que lhe sorria em pedidos para ser degustada. Mas daquela vez, sentiu que não precisava mais dela.

— E essa médica o que aconteceu com ela? — O pai estava impávido com o rosto de quem tinha levado um beijo doloroso de um inverno perpétuo.

— Foi julgada por homicídio involuntário, em pena de prisão suspensa por ser um arguido bem considerado, de índole bem quista, sem antecedentes criminais. Pagou uma fiança e uma multa pelo crime. A atenuação especial se determinou por haver uma razão séria para a sua aplicação e por não ter procurado diminuir as consequências do seu ato, tal como a fuga ou evitar a prisão.

— Isso é muito grave! — Anthony passou a mão pelo rosto.

— O homem estava em coma, soube que a família optou por desligar as máquinas. Foi o pior momento da minha vida, e quando tentei contactar a médica novamente, ela exigiu que nunca mais o fizesse.

— Onde está essa mulher? Precisamos encontrá-la! — O pai sentia o estômago se revirar por completo. Piscou várias vezes só para permanecer atento, não podia acreditar que o filho tinha passado por todo aquele processo horrendo sozinho.

— E eu sendo tão egoísta, acreditando que se tinha transformado por minha culpa, por ter levado nossos pais para longe quando era um dia tão importante para você. Eu devia ter te protegido, você é meu irmão, e não merecia ter sobrevivido a tudo isso sem apoio, quando na verdade o que me importava era ser um rebelde sem causa, competindo sem parar contra sua forma de ser tão apreciada. — Passou a mão pelos cabelos e baixou os olhos de vergonha. — Quando foi que eu falei ou te perguntei alguma coisa?

— E quando foi que eu fiz o mesmo? — Camilo rebateu com sinceridade em suas palavras. — Vivi querendo ser o melhor para competir de igual forma em busca da atenção que julgava estar com você. Quando é que parei para pensar em tudo o que lhe pesava e me colocar em seu lugar? Fui tão

egoísta quanto.

— Mas não se compara com o que te aconteceu… Nós estávamos aqui do seu lado todo este tempo sem ter a mínima noção desse problema grave demais. — Leandro se sentia violentado por tamanha distracção e um buraco maior se abriu nas válvulas de seu coração solitário.

— Exactamente. Nada se compara a nada. Nenhuma dor será maior que outra quando cada um sente de uma única forma. — Camilo respondeu.

— A culpa foi toda minha. — Viviane fungou e limpou as lágrimas de seu rosto com a mão que ficou molhada. Aos seus pés os cacos do copo partido se espalhavam, mas ela nunca se sentiu tão inútil em toda sua vida. — Eu sou a vossa mãe e falhei redondamente. Meu papel era o de unir a família, mas não consegui sequer olhar para os problemas nos olhos do meu filho, julgando ser um crescimento diferenciado. Sabia que algo o incomodava, mas não parei para buscar a resposta porque escolhi acreditar que não era nada demais.

— Não jogue toda culpa em você. — Anthony se agachou para perto de sua mulher. — Também fui falho. Passei mais tempo reunindo riqueza quando a pobreza da alma se instalava no nosso seio familiar.

— Oiçam. — Camilo pediu por atenção, percebendo que sempre que falava as pessoas paravam para escutar. — Passei muito tempo procurando culpados para a minha questão, quando fui eu quem sempre fugi. Nunca me aproximei para me abrir verdadeiramente a espera que me perguntassem sobre algo que não pretendia falar. Agora vejo o quão ridículo é. Vivemos esperando que as pessoas nos compreendam, mas não nos damos a compreender. Queremos que olhem e vejam, enquanto na realidade cada qual tem a sua forma de enxergar as coisas.

— Isso não minimiza nada. — A mãe soluçou. — Errei com todos vocês por estar tão perto e ao mesmo tempo longe. Veja Cecile, tantas vezes ressaltei a importância de ser ela mesma, de me contar o que fosse, e quando menstruou sequer me disse. Eu queria ter ajudado, mas me contentei que tivesse alguém com quem pudesse se identificar.

— Muitas vezes é mais fácil falar com outras pessoas do que com nossos próprios pais. Muitos conhecidos meus mais rápido se dão entre amigos do que para sentar e envolver a família. — Leandro observou. Lúcido demais diante daquele momento, revivendo todas suas complexidades ao longo dos anos. — Nunca fui um filho bom.

— Não é verdade. — Anthony negou. — Pode ser uma pessoa difícil sim, mas é engajado no que concerne ao trabalho. Sabe ser um bom líder e se preocupa de sua maneira com os seus. Nem só de qualidades visíveis é feito um ser humano.

— Então como podem se dizer falhos? — Camilo questionou. — Nos educaram da melhor forma possível, nos deram boas condições de vida, estudos e nos ensinaram a ter moral. Nossos erros podem ser só nossos, não devido a uma crítica paternal, e sim na certeza de que como seres humanos acabamos por seguir nossos caminhos nem sempre em relação ao que fomos ensinados.

— Exacto. Enquanto eu achava que o Camilo tinha mais atenção, ele julgava que era eu quem detinha. Isso não demonstra o quão bons foram? Nós nos preocupamos em olhar para o que acontecia com o outro e não connosco. — O filho mais velho disse.

— O facto de dar boas condições aos filhos não nos iliba como maus pais. — Viviane ainda não

aceitava. Apertava os olhos de onde lágrimas grossas corriam, cheia de uma dor que não conseguia suportar.

— E quantos pais sequer se importam em dar isso? O meu biológico é um exemplo claro. — Leandro não queria ver a mãe naquele estado. — A verdade é que não existem vilões, somente a complexidade da vida a que somos propostos. Aos passos que escolhemos dar.

Camilo parou para pensar a última vez que tinha tido uma conversa tão profunda com seu irmão. Não se lembrava, e por isso não podia saber como Leandro tinha pensamentos tão amadurecidos em alguns aspectos. Costumavam beber, rir e dançar, trocar palavras sobre tantas outras coisas, mas na verdade nunca tinham se conhecido por inteiro.

— A menina que eu salvei naquele hospital era a Valquíria. — Acabou por confessar e sentiu quando todos os olhos pousaram em seu rosto. — Em pouco tempo eu aprendi algumas coisas com ela, muito importantes. A vida não vem com um manual, muito menos para os pais. O que posso perceber é que a relação entre pais e filhos é bastante complexa, todos vão querer ditar o que ou como fazer. Podemos escolher quem serão nossos amigos, com quem aceitamos casar, mas nunca quem são nossos parentes. Apenas devemos conviver com eles, e essa vivência nem sempre será fácil. Devíamos ter dialogado mais, ter exposto as nossas feridas. Não há como ser um bom pai ou mãe só por amar nossos filhos. Eu vi vocês sendo duros com Leandro, vi vocês depositando uma confiança cega em mim, e infelizmente isso pode frustrar. Ainda assim sempre vos amei, senti orgulho e por isso me retraí para não trazer sofrimento, mas isso custou um preço caro. Contudo, nada pode nos garantir que seria diferente se eu tivesse optado por pedir ajuda.

Anthony quis acreditar que seria porque era mais fácil pender para essa crença do que aceitar a omissão, porém em seus cinquenta e sete anos, já tinha vivenciado muita coisa para entender com facilidade o que lhe era passado ali. Não eram de todo erróneos, e sim humanos.

— Eu fui tão negligente. — Viviane só sabia chorar sem conseguir parar. As palavras não chegavam a ter conforto para a amainar.

— Seremos todos negligentes a dado momento. Você deixou de trabalhar para estar presente no nosso dia-a-dia, em variadas situações teve que optar. E tudo isso faz parte. Como condená-la por levar meu irmão para uma clínica no dia do meu aniversário ou por Cecile ter nascido quando ia defender minha tese? Ou por ela ter tido uma queda no meu último aniversário? — Camilo pontuava tudo com uma clareza absurda. A luz da sala estava a meio ambiente e as cortinas davam indícios de um novo dia que surgia lá fora. — Também posso me lembrar quando me ensinou a andar, quando me carregou em seus braços nas noites mais difíceis ou quando meu pai me ensinou a me equilibrar numa bicicleta. Deveremos apagar os bons momentos por conta dos maus?

— A verdade é que não há vilões. — Anthony teve que ceder ao uísque e encheu seu copo. Aquela conversa sabia ser quente e fria, tal como os filhos que se mostravam homens dignos de seu orgulho. — Na realidade somos uma família, estaremos unidos agora mais do que nunca e aprenderemos com os nossos erros do passado para procurar acertar no futuro. Temos muito tempo pela frente.

— E eu tive que aprender isso com a mulher que chegou para desestabilizar minha vida, me causar aborrecimentos com suas atitudes tempestivas. E que agora está morrendo. — Contou e causou um silêncio duro de suportar. Todos os olhos inquisidores e em negação o confrontaram. — Não

estarei pagando o mal que fiz àquela família?

— De ter tirado um pedófilo de circulação? — Leandro esbravejou.

— Não era meu direito tirar a vida de ninguém. — Pontuou. — Ainda por cima me acovardei, deixei que a culpa caísse em outra pessoa. De alguma forma devo estar pagando por tudo, afinal só conhecemos a dor da morte quando ela chega até nós.

— Agora vejo que tudo o que a Val falou sobre nós na imprensa era uma tremenda verdade, mas estávamos tão cegos por julgar suas atitudes que sequer paramos para avaliar. Ela chegou te arrastando para um casamento, mas todos os passos que ia dando, podia ver que trazia uma forma nova de você. Ao mesmo tempo que isso me preocupava também me causava interesse. — Viviane finalmente se levantou com a ajuda de seu marido que ainda bebia devagar. — Como aceitar que esteja morrendo? Ela te iluminou aos poucos.

— E você a recebeu aqui em casa mesmo com toda contrariedade, não a destratou ou humilhou. Deixou que se aproximasse e procurou entender. Eu estava zangado, querendo que você se rebelasse com o meu casamento, mas agora vejo que tudo o que queria era deixar que tudo seguisse seu fluxo natural. — Camilo se sentiu mal e percebeu que ainda tinha por onde agradecer por ter bons pais mesmo que não fossem os melhores do mundo, pois existiam piores.

— Eu a acusei, disse coisas más e fui o primeiro a apontar e torcer a cara. — Leandro não mentiu.

— Você disse em voz alta tudo aquilo que muitos pensavam, mesmo assim, fale com a Valquíria. Pelo menos ainda há tempo para isso. — Camilo disse e engoliu em seco. — Agora preciso descansar, vamos ao hospital em poucas horas.

— Iremos com vocês. — Viviane afirmou. — E preciso explicar para a Cecile.

— Filho. — Anthony se aproximou dele. — Faremos tudo o que estiver ao nosso alcance para salvar a Valquíria. Tanto ela como o nosso neto são prioridade. Também vou contactar os nossos advogados sobre o que aconteceu naquela fatídica noite, mesmo tendo passado quase vinte anos de um crime que provavelmente prescreveu. Temos que fazer justiça.

Todos concordaram com as cabeças e então deixaram a sala, cada um para seus aposentos. Camilo ainda viu a mãe se dirigir até ao quarto da sua irmã mais nova, mas abriu a porta do seu e entrou, parando logo em seguida para observar sua Val que dormia profundamente.

Podia ver o peito dela subindo e descendo lentamente por baixo do cobertor. E só rezou para que pudesse contemplar aquela cena por muito mais tempo.

•••

— […] Ainda não podemos ter a certeza, mas me parece uma menina. — A doutora Hazumi disse ainda concentrada no procedimento que fazia na sala especializada. A pequena tela exibia imagens a preto e branco que nenhum dos dois ali sabia interpretar.

— Uma menina? — Camilo sorriu e sentiu um afago acariciar suas dores. Olhou para a mulher deitada que apertou sua mão.

— Sim, e está crescendo bem. Vamos ter de fazer uma intervenção com vinte e nove ou trinta

semanas, pois o câncer pode se espalhar. — A doutora Hazumi disse com seriedade, sabia que devia tocar naquele assunto por mais delicado que fosse.

Quando terminou de analisar a gestante, contou com a ajuda da enfermeira para que colocasse tudo nos conformes, e depois seguiu com o casal até ao seu gabinete na porta ao lado.

— Doutora, quero que providencie o melhor oncologista que tiver. Não importa quanto, eu…

— Nós temos os melhores oncologistas, senhor Vaughan. — A médica garantiu. — Estamos acompanhando tudo de perto e com o maior cuidado possível, uma vez que a senhora Hayes abriu mão do tratamento. A vossa bebé irá nascer saudável, garanto. É claro que vai passar as primeiras semanas aqui no hospital, mas depois estará bem para ir para o aconchego do lar.

— E a Valquíria? — Camilo não gostava como as palavras pareciam soar como se ela estivesse sempre por fora da equação. Isso o corrompia por inteiro.

— Estamos antecipando o parto para poder tentar controlar a situação que se seguirá. Uma semana após dar a luz, esperamos começar a quimioterapia e depois quem sabe poderemos introduzir a radioterapia.

— *Quem sabe*? — Vaughan não ficou confortável ao escutar aquilo, e percebeu como a médica primeiro olhou para a sua mulher e depois soltou um suspiro pesaroso. — Está me dizendo que a Valquíria está lutando para nossa filha viver, mas que não terá muito espaço para lutar pela própria vida? Não poderá conhecer a criança e vê-la crescer?

— Eu lamento e percebo a sua frustração. — A doutora Hazumi até se sentiu mal por não ter podido partilhar antes a situação quando aquele homem a tinha procurado. — Mas o estado da senhora Hayes já era grave, por causa de ser assintomático. E tudo pode acontecer, da mesma forma que esta gravidez está prosperando contra várias probabilidades, pode ser que tudo dê certo. Já vi coisas consideradas impossíveis acontecerem neste hospital. Só desejo que estejam preparados para tudo.

As duas se espantaram quando o viram bater as mãos com força por cima da mesa. Camilo se levantou, empurrando a cadeira para trás e parou de costas para elas.

— Doutora… — Val finalmente abriu a boca. Gostava de Hazumi exactamente por continuar com um semblante profissional, sem demonstrar pena ou frieza. Era totalmente equilibrada. — Se… Se algum dos meus órgãos começar a falhar e tiverem outros que não tenham sido afectados, quero dar a minha autorização para que sejam doados.

— Valquíria! — A condenou. Fagulhas saltaram dos olhos azuis, mostrando farpas de fogo a meio dos olhos de gelo. Era aquilo que ela fazia com ele.

— Vou providenciar a papelada para que possa assinar. — A médica desta vez não conseguiu esconder o orgulho pela atitude da paciente. Em seguida remarcaram a próxima consulta ainda naquela semana, e o casal se retirou num silêncio desconfortante enquanto seguiam pelo corredor.

A mão dele estava apoiada nas costas dela como um verdadeiro cavalheiro, mas os lábios apertados quase se escondiam entre a barba bem arrumada, tamanha era a vulnerabilidade que o acometia.

— … E quero que meu corpo seja cremado e minhas cinzas jogadas numa noite de lua cheia

pelo mar. ─ Ela acrescentou.

─ Pare com isso.

─ Quer fazer uma daquelas listas clichés dos filmes? Coisas para fazer antes de morrer? Gostava de passar por um sinal vermelho e ser perseguida pela polícia. ─ Valquíria desatou a rir, mas as duas mãos fortes dele a seguraram pelos ombros e a obrigaram a parar.

Estavam a poucos passos da sala de espera onde Viviane, Anthony e Leandro os aguardavam. No entanto o ar sério e aturdido do rosto do marido fez com que ela fechasse o sorriso.

─ *Hope*.

─ O quê?

─ Hope. Nossa filha se chamará Hope, que quer dizer *esperança.* ─ Camilo murmurou.

Os olhos verdes se alumiaram subitamente, florescendo água e fazendo pequenas gotas germinarem pelos cantos. Ele então a agarrou para perto do seu corpo grande e a beijou com paixão, se deliciando com os lábios maravilhosos que tão bem se sincronizavam junto aos seus. O coração dele rufava, estava liberto do peso que o tinha acompanhado, tinha aparado os julgamentos anteriores, e enquanto saboreava aquela boca perfeita, soube que tinha tudo em suas mãos.

Tinha deixado a dolência, agora trazia a esperança em seu lugar.

"Enquanto existir vida, há esperança."

Ao Seu Lado

Leandro tinha insistido com o irmão para levar Valquíria até a casa dos Hayes. De início, Camilo pareceu um pouco relutante em relação àquela opção, mas acabou por concordar quando a mulher não se mostrou inflexível quanto a isso. Agora, enquanto dirigia, ele a olhava pelo canto do olho e com os lábios apertados como se houvesse alguma dificuldade em se expressar.

Era um homem bastante bonito, Valquíria deveria concordar, principalmente por ter traços tão expressivos e um sobrolho que se encontrava constantemente unido, criando uma ilusão de estar sempre de mau humor.

— Vamos… Desembuche! — Ela estalou a língua sem evidenciar preocupação. Estava com a cabeça voltada para o movimento do lado de fora, o cotovelo se apoiava na janela e a cabeça por cima da mão. Um claro sinal de aborrecimento.

— Como sabe que quero falar?

— Não é óbvio? — Mexeu os ombros com preguiça. — Foi bonito sua família ter ido nos acompanhar ao hospital, mas da próxima avise sua mãe para não ficar enviando sinais com os olhos para que você finalmente se oferecesse para me dar uma carona.

Leandro deixou uma risada pragmática, daquelas que dizia que estava encurralado num beco sem saída fugindo da polícia.

— Já que é assim tão esperta, cunhadinha, então com certeza vai continuar sua sessão de profetiza. — Ele continuava focado na estrada, mas os olhos sempre cediam para o lado a fim de observá-la com atenção. Valquíria tinha aquele rosto de menina mimada e chata, o que acreditava veemente que fazia jus, mas ao mesmo tempo tinha um ar contraditoriamente amadurecido.

— Vejamos — Parou de observar a multidão que circulava com roupas de inverno. Não podia ser mais oposta a Camilo, com toda certeza detestava o frio. — Como sabe que estou com um pé na cova, está com peso de consciência pelas atrocidades que proferiu contra minha pessoa e precisa se desculpar. O que seria uma pena, uma coisa que sempre gostei em você é a sua autenticidade.

Leandro soltou um esgar e mordeu o canto do lábio a balançar a cabeça em negativo.

— Na verdade, não tenho pena de você, pois percebi que é bastante forte para isso. Fiquei comovido. — Parou de falar quando escutou a risada divertida e pressionou o pé no travão quando viu o sinal saltar de amarelo para vermelho. Soltou um suspiro. — É verdade. Depois de saber como procurou por meu irmão, o que ele fez no passado e as coisas que prestou atenção de modo a unir nossa família, passei a ter uma certa admiração. Aliás, teve início quando não baixou a cabeça para mim e veio me enfrentar, eu gosto de pessoas que são o que são sem receio do que os outros digam. Por isso parei de atormentá-la e deixei que o Camilo lidasse com fossem sei lá quais as consequências.

— Eu analisei você, Leandro. Não virei aqui com aquela história de que é apenas um homem

incompreendido, porque não é só isso. Sabe ser ruim quando quer. — Desta vez foi ele que riu. — Mas tem uma particularidade, você se importa com os seus. A forma como observa o Camilo ou se esforça por Felícia, mostra toda essa capacidade de gostar verdadeiramente de quem acha que merece seu cuidado. Mesmo que não mereça — não deixou de ressaltar. — Se você achar que sim, então essa pessoa tem toda sua atenção. Por que eu não levei a peito as coisas que me disse? Muito simples. Em toda sua afronta contra mim estava uma explícita preocupação com o seu irmão.

— Bem, agora posso imaginar por que o conseguiu seduzir. Com tanta lábia assim deveria se candidatar para a política, cunhadinha. — Levou uma mão ao queixo de barba por fazer. Em nenhum momento perdia o ar circunspecto.

— Vou deixar isso para a próxima encarnação. — Tartamudeou. — Mas *comovido*, Leandro? Precisava primeiro de aprender a sentir pelas pessoas que estão fora do seu mundo restrito.

— Não é como se eu fosse te incluir nele, mas sinceramente, por que diz isso? — Ironizou e girou o pescoço para uma praça onde um grande pinheiro verde era colocado no centro. Ninguém sabia o quanto detestava a festa de natal rodeado de familiares que insistiam em fazer todo tipo de perguntas absurdas. "Quando vai casar de novo? Com essa idade eu já tinha filhos, não pensa em ter nenhum?"

— Não é da minha conta, mas já que estamos fingindo ser amigos… — Desta vez voltou os olhos verdes para ele a demonstrar que ia atacar. — Por algum acaso já pensou em resolver o que quer que seja com a Holanda?

— Eu sabia que ia chegar nesse ponto. — Afirmou e não hesitou em dar a resposta. — A Holanda não faz o meu tipo.

— E qual seria exactamente o seu "tipo"? — Fez aspas com o dedo.

— Um pouco menos… Bem menos de gordura. É uma questão de gosto.

Valquíria riu.

— Cuidado quando o gosto vem disfarçado de certo preconceito e não se prenda a estereótipos, Leandro. Você sequer a conhece, quem sabe se a Holanda não faria bem a você?

Ele bufou.

— Você não sabe nada do meu bem estar. — Declarou com firmeza, as palavras escorregaram ríspidas. No meio de tudo, o que mais o incomodava era o facto de aquela noite na varanda contrariar as suas afirmações. Podia colocar a culpa na bebida ou na raiva por ver Felícia casar novamente, mas nada justificava o facto de ter ficado excitado com a mulher que possuía com clareza as formas que desdenhava.

— Já parou para pensar quantas pessoas maravilhosas deixamos de conhecer a fundo só porque não fazem o nosso tipo? Nem todos têm a sorte de ter um Camilo Vaughan, mas perdem tanto tempo desejando que não vêem o que lhes passa ao lado. — Anuiu.

— E não é você que esperou esse tempo todo só para conseguir um Camilo Vaughan?

— Mas não ia chegar os trinta e oito anos esperando. — Lançou de volta e estreitou os olhos. — E estamos falando de você agora. Se acha tão especial assim que sequer pode fazer uma amizade com as pessoas?

O carro entrou num túnel, deixando-os numa pouca escuridão temporária.

— Não é isso, você está enganada. — Leandro garantiu e piscou por causa do brilho dos faróis que vinham em contramão. — Olha, por acaso aconteceu algo entre nós os dois, mas para mim não significou nada. Se me perguntar por que foi com ela, não saberia explicar, porque a mulher que eu… digo, as mulheres que gosto são magras. São lindas.

— A Holanda é linda.

— Sim. Eu vejo agora que é, mas não se enquadra no meu perfil preferido.

— O seu tipo preferido se casou com outro homem pela quinquagésima vez.

— O quê? — Leandro voltou todo o pescoço para fitar o rosto da cunhada que riu na cara dele.

— Estou doente, não cega.

— Valquíria, olha, essa conversa tomou outro rumo, mas no dia que fiquei com a Holanda eu estava bêbado e no dia seguinte fiz de conta que não havia acontecido nada. Como realmente não foi.

— O que pode ter demais em você se aproximar dela para conversar? Quem sabe têm coisas em comum?

— Ela sabe ser rude quando quer.

— Não disse? É tal como você!

Leandro prendeu a respiração só para a soltar depois com mais ênfase. Contornou uma rotunda antes de entrar com o carro pela rua da casa dos pais dela que era repleta de vivendas enormes as quais infelizmente chamavam bastante atenção dos ladrões.

— O que eu queria dizer, mas não me deixou — Leandro parou o carro em frente a casa e destrancou as portas. — Era que lamento por tê-la julgado.

— Não lamente. — Val abriu a porta. — Aprenda.

— E o que mais a menina sabe tudo vai me dizer?

— Que apesar de tudo merece ter alguém Ao Seu Lado, que lhe desperte tudo de bom que há em você. Até logo. — Despediu, mas parou ao tirar uma perna para fora do veículo. — Outra coisa…

— O que foi agora?

— O Camilo vai precisar muito de você, não o deixe se afundar caso eu…

— Você estará aqui com ele por muito tempo. Conto com isso.

— Obrigada.

Valquíria saiu do carro com um meio sorriso e antes de abrir o portão viu o carro de Camilo que estacionava logo depois. Ficou surpresa por vê-lo sair em toda sua estatura, parar para falar qualquer coisa com o irmão e depois caminhar na sua direcção com os olhos brilhantes.

— Não ia trabalhar?

— Eu queria estar ao seu lado nesse momento. — Respondeu e a beijou com saudades, como se não se vissem há muito tempo. Não era um beijo recatado como deveria em frente a casa dos pais, e

sim um intenso e molhado, daqueles que encontravam o sabor da alma.

— Eu… — Ela ficou sem palavras e os olhos cederam ao sentir a mão que acariciava seus cabelos. — Fico feliz que esteja aqui.

Leandro observou aquela cena com toda atenção e foi invadido por uma certa nostalgia. Mesmo quando se casou, nunca chegou a sentir toda aquela vibração que aqueles dois emanavam. E repensou com atenção em algumas coisas, na maioria das vezes as pessoas só recebiam o que davam, e as suas atitudes não tinham sido as melhores.

Dirigiu para fora dali, pensativo, e não era como se fosse acordar da noite para o dia transformado ou se importando com as pessoas que não eram de seu interesse, mas pensando em Valquíria, acabou por se perguntar que legado deixaria caso morresse. Como as pessoas se lembrariam dele? Um bêbado arrogante que a ex-mulher sequer podia ouvir a menção do seu nome?

Quando chegou na boate do irmão, mais uma vez observou que o nome fazia jus, pois a *Las Cruces* se encontrava num cruzamento. Entrou e cumprimentou algumas pessoas que estavam no recinto a trabalhar, percorreu os corredores silenciosos sem poder negar que Camilo tinha feito um investimento incrível ao comprar e criar aquele espaço. Hoje era uma das melhores do país com várias parecidas e franchisadas por outras cidades, havia muito dinheiro a entrar todos os dias, e mesmo com milhões que recebia, Camilo nunca tinha perdido a humildade.

— […] Temos que ter cuidado, a boate Magia foi atacada. Imagina se chega até nós? — Ouviu a voz de Holanda.

— Isso tem a ver com a criminalidade. Aquele Nicola Carbonne teve o Casino também atacado, deve ser alguma briga interna. — Nadir respondeu e segurava um jornal na mão. Torceu o rosto quando viu a figura que se aproximava.

— É mesmo, ouvi uns boatos sobre máfia e tudo. Não sei se acredito. — Holanda percebeu a forma como o amigo mudou e se voltou para ver o que o tinha incomodado. As pétalas do seu coração foram arrancadas uma a uma até chegar no Mal Me Quer.

— Bom dia! — Leandro desceu as mãos pelos bolsos.

— O Camilo não está. — Ela tratou de adiantar e levantou o queixo. Como sempre usava um vestido bonito azul garrafa e sapato alto.

— É com você que quero falar.

Holanda e Nadir se entreolharam.

— Temos… Alguma reunião marcada? — Perguntou a olhar o fino relógio em seu pulso e começou a caminhar em direcção ao seu escritório.

— Não é sobre trabalho.

— Não está conseguindo falar com Felícia? — Holanda se sentou na sua grande mesa de madeira brilhante e onde se podia ver uma fotografia dela com os amigos. Uniu as pequenas mãos e o encarou.

— É sobre… — Leandro mordeu a língua. — Nós dois.

Ela pestanejou sem parar.

— O que há para falar sobre "nós dois"? — Questionou e não conseguiu evitar um tom irónico em sua voz, mas por dentro ecoavam as trombetas douradas do apocalipse.

— Olha, eu não quero florear nada até porque somos dois adultos. Contudo, tendo em conta o meu irmão e as nossas vivências em comum, julgo dever lhe conceder um mínimo de consideração daqui em diante e não destratá-la sem motivo aparente.

Holanda levantou as sobrancelhas.

— Eu não quero sua mínima consideração. — Sentiu raiva.

— Mas eu quero. — Ele disse, e a raiva dela passou no mesmo instante. Culpa do coração traidor que habitava nela, mas não lhe pertencia.

— Bom… Eu não sei.

— Nem eu, mas quem sabe um dia possamos descobrir? — Afirmou e acenou com a cabeça. Talvez fosse hora de começar a rever o que queria cultivar dali para frente, até porque estar de lado era diferente de ficar ao lado de alguém.

O telefone dele começou a tocar naquele mesmo instante, o fazendo se afastar e o tirar do bolso para ver quem era. Anthony ligava.

— Alô, pai? — Atendeu de imediato, mas não acreditou nas palavras que lhe foram ditas do outro lado da linha.

•••

Monalisa não conseguiu conter o choro que transbordou de seus olhos como cascatas infinitas. Sentiu o pai lhe abraçar e tentar dizer palavras de conforto que não surtiam efeito nem para ele próprio. Palmira não estava surpresa, mas a dor de ouvir as palavras de sua filha mais nova enquanto contava para a sua família que tinha pouco tempo de vida foi forte e se permitiu chorar mais uma vez.

— Isso não é justo! — Eliete se sentiu injustiçada após se dar conta que não conseguiria absorver e muito menos digerir toda aquela informação. Olhou para a caçula e travou a dor que insistia em ultrapassar as fronteiras e subir por sua garganta até ser livre em seus olhos. — Por que nos esconderam isso?

— A mamãe não teve culpa, Eli. Eu… precisava lidar com tudo primeiro para depois falar. — Levantou os cincos dedos da mão, indicando uma pausa, quando viu a mais velha abrir a boca. — Eu queria estar apta para poder vos preparar.

— Nós nunca vamos estar prontas para aceitar isso. — Monalisa chorou ainda mais, deixando uma mancha na camisa do pai que lhe dava leves batidas nas costas como uma bebé.

— Eu preciso falar com esses médicos. — Abasi estava inconformado e a voz saiu estremecida. — Deve haver uma solução.

— Não há. — Palmira pensava que estaria controlada para aquele momento, mas sequer conseguia formular as frases direito. E agradeceu quando Camilo lhe serviu água que estava na mesa. — Obrigada. — A mão não parava de tremer quando bebeu alguns goles.

— Há testes experimentais. — Eliete começou a procurar seu celular na bolsa. — Eu li algures sobre…

— Só iriam adiar o martírio mais alguns meses. — Val estava serena e tentava não ir abaixo, agradecendo ainda mais por sentir o braço forte de Camilo que a rodeava em conforto. Também sentiu o beijo que lhe foi dado no topo da cabeça e aproveitou para a repousar no ombro dele.

— Eu… Sinto tanto. — Mona tentou se recompor e enxugou as lágrimas. — E de pensar que eu considerava largar tudo e ir embora por uma loucura qualquer. Que bom que fiquei, quero estar ao seu lado.

— Eu daria meu coração por você, minha filha. — O pai disse e olhou para o genro. Viu nos olhos azuis um gelo que ameaçava derreter em perigosas gotas.

— Eu sei pai. — Valquíria olhou para Monalisa. — O que tiver que fazer, faça! Não só você, todos aqui. Não se prendam a mim porque se não estiver aqui depois, as vossas vidas precisarão continuar.

— Um Duque veio aqui querendo levar Mona com ele e ela simplesmente negou! — Eliete deixou um suspiro pesaroso. Agora é que não conseguiria mais trabalhar naquele dia, não depois de saber que a irmã tinha os dias contados. Seu estômago embrulhou.

— E você nem atende ao Sanjit! — Monalisa retrucou a respirar fundo para controlar o choro insistente.

— Oiçam. — Val lhes chamou. — Eu quero passar os tempos que se seguem em profunda paz de espírito, tentei concertar o mínimo e tudo o que preciso é que fiquem bem. Quero que a mamãe vá a um terapeuta para cuidar do seu problema. — Olhou para a sala toda cheia de tralha. — Monalisa é deselegante recusar a proposta de um Duque e Eliete precisa dar ao Sanjit pelo menos a oportunidade de ele se explicar. É a última coisa que vos peço. Papai, eu sei que vai cuidar de todas elas.

Abasi se levantou, indignado. Nenhum pai deveria assistir de mãos atadas a dor de um filho seu. Se perguntava por que suas preces não eram ouvidas ou que tipo de provação precisava ainda passar naquela vida.

— Eu não vou conseguir. — Mona ainda podia se lembrar das palavras de Arthur Kingsley, como tinha interesse em conhecê-la melhor e desejava que fosse ao seu país por alguns meses. — Eu posso cuidar da minha vida depois.

— Como sabe se ainda terá tempo para isso? — Val lhe sorriu. — Vivam tudo intensamente, não deixem para amanhã o que podem fazer hoje. Eu também quero passar tempo com o meu marido, quem sabe arranjar uma nova esposa para ele?

— Valquíria! — Camilo a repreendeu. Estivera todo o tempo calado para poder respeitar o momento íntimo daquela família, mas sentiu um incómodo ao escutar aquilo. — Pare de brincadeiras.

— Eu não estou brincando. A morte é mais dolorosa para quem fica em vida, então o meu desejo é que todos tenham pessoas ao lado para apoiar. — Afirmou e levantou a cabeça para o encarar. Ali estava uma Valquíria que estava em concórdia consigo mesma, tinha parado de lutar e se entregava com uma docilidade quase incompreensível.

Todos se olharam num silêncio carregado de significados, dores e tentativas de aceitar tudo aquilo que não poderiam mudar. No entanto, o telefone de Camilo tocou alto.

— Desculpe. — Pediu tirando-o e era Leandro que lhe ligava. — Alô?

— *Camilo! Precisa vir agora.*

— Não posso, estou no meio de uma…

— *Não está percebendo. Nosso pai acaba de perder toda fortuna da família, perdemos a AGE Insurance.*

— O quê?

— *Isso mesmo. Sofremos um Golpe!*

Chuva Torrencial

Eliete correu até sentir as pernas doerem e seus joelhos cederem. Arfou ainda a sentir o suor que escorria por suas costas. Tudo o que se lembrava era de ir trocar de roupa, levar algum dinheiro e sair disparada pela porta fora.

Sem olhar para trás.

Monalisa sempre tinha sido aquela que mais exteriorizava seus sentimentos, tanto que ficara em casa na cama com a mãe bem abraçadas, diferente dela que tinha o estigma de irmã mais velha e não conseguia mostrar a fragilidade, pois sentia a obrigação de ser forte. Só por isso se tinha mostrado racional na frente de todos, sempre em busca de soluções que já tinha compreendido que não existiam.

Agora, com as mãos apoiadas no joelho e a respiração entrecortada, sofria de todas as formas possíveis. Fosse pelo cansaço ou pela agonia desmedida, era como estar abordo do Titanic a ouvir as últimas sinfonias dos violinistas que tocavam cientes do final que lhes era destinado.

Era assim que se sentia. Num naufrágio de dor.

Lembrava-se quando Valquíria nasceu, tão pequena e de olhos muito abertos curiosos. Mona era igualmente pequena, mas calma, diferente da mais nova que não deixava ninguém dormir em casa. Gritava a plenos pulmões, acordando até os vizinhos. Desde sempre a pequena pestinha vivia provocando a ira da irmã do meio sempre que podia, puxando seu cabelo ou a mordendo sem parar. Tinha mostrado que viera ao mundo para liderar. O engraçado, era que com Eli, a mais nova sempre se mostrava obediente.

— Oh minha pequena, Val. — Murmurou mais para si e sacudiu os ombros numa tentativa bem pirosa de afastar os medos. A conhecia tão bem para ver como tentava ser forte, mas se embrenhava numa espiral de medos. Tudo o que Eli podia querer era voltar a ser criança e carregar sua pequenina em seus braços, e cumprir a promessa de que a iria proteger de tudo e de todos.

— Eliete! — Ele a esperava sentado num banco de pedra em frente ao mar. Usava um sobretudo que ao invés de esconder o corpo esculpido, evidenciava com perfeição, o quanto era belo. O ar que era carregado pelas ondas furiosas soprava ainda mais o frio que se espalhava pelo vento em invisíveis glaciares que pareciam trespassar a alma.

Ela engoliu em seco.

Por uns momentos se esqueceu de ter marcado aquele encontro minutos antes de sair a correr de casa. Os olhos castanhos se perderam por uns instantes na lembrança de uma traição sofrida e então, quando o indiano se aproximou, foi alvo de punhos fechados contra seu peito.

Eliete estava com raiva da vida, dele e da desgraça que tinha abatido sua família. Então descarregou toda frustração de impotência nos murros irritados que depositou contra aquele homem que segurou seus braços e facilmente desvendou a tormenta gradativa que se formava nos olhos

doces.

— Me desculpe. — Esqueceu tudo o que tinha dito em mensagens de texto e o discurso preparado para quando a encontrasse novamente. Tinha se sentido um traste completo por não poder evitar ter se apaixonado e posteriormente mentido.

Sanjit sentiu que ela iria desabar e por isso a segurou em seus braços, apertando-a para si, só para depois ouvir um choro reprimido que se formou em sua garganta. Eli parecia lutar para se libertar.

— Seja lá o que for, chore. — Não era burro para saber que as lágrimas não eram por sua causa. Desde que a viu parar de correr e se debater em silêncio, foi fácil de prever uma torrencial de emoções que tal como um dilúvio, a inundavam.

Os dois ficaram abraçados por alguns minutos, ignorando as pessoas que passavam de um lado para o outro, e ficaram completamento imersos naquele momento único onde as lágrimas dela foram morar no tecido de sua roupa como uma prova de toda uma aflição sem medidas.

— Minha irmã… está… morrendo. — Confessou ainda com a cabeça escondida na curva do pescoço. O sabor salgado em seus lábios se confundia com o cheiro masculino de perfume amadeirado. — E não há nada que eu possa fazer.

— Eu… Lamento bastante. — Ficou enregelado. — Você sempre pode fazer algo.

Eliete se afastou para o encarar, sem pensar em como o seu rosto estaria depois da chuva melancólica que caiu de seus olhos tristes.

— O quê?

— Viver com a certeza de que sempre vai amá-la para sempre. — Respondeu e levou a mão para recolher cada gota insistente que nascia pronta para correr livremente.

— Por que mentiu para mim?

— Porque fui um tolo abalroado pela estupidez. E só posso lamentar porque nada irá justificar o que fiz. Deveria ter me afastado, mas quando vi já era tarde demais e me embrulhei por um sentimento novo. — Sanjit foi sincero. — Uma pena não poder voltar atrás, mas se puder me dar uma única oportunidade prometo agarrá-la e provar que pode confiar em mim novamente.

— Eu… Estou tão confusa…

— Não podemos apagar o que aconteceu, mas podemos tentar de novo. Apenas não me afaste e não lhe darei mais nenhuma razão para se arrepender. Eu prometo.

Eli o encarou nos olhos.

— Eu… Tem muita coisa acontecendo e…

— Me deixe fazer parte e apoiar em tudo. — Ele acariciou seu rosto. — Sei que é uma mulher forte, mas divida suas fraquezas comigo. Se colocar a semente, eu a regarei diariamente até surgir uma flor.

Ela ainda tinha seus receios, mas havia sempre um conforto quando estava perto dele, era estranho demais como parecia sempre ter uma conexão inegável quando estavam juntos, e não podia negar que tinha sentido muita falta de o ter por perto. Soltou um suspiro de seus lábios e apenas

acenou com a cabeça.

Sanjit hesitou antes de se aproximar de seus lábios, temendo ser repelido, mas quando Eliete fechou os olhos de pestanas ainda molhadas, soube de imediato que teria uma nova oportunidade e que não iria desperdiçá-la. Beijou-a prontamente quase num desespero, pois tinha a certeza de que o coração daquela mulher era o seu mais novo lar.

•••

Havia uma confusão na mansão Vaughan.

Viviane pela primeira vez estava com os cabelos desarrumados e não conseguia parar no lugar. Cecile por sua vez observava tudo, sentada ao lado de Valquíria e segurando na sua mão, não podia se lembrar alguma vez de ter visto uma situação tão marcante nos seus poucos anos de vida.

Holanda ajudava Aurora a servir cafés que ninguém parecia ter o interesse em beber, e Leandro já tinha feito várias ligações, umas seguidas das outras e estava ainda mais sério do que o normal. Camilo estava de frente para o pai, ambos lúgubres, se encaravam diante daquilo que parecia ser um pesadelo sem fim.

— […] Foi feito um empréstimo absurdo em nome da AGE Insurance, para comprar acções que caíram a pique. — Anthony estava vermelho. — O valor não foi liquidado e o tribunal colocou uma penhora em consequência dessa dívida. Tudo o que é meu, de sua mãe e de seu tio, foi congelado. Estamos sendo forçados a declarar falência.

— Isso não faz nenhum sentido. — Camilo bradou. — Como pode ter acontecido sem que soubéssemos?

— Seu tio Andrew é que cuida das finanças, mas jamais nos colocaria em tamanho risco sendo que também perderia tudo, arriscando o património dos próprios filhos. Por isso digo que caímos num Golpe, o maior alguma vez visto. — O senhor Vaughan estava com o rosto suado e lábios pálidos, parecia que iria desfalecer a qualquer momento. — Estamos interditados de entrar na empresa por enquanto, estão sendo feitos apuramentos, mas tudo indica que foram procedimentos legais. Podemos ter assinado documentos falsos ou sem prestar a devida atenção. Até porque jamais desconfiaria de seu tio.

— A questão é, de quem é que ele nunca desconfiaria? — Camilo mais uma vez mostrava aquela calma imbatível.

— Eu não sei. — Anthony estava desesperado. Toda sua vida tinha lutado para conseguir tudo o que tinha com seu próprio suor.

— A questão é que investimos em algo muito maior que os nossos bolsos e não conseguimos concluir o acordo. — Leandro estava lívido quando desligou a chamada feita para os advogados. — Estamos acabados.

— Vamos ficar na rua? — Cecile olhava de um lado para o outro. Tinha escutado sua mãe falar que nem a mansão os pertencia mais.

— Tudo vai se resolver. — Valquíria tentou acalmá-la e apertou mais a pequena mão que estava gelada.

— Eu compro a dívida ao banco. — A voz baixa e sensual de Camilo fez toda a sala entrar num silêncio sepulcral. Foi como se todos tivessem ensaiado uma coreografia para deixar de respirar.

— É muito dinheiro. — O pai acautelou.

— Eu compro. — Camilo afirmou. — Eu tenho dinheiro guardado, nunca precisei de usá-lo. Nunca gastei com nada de grande custo.

— Eu também tenho algum dinheiro. — Leandro se posicionou. Até porque os dois viveram com os pais na maior parte do tempo, tirando quantias irrisórias para custear despesas mensais.

— Os meus pais podem ajudar também. — Valquíria deixou aquilo claro, desta vez virando a atenção para ela. — Eles têm dinheiro.

— Um dinheiro que ganharam para eles. — Viviane se sentiu mal com tudo aquilo.

— Mas nós somos uma família agora. — A nora respondeu com facilidade.

— Os Gold podem ajudar. — Viviane não imaginou alguma vez estar naquela situação.

— Eu já disse que compro. — Camilo voltou a frisar. — Não temos tempo a perder, os bens da família estão em praça pública prontos para serem arrebatados. Vão tirar tudo. E até descobrirmos de onde veio esse Golpe, pode ser tarde demais.

— Vai se desfazer da *Las Cruces*? — O pai apesar de tudo não pareceu suportar a ideia. — Estamos falando de milhões e milhões.

— Não preciso. — Aquelas meias palavras de Camilo começavam a irritar a maioria dos presentes, pois não deixava nada claro. — Precisamos nos acalmar e colocar a cabeça para pensar.

— Certo. Estou indo ter com o tio Andrew para analisar o que pode ter escapado de nossas vistas. — Leandro tomou as rédeas. Era um bom empresário e certamente não descansaria até descobrir.

— Eu vou com você. — Holanda se ofereceu. Todo mundo sabia que ela era um génio na logística e que podia ser de uma mais-valia, mas ficaram apreensivos com a resposta do filho mais velho dos Vaughan.

— Certo. — Leandro pigarreou, embora seus olhos tenham se estreitado. — Mãe, leve o pai para tomar um calmante, pensar de cabeça quente não ajuda.

— Eu não quero nenhum remédio! — Anthony explodiu e arfou, levando a mão para o peito.

— Por favor meu amor. — Viviane o segurou pelo braço. — Umas horas te farão bem. Cecile venha também.

— Sim, mãe. — Ela se levantou do sofá, a preocupação visível nos traços que já tinham deixado de ser pueris.

Aos poucos todos foram saindo, e Camilo ficou a sós com sua mulher na sala. Aurora trouxe gelatinas com sabor artificial e um suco orgânico para Val tomar, e saiu logo em seguida.

— Você tem tanto dinheiro assim? — Ela perguntou e fez uma careta. Não conseguia se acostumar com aquelas comidas que era obrigada em sua dieta.

— Estava pensando que por viver na casa dos meus pais era um desafortunado? — Camilo

gracejou e se sentou ao lado dela no sofá, roubando uma das gelatinas para provar. — Não é mau de todo. — Chegou a conclusão.

— Não. — Riu. — Sabia que tinha dinheiro, mas de forma individual não pensei que chegasse a tanto.

— Os meus pais me deram tudo, nunca tive despesas exageradas. Eu tenho trinta e seis anos, o que poderia ter feito com tanto dinheiro ganho em franchising e da *Las Cruces*? Foi tudo investido durante muito tempo.

— Você me surpreende. Com esse ar de sonso, afinal estava acumulando fortuna para se aposentar cedo.

— Sonso?

— Isso.

Camilo meneou a cabeça. Podia não demonstrar a preocupação que sentia por sua família, mas estava bastante agoniado. Era como caminhar por baixo de uma chuva torrencial sem nenhum destino, apenas sabendo que precisava chegar.

— Eu fiquei observando você no hospital, depois em casa de seus pais. — Ele disse e retirou a bandeja do colo dela quando percebeu que tinha terminado de se alimentar. Limpou o canto da boca dela com o dedo polegar.

— E?

— Você não tem medo, Val? — Perguntou, olhando-a directamente nos olhos verdes e descobrindo mais uma vez a verdadeira definição de pertença.

— De morrer? — Ela negou com a cabeça. — Não. Tenho medo do que vem depois da morte, de não existir mais, de saber se há um juiz final.

— Mas parece tão conformada.

— Conformada? Acho que estou apenas aguardando e sabendo lidar com a vontade de querer viver. — Deixou cair os ombros. — Eu penso na morte, Camilo. Acho que é mais fácil quando sabemos que vai acontecer, mas não temos um tempo limite como um futuro distante. No entanto, no meu caso está mais perto quase cheirando minha alma. Tenho um câncer.

— Sabe o que eu percebi?

— O quê?

— Você se acha esperta, e é. — Fez uma pausa demorada. — Mas ao mesmo tempo é apenas uma menina assustada, que tenta demonstrar toda uma força como forma de protecção. Você está tentando deixar tudo organizado, foi se informar e encontrou formas de nos deixar sossegados, nos ensinando e nos dando lições de moral sobre a vida. Mas você… Val, você está aterrorizada.

Os olhos dela se descortinaram tal como um céu nublado que é invadido por raios de sol e é obrigado a se dispersar. Porém, Camilo continuou.

— Todo seu discurso, muito bem feito devo salientar, de deixar conselhos para que suas irmãs sejam felizes, que sua mãe se cuide, que a minha família se una e até o ridículo de querer me arranjar uma mulher, é sua forma de garantir que fique descansada porque acha que vai morrer. — Afirmou. —

Não é a única que sabe tudo aqui, infelizmente para você, eu também sei analisar. Está sofrendo e acredita que pode nos poupar sofrimento, mas as coisas não funcionam desse jeito. Nós amamos você, Val, tanto quanto nos ama. Por muito que tente, o sofrimento seria inevitável de todas as formas.

— Devo concordar que realmente é bom no uso das palavras. Nossa filha vai ser o cúmulo da sapiência. — Valquíria brincou, mas seus olhos desceram do paraíso forçado e reverenciaram a terra insípida que talvez acolheria seu corpo. Ela brincou com os próprios dedos de suas mãos.

— Eu senti suas lágrimas quando me abraçou naquela praia fria. Era sua dor se exorcizando. Não tente ser tão forte dessa forma, nós podemos ser fracos porque somos humanos. — Segurou o queixo dela com a ponta dos dedos e o levantou. — Eu quero muito que você viva, Valquíria, mas se por um infortúnio isso não for possível, prometo tentar buscar felicidade novamente, só não prometo não sofrer porque isso seria impossível.

Ela o agarrou de rompante e subiu para o seu colo, roubando um beijo esmagador. Não tinha mais por onde amá-lo, pois era como uma sorte roubada. Como encontrar alguém tão maravilhoso e correr risco de perdê-lo logo em seguida? Suas vidas tinham se cruzado de variadas formas e em momentos distintos, mas não pareciam promulgadas a permanecer juntas como deveria ter sido desde o princípio. Se a pessoa tivesse um amor a viver por dias contados o que seria melhor do que aproveitar cada segundo ao seu lado?

Mesmo com tantos problemas que ocorriam, se permitiram esquecer por alguns minutos enquanto se beijavam com o ardor de uma ferida que ameaçava nunca sarar, mas que latejava para mostrar que existia como uma consequência. As mãos dele a apertavam num abraço que desejava ser eterno numa tentativa de poder salvaguardar qualquer memória que um dia ousasse tentar desaparecer.

Aquele beijo ameaçava unir e quebrar o sentimento que os devorava de forma visceral e tentava se exprimir na forma como os lábios se casavam com uma estranha força harmónica. Era como se fossem morrer por falta de ar, pois mal pausavam para deixar a respiração fluir, deixando os corpos se apertarem de um jeito que se podiam unir num molde único.

— Vamos para o quarto… — Val murmurou após sentir o volume que se fez visível por baixo das calças, mas os olhos azuis outrora feitos em gelo, estavam num mar cristalino e completamente paradisíaco, envolto em luzes de um fogo de sol. E queimava sua alma abatendo-a em um torpor.

Ele apenas subiu o vestido dela e apertou sua bunda com firmeza, lhe indicando que não iriam a lado algum. Depois beijou seu pescoço devagar, passando a barba majestosa que cumprimentava sua pele que arrepiou de alegria.

— Camilo… — Gemeu baixo após sentir a mão quente que deslizou por sua perna e foi parar em sua feminilidade, a tocando por baixo do tecido de algodão e alcançando sua sensibilidade. Era como sentir pequenas chamas que começavam na ponta dos dedos hábeis e se espalhavam de dentro de si para o resto de seu corpo.

Valquíria mordeu o lábio inferior e abriu os olhos, encontrando o mar de fogo que a fitava atento a todas suas feições de cada vez que se contorcia por sentir os dedos dele dentro de si. Um entrava e deslizava com vagar dentro do seu interior e outro acariciava seu clítoris sem pressa, como se esquecesse de onde estavam. E era exactamente aquilo que a fazia vibrar, a sensação de perigo de

serem descobertos misturada ao prazer proporcionado.

Ela se afastou para abrir as calças dele, ansiosa demais e com o coração impaciente, retirou o membro rijo e o segurou em sua mão. Podia sentir os batimentos dele acelerarem, mas em nenhum momento ele desviou os olhos e o rosto se incendiou de vermelho ao sentir a mão pequena que passou a tocá-lo como quem remexe os pedaços acesos do carvão para provocar mais lume. Valquíria se afastou para puxar a peça íntima com pressa e subiu novamente para o seu colo, olhando de esguelha para a porta antes de se posicionar e se encaixar na glande inchada.

Só então Camilo fechou os olhos, ao sentir a entrada quente e molhada assim como a tentativa do canal estreito se encaixar. Levou uma mão para a cintura dela e se impulsionou por baixo, se enterrando dentro dela de uma só vez, e gemeu baixo. Era apertada demais.

— Está tudo bem? — Perguntou de olhos estreitos, preocupado se não a teria magoado, mas Valquíria somente o beijou e começou a se movimentar lentamente num sobe e desce preciso e sensual, arrancando gemidos contidos dos dois que pareciam sentir duplamente a excitação por não poderem se empolgar.

Camilo a agarrou com delicadeza pela cintura, mas dominou as investidas por baixo, ditando um ritmo mais rigoroso e a penetrando quase sem pausas. A forma como ela se contraía em volta do seu membro o enlouquecia, pois sentia a fricção com mais intensidade. As mãos dela passeavam por seus braços, a língua mergulhava dentro de sua boca e os corações anunciavam o ápice que se aproximava.

Ela gozou com intensidade, a sentir o próprio líquido escorrer e o molhar. Ele enterrou os dedos em brasa na bunda dela, deixando marcas, e a medida que ia acelerando as investidas nada silenciosas, mordeu os lábios canudos para reprimir o grito rouco que queria escapar, só então gozou. Seu membro pulsava enquanto libertava dentro dela, demonstrando toda uma devoção sem limites.

— Estou… Com tanto medo, Camilo. — Ela acabou por confessar, ainda em seu colo e viciada em seu cheiro.

— Não tenha.

— Por quê?

— Porque eu estou aqui.

Se havia uma chuva torrencial que ameaçava afogar seus corações muito em breve, então primeiro morreriam de amor, pois o fogo não seria facilmente apagado.

O Que A Vida Roubou

Lavínia era jovem quando viu Leandro pela primeira vez.

Ela se lembrava desse dia detalhadamente, quando estava sentada com seu pai na pequena sala de estar que também servia para jantar. Um pequeno cómodo onde se tinham mudado há bem poucos anos. Tudo naquela casa lhe metia raiva, pois em nada se espelhava com a vida que estava acostumada a ter antigamente.

Então seu pai se levantou ao ouvir a campainha, enquanto ela comia a amargura da vida que em nada suavizava o seu paladar para poder desfrutar de uma refeição. A cada colherada era uma dor a ser engolida, uma falha em seus sonhos obstruídos por uma oferta benigna que não tinha sido de sua escolha. E ouviu vozes alteradas que despertaram sua atenção, fazendo com que saísse da mesa e espreitasse pelo curto corredor que levava ao hall de entrada junto das escadas.

— […] O que faz aqui? Eu não quero ter nenhum contacto com você ou com aquela sua família. Nunca quis antes e muito menos agora. Não volte mais! — Lucas era o nome de seu pai. Um homem alto, de aspecto sério e semblante franzido. Cabelos escuros e a barba que cobria seu rosto.

— Eu só queria… — A voz pertencia a um jovem que estava com as mãos nos bolsos e reflectia o mesmo rosto do homem que o expulsava com frieza. — Conhecê-lo.

— Não é meu filho, volte por onde veio e nos elimine de suas desgraças. *Vá pela maré da sorte!* — Em três minutos de conversa, Lucas fechou a porta para sempre, batendo com muita força e de olhos raiados de cólera. Não deixando nenhuma margem para seu filho biológico se aproximar ou criar laços visíveis.

Lavínia descobriu daquela forma que tinha um meio-irmão.

— Pai.

Lucas virou ainda com o corpo rígido e se sentiu exposto diante de sua amada filha que o tinha como um homem maravilhoso.

— Não me julgue. — Disse. — Tudo o que aconteceu nas nossas vidas, de alguma forma foi culpa desses Vaughan. Nossa família toda se desfez por causa deles. — Soltou um suspiro. — Quando me envolvi com Viviane foi um caso passageiro, logo conheci sua mãe, e ela ao marido. Mas a criança veio, eu disse que não queria nada e eles concordaram. Anthony era um homem rico, não aceitaram nenhum dinheiro e logo adoptou o Leandro.

Ela o olhava atenta. Um pouco curiosa e confusa com toda aquela novidade a meio de tudo o que passavam. Os olhos se voltaram para a porta, pensando se não deveria sair e ir atrás do jovem que estivera ali há poucos segundos.

— Estava tudo bem… Até… Até cruzarem nossa vida de novo. Malditos sejam! — Praguejou. Tinha uma mão no queixo e andava de um lado para o outro no pequeno espaço.

Lavínia no mesmo instante recuou uns anos, se lembrando de não ser a primeira vez que escutava o nome Vaughan dentro da sua casa. A primeira vez, era ainda adolescente e sua vida em nada se parecia com a do momento.

Viviam num casarão num dos melhores bairros da cidade, ela tinha motorista e estudava numa escola particular. Sua casa tinha piscina, vários empregados e quando as férias chegavam sempre viajavam para algum país no exterior. Tinha tudo o que uma pessoa podia querer, família, conforto e o melhor que a vida podia oferecer.

Até aquele dia.

Sua mãe era uma médica renomada, conhecida pela sua alta taxa de sucesso em cirurgias e por estar sempre disposta a salvar a tudo e a todos. Nunca media esforços para tratar um paciente, fosse pobre ou rico, ela os tratava do mesmo jeito. Suas pesquisas e inteligência a levaram a ser chefe da sua especialidade, ganhava rios de dinheiro com palestras dadas pelo país inteiro, artigos escritos e seus novos experimentos. Seu pai era um bom financeiro, o melhor na grande empresa onde trabalhava e sempre atento aos números não havia nada que não pudesse resolver.

Tudo se desmoronou quando Eulália foi acusada de um homicídio involuntário. A justiça concedeu uma pena suave, mas a sociedade não perdoou. Donos convictos do saber e da razão, aos poucos todos foram se afastando de estar perto de uma criminosa. Não importava quais fossem os motivos ou o quanto tentasse explicar, ainda assim a condenaram sem hesitar. Foi afastada do hospital, pois não queriam nenhuma mancha no currículo das instituições, tanto que encontrar outro emprego foi quase impossível. Seu pai foi sugerido pelos superiores a se demitir de livre vontade, naquela área ter um vínculo com o marido de uma assassina não era aceitável.

A substituição de prisão por multa foi muito alta. Rápido começaram a perder os bens, Lavínia teve que trocar de escola, seus amigos se afastaram na mesma rapidez e a vida que levava se transformou num borrão lamacento de um desprazer incolor. Lavínia dormia no quarto pequeno da nova casa a ouvir a discussão dos pais.

— […] Não volte a me contactar, rapaz. — Podia escutar o sussurro desnecessário de sua mãe ao telefone. — É muito perigoso. Não deve me procurar novamente.

— Com quem está falando? — Em seguida a voz de Lucas ressoou. A infelicidade estava gravada em cada letra pronunciada tal como pastilha grudada em cabelo. Era preciso cortar.

— Era o pobre rapaz, coitado. — Eulália justificou. — Eu antes não sabia, mas agora sei que é Camilo Vaughan. Irmão do seu…

— O quê? — O pai pareceu irascível. — Está me dizendo que estamos passando por tudo isto por causa de um Vaughan?

— Quando o protegi não sabia, Lucas. Não vê que faz todo sentido que tenha sido exactamente no meu turno? Era Deus me enviando para ajudar. — Era uma mulher insistente. — É apenas uma criança. E sem querer me meter nos seus assuntos, mas já pensou que essa era uma forma de se aproximar do…

— Você vai contar toda a verdade para a polícia.

— Essa é a nova verdade agora.

— Se continuar a insistir com essa loucura toda eu vou pedir o divórcio!

A discussão continuou por toda noite, e Lavínia cobriu a cabeça com a almofada. Chorando em silêncio enquanto gravava com atenção o nome daqueles que tinham roubado de si a oportunidade de ter a vida que lhe era destinada. E depois que seus pais se separaram, ela foi viver com Lucas, terminou a escola e trabalhou em sítios onde jamais podia imaginar, tentando esconder sua ligação com o nome de criminosa da mãe. Mas jurou para o pai que os Vaughan iriam sentir na pele tudo o que lhes tinham feito.

•••

Leandro coçou as têmporas ao de leve e se recostou melhor na cadeira que pertencia ao seu irmão, olhando directamente para a xícara com a frase icónica que sempre se encontrava ali quase como de enfeite *I Am Your Father*. Chegava a ser irónico ler aquilo.

Tinham sido semanas duras de trabalho árduo e muito pouco descanso, e com ajuda de todos finalmente descobriram onde estava a falha óbvia naquele maldito Golpe. Sentado no gabinete da *Las Cruces* olhava dentro dos olhos escuros de sua meia-irmã. Nem um pouco comovido com a história que lhe tinha sido contada. Agora podia compreender por que ela nunca falava da própria família.

— Meus advogados vão andar atrás de você como cães esfomeados, Lavínia. E diga ao seu pai que realmente é um ótimo empresário. Com a queda das acções forçosamente compradas, as dele quadruplicaram. — As mãos repousaram sobre a mesa, parecia fazer um esforço memorável para não saltar e apertar o pescoço daquela mulher.

— Você tem muito dele. O mesmo rosto e é bom com números. — Ela fez pirraça. Usava um vestido que se colava no corpo cheio de curvas e com um decote que deixava a maior parte dos seios a mostra. — Uma pena que os seus advogados não podem fazer nada. Andrew assinou os documentos de vontade própria e seu pai também. A compra foi feita com tudo certo.

— Isso porque meu pai confia no irmão, e por sua vez ele confiava em você.

— Confesso que foram muitos anos de espera. Aprendi a estar na vossa família, ver o quanto eram ricos e felizes. Como podiam desfrutar de pequenos e grandes momentos juntos, tal como eu e os meus pais num passado muito distante. — Ela tinha um sorriso irónico. — Houve um momento que pensei em me aproximar de você, mas tínhamos tanto em comum… Essa acidez, rudeza e altivez. Tudo herdado de papai.

— Meu pai é Anthony Vaughan.

Lavínia passou a mão pelos longos cabelos escuros.

— Eu só queria que você me dissesse agora como é a sensação de perder tudo. Ficar sem a casa onde cresceu, carros, dinheiro. Perder seu emprego. Como é?

— Tal como um Efeito Borboleta cada escolha gera uma consequência. Acredite se quiser, mas se Camilo pudesse voltar atrás no passado teria feito tudo diferente. A escolha dele causou a de sua mãe e a de todos os outros. Como um dominó. — Continuava de olhos atentos nos dela, quase sem piscar. — Segundo a cultura popular, o bater das asas de uma simples borboleta poderia influenciar o curso natural das coisas e, assim, talvez provocar um tufão do outro lado do mundo.

— Esse tufão destruiu a minha vida. Tirou tudo o que era meu de direito. — Ela bateu na mesa

com força e se exaltou. — Espero que sintam na pele exactamente o que senti e tive que suportar por todos estes anos!

— Sabe… Eu ficava pensando na razão do meu pai não me querer. De preferir a outra família e chegava a pensar quão sortudos meus outros irmãos podiam ser por terem o pai do mesmo sangue ali com eles. Mas agora aceito que o destino nos concede situações inesperadas, eu tive mais sorte que você. — Garantiu com um sorriso trocista. — Eu espero mesmo que você e seu pai sejam felizes com toda essa fortuna.

— Seremos. — Se levantou, orgulhosa. Tinha se inserido naquela família e esperado como uma jibóia paciente para dar o seu bote. Enganar Andrew levou seu tempo, sempre tinha sido um homem atento até ficar cego por completo.

— Apenas me diga uma coisa… E os meus sobrinhos? Teve tanta ganância que não se importou de os ter com um homem que lhe causava asco?

— Eles são meus filhos também!

— E como se atreve a julgar sua mãe pelos seus actos quando claramente não pensou em May e June, ou no que está tirando deles? Como vão crescer sabendo que a própria mãe enganou o pai? — Inquiriu com frieza e levantou as mãos na altura do queixo. — É mesmo tão simples falar dos outros, não é? Acusar, sofrer e se achar no direito. O que lhe digo é que vocês podem até ficar com todo esse dinheiro, podemos ter que gastar fortunas para recuperar o que perdemos. Mas não cante a vitória ainda, Lavínia. Uma pessoa nos ensinou algo que nem você ou ninguém nos poderá roubar.

— O que é?

— A união. Os Vaughan são unidos agora de um jeito que não pode imaginar. E nenhuma tentativa de nos desestabilizar sairá vitoriosa.

Lavínia encheu o peito e saiu a andar até a porta, abrindo-a e encontrou Holanda e Nadir que aguardavam como sentinelas. Todos trocaram olhares de desprezo, mas a morena riu cheia de provocação.

— Ah! E avise para o meu ex-segurança, o Cirilo, que sei que ele está do vosso lado por sua causa. — Piscou o olho para Holanda. — Ele está no olho da rua!

— Ainda bem porque já ia entregar a carta de demissão para você. — Holanda respondeu com gosto e deu um passo para o lado para que a outra se fosse embora. Nadir meneou a cabeça, mas respirou fundo junto da amiga. Era como se uma nuvem carregada tivesse se afastado para longe levando sua ira cinzenta.

Leandro voltou a massajar as têmporas com a ponta dos dedos.

— Está tudo bem? Quer que lhe traga uma bebida? — Nadir perguntou, preocupado.

— Eu estou… Parando de beber. — A resposta do Vaughan deixou os dois admirados. — Pode ser um café?

— Sim. Claro. — O indiano saiu apressado.

Holanda parou na porta, olhando para o irmão do seu melhor amigo. Tinham sido dias difíceis e noites sem dormir.

— Eles têm tudo dentro da lei, as transacções e todos os procedimentos foram feitos com assinaturas e autorizações. Mesmo assim vamos meter os processos até ao fim. — Leandro explicou e baixou a cabeça. — Mas já analisei as finanças de Camilo e também vou receber Gabriel Gold no final da tarde. Como são melhores amigos acho que chegaram a um consenso. Tenho tudo sobre controle.

— Eu sempre soube que conseguiria conduzir tudo. — Ela disse e se preparou para sair.

— Não sem a sua ajuda e a de todos. Coitado do meu tio.

— Têm coisas que acontecem para o melhor. — Holanda sorriu.

Ele abriu os olhos castanhos esverdeados e um ar de zombaria o acometeu.

— Soube que Felícia está se divorciando…

— O casamento mais rápido da história. — Ela balanceou a cabeça.

— Uma pena. O noivo parecia bem legal. — Leandro observou sem demonstrar mais nenhum sentimento pela futura solteira e acabou por rir quando escutou a risada de Holanda. — E você está mesmo saindo com esse… Cirilo?

— Eu estou. — Cruzou os braços e mordeu o canto da boca. — Preciso voltar ao trabalho. Qualquer coisa é só chamar.

Ele concordou com um aceno e o sorriso que lhe deixou, tocou seus olhos. Era genuíno.

•••

Camilo estacionou em frente de uma pequena casa amarela com janelas em forma de arcos. Não tinha jardim, mas uma grande árvore agora careca mostrava sua imponência. Olhou para a mulher.

— Acho que é aqui, vou conferir. — Abriu a porta, mas antes verificou se Valquíria estava confortável e lhe deu um beijo rápido. Saiu do carro, e esperou uma senhora idosa que caminhava com seu cão passar, depois atravessou o quintal sem portão e ficou um pouco impaciente ao bater na porta.

Virou o pescoço para os olhos verdes que o observavam de dentro do veículo importado e quase se assustou quando escutou os trincos da porta e esta se abriu. Uma mulher de quase sessenta anos e óculos de vista estava enrolada num grande cobertor. Gatos rodearam seus pés enquanto reclamavam em miados.

— Eulália?

Ela o observou com atenção e seus olhos se ampliaram quando finalmente encontraram os orbes azuis. A barba volumosa o tinha transformado muito, mas nunca havia de esquecer aquele olhar GLACIAL.

— Meu Deus… — Segurou a mão dele. — Como me achou?

— Muitas coisas aconteceram. A Lavínia…

— Venha, entre. — A médica o puxou pela mão para dentro do espaço aconchegante. Era tudo muito limpo e com as mobílias cobertas pelos bordados que tivera muito tempo para fazer. —

Aconteceu alguma coisa? Eles sempre exigiram que eu falasse sobre o que aconteceu naquele dia.

— Na verdade eles aplicaram um Golpe na minha família. Meus pais ficaram sem nada. — Contou e um gato se roçou em suas pernas. Camilo vestia um casaco grande por causa do frio, mas começou por relatar o que tinha acontecido.

— Eu… Nem sei o que dizer. Lucas sempre foi uma pessoa difícil, e a minha filha… Eu sinto muito.

— Eu é que sinto. — Ele baixou os olhos azuis. — Destruí sua família e sua vida. Se eu soubesse que…

— Eu teria feito isso por qualquer outro jovem que demonstrasse tamanho altruísmo como você naquela noite. Fiquei impactada com sua espontaneidade em ajudar e apesar de acreditar na ciência, sempre fui crente. Deus me tinha feito um chamado, eu senti que era a minha vez de retribuir. — Afirmou e apertou as mãos dele. — Todos nós fizemos uma escolha. Meu marido, minha filha podiam ter continuado ao meu lado, mas eram orgulhosos demais para aceitar o que acham que a vida lhes roubou. Eu vivi com a certeza de ter feito o correcto, e veja no que se tornou… É um homem!

— Eu compreendo o que me diz e agradeço bastante, mas se eu tivesse sido menos covarde…

— Aquele médico… Não era a primeira vez que fazia aquilo. Já tínhamos tido queixas, mas nada o atingia naquele hospital por causa do sobrenome renomado. Muitas vezes fui covarde por causa da minha carreira e isso me corroía. — Eulália começou a confessar. — Quando ele morreu foi como ouvir crianças possivelmente traumatizadas se libertando. E eu precisava de me redimir também por ter ficado calada por muito tempo. Não precisa entender, apenas aceitar que tudo já aconteceu.

— Está no passado.

— Morto e enterrado.

Camilo sentiu como se duas montanhas tivessem sido removidas de seus ombros. Aquela história tinha causado grandes danos durante muito tempo.

— Uma vez uma ex-colega veio me visitar. — Eulália ainda tinha uma vivacidade contagiante, o mesmo aspecto fraternal. E, Camilo não podia deixar de pensar que a vida não tinha tirado nada de Lavínia, e sim ela é que escolheu perder o que ainda lhe restava. — E me contou que a menina que você doou sangue e salvou, foi te procurar. Estava tão decidida para te encontrar… Mas já passa muito tempo.

— Quer ver algo? — Ele se empolgou e desta vez a conduziu para fora da casa com toda facilidade. A médica andava em passos ágeis e se agarrava no braço forte dele, mas quase se sentiu fraquejar quando viu Valquíria sair do carro.

Eulália parou. Olhou para a jovem a sua frente e depois para o homem ao seu lado. Os olhos por trás das lentes se encheram de lágrimas.

— Eu estou ficando velha gagá e devo estar a alucinar. — Largou o braço másculo para se aproximar da menina de olhos verdes. — É mesmo você!

Val recebeu o abraço daquela mulher que tinha como sua heroína favorita. Por muito tempo também a procurou, mas sem sucesso.

— Isso é muito emocionante. — Parou para tossir e não resistiu em tocar na barriga.

— Eu dei um Golpe nele. — Valquíria brincou como sempre.

— O melhor do Ano. — Camilo corroborou sem tirar os olhos dela.

Eulália se sentiu realizada por ter a possibilidade de testemunhar aquele momento.

— Eu espero que sejam muito felizes. — Disse com sinceridade.

— A minha família quer conhecê-la. — Ele contou. — Nós gostávamos de ajuda-la a recuperar tudo o que perdeu. A Lavínia tem filhos.

— Ela se afastou de mim faz tempo. — A médica balançou as mãos.

— Eles são meus sobrinhos e seus netos. — Ele frisou e viu os olhos da senhora tremeluzirem. — Temos muito mais que bens para ressarci-la. Queremos que faça parte de nossas vidas.

— Pelo menos enquanto a minha durar. — Valquíria apertou os lábios e encontrou os olhos indagadores da senhora. — Tenho um Linfoma-Não-Hodgkin.

— Então vamos entrar, dar as mãos e orar em primeiro lugar. — Eulália murmurou. — Depois, vão me dizer tudo o que sabem sobre seu estado e eu irei atrás do seu médico para ver o que podemos fazer. Certo?

Camilo estendeu a mão para a sua mulher e a contornou com seu braço, lhe dando um beijo casto. Porque a vida é mesmo assim: Ela dá, tira e devolve.

Um Momento

Camilo se debruçou para perto da mão de sua amada e soprou o verniz com delicadeza, sorrindo no processo por ver que as unhas não estavam assim tão bem pintadas, mas tinha prometido treinar para fazer melhor da próxima vez.

— Se continuar assim daqui a pouco vai estar lavando as calcinhas dela, meu irmão. — Leandro galhofou enquanto terminava de encaixar a letra E na parede do quarto pintado de um verde bebé, terminando assim de concluir o nome HOPE que estava por cima do berço branco de madeira.

— Que exagero. — Valquíria sacudiu a cabeça cujos cachos tinham crescido até na altura dos ombros e olhou com aprovação para as unhas pintadas de rosada perolado. — Confessa que está morrendo de inveja.

— Eu? — O cunhado desceu do banco e olhou para o quarto amplo, decorado por cortinados com desenhos de morangos e mobília branca com tudo o que era necessário. A cómoda já estava a abarrotar de roupas e os cestos estavam cheios de presentes ainda por abrir. — Acha que quero ser um pau mandado?

— Se tivesse uma mulher como a minha, poderia apostar que sim. — Camilo respondeu estendendo a mão para Val que tinha uma barriga grande e visível.

Os meses tinham passado à voar, principalmente com a compra da nova casa, o pagamento da dívida ao banco e o processo que corria em tribunal. Os Vaughan tinham recuperado seus bens, mas a empresa ficara mal cotada na bolsa e Lavínia e seu pai ainda desfrutavam dos milhões que tinham conseguido com aquele golpe.

— Mulher e eu na mesma frase é uma utopia. — Leandro garantiu a sacudir as mãos e se virou para apreciar o quarto que tinha ajudado a montar. Tinham quadros com imagens dos familiares e uma parede com assinaturas de todos com dizeres de muito amor. Sua sobrinha era tão amada e esperada como nunca.

Holanda entrou naquele momento. Usava um longo vestido castanho que combinava com sua pele e saltos altos.

— Os músicos chegaram. — Ela avisou com um sorriso alegre. A felicidade era visível no seu rosto redondo de bochechas salientes.

— Músicos? — Val procurou os olhos azuis que fugiram dos seus. — O que eu perdi?

— Venha. Já vai saber. — Camilo a carregou em seu colo com facilidade. Estar perto deles era descobrir a verdadeira definição de um amor genuíno. — Hoje eu tenho uma surpresa para você.

— Você sempre tem. — Afirmou virando o rosto para receber o beijo carinhoso, e passaram pelo longo corredor de paredes brancas e mobílias todas equipadas para evitar acidentes com crianças. O marido tinha tratado de todos detalhes minuciosos para trazer segurança para o se novo lar, isso, sem contar que tinha descoberto o prazer de uma vida à dois, principalmente por poderem

fazer amor em qualquer lugar sem se preocupar com nada e ninguém.

— Também me presenteou. — Camilo a colocou dentro do elevador. Uma de suas exigências quando visitaram várias casas era que tivesse um ascensor por causa da condição de Valquíria. Cada vez mais seus sintomas começavam a surgir, principalmente a fraqueza constante e enjoos. — Adorei a nova colecção que está no nosso quarto.

— Eu devia isso a você, dei cabo da sua anterior. — Fingiu uma falsa tristeza, mas depois riu. — Me perdoe. Só queria ver você furioso.

— E eu fiquei. Só não podia ter dado esse gostinho para você. — Segurou na mão dela, entrelaçando os dedos e desceram no hall de entrada. O inverno ainda se fazia sentir, mas o dia tinha amanhecido esplendoroso de céu limpo e um sol opalino e a noite repetia seu curso esplendoroso.

A sala era enorme com o tecto muito alto com uma clarabóia grande que deixava os raios do luar incidirem directamente para o mármore cor de salmão. As janelas também eram grandes e criavam uma sensação de abertura incrível no lugar muito bem decorado de laranja e castanho. Cores quentes que combinavam com a bela lareira que albergava uma chaminé antiga que tinha sido restaurada.

Ali dentro uma longa mesa central com castiçais dourados, comida em travessas prateadas e bebidas refinadas. Palmira que já tinha começado a frequentar o psicólogo e aos poucos ia se desfazendo das coisas em casa, ajudava Viviane a controlar os empregados que circulavam com bandejas cheias de acepipes e taças cheias de bebidas. Andrew que tinha emagrecido bastante conversava com Anthony e com Abasi sobre o grande jogo de futebol americano que passava numa tela gigante que ia de uma ponta à outra. Exagero de Camilo que adorava vídeo jogos e sessões de cinema nas noites mais frias.

Do outro lado, Eliete estava sentada com Sanjit e Mona conversa com Kenan, o irmão mais velho delas, pai dos gémeos Neil e Nil, que morava distante da cidade, mas passara a visitá-los com frequência após ficar a par do estado da irmã mais nova. Nadir estava sentado com Cirilo perto do bar redondo com a base de vidro e madeira brilhante, se divertiam com alguma coisa que os fazia rir às gargalhadas. E por fim, Eulália estava na companhia de Cecile e brincava com as crianças contendo um sorriso que irradiava o lugar, seu jeito amoroso tinha estado sempre presente nos últimos meses em que acompanhou a gravidez de perto, trocando informações e soluções com a médica obstetra.

— Chegamos! — Leandro cada dia surpreendia mais com uma simpatia desconhecida. Apesar da facada difícil que tinha levado na parte empresarial, parecia disposto a encarar a vida com mais positividade. Algumas vezes não segurava as palavras ríspidas, mas na maioria do tempo vivia tentando ser melhor.

— Eu só quero saber o que está acontecendo aqui… — Valquíria observou cada rosto suspeito, principalmente o de Monalisa que se encheu de lágrimas enquanto Eli pousou a cabeça no ombro do namorado e sorriu.

Camilo parou na frente dela e deixou um suspiro carregado de ansiedade escapar.

— A maioria das pessoas que estão aqui presenciou o nosso casamento. — Ele disse e olhou para Holanda e Leandro que pararam perto o suficiente. — Naquele dia eu não estava feliz e não queria dançar com você.

— Mas eu dancei com você. — Val pigarreou e todos riram enquanto se sentavam nas cadeiras mais próximas para assistir.

— Então agora é minha vez de reproduzir aquele momento, quero beijar como deveria ter feito no altar e segurar na sua mão com todo o amor que hoje tenho. — Camilo disse sem tirar os olhos dos dela por um segundo sequer como se temesse perdê-la de vista. — Mas antes disso…

Valquíria prendeu a respiração quando o viu se agachar na sua frente, colocando um joelho no chão e dobrando a outra perna. Levantou o rosto e o sorriso foi tal como o mar quando anseia por morrer na areia quente da praia apenas para renascer novamente.

— Eu não posso pedir sua mão novamente até porque não nos casamos de maneira conveniente. Mas peço desculpa seu pai por isso. — Camilo prosseguiu.

A risada dela ecoou com a dos outros, mas só o seu coração sabia bater no mesmo ritmo inaudível para muitos e ensurdecedor para seus ouvidos.

— Então o que posso lhe pedir é que continue minha mulher. — Disse com a voz sempre suave e firme. Os olhos azuis completamente rendidos àquela que lhe tinha devolvido toda a capacidade de viver e de não apenas existir. — Aqui seremos os três felizes. — Garantiu e colocou a mão dentro do seu casaco azul, tirando uma caixa vermelha de veludo e a abriu mostrando um anel com um belo diamante.

— Obrigada. — Agradeceu quando ele se ergueu e enfeitou seu dedo com a nova joia. — Eu estou fascinada porque você recuperou todo o sentimento e esperança.

Naquele momento gritinhos empolgados eclodiram quando os três membros dos *Taurino Brothers* entraram com seus Instrumentos musicais e se posicionaram perto das colunas de som onde montaram tudo antes de começarem a cantar a música Sabor a Chocolate.

— Não pode ser. — Val cobriu a boca com as mãos, sem saber se corria para abraçar as celebridades ou se desmaiava de tanta alegria nos braços de Camilo. A segunda opção lhe pareceu bastante interessante tanto que pendurou as mãos nos ombros dele e mais uma vez dançou junto de seu mais perfeito par.

Era como descobrir uma concha no fundo do mar e a apreciar muito antes de encontrar a pérola. Ou como se emocionar ao desfrutar de uma melodia numa língua irreconhecível, mas compreender sua essência. Eles estavam dançando no meio da sala da nova moradia não só para mostrar o quanto eram perfeitos juntos, mas também para reivindicar o amor que tinham finalmente encontrado.

— A gente podia casar de novo depois que a Hope nascer. O que acha? — Camilo perguntou a guiá-la de acordo com o som de sua música favorita. Naquela dança que tão bem se encaixavam.

— Ou viajar? Eu prefiro viajar.

— Isso também. E para onde quer ir?

— Hmmm… — Pousou a cabeça entre o pescoço e apoiou o queixo no ombro. Fechou os olhos para fingir que estavam apenas os dois ali. — Um lugar com muito sol, areia branca e praia de águas cristalinas como seus olhos estão agora.

— E o que vê através deles?

— Seu coração. Eu vejo seu coração.

Camilo a beijou na testa mostrando o carinho e em seguida na ponta do nariz, depois a afastou com elegância e a fez rodopiar levantando a saia do vestido branco que pareceu um guarda-chuva aberto, e a puxou de volta para os seus braços, beijando-a cheio de amor. Aplausos encheram o lugar ao mesmo tempo que os últimos acordes da música se fizeram escutar. Valquíria estava tão feliz que demorou a perceber os sorrisos que foram morrendo aos poucos do rosto de todos que estavam ali, olhou para seu marido que tinha ficado pálido e só depois sentiu o tecido de sua roupa grudar.

Não quis olhar para baixo.

— Camilo… — Ela disse e a voz falhou. — Os momentos perfeitos não são feitos do que acontece antes ou depois, e sim do instante em que o vivemos.

— Valquíria… — Ele a segurou pelos braços, tentando controlar o desespero que se tinha abatido sobre sua alegria. Tal como construir um império e vê-lo ruir diante de seus olhos. — Tudo vai dar certo.

— Tudo já deu certo.

O burburinho se formou na sala e o desespero se instalou gerando um caos. Vozes se alteravam, gritos e chamadas telefónicas se sobrepunham por todos os lados. Contudo, em nenhum momento Camilo tirou seus olhos azuis dos magníficos olhos verdes.

•••

A vida é feita de momentos.

Num minuto sorrimos e no outro choramos, e isso alterna de pessoa para pessoa. Enquanto um compadece em seu leito o outro se enaltece em festas alegres. E assim correm os dias, sem certeza nenhuma do que pode acontecer ou não.

— Beba um café. — Viviane estendeu um copo de papel para o filho que fez um gesto negativo com a cabeça. E ela suspirou, se sentando no banco vazio ao seu lado. — Eulália está lá, vai correr tudo bem.

— É muito cedo para Hope vir. Estava quase completando as trinta semanas e já tínhamos a data marcada para a cesariana. — Camilo estalou o pescoço e o som arrepiou sua mãe. Estava preocupado e não conseguia deixar as mãos quietas.

— A clínica está muito bem equipada com a mais alta tecnologia. Estão preparados para receber minha neta e cuidarem dela até que esteja pronta para ir para nossos braços. — O acalmou e acariciou seus cabelos escuros.

— Eu… — Ele piscou e engoliu a bola que se tinha formado em sua garganta. Seu peito doía de uma forma que não saberia explicar. — Num momento a Val estava ali, dançando nos meus braços e no outro…

— Tudo acontece na altura que deve acontecer. Tudo o que nos resta é esperar. — Viviane bebeu o café e apertou os olhos. A dor de seu filho era tanta que chocava contra seu peito e a arrasava por completo.

Palmira, Eliete e Monalisa rezavam em silêncio com as mãos unidas, enquanto os homens

estavam parados mais para trás perto da máquina de cafés e doces. Camilo por sua vez desejava estar sozinho, mergulhado em seus próprios pensamentos enquanto aguardava alguma notícia da operação inesperada. Cada vez que fechava os olhos podia imaginá-la deitada numa cama fria rodeada por médicos que lutavam para salvar sua vida.

Sua cabeça doeu com força causando ânsia. Não aguentava mais ficar ali sentado sem saber nenhuma notícia e estava a ponto de explodir, por isso se levantou e deu um pontapé na cadeira que despertou a atenção de todos. Saiu a andar pelo corredor branco sem dar tempo de ninguém o seguir e só parou quando encontrou uma varanda para respirar. Se sentia sufocado como se estivesse numa caixa de água contando os segundos para se afogar.

O ar gelado bateu o seu rosto e encontrou o frio que permeava seu interior. Apoiou as duas mãos no parapeito e olhou para o céu com a grande lua brilhante. Ainda podia ouvir as risadas de sua mulher, podia sentir o calor de sua pele na ponta de seus dedos. Abriu e fechou os olhos tentando despertar daquele pesadelo e mais uma vez tudo o que tinha passado ao lado de Valquíria se formou como um filme. As brigas, as descobertas e o nascimento de um amor.

Não seria possível que tudo terminasse tão facilmente. Chegava a ser ridículo.

A letra da música ainda tocava em sua cabeça repetidamente:

" […] *Você é linda sim, seu sorriso é um contraste.*

Quero me perder em seus lábios doces,

Eles têm Sabor a Chocolate.

Agora me explica o que eu faço

Porque vou amar seu corpo,

De um jeito gostoso, um pouco torto

E no final me sentir totalmente arruinado…"

Seria aquele seu destino? Ficaria arruinado se a perdesse para sempre ou levaria cada aprendizado que tinha tido até então? Não era o mesmo homem que aceitou um casamento com uma mulher que julgava estranha. Um momento tinha transformado toda sua vida, e isso, ninguém jamais poderia roubar.

O momento em que disse que sim.

— Camilo? — Holanda apareceu de braços cruzados por causa do frio e parou ao seu lado.

— Me desculpa, eu só quero estar um pouco sozinho. — Pediu sem olhá-la e apertou os lábios numa tentativa falha de engolir a agonia que lhe rasgava de dentro para fora querendo se mostrar em formato de lágrimas.

— Já pensou que algumas pessoas têm vidas extraordinárias? — Perguntou, ignorando o apelo dele. — Elas vêm com uma missão nessa vida e se vão com a sensação de um dever cumprido. Verdadeiros anjos.

— Por que está me dizendo isso? — A voz perdeu a força e o rosto ficou pálido.

— Pense nisso. Não na razão de elas terem partido, e sim no facto de terem ficado por determinado tempo. — Soltou um suspiro e apoiou uma mão nas costas largas do seu amigo. — Muitos de nós não gostávamos da Valquíria e agora estamos aqui torcendo para que não nos deixe. Ela me ensinou mesmo quando a tratei com rudeza, instigou o seu irmão a ser razoável com todos nós e acima de tudo incendiou seu olhar Glacial. Quando você nos olha agora, conseguimos ver através. Não há mais gelo.

— Eu aprendi tanta coisa, Holanda. E uma delas é que não devemos nos agarrar a mazelas e acabar por perder tanta coisa boa que nos espera. Devemos observar o que temos, nos dar segundas oportunidades e se cairmos saber que temos ainda tempo para levantar de novo. Nada é tão certo nesta vida que nos possa dar ao direito de desistir quando ainda nos é ousado continuar. Todos saberão e nos dirão o que é melhor, mas só cabe a nós decidir isso. — Afirmou e Holanda baixou os olhos encarando os próprios pés doloridos por tantas horas em pé. Esticou a mão para apertar a dele e ficaram em silêncio observando o céu que era testemunha de tudo o que acontecia ali.

Lá em baixo um grupo de carros pretos e blindados estacionaram e uma comitiva saiu em passos apressados protegendo um homem que estava no meio.

— Está frio aqui. — Ela reclamou e o puxou para dentro novamente. Andaram devagar pelo corredor e se cruzaram com Monalisa que corria apressada na direcção contrária a deles, mas quando chegaram a sala de espera onde todos estavam, o coração de Camilo desaprendeu a bater ao ver a doutora Hazumi e Eulália juntas a falarem com os pais.

— Onde esteve? — Viviane perguntou.

— Doutoras! — Camilo se arrepiou dos pés até a cabeça. — Alguma novidade? E a Val? A minha filha?

— Se acalme. — Eulália pediu e apertou seu ombro com a mão forte. — Está tudo bem.

Um alívio percorreu o corpo dele de um jeito que não soube explicar, pois sentiu mil sensações ao mesmo tempo. Passou a mão pelos cabelos e depois pela barba.

— A operação correu muito bem, a bebé nasceu prematura ao extremo, mas já está na Unidade Neonatal da Clínica. E a senhora Hayes passa bem, conseguimos controlar o Linfoma e em uma semana poderemos começar os tratamentos. — A doutora Hazumi disse e se emocionou por ver tantos rostos alegres e ouvir tantos suspiros e agradecimentos a Deus. Ela era céptica, mas não se incomodou de todo porque tudo o que mais prezava era trazer boas notícias.

— Muito obrigado. — Camilo abraçou as duas e depois aos seus familiares e os de sua esposa dividindo a alegria mútua que se instalara junto de uma nova esperança.

— Apenas lembre-se que a situação ainda é grave e não podemos garantir que daqui a uns meses não piore ou aconteça o pior. — Lola Hazumi precisou frisar embora não quisesse ser desmancha-prazeres. — Vamos tentar adiar o máximo que puder.

— Tudo ao seu tempo. — Eulália garantiu.

— Um momento. — Camilo repetiu de olhos marejados. — Um momento de cada vez.

GLACIAL

Não tinha pregado o olho e não parou de incomodar as médicas do plantão até conseguir ver sua filha fora do horário estipulado para as visitas. Camilo não podia conter a felicidade de ser pai e a euforia o tinha dominado por completo.

Eram muitas sensações para poder gerir com ligeireza. Os olhos se mexiam sem parar e o coração ribombava.

— Não acredito que mais uma vez estou quebrando protocolos por sua causa. — Eulália não trabalhava ali, mas tinha conseguido ludibriar algumas colegas de profissão que acabaram por deixá-los ir até onde estava a pequena Hope. A história daquele casal estava sendo difundida por todas as alas daquele edifício gigante, não existia nem uma pessoa que não se emocionava por ouvi-la. Já tinham aparecido alguns jornalistas para tentar cobrir a narrativa distinta, mas foram impedidos de se aproximar.

— É sempre por uma boa causa. — Ele estava até menos pesado naquela manhã, embora o rosto cansado, o brilho no olhar mostrava uma nova vivacidade magistral. Percorreram o corredor pintado de azul-claro e branco com luzes néon no tecto, e entraram para uma sala com um cheiro forte a anti-séptico onde desinfectaram as mãos e colocaram trajes apropriados para poderem entrar no berçário.

Ele era um homem grande e forte, mas se sentia tão frágil como se pudesse desabar a qualquer momento quando invadiram o espaço cheio de incubadoras e bebés de todos os tipos. A maioria era bebés muito pequenos e estavam ligados a máquinas, confinados no lugar envidraçado.

— Aqui está. — Eulália entrelaçou os dedos depois que o conduziu até uma minúscula bebé com a cabeça maior que o corpo, tão pequena e respirava com ajuda de aparelhos. A pulseira cor-de-rosa ditava o nome Hope.

Camilo se agachou para ficar na altura do vidro e o coração se comprimiu ao mesmo tempo que lágrimas inadiáveis nasceram no canto dos olhos. A respiração que tinha prendido desde que entrara ali se soltou de uma só vez. Olhou para a senhora e novamente para sua filha, sem prever a enxurrada de sentimentos que o abocanhou.

— Ela é linda. — Encostou o dedo indicador no vidro e acariciou. Ainda impedido de a tocar e passar o calor do sentimento infinito que explodia no seu alento.

Hope não devia passar de 1kg, seus membros eram mais finos por ter menos depósitos de gordura, a postura era relaxada uma vez que os músculos não tinham tendência para a flexão dos membros e a pele era mais fina sendo possível ver algumas veias.

— E muito forte. O nome faz jus. — A senhora garantiu e sorriu. — Não tarda e estará nos seus braços.

— Nos *nossos* braços. — Ele corrigiu pensando na sua amada e tinha o rosto avermelhado

como um tomate. — Ei, Hope! — Sussurrou. — Eu e sua mãe amamos você.

— Vou deixar você por uns minutos sozinho, mas não pode demorar. — A senhora disse e não conseguiu reprimir uma risada. — Da última vez que o deixei sozinho uma desgraça aconteceu.

— A vida é engraçada… — Camilo murmurou. — Se aquilo não tivesse acontecido, eu estaria aqui hoje?

— Uma bela questão. — Eulália aferiu enquanto se distanciava. — Só Deus tem essa resposta.

— Espere. — Pediu, curioso com algumas questões. — Como a minha filha irá se alimentar?

— Pode ter alguma dificuldade por não ter reflexos de sucção e deglutição. Poderá receber alimentação intravenosa ou o leite do banco do hospital poderá ser dado através de um tubo que vai directo ao estômago até que ela tenha os reflexos. — Explicou com paciência.

— E os tratamentos? — Estava preocupado, sabia que Hope teria que ficar muito tempo no hospital.

— A incubadora ajudará a manter a temperatura corporal ideal, a equipe de especialistas irão monitorar constantemente e a aparelhagem permite acompanhar a evolução da saúde da bebé. Talvez precise receber uma transfusão sanguínea, pois pode não ter a capacidade de produzir células vermelhas por conta própria, mas vamos por etapas. Por enquanto aproveite essa oportunidade.

Ele concordou com a cabeça, pensando que uma das coisas que faria com a sua filha seria passar a frequentar as missas de domingo, até porque considerava um milagre que estivesse ali saudável e pronta para começar sua vida.

— Você nos deu um susto ontem… Querendo nos deixar. Sua mãe sempre teve certeza que tudo daria certo. Ela é uma força da natureza. — Afirmou completamente embasbacado e absorto. Sua vontade era nunca mais sair dali.

Fechou os olhos, ligeiramente cansado e se deixou ficar uns segundos no silêncio até chegar a hora de sair dali. Seu coração apertou quando deixou sua Hope, mas o conforto de saber que ia voltar era o suficiente para seguir em completa paz. Também precisava ver Valquíria ou ia dar em doido, mas quando saiu e retirou os trajes de hospitalares, primeiro parou para beber um café.

Havia agitação naquela hora da manhã, médicos corriam de um lado para o outro e pacientes entravam e saíam sem parar. Camilo revigorou suas forças bebendo dois cafés fortes e depois foi até ao banheiro lavar o rosto.

— […] Temos obstrução nas artérias! — O grito ecoou pelo corredor.

— Precisamos realizar uma cirurgia de *Bypass* coronário. Vamos rápido! — Outro gritou enquanto deslizavam com uma maca onde uma mulher estava deitada em completo sofrimento.

Camilo desviou os olhos no mesmo instante, não queria se lembrar da noite em que conheceu sua Valquíria ainda pequena. Principalmente quando não tinha como ajudar. Andou cheio de pressa e foi se certificar na recepção com as funcionárias sobre o horário de visitas. A família de Val também queriam vê-la por uns instantes, e foi difícil para ele ceder prioridade enquanto os outros aguardavam por sua vez. Foi uma espera sufocante e nada fácil até chegar seu momento por causa do cuidado que tinham que ter por conta da baixa imunidade que ela apresentava. Precisavam se desinfectar e de vestir as roupas do hospital para não correr o risco de infectá-la.

A mão dele se demorou na maçaneta antes de abrir a porta e sentir os ombros descaírem por completo. O quarto estava muito limpo, cheirava a anti-séptico, e tinham sido proibidos todos os presentes e flores trazidos pelos outros. Ela estava deitada com um lençol na altura de seu peito e olhos fechados.

— Camilo. — Disse sem o encarar, os lábios estavam pálidos e a voz quase rouca pelo cansaço. Conhecia o seu cheiro, a forma de andar e sentia a presença intensa, pois amava tudo nele.

— Você me pregou um susto. — Disse a fechar a porta devagar e se aproximou da cama dela, sentando ao lado e logo tocou seu rosto só para ter a certeza de que era real. — Não faça mais isso.

— Você viu ela?

— É linda. — A voz dele embargou. — Precisa ver ela.

— Eu vi. Segurei nos meus braços logo após a cesariana. — Um sorriso se formou nos lábios secos. — Foi o segundo mais feliz de toda minha vida.

— Olhe para mim… — Camilo pediu e se inclinou para beijá-la na boca ao mesmo tempo que acariciou seus cabelos. — Já passou.

Lágrimas escorreram dos olhos ainda fechados.

— Tive… Tive tanto receio de não traze-la ao mundo e de tudo ter sido em vão. — Confessou e apoiou a mão por cima da dele. Soltou um suspiro que fez o lábio inferior estremecer de forma engraçada.

— Você conseguiu. Agora só precisam ficar fortes para irmos para casa. — Voltou a beijá-la com todo o amor. Sua vontade era poder trocar de lugar com qualquer uma das duas para poder poupá-las de tanta dor.

— Camilo… Eu tive um sonho. — Respirou fundo. — Uma praia, areia quente e sol. Hope corria e gritava de alegria, e você não era mais GLACIAL.

— Todos pensam que O Golpe do Ano foi o que a Lavínia fez, mas na verdade não teve nada a ver com dinheiro ou uma gravidez vindo com um casamento inesperado. — Ele afirmou acariciando os cabelos de um jeito que implorava que Val abrisse os olhos e o encarasse. — Você quebrou minha alma gélida e me devolveu toda uma alegria sem que eu me apercebesse, chegou e tomou conta de minha vida. Veio decidida a me ensinar a amar novamente, devo-lhe dar os parabéns. Conseguiu.

Valquíria entreabriu os olhos que estavam marejados e segurou na mão dele com força sem evitar um sorriso malandro que aqueceu o peito de Camilo.

— Quem é a maior golpista que você conhece? — Perguntou num sussurro melancólico.

— É você. Roubou meu coração e de todos. Nos enganou com seus truques iniciais e nos derrubou com um nocaute, cheia de sabedoria e determinação.

— Então não ouse a ser GLACIAL novamente ou tudo teria sido em vão, percebeu? — Demandou e trincou os dentes, piscou sem parar.

— Precisa descansar agora. — Camilo sabia que não a podia cansar, só queria ficar com ela mais tempo, não sair de perto. Lhe deu longos beijos apaixonados e demorados e encostou a testa na dela. — Mas antes quero que saiba que você foi a melhor coisa que me aconteceu nessa vida. E a

Hope também.

Ela concordou com um sorriso, e por mais que ele desejasse ficar sabia que tinha que deixá-la repousar por causa da medicação forte que tomava. Voltou a beijá-la nos lábios, sentindo toda a tristeza em partir, mas se sentia tão revigorado que não poupou forças para sair dali. Não sem antes parar na porta e se demorar a ver Valquíria cair num sono cansado.

Quando deixou o quarto, Camilo percebeu o quanto estava estafado. Ninguém queria ir embora, mas ficar também não adiantava muito. Acompanhado das pessoas que mais prezava, deixou a clínica ainda com o coração na mão. Tinham tanto por onde lutar e todas as forças seriam necessárias.

Leandro foi a dirigir dentro do carro de luxo que estava num silêncio aterrador e seus pais no banco de trás dormitavam. No entanto, Camilo cada vez que fechava os olhos via com nitidez a imagem de sua filha pequena e a da sua mulher, desejando poder adiantar o tempo para um futuro onde estariam os três na nova casa partilhando tudo aquilo que lhes era de direito.

Lá fora o dia continuava bem frio.

— Você sabe que pode contar comigo para o que for preciso, não sabe? — Anthony o interceptou quando chegaram na nova moradia e abraçou seu filho num aperto forte.

— Com toda a certeza do mundo. — Camilo respondeu sorrindo. E olhando para o seu irmão e para sua mãe, sequer precisou que atestassem a sentença do pai. Estava mais claro que o dia lá fora.

— E parabéns! A nossa neta é linda. — A mãe acrescentou cheia de emoção.

— Obrigado, mãe. — Agradeceu voltando a se emocionar.

Ao passar pela sala não deixou de recordar a noite que era para ser de pura magia, sem medo do que a vida ainda lhe reservava, mas a melhor parte era poder ver cada detalhe de Valquíria em cada canto daquele lugar. Os dois tinham escolhido tudo com minúcia apenas para garantir que tudo se remeteria a eles, ao lar que criaram nas pequenas coisas compradas e colocadas ali.

Subiu o elevador ainda a sentir o cheiro de Valquíria impregnado em si, rumou pelo corredor e adentrou o quarto principal da casa. Observou a grande cama espaçosa onde tinham dormido juntos, sorriu da prateleira com suas revistas raras e colecções maravilhosas. Se um dia tinha ficado irado por causa de quase ter perdido tudo aquilo, agora não se importaria de atirar a fogueira desde que lhe garantissem que sua mulher sobreviveria.

Camilo tomou um banho demorado e por muito tempo ficou por baixo do chuveiro a imaginar como seria a voz de Hope, que palavra diria primeiro e com quem se pareceria. Só saiu quando sua pele começou a enrugar, limpou o corpo grande e colocou uns calções antes de se jogar na cama. Estava cansado sim, mas pregar o olho no estado em que se encontrava chegava a ser impossível.

Baixou a temperatura do quarto e se deixou envolver pelo frio, imaginando como seria a viagem que pretendiam fazer para um lugar ensolarado de areias quentes. Ele odiava calor, mas por ela faria qualquer coisa. Era engraçado como o ser humano se tornava adaptável instantaneamente quando queria.

— Camilo? — Cecile bateu na porta e a abriu, espreitando antes de entrar. O cabelo estava preso de forma desajeitada, o rosto tingido de vermelho e os pés descalços. Subiu para a cama e se aconchegou a ele. — Eu estou tão triste.

— Não fique. Temos que ter fé que tudo vai ficar bem.

Ela apertou o irmão com um braço e deixou a cabeça recostar no peito largo.

— Sabe o que vou ser quando crescer? Professora de Educação Física. — Comentou de um jeito que parecia aleatório, mas estava longe de ser.

— E quem lhe disse isso? A Val? — A voz baixa estava grave e a mão grande pousou nos cabelos castanhos de sua irmã mais nova. Estava sofrendo muito, mas podia imaginar o que as Hayes estariam passando naquele momento. Não suportaria ficar sem Cecile.

— Por incrível que pareça, não. Ela me disse que agora era hora de começar a tomar decisões sozinha. Já sou crescida. — O orgulho estava patente pela forma que falava. — Preciso estar pronta para ajudar a criar a Hope, afinal é minha afilhada.

Ele fixou o tecto pintado de azul.

— Será uma tia maravilhosa.

— Eu sei. E como ela é? Estou tão curiosa.

— Muito linda. Você vai adorar.

Cecile não conseguiu segurar a lágrima de emoção e sentiu vergonha. Não gostava de mostrar seus momentos que ainda considerava como frágeis.

— E a Val quando irá voltar? — Perguntou e se enroscou mais no corpo do seu irmão. Sentia frio.

Camilo não foi capaz de responder, até porque não tinha nenhuma certeza. Apertou Cecile em seus braços e fechou os olhos como se assim pudesse guardar a dor dentro do seu peito. Não se importava que Valquíria tivesse mais uns meses de vida, só queria poder aproveitá-los da melhor forma possível.

— Vamos torcer para que muito em breve. — Finalmente abriu a boca e aceitou o beijo que sua irmã lhe deu no rosto antes de se retirar do quarto para deixá-lo sozinho. Ele saiu da cama e abriu as gavetas de sua estante, tirando de lá uma câmara profissional de fotografar. Sentou-se no chão e a ligou, ficando a ver todas as imagens que tinha tirado de sua mulher grávida e as outras que estavam juntos.

Iria mandar imprimir todas as fotos assim que tivesse tempo, sem contar que agora com Hope não iria mais parar de exercer aquele seu outro talento único. Iria filmar e capturar cada segundo da vida da sua filha. Pretendia guardar as suas imagens dos últimos anos onde seus olhos eram vazios.

Muita coisa tinha mudado e não voltaria atrás independente de qualquer coisa. Não seria GLACIAL nunca mais, não havia espaço para desprezar o aprendizado que teve naqueles meses. Sua alma agora fervia e daria valor as oportunidades que tinha tido.

Era um novo homem e seria ainda mais perfeito quando recuperasse a saúde de sua mulher.

Ouviu o celular vibrar e um medo o assolou, fazendo com que corresse até seus pertences, mas respirou fundo ao ver uma mensagem de texto de seu tio Andrew:

"*Encontrámos uma brecha nos contratos realizados e assinados por mim. Estou empatado com o tribunal, mas saiba que meus pensamentos e meus maiores votos para que tudo dê certo,*

estão com você."

Camilo se jogou na cama, sentindo falta da sua parceira e então rolou para o lado dela, inalando seu cheiro enquanto respondia a mensagem a agradecer seu tio. Estava tudo entrando nos eixos e se alinhando para dar certo. Queria muito ver Lavínia e o pai se darem mal, mas acima de qualquer coisa, queria ser feliz no seu novo mundo ensolarado.

Fechou os olhos e se deixou ficar estendido.

Estava tudo bem. Repetiu para si próprio. Nunca mais iria perder tempo mascarando seus sentimentos, beberia da fonte da intensidade para sempre, nem morno ou gelado. E sim quente, muito quente.

— Pode esperar para ver, Valquíria. — Murmurou com os lábios no formato de uma curva para cima.

O Golpe do Ano

Tinham acabado de comprar a nova casa que ainda estava vazia e sem mobílias. Camilo estava ansioso por montar tudo o quanto antes para que pudessem se instalar e começar a habituar no novo espaço, mas Valquíria como sempre mostrava ter o controle de tudo e não demonstrava nenhuma pressa em concluir.

— Eu quero que me tire uma fotografia no jardim de nossa casa. — Pediu sempre com o ar carregado de mistério. — Você deveria voltar a fotografar. Suas fotos antigas são maravilhosas.

— Faz tempo que não penso nisso.

— Então pense.

Camilo então acatou e procurou sua câmara caríssima que tinha comprado numa de suas últimas viagens que fez para fora do país. Gostava de poder reproduzir imagens que eram capturadas sob seu olho crítico, mas sempre levara aquilo como um passatempo não prioritário.

— Não tem nada para fotografar aqui. — Murmurou a ouvir o eco de sua voz ressoar pela grande sala de tecto bastante alto, enquanto caminhava atrás de sua mulher que num piscar começou a despir-se, o surpreendendo como sempre. — A temperatura…

— Sabe que sou surpreendente. — Ela retorquiu saindo até ao jardim rodeado por altos muros de pedra, confinando-os ali a uma privacidade necessária, embora Camilo não tivesse dúvidas de que ela não hesitaria em fazer o mesmo em público se fosse necessário.

Lá fora o frio não era forte o suficiente para os limitar.

A viu se sentar protegendo os grandes seios, que o desconcentravam, de maneira majestosa, levantar o queixo e deixar sua barriga redonda a mostra numa pose em perfeição que o fez ter a certeza de nunca antes ter tido a honra de fotografar algo tão belo. Clicou quantas vezes foram possíveis, se agachando ou deitando para apanhar os melhores ângulos na medida que Valquíria ia mudando de posição.

Ela caminhou de lado, sentou na beira da piscina e segurou a sua barriga escondendo os seios com os braços. Outras vezes os deixou a mostra, se exibindo de um jeito que o marido começou a sentir calor, mas não conseguia parar de fotografá-la. Estava linda, os cabelos cacheados esvoaçavam e o sorriso matreiro sempre aparecia para lhe lembrar como Val sabia do poder que exercia. Vaughan depois começou a acertar a máquina no apoio próprio, a centrava e cronometrava para poder se juntar à ela. Lhe dava beijos na boca e na barriga que também acariciava e sorria de ponta à orelha.

Já podia imaginar-se a editar as fotos e a criar um álbum de fotografia para colocar no quarto da filha. Quando terminaram voltaram para a sala vazia onde Camilo acendeu a lareira e foi tirando fotos aleatórias enquanto se deitava por cima do seu casaco, no chão ao lado dela.

— Começou! — Val riu baixo, puxando a mão dele para colocar por cima do seu ventre. — Está mexendo de novo.

Os olhos azuis brilharam, sentindo algo inexplicável sem saber como todas às vezes que aquilo acontecia, o fazia sentir como se fosse a primeira. O sorriso surgia como um relâmpago que iluminava sua face e então ficava quieto para sentir sua filha se bambolear sem parar.

— Ela vai ser bem malandra. — Camilo murmurou e voltou a beijar ali, morrendo de um amor sem limites.

— Já imaginou? Você perseguindo ela dentro da sua boate? — Valquíria riu. — Se sair a mim vai estar dançando por cima da mesa para um monte de marmanjo ver.

— Ah, mas eu tiro o couro de cada um. — Respondeu sem nem querer imaginar a possibilidade. — Será que serei um bom pai?

— Você é um marido excepcional, um irmão maravilhoso e um filho ímpar. Ainda tem dúvidas?

Camilo levantou os olhos azuis e lamentou quando sua bebé parou de mexer, mas então voltou sua concentração para a mãe. As labaredas da lareira os alumiava e o som do crepitar soava aconchegante. Era fácil perceber como ela criava sempre momentos ímpares em toda sua vida.

— E se eu acabar por sufocá-la com tanto amor por ter medo que se sinta negligenciada?

— Está inseguro? — Val acariciou os cabelos escuros do esposo. — Se antes me preocupava com sua falta de amor, agora devo me assustar por transbordar dele?

— Seria um Golpe enorme falhar com você e com a Hope. Não quero transferir minhas antigas frustrações, é sabido que o relacionamento abusivo entre filhos e pais também pode acontecer. Vou falar com a responsável do curso para pais de primeira viagem e ver se ela pode me indicar algum especialista. — Comentou e se aproximou para beijar os lábios de Val com toda paixão do mundo, se deliciando ao sentir seu sabor. Tinha começado a frequentar aulas para estar apto quando sua filha viesse ao mundo, queria ter o prazer de cuidar de tudo pessoalmente sem precisar de ajuda de terceiros. Também estava a par dos cuidados delicados que precisaria ter com a mulher depois do parto e quando começasse as radioterapias.

— Se acalme. Você sairá lindamente.

— Isso porque preciso estar a sua altura, todos já sabemos que será uma mãe maravilhosa.

— Aqueles que sabem tudo, mas desconhecem a si próprios, são absolutamente carentes. Você se conhece melhor agora. — Ela completou, deixando aquele sorriso que afagava seu âmago e o olhou com atenção, não acreditando que tinha um homem como aquele em suas mãos. Voltou a beijá-lo com mais candura, se perdendo em seus abraços pronta para ser amada por completo, e se sentindo a mulher mais sortuda do mundo.

Era Valquíria que tinha levado um Golpe do amor.

Camilo não soube se tinha adormecido ou se revivia aquela lembrança ainda acordado, se

virou para ver o relógio e só tinham passado duas horas desde que tinha saído do hospital, mas ficar em casa era como viver o próprio inferno interior.

Não conseguiria ficar ali deitado, então saiu da cama e tentou se arrumar à revelia porque na verdade só queria sair disparado sem se preocupar com mais nada. Tudo o que lhe era mais importante estava distante dali, longe de suas mãos e de sua vista. Por mais que lhe tivessem insistido para descansar, não conseguiria com medo de precisarem de algo e não estar presente.

Desceu até a cozinha, ensaiou para comer alguma coisa e desistiu, acabando por entrar no carro e seguir a viagem do dia cinzento como seus pensamentos aturdidos. Seu desejo era que tudo aquilo passasse o quanto antes.

Vestido com uma longa gabardina creme, calças escuras e sapatos polidos, passou pelas portas principais da clínica e seguiu caminho até chegar ao andar do quarto de sua mulher. Conversou com a doutora Hazumi que lhe disse que Valquíria ainda descansava, então se sentou na sala de espera com cadeiras de veludo, mesas com loiça de vidro e máquinas para cafés e *snacks* que meia volta faziam barulhos electrónicos.

Preferia aguardar ali perto do que estar tão longe, e ficou a brincar com os dedos das mãos sem conseguir guiar seus pensamentos para um lado certo. Não deu conta do tempo passar, mas aos poucos começou a ver seus conhecidos chegarem. A família de sua mulher, depois a sua e por fim seus amigos que estavam tão apreensivos quanto.

Ele também precisava ganhar forças para ver Hope e garantir que Val seria a mãe tão excepcional que estava destinada a ser. A pequena não podia ter tido maior sorte.

— Vamos pedir que só entre uma pessoa. A senhora Hayes está debilitada e com algumas dores, não é aconselhável que receba muitas visitas. — A doutora Hazumi podia mandar a informação com qualquer uma das enfermeiras, mas estava a par de todos os acontecimentos e tinha conversado muito com Eulália nos últimos meses, não conseguia se manter frívola a tudo o que acontecia.

Todos se entreolharam, se perguntando mentalmente quem tinha prioridade, mas Palmira fez um sinal com a cabeça para o genro seguir na frente e sorriu para os olhos azuis que ficaram molhados. Camilo levantou-se e esfregou as mãos umas nas outras antes de seguir para se preparar.

O coração batia com força quando atravessou a porta daquele quarto mais uma vez e a encontrou deitada, ligada a máquinas que controlavam seu estado. Ainda teria que passar por muitos exames e análises demoradas que a iriam desgastar, mas o que importava era que estava viva.

— Val… — Chamou a se aproximar com muito cuidado. Tinha a impressão de que ela era um vidro frágil que poderia se quebrar a qualquer momento e lamentou vê-la naquele estado. Seu coração se esmiuçou tal como a última folha que cai de uma árvore em Outono.

Os olhos verdes se abriram com preguiça, mas o sorriso fraco voou directo para atingir as estruturas de seu coração. Camilo se agachou diante dela e tocou seu rosto, estava tão fria e pálida. Não parecia a mesma que tinha aparecido em suas memórias há pouco tempo, tão cheia de si e dominando todo espaço. Queria poder fazer amor com ela de novo, cantar a música e encher ainda mais o baú de fotografias. Tinham um mundo pela frente.

— Camilo… — Murmurou a tentar disfarçar o incómodo que sentia. — Estava… esperando

você.

— Nunca quis sequer sair de perto. — Garantiu a tentar conter o desespero. Sentia tanto por não poder mover a filha até ali para que estivesse perto deles. Lhe beijou na testa, seu maior gesto de carinho.

Ela respirava com dificuldade.

— Eu pensei que fosse ser forte o suficiente, mas não estou conseguindo. Me perdoa. — Ele pediu, sua voz abafada ameaçava se desmoronar.

— Eu confio em você. — Ela anuiu e fez esforço para segurar a mão que se aconchegou na sua. A voz estava tão rouca que arranhava suas entranhas. — Não tenho medo de mais nada.

Ele não soube dizer como aquela última frase o afectou, apenas comprimiu os lábios numa linha recta e se dispôs a olhá-la com toda uma dedicação única.

— Eu tenho medo de ficar sem você. — Camilo teve que confessar e a beijou profundamente. Não se cansava de provar sua boca e repetiu várias vezes. — Eu… — Nem sabia o que dizer. — Promete que vai lutar até ao fim?

— Lembra do meu sonho. — Os olhos verdes o fixavam cheios de amor. — Eu, você e Hope… Juntos na praia.

— Lembrarei.

— A Hope… Ela é tão linda.

A lágrima caiu do olho azul e ele não conseguiu esconder. Daria qualquer coisa para realizar aquele sonho. Beijou-a novamente porque não sabia mais o que dizer, só tinha a máxima certeza que aproveitaria cada segundo daquela visita.

— Canta para mim? — Valquíria pediu voltando a fechar os olhos. — Quero adormecer com a lembrança da música que dançamos juntos. A nossa música.

Camilo se recostou ao seu lado não cabendo totalmente, mas o suficiente para a abraçar e aclarou a garganta a sentir seu cheiro e a proximidade de seu corpo magro. Demorou antes de iniciar uma versão própria da melodia que muito os tinha identificado nos últimos meses, parecia contar a história de como tudo tinha começado e não resistiu a sorrir ao se lembrar de alguns episódios que o tinham irritado bastante.

“ [...] Quando eu te olhei me vi em ti

A questão é por que me sinto tão perdido?

Se em teus magníficos olhos me rendi

Qual é a razão do meu coração se sentir oprimido?”

Como deverei encarar essa inquietante situação

Quando claramente estou naufragando num dilema

Não adianta tentar descobrir o X da equação

Sendo que você é certamente o meu maior problema."

Aquela era a sua menina. Ou oito ou oitenta, nunca meio-termo. E sentiu uma estranha sintonia como se revivessem cada momento em simultâneo, num sincronismo coreografado abalroado de perfeição. Era como passar um filme na frente deles.

— Eu amo você. — A voz dela soou muito baixo.

Ele a apertou com medo de não a proteger.

— Eu também. — Camilo parou de cantar e percebeu que seu rosto estava completamente molhado. Tinha chorado e as lágrimas continuavam a correr sem parar, e então tudo a sua frente se deu como uma câmara lenta.

Os médicos entraram a correr e gritavam coisas que ele não conseguia compreender. Só quando se levantou da cama em automático e foi obrigado a sair do quarto é que conseguiu discernir o som da máquina que apitava sem parar. Lá fora todos falavam ao mesmo tempo, faziam perguntas que soavam incompreendidas para seu cérebro e de repente o mundo inteiro parou de girar.

Um som único e contínuo apitou de dentro do quarto.

Os olhos azuis miraram para as pessoas a sua frente, mas não distinguiam ninguém direito. Precisava saber como podia ter estado com Valquíria em seus braços até uns segundos atrás e agora se encontrava no corredor. Tudo o que ouvia era o próprio ritmo cardíaco acelerado.

Quando Eulália abriu a porta, todos pararam de falar ao mesmo tempo e a encararam. Camilo nem sabia dizer como ela tinha ido parar ali, mas viu bem quando balançou a cabeça em negativo e fechou os olhos lentamente, sinalizando algo que lhe causou um sobressalto. O choro de Eliete e de Monalisa foi devastador, mas ele não tinha escutado. Não sabia o que tinham dito.

— A Valquíria? — Perguntou de súbito e abriu bastante os olhos.

— Camilo… — Leandro estava com os olhos avermelhados e pediu auxílio do pai com um aceno.

— A Valquíria? — Camilo voltou a perguntar, parecia ter um bloqueio que o impedia de digerir qualquer informação que não fosse a que quisesse ouvir.

— Eu sinto muito. — Eulália disse e Palmira desmaiou no mesmo momento, sendo amparada por Abasi e Kenan que estavam tão fracos quanto. Eli estava agora nos braços de Sanjit e Mona junto a um homem que era desconhecido para si, mas a medida que rodava os olhos podia ver que todos tinham um amparo, inclusive Holanda estava junto de Cirilo.

Camilo sentiu a mão de sua mãe, depois a do seu irmão e até de seu tio e pai, mas se soltou de cada um deles com brusquidão e levou a mão à cabeça, completamente desnorteado se apoiou na parede fria enquanto tentava respirar com muita dificuldade. Desceu as mãos pelo rosto e depois pela barba num gesto exasperado cheio de uma dor que contaminou a todos.

— Ela… Ela estava bem nos meus braços agora. — Insistiu ainda sem poder acreditar e até riu

num estado de negação. — Eu conversei com a Val não tem cinco minutos.

— O Linfoma está se espalhando muito depressa e não temos como o conter, os… — Eulália tentava se manter firme a passar a informação. Tinha implorado para os médicos que fosse ela a contar mesmo que isso fosse contra alguns princípios, mas era um momento tão dolorosamente delicado que achou digno vir de alguém mais próximo.

Camilo perdeu o controle. Deitou as cadeiras abaixo de uma só vez, empurrou as máquinas de café e de *snacks* para o chão com toda a força, causando estilhaços ruidosos que despertou a atenção de outras pessoas que por ali passavam. Bateu com os punhos contra a parede e gritou alto num martírio que lhe pareceu infinito, mas então perdeu força nas pernas e caiu de joelhos ainda sem conseguir digerir a informação cruel que acabava de receber. Não saberia como aceitar aquilo, então chorou profundamente perdido no infortúnio e escondeu o rosto entre as mãos.

Leandro quis intervir, chorando por ver seu irmão tão devastado, mas sua mãe o segurou lhe dizendo em silêncio para que deixasse que ele tivesse o seu momento de sofrimento. Às vezes era preciso exasperar todo sofrimento ao qual somos acometidos.

— […] Desculpem interromper. Sinto muito por toda situação, mas a senhora Hayes assinou um protocolo para doação de órgãos e precisamos salvar os que ainda não começaram a falir. — A doutora Hazumi precisava ser profissional o bastante para soar fria naquele momento, pois sabia que infelizmente umas vidas acabavam para outras começarem.

Camilo não estava em condições para lidar com aquilo e se recostou numa parede ainda acometido pela perda. Não achava justo que tivesse sido tudo assim tão rápido, mas mesmo a meio de tanta tristeza, de uma coisa tinha a máxima certeza. Ele tinha visto sim um milagre acontecer. A menina que ele salvou um dia, o tinha salvado agora para todo o sempre.

O maior Golpe do Ano.

Epílogo

Holanda gargalhava sem parar segurando suas sandálias na mão esquerda e uma garrafa quase vazia na direita. Os olhos estavam afinados e o casaco de Leandro pesava em seus ombros por causa do frio.

— Pronto. Sã e salva. — Ele disse ao parar na porta do apartamento do prédio de luxo. Seu sobrolho estava vincado como sempre, mas os olhos se notavam suaves.

— Nem acredito que a nossa inauguração foi maravilhosa! — Ela estava muito contente. Tinha deixado a boate *Las Cruces* ficando Nadir em seu lugar e como gerente, e começado uma nova empresa de Auditoria Financeira junto de Leandro. — Já temos patrocínios e muitos projectos por verificar. Estou nas nuvens!

— Melhor descer para a terra porque temos muita coisa por fazer. E com ressaca não vai dar certo. — Observou a vê-la lutar com as chaves para abrir a porta principal e meneou a cabeça, ajudando-a no processo.

— Eu vivi para ter você me dando sermão? Nunca mais bebo. — Murmurou sem acreditar naquela possibilidade e agradeceu quando ele abriu a porta de sua casa. — Foi uma noite mágica, parceiro de negócio.

— Tome um banho frio e durma. Temos um dia longo pela frente. — Leandro desceu as mãos para os bolsos e esboçou um sorriso discreto.

— Na minha carta ela me mandou beber e festejar na sua ausência.

— Ela era louca.

— Uma louca especial.

— Pode ter a certeza.

Holanda parou e apertou a garrafa para junto do peito. Levantou-a num brinde silencioso e bebeu do gargalo, fazendo uma careta em seguida. Já tinha se divertido demais naquela noite com potenciais compradores.

— E na sua carta? — Holanda perguntou.

— Me mandou ficar sóbrio o bastante. — Leandro desatou a rir sem parar.

— Foi um Golpe inesperado nas nossas vidas. — Acabou por balançar a cabeça e tentou não se entristecer. — Mas me fez pensar no quanto podemos deixar as coisas passarem bem ao nosso lado.

— É aquele discurso de sempre, aproveitar enquanto estamos vivos. — Pigarreou um pouco impaciente. — Fomos feitos para errar na maioria das vezes, mas estamos sempre buscando por muitos acertos ao invés de aprendizados.

— Vai escrever um livro de auto ajuda? — Holanda murmurou e bocejou. — Deveria dá-lo

para Felícia, não quis acreditar que ela achou que teria outra hipótese novamente com Camilo depois do que aconteceu.

— Ele precisa de algum tempo, e sim, a Felícia precisa de um livro de auto ajuda. Aqueles bem aborrecidos mesmo. — Garantiu e desatou a rir junto dela. — Bem, até amanhã.

— Até amanhã. — Holanda fechou a porta, atirando os sapatos em qualquer lado e pousou a garrafa em cima da consola. Ficou parada por uns segundos de olhos arregalados e respiração entrecortada, pensando na vida e em oportunidades.

Num impulso se voltou para abrir novamente a porta quase sem pensar.

Ele ainda estava parado com o mesmo rosto bonito de ar taciturno.

— Um café? — Leandro previu.

— É um início. — Ela sorriu e se afastou para deixá-lo entrar.

•••

Querido Camilo,

Se está lendo essa carta, é porque provavelmente já não estou mais entre vocês. Pelo menos não fisicamente.

O que é uma pena, não terão mais ninguém para vos chatear.

Era estranho falar sobre você, porque era daqueles que roubava a festa, sabia dançar no meio da pista com elegância e chamava toda atenção. Chegava a ser perturbador. Porque quando observava melhor, o seu sorriso não chegava nos olhos. Seus olhos eram duas constelações de gelo. Você era um corpo vazio, sem alma e eu me perguntava o que tinha de errado com você.

Fico feliz de ter libertado todo o passado GLACIAL que havia em você. Eu pude mergulhar nos seus orbes e não sentir mais frio, foi uma maravilha ter bagunçado seu mundo como prometi que faria.

Hoje sei que está zangado, frustrado e muito triste, pois havia em você a esperança de encontrar em mim o seu grande amor. Mas eu fui aquela que apenas lhe ensinou a amar, fui a sua ponte.

Atravesse-a.

Você me salvou mais uma vez quando se permitiu me enxergar e aprender a amar novamente. O que seria de mim se não tivesse feito nada de importante nesta vida tal como reunir pessoas e propagar uma forte união?

Lembra que lhe falei que tinha medo de chegar do outro lado e encontrar o juízo final? E se Deus perguntasse o que fiz na terra de que me orgulho? O que fiz com a vida que Ele me deu? Já imaginou se eu dissesse "nada"?

Você foi a certeza de poder viver os últimos momentos de repleta felicidade. De poder procriar e deixar uma parte minha nos braços de alguém que pudesse amá-la por inteiro. Pode ter a certeza que parti em plena paz, amada, realizada e feliz.

Agora é a sua vez de seguir o fluxo das águas. De encontrar uma nova música, uma nova

dança, um novo olhar magnífico. Uma outra ilusão, outro momento e outras coisas. Ainda há tanto por viver!

Lembre-se, o passado fica para trás por alguma razão.

Lembra-me, mas não volte atrás porque então tudo o que fiz terá sido em vão.

Deixe o GLACIAL se transformar em fogo INFERNAL.

E, quando pensares em mim, pensa apenas que fui aquela que passou em sua vida com muita vontade de ficar.

Sabe aquela nossa música? Sabor a Chocolate?

Deixo esse trecho para você:

"Nos teus braços balancei,

Ao teu lado senti paz

Só para ti me entreguei

E não me entrego a ninguém mais"

A morte pode ser apenas uma fantasia, a ausência do meu físico, mas nada mudará aquilo que fui. Nem o que você é. Fale de mim como sempre fez e não como se eu não estivesse mais, mencione meu nome sem nenhum pesar, ou amargor ou aflição.

Eu continuo viva em sua memória, fale comigo e ria do que sempre nos fez rir.

Eu não morri, apenas terminei minha jornada desse lado.

Por isso viva Camilo. A vida continua.

Eu já fiz a minha parte.

Para sempre sua,

Val.

Camilo, Eliete e Monalisa estavam parados nas montanhas rochosas de frente para o mar, e ao mesmo tempo jogaram cinzas do alto que serpentearam carregadas pelo vento que continuava frio e as levou para as ondas bravias e azuis.

— Ela se foi. — As irmãs se abraçaram e ficaram a ver o oceano carregar o último desejo da irmã mais nova, a embalando em novas aventuras marítimas e cheias de uma força que muito a

edificava.

— Não. — Camilo negou prontamente. A barba estava mais curta que antes, apenas na altura do queixo. — Ela está aqui em cada detalhe, em vocês, nos meus amigos e na minha família. Está no bater do meu coração, nos olhos de minha filha e no futuro que me espera. Ela está em tudo e todas as coisas.

Lá em baixo se escutava o barulho das ondas que se chocavam contra os rochedos cobertos de musgos, pareciam se quebrar seguidamente, mas não desistiam de continuar a ir contra aquela direcção.

— Uma vez eu morri em vida. — As olhou com um brilho que reluziu ao sol alaranjado de fim de tarde. — Mas a Val, ela vive. Nem todo mundo que morre, vai realmente embora.

— Ela vive. — As duas concordaram em coro e entrelaçaram as mãos num aconchego enquanto concordavam com as cabeças. Por dentro sofriam sim com a ausência de Valquíria, mas tinham tomado com atenção cada palavra que lhes tinha sido dada e a principal era a de que haveria sempre uma nova oportunidade para o amor.

O importante era nunca desistir.

Camilo ainda procurava lidar com todas as emoções fortes que o tinham atingido desde a chegada de Valquíria na sua vida. Tudo tinha acontecido tão rápido e num curto espaço de tempo que várias vezes se perguntava se não tinha sido um sonho. Ela tinha sido contra todas as probabilidades um anjo em sua vida que lhe instigou a sair do automático e libertara o gelo do seu coração com uma força quase inquestionável.

Porque ela era como aquelas ondas que nunca paravam de se quebrar contras os rochedos. E o tinha mostrado em tão pouco tempo que a morte não era a maior perda da vida. A maior perda da vida é o que morre dentro de nós enquanto vivemos.

Valquíria tinha vivido intensamente.

Camilo não iria desperdiçar tudo o que tinha adquirido até então, pois não existiria morte pior que o fim de uma esperança.

Se a gente cresce com os Golpes duros da vida,

Também podemos crescer com os toques suaves da alma. - Cora Coralina

Recebi no coração o Golpe de misericórdia.

Ah! Eu não havia previsto - Rimbaud.

BÓNUS

— Mais Papai! Mais! — Hope não parava de gargalhar enquanto era rodopiada sem parar pelo ar. Seu pai a segurava com uma segurança que ninguém mais era capaz de lhe transmitir e seus pés voavam para o alto quando era arrancada do chão. O colar de ouro em seu pescoço mostrava uma aliança pequena como um pingente, e nela estava gravada o nome do pai e uma data. A jóia balançava junto dela que a trazia pendurada com muito orgulho, pois pertencera a sua amada mãe.

Os dois caíram na areia quente e branca da praia, o sol queimava no alto do céu azul limpo e o mar translúcido imitava a cor dos olhos azuis de Camilo. Tão quente quanto ele era agora.

Sua filha rebolou por cima de seu corpo, era mais escura e tinha os cabelos com ondas lisas e largas.

— Eu vi ela de novo. — Tinha a cara redonda e era gorducha, com bochechas salientes e dentes curtos. Os olhos verdes eram claros e espertos. — *Ela palecida* comigo, sabe?

— Como? — Camilo afagou o rosto da sua menina.

— Tinha olhos *veldes* iguais aos meus e não *palava* de me *ablaçar*.

— Como nas dezenas de fotos que você tem dela? — Perguntou e estendeu os braços na areia. Tinha aprendido a desfrutar do calor como jamais ousava antes, agora era um ritual obrigatório em todas as férias.

— Não, *difelente*. — Garantiu e puxou a barba do pai para ter mais atenção. — Disse que me amava muito e que estava *semple* comigo.

— Você já me contou esse sonho uma vez. — Ele torceu o nariz e lhe fez cócegas leves nas laterais da cintura, arrancando gargalhadas tão altas que chamaram a atenção dos outros banhistas.

— Mas não foi assim! — Hope amarrou o rosto, lembrando muito seu tio Leandro. Os dois tinham a irritação rápida em comum.

— Então me conta direito. — Camilo ergueu seu torso e a colocou sentada, procurando colocar mais protector solar na filha e obrigá-la a beber água para hidratar.

— Pai, ela falou que olha por nós. — Afirmou convencida. — Estava linda, como um anjo e muito feliz. Disse que O Golpe tinha *lesultado*.

— O quê? — Ele estreitou os olhos ao escutar aquilo, levemente espantando, e Hope se levantou de rompante. — Volte aqui! Quem te contou isso? HOPE!

A menina correu mais do que as pernas roliças podiam a afundar na areia, gargalhava alto com os bracinhos para cima e os cabelos que esvoaçavam contra o vento. A felicidade dela estava patente em tudo, tinha crescido numa família unida e amável que estavam sempre presentes em qualquer coisa. O amor era algo tão palpável que podia ver os olhos azuis de seu pai se iluminarem assim que pousavam nela.

Ela tropeçou diante de alguém que a ajudou a se levantar.

— Me desculpe. — Camilo pediu e se agachou para carregar a filha em seu colo.

— Não tem de quê. São crianças. — A mulher sorriu e não se importou. Usava um biquíni branco e uma Cicatriz estava evidente no espaço entre os seios e descia um pouco abaixo antes de chegar a barriga. Era negra e tinha o cabelo preso no topo.

— Você se magoou? — Hope perguntou a apontar para a marca evidente, e o pai ficou sem graça, meneando a cabeça.

— Mil perdões. — Voltou a pedir e censurou a menina com os olhos. — Não queríamos ser indiscretos.

Hope fechou a cara com as duas mãos gordinhas.

— Que linda está envergonhada. — A mulher achou muito engraçado e sorriu novamente. — Não há problema nenhum, isso foi um transplante de coração. Algo que mostra que alguém foi generoso o suficiente para me permitir superar. Um anjo sabe? Tenho muito orgulho de carregar esse vestígio em meu peito.

— Anjo como a mamãe? — Hope segurou o rosto do pai e abriu os olhos.

— Sim. Como a mamãe. — Camilo se emocionou ao se lembrar de sua Valquíria. Todos os dias sentia sua falta. — Bom, Parabéns e tenha um bom resto do dia.

— Obrigada e igualmente. — A mulher respondeu e acenou para a menina que sacudia a mão em despedida. Ficou encantada a ver pai e filha se afastarem numa conversa tão próxima e carinhosa cheia de um amor que encheu seu próprio coração.

Colocou a mão no peito num gesto involuntário, antes de seguir seu caminho até a água do mar sentindo uma estranha sensação de paz.

— Papai canta *pala* mim? — Hope sabia ser tão insistente quanto a mãe, e estava tão ansiosa por aprender a ler direito, pois queria interpretar sozinha a caixa com uma pilha de cartas que Valquíria lhe tinha deixado antes de morrer.

— De novo? — Ele fingiu uma cara impaciente.

— Dou um beijo. — A menina pisou suas pernas sem modo algum e lhe depositou um beijo bem molhado no rosto, depois o abraçou pelo pescoço. — Você é o melhor papai do mundo.

— Assim não tenho como resistir. — Camilo sorriu e a abraçou de volta num aperto amoroso.

Depois de cinco anos já podia encontrar a resposta para a pergunta que Valquíria lhe tinha deixado. O que diria quando chegasse do outro lado e lhe perguntassem o que tinha feito da vida?

Tinha finalmente compreendido o verdadeiro significado do amor incondicional. Aquele que é capaz de qualquer coisa para ver os seus felizes, e não havia melhor forma de valorizar o que Val tinha feito.

Ele não teria feito diferente.

“ […] Você é linda sim, seu sorriso é um contraste.
Quero me perder em seus lábios doces,
Eles têm Sabor a Chocolate.
Agora me explica o que eu faço
Porque vou amar seu corpo,
De um jeito gostoso, um pouco torto
E no final me sentir totalmente arruinado,
Por causa desse seu maldito coração ácido.”

Eu preciso saber como lutar, pois
Devo traduzir em gestos o autêntico amor,
Mas fui alvo ciente de uma mórbida dor
Hoje perambulo a mercê da tentação,
Por causa da vaidade de uma Perfeita Ilusão

Quando eu te olhei me vi em ti
A questão é por que me sinto tão perdido?
Se em teus magníficos olhos me rendi
Qual é a razão do meu coração se sentir oprimido?”

Como deverei encarar essa inquietante situação
Quando claramente estou naufragando num dilema
Não adianta tentar descobrir o X da equação
Sendo que você é certamente o meu maior problema.”

Eu me encontro totalmente na perdição do seu embalo
Só por isso, para me esconder por trás das máscaras eu me calo
E me resguardo para não revelar tamanha dor
Então renego Aquela Dança que me trouxe tanto amor.

Nos teus braços balancei

Ao teu lado senti paz

Só para ti me entreguei

E não me entrego a ninguém mais.

E de todas as Lembranças de dor

É a tua que mais me intriga

Como conspirar contra o amor

Se te odiar é uma completa mentira?

Para reviver

Mergulhei na solidão

E mesmo sem te perceber

Te outorguei meu coração.

Fim.

Leia as Notas da Autora.*

*Notas da Autora

Em primeiro lugar quero agradecer a todos que chegaram até aqui. Este não é um livro fácil de todo, mas é o mais belo que tive o prazer de escrever. Sei que a maioria está inconformada com o final. Muitos ainda na plataforma pediram por um Milagre, mas o propósito da história era exactamente outro.

Quantos livros lemos que o homem é viúvo e tem um filho/a por cuidar? Sempre torcemos para que encontre um novo amor e supere o passado, certo? Eu fiquei pensando várias vezes enquanto lia essas histórias com a mesma premissa e me perguntei sem parar como seria acompanhar o relato que antecede a isso. Por que não contar a história do homem que encontra um amor, o perde e fica com seu filho/a?

Já tinham pensado nisso?

Normalmente temos o vislumbre ou o resumo do que aconteceu com ele até chegar ali. Ou a menção de uma mulher maravilhosa que morreu e lhe deixou um filho. Mas raramente podemos vivenciar essa mesma história por um outro prisma. Então era esse o pressuposto para GLACIAL.

E por muito triste que o final possa parecer, lembrem-se sempre que nós não somos o que vivemos, e sim o que deixamos. Esse foi o maior e melhor legado de Valquíria, a passagem marcante que deixou na vida de muitas pessoas. O Camilo não aprendeu a amar para depois ficar sozinho, não. Ele aprendeu a viver.

Essa é uma história sobre vida. Seja etérea ou física.

Sobre a música Sabor a Chocolate, ela não existe e talvez consiga reproduzi-la num futuro próximo. Infelizmente não sou cantora nem compositora, e a letra que é de minha autoria foi tirada de uma história minha que ainda não foi publicada, onde os Taurino Brothers são personagens principais.

Quem me conhece sabe que eu não gosto de finais muito detalhados, prefiro dar margem a imaginação do leitor sobre o que pode ter acontecido com os restantes personagens ou não. Normalmente deixo a maioria em aberto e a disposição de como cada um se identificar melhor. Mas a história da Monalisa que se chamará **Vena Amoris: A Disnatia do Amor**, estará sendo postada na plataforma do Wattpad a partir de 2018, então sigam meu perfil @Ami_Ideas e esperem para saber os detalhes sobre este casal e um pouco mais sobre o que aconteceu com Eliete e Sanjit.

Quanto ao Camilo. É suposto haver uma Duologia GLACIAL/INFERNAL onde conto o que acontece depois, como podem ver no bónus há várias formas de milagres. Eu não sei como este final vai ser recebido e se estarão dispostas a conhecer uma nova pessoa na vida dele. (Então, dependendo ou não quem sabe pode vir a ter uma nova história?)

*Sobre O Linfoma Não-Hodgkins, principalmente na gravidez, não há certezas ou incertezas. Cada caso é um caso, e muitos especialistas divergem sobre suas constatações. A maioria das mulheres com o LNH durante a gravidez tem o subtipo agressivo, mas os efeitos não são de todos claros. Alguns afirmam que durante a gravidez se dá uma relativa estabilização da doença seguida de uma rápida progressão pós parto. E outros afirmam que não. Sem contar que existem outros subtipos. O aborto é muitas das vezes recomendado, cabendo a mãe concordar ou não.

•••

Ami Ideas é uma autora africana, de Moçambique e que possui 28 Maios. Geminiana, descobriu o prazer pela leitura aos 4 Maios, idade que aprendeu a escrever e ler. O primeiro livro que leu foi a saga "Os Cinco", livro de aventuras que a transportou para um mundo mágico e viciante, obrigando sua mãe a oferecer tantos outros livros sobre tantas outras histórias. Aos 12 Maios descobriu que poderia escrever e foi aí que começou o seu amor pela escrita.

Em 2010 descobriu que podia partilhar suas histórias com mais pessoas no mundo, tendo publicado em diversas plataformas online e conhecido dezenas de pessoas diferentes.

Este livro foi inicialmente escrito em Português de Portugal, com algumas influências do novo Acordo ortográfico, que ainda não vigora no meu país de origem, e adaptações de palavras e vocabulário brasileiro, em respeito a muitas de minhas leitoras que são desse país.

Quero agradecer em especial as minhas Desgramadas que acompanharam o processo desta criação e sempre me ajudaram em tudo o que foi possível para que a obra pudesse acontecer: Rosa Alexandrina, Bruna Nayara e Line, palavras nunca serão suficientes. A Natália L. Nobre pela capa maravilhosa.

Espero que todos leitores tenham gostado desta experiência.

Obrigada.

Outros trabalhos da autora na Amazon:

Uma Nova Cor

Mr. Perfect

Limites - Quando o Amor se Sobrepões Às Barreiras

Interligados - Proibido Para Mim